

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PAULA DA COSTA SOUZA

O caráter vulgar da perífrase *ir + infinitivo*: estudo comparativo entre o catalão, o valenciano e o português

V. 1

São Paulo

2009

PAULA DA COSTA SOUZA

O caráter vulgar da perífrase *ir + infinitivo*: estudo comparativo entre o catalão, o valenciano e o português.

2 V.

Dissertação realizada junto ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra.  
Valéria Gil Condé

São Paulo

2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: SOUZA, Paula da Costa.

Título: O caráter vulgar da perífrase *ir + infinitivo*: estudo comparativo entre o catalão, o valenciano e o português.

Dissertação realizada junto ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_  
Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_  
Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_  
Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

---

Reservo este espaço para expressar minha imensa gratidão a todos os que estiveram incondicionalmente ao meu lado durante a longa caminhada da minha vida acadêmica. Antes de todos, porém, devo agradecer à força maior do Universo, já que sem o seu amparo eu não teria forças para alcançar os meus objetivos.

Agradeço imensamente aos meus pais, que sempre acreditaram em mim- mais do que eu mesma- e me incentivaram a não desistir de meus sonhos. A toda a família, que foi compreensiva com minha ausência em muitas ocasiões e que acreditou na minha vitória. Agradeço aos meus queridos padrinhos, em particular.

Um agradecimento especial aos meus amados sobrinhos- Vinícius, Maria Eduarda e Luiza- que, mesmo sem saber, com seus sorrisos e gostosas travessuras de criança me enchiam de coragem para prosseguir nos meus estudos. Também devo agradecer aos meus irmãos, em especial por terem me presenteado com sobrinhos maravilhosos.

Os amigos também foram de suma importância nessa trajetória e gostaria de citar alguns nomes: Vicente, Rosana, Alice, Rodrigo, Sandra, Cristiana, Gustavo, Fernanda, Roberta, Débora, Juan, Isabel, Carla, Helen, Nilton. Obrigada pelo apoio, por terem me dado ombro quando chorei e dividido a alegria nos bons momentos.

Não poderia deixar de agradecer imensamente à querida Valéria, orientadora e amiga, que sempre me conduziu com firmeza e compartilhou todos os seus conhecimentos comigo, evitando, assim, muitas adversidades que teria encontrado pelo caminho. Também quero agradecer ao professor Mário Eduardo Viaro, Elis Cardoso e Marli Quadros Leite; e aos professores de língua e literatura espanhola e hispano-americana: Maite, Zulma, Neide, Alícia, Maria Augusta, Thereza Barreto. Sou imensamente grata também aos colegas do GMHP, especialmente à Nilsa, quem me ajudou com inúmeras questões.

Da mesma forma, gostaria de registrar os meus agradecimentos a duas instituições catalãs: Instituto Brasileiro de Filosofia Raimundo Lúlio e Catalonia. Ambas as instituições, apesar de suas restrições, ajudaram-me nas pesquisas na medida de suas possibilidades.

Agradeço a CAPES, agência de fomento que tornou possível a minha pesquisa por meio de concessão de bolsa de mestrado. Enfim, essas poucas palavras são insuficientes para expressar a imensa gratidão que sinto e devo aos que citei. Por isso, finalizo enfatizando o meu “MUITO OBRIGADA” a todos.

Com volen que parlem? Que parlem com vullguem, an ells los és igual. I que no mos moguem, que no mos cal pensar, pensar ja pensen ells. Lo de escriure i llegir més val dixer-ho estar, que no mos cal patir, que ja mos ho diran. I si no diuen res que ja mos ho diran. I si no mos diuen res que anem tirant igual [...]. Vivim aquí on vivim, parlem lo que parlem, i que no hi ha remei, relíquies del passat.

Desideri Lombarte (1983)  
«Natres» em *Romanços de racó de foc i  
poemes de vida i mort.*

SOUZA, P. C. **O caráter vulgar da perífrase *ir + infinitivo*: estudo comparativo entre o catalão, o valenciano e o português**. 2009. 506 f, 2 vol. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Dentre os meios utilizados para enriquecer os quadros dos paradigmas das flexões verbais nas línguas românicas, destaca-se o emprego de construções de caráter vulgar: as perífrases. Essas formas verbais compostas apresentam, por vezes, divergências relevantes entre as línguas românicas, como a construção *ir (presente de indicativo) + infinitivo*. Enquanto a língua portuguesa emprega essa perífrase para denotar noção de futuro, a língua catalã, ao contrário, utiliza-a para fazer referência a uma ação pretérita. Tendo em conta as demais línguas românicas, pode-se averiguar que é o catalão que faz uma exceção ao uso de *ir+ infinitivo*. Apesar de ter seu uso proliferado, o emprego da perífrase catalã não é consenso entre as suas variantes dialetais: enquanto a maior parte privilegia o uso da perífrase, em detrimento da forma simples de pretérito, uma pequena parte dá maior ênfase à forma sintética ou mescla as variantes. Ainda que a questão da coincidência formal da perífrase conduz a uma importante estranheza semântica em relação a outras línguas românicas, o escopo da pesquisa se mantém na comparação entre a língua portuguesa e catalã, colocando em xeque a relação dicotômica norma/ uso. Uma análise sob a perspectiva diacrônica poderia apresentar respostas satisfatórias para se chegar ao entendimento do tratamento e da história dessas perífrases nas duas línguas.

Palavras-chave: língua catalã, língua portuguesa, perífrases, Filologia Românica.

## ABSTRACT

---

SOUZA, P. C. **The vulgar character of the periphrasis *ir* + *infinitive*: a comparative study between Catalan, Valencian and Portuguese.** 2009. 506 f, 2 v. Masters Dissertation. Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2009.

Among the means used to broaden the paradigm of verbal inflections in romance languages, the employment of constructions that are vulgar in character is noteworthy: the periphrases. The compound verb forms present, at times, significant differences between the romance languages, such as the construction *ir* (*indicative present tense*) + *infinitive*. Whereas in Portuguese such a pattern is employed to denote future, Catalan uses it to refer to past actions. All romance languages considered, it can be verified that Catalan is the only language that makes this exceptional use of *ir* + *infinitive*. In spite of its widespread use, the employment of the Catalan periphrasis is not a consensus amongst its dialects: while the majority of them make use of the periphrasis instead of the simple past form, a small part of them prefer to use the synthetic form or both interchangeably. Although the matter of the formal coincidence of the periphrasis leads to important semantic awkwardness in relation to the other romance languages, the scope of this work is the comparison between Portuguese and Catalan languages, calling into question the norm/usage dichotomy. An analysis in diachronic perspective could lead to satisfactory understanding of the treatment and history of these periphrases in both languages.

Keywords: Catalan, Portuguese, periphrasis, Romance Philology.



## Lista de quadros

Quadro 1 – <i>Corpus</i> catalão .....	19
Quadro 2 – <i>Corpus</i> português .....	20
Quadro 3 – Dialetologia do catalão .....	27
Quadro 4 – Tempos verbais absolutos – AVL .....	68
Quadro 5 – Século XV – português .....	75
Quadro 6 – Século XVI – português .....	79
Quadro 7 – Século XVII – português .....	84
Quadro 8 – Século XVIII – português .....	90
Quadro 9 – Século XIX – português .....	95
Quadro 10 – Século de Ouro XIV – catalão .....	100
Quadro 11 – Século de Ouro XV – catalão .....	101
Quadro 12 – Século de Decadência XVI – catalão .....	106
Quadro 13 – Século de Decadência XVII – catalão .....	108
Quadro 14 – Século de Decadência XVIII – catalão .....	109
Quadro 15 – Século do Renascimento – catalão .....	115
Quadro 16 – <i>Present – Passat Perifràstic</i> .....	131
Quadro 17 – Pretérito Perfeito – catalão e português .....	132
Quadro 18 – <i>Passat Perifràstic</i> .....	133
Quadro 19 – Gramatização dos vernáculos – português .....	150
Quadro 20 – Gramatização dos vernáculos – catalão .....	151
Quadro 21 – Presente com valor de futuro .....	158
Quadro 22 – Presente com valor de pretérito .....	158

## Lista de tabelas

Tabela 1: Fatores externos – catalão .....	134
Tabela 2: Fatores externos- português .....	142

## Lista de gráficos

Gráfico 1 – Ocorrências no português .....	123
Gráfico 2 – Ocorrências no catalão .....	124

## Lista de abreviaturas e siglas

ANT. – antigo/a  
ARAG. – aragonês  
AVL – *Academia Valenciana de la Llengua*  
CAST. - castelhano  
CAT. - catalão  
CAT. ANT. – catalão antigo  
CAT – H1 – catalão – hipótese 1  
CAT – H2 – catalão – hipótese 2  
CAT – H3 – catalão – hipótese 3  
CAT – H4 – catalão – hipótese 4  
Docc 14 - documento catalão do século XIV<sup>1</sup>  
Docc 15 - documento catalão do século XV  
Docc 16 - documento catalão do século XVI  
Docc 17 – documento catalão do século XVII  
Docc 18 – documento catalão do século XVIII  
Docc 19 – documento catalão do século XIX  
Docp 15 – documento português do século XV  
Docp 16 – documento português do século XVI  
Docp 17 – documento português do século XVII  
Docp 18 – documento português do século XVIII  
Docp 19 – documento português do século XIX  
E.G. – por exemplo (do latim *exempli gratia*)  
ESP. – espanhol  
FR. – francês  
FR. ANT. – francês antigo  
GAL. - galego  
GALL. – galego (para citação em língua estrangeira)  
GIEC – *Gramàtica de l’Institut de la Llengua Catalana*  
GNV – *Gramàtica Normativa del Valencià*  
IEC – *Institut d’Estudis Catalans*  
IT. - italiano  
LAT. - latim  
L.C. – latim clássico  
MOD. - moderno  
P.E. – por exemplo  
PL. - plural  
PORT. - português  
PORT – H1 - português – hipótese 1

---

<sup>1</sup> Os dois últimos Algarismos que compõem as abreviaturas Docc e Docp se referem ao número da carta, os quais estão omitidos aqui.

PORT – H2 – português – hipótese 2

PORT – H3 – português – hipótese 3

PROV. - provençal

ROM. - romeno

RUM. – romeno (para citação em língua estrangeira)

SING. - singular

## SUMÁRIO

### Volume I

AGRADECIMENTOS .....	5
RESUMO .....	7
SUMÁRIO .....	12
INTRODUÇÃO .....	14
A. OBJETIVOS E MÉTODO .....	14
Objetivos .....	14
Objetivo Geral .....	15
Objetivos Específicos .....	15
B. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	17
B1. Corpora de análise .....	18
B2. Coleta de material .....	20
B3. Tratamento dos dados .....	21
C. HIPÓTESES PRÉVIAS .....	23
CAPÍTULO 1 - O CATALÃO NO CONTEXTO ROMÂNICO.....	25
1.1 - A LÍNGUA CATALÃ.....	25
1.2 - A “LÍNGUA-PONTE”: ENTRE O GALORROMANCE E O IBERORROMANCE .....	29
1.3 - A PERÍFRASE <i>IR</i> + <i>INFINITIVO</i> EM CONTRASTE COM O GALO E O IBERORROMANCE .....	37
1.4 – O PERFEITO NO CATALÃO MODERNO.....	42
CAPÍTULO 2 - A ORIGEM DAS PERÍFRASES E SUA DIFUSÃO PELA ROMÂNIA .....	45
2.1 - O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR.....	45
2.2 - NOVAS NECESSIDADES NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS .....	48
2.2.1 - Expressão de futuro.....	49
2.2.2 - Expressão de passado .....	53
2.3 - AS PERÍFRASES OU CONSTRUÇÕES ANALÍTICAS.....	60
2.3.1 - A perífrase <i>ir</i> + <i>infinitivo</i> .....	62
2.4 - CONCORRÊNCIA DE FORMAS ANALÍTICAS E FORMAS SINTÉTICAS .....	63
2.5 - TEMPOS COMPOSTOS E PERÍFRASES .....	65
CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DE DADOS .....	70
3.1 - DETALHAMENTO DOS CORPORA .....	70
3.2 - LEVANTAMENTO DE DADOS - PORTUGUÊS .....	74
3.3 - LEVANTAMENTO DE DADOS - CATALÃO .....	99
3.4 – GRÁFICOS .....	123
Gráfico 1 – Ocorrências no português .....	123
Gráfico 2 – Ocorrências no catalão .....	124
CAPÍTULO 4 - CONCORRÊNCIA, VARIAÇÃO E MUDANÇA: PONDERAÇÕES SOBRE NORMA E USO .....	125
4.1 - HETEROGENEIDADE.....	125
4.1.1- Tratamento de dados: o catalão.....	128
4.1.2- Tratamento de dados: o português .....	138
4.2 - NORMA, SISTEMA E TIPO LINGUÍSTICO .....	144
4.3 - INOVAÇÃO, ADOÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA .....	145
4.4 - GRAMÁTICAS .....	149
4.4.1- A história das gramáticas: o português e o catalão .....	149
4.4.2 - A gramática histórica.....	152
4.4.3 - A gramática normativa .....	159
4.4.4 - Outras fontes .....	173
4.5 - HIPÓTESES PRÉVIAS.....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
BIBLIOGRAFIA.....	189

## Volume II

SUMÁRIO .....	203
<i>CORPUS EM PORTUGUÊS</i> .....	205
Século XV (Rocha, 1965)- Código: docp15/01.....	205
Século XVI (João III, 1521-1557)- Código: docp16/01.....	211
Século XVII (Melo, 1664)- Código: docp17/01.....	268
Século XVIII (Costa, 1714)- Código: docp18/01.....	330
Século XIX (Carneiro, 2005)- Código: docp19/01.....	360
<i>CORPUS EM CATALÃO</i> .....	404
Século XIV (Guarnerio, 1886)- Código: docc 14/01.....	404
Século XIV (Sadurní Martí, 2002)- Código: docc 14/02 .....	405
Século XIV (Petrarca, 13?)- Código: docc 14/03.....	410
Século XIV (Ferrer, 13?)- Código: docc 14/04 .....	415
Século XV (Guarnerio, 1886)- Código: docc 15/01 .....	417
Século XV (Carles VII, 1446; Alfonso V, 1447)- Código: docc 15/02.....	418
Século XV (Cingolani, 2003)- Código: docc 15/03 .....	420
Século XV (Martorell; d'Hijar, 1444, 1446, 1450)- Código: docc 15/04 .....	421
Século XV (Vilarig, 1452)- Código: docc 15/05.....	423
Século XV (de la Serra, 1452)- Código: docc 15/06 .....	425
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/07 .....	427
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/08 .....	429
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/09 .....	430
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/10 .....	432
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/11.....	433
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/12.....	434
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/13 .....	435
Século XV (de la Serra)- Código: docc 15/14 .....	436
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/15.....	437
Século XV (de la Serra, 1453)- Código: docc 15/16 .....	439
Século XV (Vilarig, 1453)- Código: docc 15/17 .....	440
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/18 .....	441
Século XV (Vilanova, 1430)- Código: docc 15/19 .....	442
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/20 .....	443
Século XV (Vilanova, 1430)- Código: docc 15/21.....	444
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/22 .....	445
Século XV (Vilanova, 1430)- Código: docc 15/23 .....	446
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/24 .....	447
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/25 .....	448
Século XV (Martorell, 1430)- Código: docc 15/26 .....	449
Século XV (Martorell, 1438)- Código: docc 15/27 .....	450
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/28 .....	451
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/29 .....	452
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/30 .....	453
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/31 .....	455
Século XV (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 15/32 .....	457
Século XVI (Guarnerio, 1886)- Código: docc 16/01.....	459
Século XVI (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 16/02 .....	464
Século XVI (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 16/03 .....	467
Século XVII (Guarnerio, 1886)- Código: docc 17/01 .....	469
Século XVII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 17/02 .....	470
Século XVII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 17/03 .....	471
Século XVII (Vicent Garcia, 1619)- Código: docc 17/04 .....	472
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/01.....	473

Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/02 .....	474
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/03 .....	480
Século XVIII (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 18/04 .....	482
Século XIX (Maragall, 1893)- Código: docc 19/01 .....	483
Século XIX (Verdaguer, 1867)- Código: docc 19/02 .....	484
Século XIX (Aladern, 1892)- Código: docc 19/03 .....	485
Século XIX (Oller, 1895)- Código: docc 19/04 .....	503
Século XIX (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 19/05 .....	504
Século XIX (Martí i Castell; Moran, 1986)- Código: docc 19/06 .....	506

## INTRODUÇÃO

---

### A. OBJETIVOS E MÉTODO

#### Objetivos

Nos estudos da romanística, as línguas são agrupadas em blocos de acordo com as suas afinidades e características. O presente trabalho debruça seu olhar sobre algumas línguas românicas e, em especial, volta-se a dois de seus blocos, a saber, o galorromânico e o iberorromânico. No entanto, o recorte temático da pesquisa coloca em evidência a língua catalã, que dialoga com ambos os blocos linguísticos e é língua ainda pouco estudada em âmbito acadêmico nacional. A fim de melhor visualizar as exposições desta pesquisa, concentrar-se-á a investigação num estudo comparativo com a língua portuguesa, ainda que, vez ou outra, as comparações possam ser estendidas a outras línguas românicas.

A língua catalã possui uma construção verbal, denominada perífrase, existente também em outras línguas românicas. O que tem essa perífrase de tão relevante a ponto de gerar uma pesquisa mais aprofundada a seu respeito é o tratamento a ela conferido em catalão. Em português, língua iberorromânica, esta construção analítica equivale a *ir + infinitivo* quando usada para denotar ideia de futuro, futuro próximo, futuro imediato. Em catalão, ao contrário, *anar + infinitiu* é utilizada para denotar pretérito.

Essa utilização de *ir + infinitivo* para gerar uma ideia de ação futura não é exclusiva das línguas iberorromânicas, como port. *vai falar*, cast. *va a hablar*. Também no galorromance, como no fr. *va parler*, a construção mantém a sua ideia de futuro próximo. Nos dois blocos de línguas românicas, o catalão é a única língua que lança mão do verbo *ir* conjugado no presente do indicativo com acréscimo de um infinitivo verbal para dar a ideia de uma ação completamente acabada, ou seja, perfectiva. Assim, em cat. *va parlar* equivale a port. *falou*.

## Objetivo Geral

Verificar a produtividade e concorrência das perífrases de *ir + infinitivo*<sup>2</sup> com as suas respectivas formas simples, em língua catalã e portuguesa, ao longo dos séculos a partir da análise de epistolários.

## Objetivos Específicos

Apurar a concorrência do emprego da forma analítica *ir + infinitivo* em português com a sua equivalente forma sintética, o de Futuro Simples. Em catalão, verificar a concorrência da forma analítica de pretérito, *ir + infinitivo*, com a sua correspondente sintética, o *Passat Simple*.

Estabelecer, ainda, a relação dicotômica entre quantidade e qualidade no que concerne ao emprego da perífrase em estudo nas duas línguas estudadas. Ou seja, verificar se as ocorrências de *ir + infinitivo* têm o mesmo valor da forma simples a partir de testes de substituição verbal.

O recorte em séculos, ou em períodos, permitirá descrever o comportamento da perífrase, de modo a verificar se, em algum momento, em ambas as línguas, há algum resvalo semântico ou emprego não equivalente à forma sintética. Em outras palavras, trata-se de verificar se, em português, por exemplo, a perífrase orientou, em algum momento, noção pretérita; ou se, em catalão, orientou alguma noção futura. Isso porque alguns estudiosos, como Badia i Margarit (1951: 326) já advertem, para a língua catalã, que no século XV a perífrase era empregada com valor de pretérito; porém, em alguns textos ainda perdurava um valor equivalente ao presente simples, como se usava em outras línguas românicas.

Com base nos dados estatísticos apurados, dar-se-á ênfase à tradição normativa que diz respeito ao uso da referida perífrase catalã. Para tanto, pretende-se arrolar a crítica que diz respeito à perífrase, principalmente à que se circunscreve ao século XX. Objetiva-se verificar o peso normativo que incide sobre a perífrase em diversos tipos de gramática, como a normativa e a histórica.

Da mesma forma, deve-se discutir a crítica existente, em língua portuguesa, em relação ao emprego da perífrase em estudo. Recorrer-se-á a gramáticas de língua portuguesa e

---

<sup>2</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc.



verificar-se-á a possível existência de algum tipo de estigmatização em relação ao uso de *ir* + *infinitivo*.

Assim, com o intuito de unir os dados coletados, julga-se necessária a discussão dos conceitos de *uso* e *norma* no tocante à perífrase em ambas as línguas, cotejando os resultados obtidos com as prescrições gramaticais.

É objetivo final da presente pesquisa testar as hipóteses previamente elaboradas à análise dos dados. Ou seja, verificar se as expectativas em relação ao comportamento do fenômeno correspondem à realidade do gênero em estudo em ambas as línguas. Caso haja um comportamento diferenciado do esperado após a análise dos documentos, pretende-se vislumbrar novas possibilidades que o justifiquem.

## B. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação coloca em contraste duas línguas românicas, a portuguesa e a catalã, de maneira a tentar observar a produção e a concorrência da forma analítica *ir + infinitivo* com a sua respectiva correspondente sintética ao longo dos séculos. Além do mais, intenciona analisar os fatores internos e externos que podem condicionar o emprego de uma ou outra variante.

Para tanto, foi imprescindível determinar um recorte temporal e também material. Dessa forma, para vislumbrar um processo mais completo do fenômeno de variação e suposta mudança linguística, optou-se por uma análise em linha diacrônica, a qual compreende, para a língua portuguesa, o século XV ao XIX; já para a língua catalã, o recorte temporal se faz do fim do século XIV até o século XIX.

Compactuando com a abordagem diacrônica, entra em cena a contribuição da sociolinguística com importantes colocações sobre o estudo variacional. Segundo Mollica; Braga (2003: 10), há na sociolinguística o pressuposto que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais, não sendo, assim, aleatória.

As cartas que manifestarem variação serão isoladas a fim de identificar conjuntos de circunstâncias linguísticas e sociais que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso da variável dependente sob análise, *ir + infinitivo*, em benefício ou detrimento da forma sintética análoga.

O gênero textual selecionado, as cartas, embora possa deixar entrever o vernáculo dos períodos em estudo, pode ser insuficiente para analisar o fenômeno da variação, já que, provavelmente, a forma analítica se desenvolva de maneira mais profícua na língua falada. Para complementar a análise, portanto, também será necessário recorrer às gramáticas normativas dos respectivos períodos - e em especial às contemporâneas - os quais podem fornecer outros elementos explicativos para o fenômeno da variação.

Os documentos selecionados para a análise têm origem diversificada. Para a língua portuguesa, o *corpus* se compõe, fundamentalmente, por epistolários extraídos da base de dados de um projeto da UNICAMP, o Tycho Brahe, cuja referência pode ser vista em detalhes no capítulo 3. Somente o *corpus* do século XV é oriundo de fonte impressa.

Para a língua catalã, há diversas fontes que ajudam a compor o *corpus*. Além das fontes impressas, algumas bases de dados foram fundamentais para a pesquisa, já que, em nosso círculo universitário não há material suficiente, ao menos deste gênero, para análise.

Assim, contribuíram sobremaneira as bases do Cervantes Virtual e da fundação catalã Lluís Vives. Apesar dessas contribuições fundamentais, o *corpus* da língua catalã, comparado ao da língua portuguesa, é mais carente de documentos.

### **B1. *Corpora* de análise**

Existe um desnivelamento quantitativo com relação ao *corpus* das duas línguas, já que o catalão, por razões histórica, política, econômica, cultural e, sobretudo, linguística, apresenta uma importante defasagem de produção.

A língua catalã atinge o seu esplendor literário ao fim do século XIV, período áureo que se estende ao longo do século XV. Nesta fase, a produção literária é abundante em todos os gêneros textuais. Não obstante, o período seguinte acarreta em muitas perdas para a língua catalã, já que, com a união dos reinos de Castela e Aragão e a consequente formação do estado espanhol há a imposição da língua castelhana.

O castelhano impera como língua para expressão escrita e, durante três séculos (XVI, XVII e XVIII) o registro escrito em língua catalã é bastante restrito em todos os gêneros. Nesse longo período, o catalão ficou restrito basicamente ao registro oral, em benefício da imposição do castelhano, conforme Bassetto (2001: 230).

No entanto, o catalão nunca deixou de ser usado; de acordo com Badia i Margarit (1999: 453), o “silêncio” da língua catalã se deu sobretudo porque os homens de letras se encontravam desconcertados, visto que “não tinham confiança na língua própria e se sentiam incapazes de dar-lhe um novo vigor.” Isso, consequentemente, provoca uma cisão da língua que deixa uma lacuna na literatura, em especial, e nos demais gêneros textuais durante os reinados de Carlos V e Felipe II. Enquanto isso, a literatura castelhana inicia seu esplendor literário.

Além das razões expostas, que justificam a falta de material em especial dos três séculos, a saber XVI, XVII e XVIII, deve-se ressaltar que os documentos catalães são muito menos extensos e a maior parte consiste em cartas avulsas, ao passo que o *corpus* português apresenta diversas cartas dentro de um mesmo documento.

Dessa forma, para equilibrar essa perda de material de análise, optou-se pelo agrupamento do *corpus* em três grandes blocos, tomando como referência a periodização convencional da literatura catalã em três momentos. Já para o português, decidiu-se manter a

divisão apenas por séculos, posto que os documentos aparecem ordenados de forma mais equilibrada e homogênea no decorrer do tempo. Também para melhor ordenação dos documentos optou-se por identificá-los com códigos.

Os *corpora* de análise são compostos por cartas de diversos séculos. Além de colocá-los em anexo ao trabalho, também se disponibilizará uma versão em CD-ROM dos documentos.

Para uma visualização quantitativa dos *corpora* das duas línguas em estudo, foram estabelecidos alguns códigos para os documentos disponíveis. Observem-se os quadros esquemáticos a seguir:

**Quadro 1 – *Corpus* catalão**

CATALÃO			
Século de Ouro <sup>3</sup> : fim do XIV e XV	docc14/01; docc14/04; docc15/03; docc15/06; docc15/09; docc15/12; docc15/15; docc15/18; docc15/21; docc15/24; docc15/27; docc15/30;	docc14/02; docc15/01; docc15/04; docc15/07; docc15/10; docc15/13; docc15/16; docc15/19; docc15/22; docc15/25; docc15/28; docc15/31;	docc14/03; docc15/02; docc15/05; docc15/08; docc15/11; docc15/14; docc15/17; docc15/20; docc15/23; docc15/26; docc15/29; docc15/32.
Século de Decadência <sup>4</sup> : XVI, XVII e XVIII.	docc16/01; docc17/01; docc17/04; docc18/03;	docc16/02; docc17/02; docc18/01; docc18/04.	docc16/03; docc17/03; docc18/02;
Século do Renascimento <sup>5</sup> : XIX	docc19/01; docc19/04;	docc19/02; docc19/05;	docc19/03; docc19/06.

<sup>3</sup> *Ségle d'Or*, em catalão.

<sup>4</sup> *Decadència*, em catalão.

<sup>5</sup> *Renaixença*, em catalão

**Quadro 2 – *Corpus* português**

PORTUGUÊS	
Século XV	docp15/01
Século XVI	docp16/01
Século XVII	docp17/01
Século XVIII	docp18/01
Século XIX	docp19/01

**B2. Coleta de material**

Para a montagem dos *corpora* em linha diacrônica, foi imprescindível a delimitação temporal dos documentos. No entanto, como brevemente justificado, há uma desigualdade de produção material, o que acarreta em uma ordenação diferente dos dados. Portanto, o *corpus* catalão foi agrupado em três blocos, os quais remetem às fases literárias da língua, enquanto o de língua portuguesa está divididos em 5 séculos.

O fim do século XIV catalão foi agrupado ao Século de Ouro porque há indícios de aparecimento das perífrases nessa época, embora seja a partir, efetivamente, do século XV, que a forma tenha se gramaticalizado. É o que ressaltam os estudos de importantes filólogos, como Badia i Margarit (1999: 236), assegurando que a perífrase em estudo já tinha claro valor de pretérito em muitos textos, em especial os do século XV, registrada em autores como VFerrer, Desclot. Além disso, os estudiosos enfatizam a literatura epistolar do mesmo século como uma das fontes mais produtivas da perífrase deste estudo.

O gênero textual eleito para a análise da ocorrência das perífrases ao longo dos séculos nas duas línguas foram os epistolários. Segundo Tarallo (2004: 71), as cartas, em especial as pessoais, entre outros documentos, são um meio de recuperação do vernáculo de séculos anteriores, já que esse tipo de gênero, por se tratar de prosa, tem potencial para se

acercar ao registro oral. Sendo a perífrase um fruto oriundo do latim vulgar, como se verá mais adiante, julga-se conveniente a análise de documentos cujo registro aproxima-se ao oral.

### B3. Tratamento dos dados

Delimitou-se um período longo, de quatro séculos, para a observação da perífrase *ir + infinitivo*<sup>6</sup> em documentos em catalão e também em português. O período que corresponde ao início desta delimitação se fundamenta nas postulações de autores, como Badia i Margarit (1999: 236), que afirmam a existência da perífrase com valor de pretérito desde o século XV ou mesmo ao fim do século XIV. Assim sendo, provavelmente o português também já apresentasse no mesmo século alguma produção com a mesma construção analítica. O recorte temporal culmina no século XIX porque espera-se, já caracteriza a posterioridade do tratamento das perífrases, visto que as línguas já apresentam uma maior estabilidade.

Após o levantamento de amostras, conseguido por meio da observação dos *corpora*, o estudo se deterá numa abordagem variacionista, observando a presença ou ausência da produção perifrástica século a século. Todas as línguas, devido ao seu dinamismo inerente, são heterogêneas, o que significa dizer que, no seu sistema linguístico coexistem formas distintas, mas que se equivalem (variantes). Esse dinamismo será observado no sistema catalão e português no que concerne ao maior ou menor emprego, em cada século (no caso do catalão pela sua divisão em blocos de séculos), das perífrases em questão.

Para tanto, o estudo se enviesará pelo caminho da sociolinguística, apoiando-se, em especial, nas contribuições de Tarallo (2004), que dá conta de descrever e analisar a variação a partir de um prisma científico. A sociolinguística parte do pressuposto de que as alternâncias do uso de formas concorrentes sofrem influência de fatores estruturais e sociais. Os fatores a serem observados tanto podem estar condicionados à natureza interna da língua (fatores internos), quanto à natureza externa da língua (fatores externos), segundo Coseriu (1973: 12). Dessa forma, o emprego das variantes não se torna aleatório, mas fica ao sabor desses fatores.

Condicionados aos fatores internos, segundo Mollica; Braga (2003: 11), estão as variáveis relacionadas ao caráter fono-morfo-sintático, semântico, discursivo e lexical. Configurando os fatores externos, compreendem-se as seguintes variáveis: fatores inerentes

---

<sup>6</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc.

ao indivíduo, como etnia e sexo; fatores sociais, como escolaridade, renda, profissão, classe social; fatores contextuais, como grau de formalidade e tensão discursiva.

Acredita-se que a divisão por séculos, ou blocos de séculos, é fundamental para uma melhor visualização percentual do processo diacrônico da alternância entre as formas concorrentes. Isso porque as variantes – port. *ir + infinitivo X Futuro Simples* e cat. *Ir + infinitivo X Pretèrit Simple* - fazem parte de um processo que pode vir a gerar uma mudança no sistema linguístico, a qual ocorreria ou ocorrerá quando uma forma está condenada ao desaparecimento.

Após a explanação acerca dos fatores que condicionam o emprego das variantes, passa-se a uma observação da crítica concernente à variação binária (forma analítica e sintética) com ênfase no século XX. Para o catalão, será de suma importância revisar a obra de Pompeu Fabra (2002), o grande formalizador da língua no Renascimento catalão. Também se voltará o olhar para a antiguidade da língua, já que serão observadas as considerações tecidas por Petit i Aguilar (1998), entre outros, cuja gramática é de 1796. Faz-se necessário revisitar as gramáticas normativas das duas variantes modernas *standard* do catalão, a valenciana (AVL) e a barcelonesa (IEC), para a constatação da aceitação ou não da perífrase. Além disso, trabalhar-se-á com as gramáticas históricas de Moll (1952) e Badia i Margarit (1951).

Já para o português, algumas gramáticas do século XX ganham maior destaque, como as de Cunha; Cintra (1985) e Bechara (2001) como gramáticas normativas. Para uma abordagem histórica, será considerada a obra de Said Ali (1971). A antiguidade também será contemplada por meio da obra de Fernão Oliveira (1975), cuja gramática é uma das primeiras em língua portuguesa, concebida em 1536<sup>7</sup>. As contribuições tecidas pelas gramáticas contemporâneas podem apresentar maior peso nas considerações porque podem levar a uma visualização do futuro das variantes e, inclusive, deixar entrever se há alguma evidência de mudança inerente.

---

<sup>7</sup> A versão escolhida para análise, no entanto, é a que atualizou Maria Leonor Carvalhão Buescu (1975).

## C. HIPÓTESES PRÉVIAS

Com base nos estudos consultados, foram estabelecidas algumas hipóteses cuja veracidade será avaliada *a posteriori* com a análise da amostragem dos *corpora*.

Como mencionado em outra seção, a escolha do gênero textual não foi aleatória, e sim pensada como reveladora do objeto de estudo, a saber, o emprego da construção analítica *ir+infinitivo*, visto que as cartas são um dos registros que podem se acercar ao vernáculo de um determinado período, de acordo com Tarallo (2004: 71).

Após pensar e estabelecer os objetivos no início do presente capítulo, as seguintes hipóteses foram suscitadas:

### C1. Para o catalão:

1. De acordo com as postulações de importantes filólogos catalães, como Badia i Margarit<sup>8</sup>, a perífrase pode ser encontrada já desde o Século de Ouro, século XV, com valor puramente perfeito. Dessa forma, espera-se encontrá-la desde as primeiras cartas do *corpus* (séc. XIV e XV). (CAT-H1)
2. Devido ao pouco material adquirido nos denominados séculos de decadência (XVI, XVII e XVIII), somado à baixa qualidade de produção, acredita-se que a perífrase não será encontrada nesse período ou, se encontrada, a frequência não implica em concorrência com a forma sintética. (CAT-H2)
3. Pensa-se que a perífrase será encontrada com uma frequência que indica concorrência com a forma sintética a partir do século XIX, no período da *Renaixença*, já que é um momento em que a língua volta a se afirmar. (CAT-H3)
4. A partir do século XIX a perífrase não somente será encontrada com uma frequência soberana, mas também prejudicará o uso da forma sintética, podendo condená-la ao desaparecimento, o que pode acarretar em mudança linguística. (CAT-H4)

---

<sup>8</sup> Badia i Margarit (1951: 326): “La antigüedad de la solución perifrástica se puede valorar porque aparece con bastante frecuencia en textos del siglo XIV, y más en los del XV.”



**C2. Para o português:**

1. Não se espera verificar uma produção que implique em concorrência até o século XVI, já que o *corpus* pode denotar um nível alto de rebuscamento (estilo mais culto das cartas), principalmente no que tange às cartas de D. João. (PORT-H1)
2. A perífrase vai ganhando terreno ao longo do século XVII, já que as cartas deste século têm um cunho mais familiar e, portanto, mais propenso ao uso de formas do registro oral, demarcando um estilo mais informal na escrita. (PORT-H2)
3. As perífrases têm maior amostragem em língua portuguesa, já que em catalão há um importante desbalanceamento devido ao lapso dos três séculos de decadência. (PORT-H3)
4. A perífrase de futuro, apesar de encontrada em abundância nos documentos, denotando forte concorrência com a forma sintética, sofre restrições de emprego ou mesmo rechaço pela norma prescritiva. (PORT- H4)

## CAPÍTULO 1 - O CATALÃO NO CONTEXTO ROMÂNICO

---

### 1.1 - A LÍNGUA CATALÃ

O século XX foi palco de uma grande discussão filológica que colocou em evidência a língua catalã. Algumas questões trouxeram à tona divergências entre as opiniões dos filólogos, as quais se resolveram somente anos depois. Dentre elas, destaca-se a questão da filiação linguística do catalão. Antes, porém, de entrar no mérito dessa questão, faz-se necessário uma breve apresentação desta língua, que ainda é tão pouco estudada no âmbito acadêmico nacional e, portanto, merece uma atenção especial, principalmente dentro dos estudos de filologia românica. Assim, apresentar-se-ão alguns aspectos acerca de sua situação geográfica, política e linguística, sobretudo.

O fato de o catalão ser uma língua falada em um território sem independência política, embora assinala uma unidade cultural e literária muito antiga, deu margens a diversas interpretações sobre a sua situação linguística, conforme relata Vidos (1996: 236).

O catalão é falado na Península Ibérica, ao leste da Espanha, mas também abrange uma pequena faixa do sul da França. Além disso, é também a língua das Ilhas Baleares, é única língua oficial em Andorra e ainda tem continuidade numa pequena parte da Sardenha, na comunidade de Alghero. O mapa seguinte ilustra sua abrangência linguística, bem como a sua dialetação, da qual se tratará mais especificamente logo abaixo<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> <http://ca.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A0> (Acesso em 07/04/07.)



Dessa forma, pode-se inferir que o catalão mantém contínuo contato com diversos blocos linguísticos e, por conseguinte, com outras línguas românicas, como o português e o castelhano - pertencentes ao bloco iberorromânico -, ou como o francês e provençal - línguas do bloco galorromânico - e também com o sardo - do ítalo-românico. Os traços comuns e em contraste com a língua catalã, bem como as particularidades desta, serão tratados sempre com relação aos dois primeiros blocos, já que fogem ao escopo deste estudo as relações com o bloco ítalo-românico.

No que concerne à dialetologia, o catalão apresenta apenas dois blocos linguísticos: oriental e ocidental. Não obstante, consideram-se como *standard* duas variantes: a barcelonesa e a valenciana. A divisão proposta, conforme pode ser observado tanto no mapa quanto no quadro abaixo, evidentemente, não corresponde a uma exatidão linear entre os blocos, já que as zonas de transição, que são, em geral, bastante amplas, devem ser consideradas.

### Quadro 3 – dialetologia do catalão

<u>Catalão ocidental</u>	<u>Catalão oriental</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Catalão norte-occidental</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fala <i>ribagorçà</i></li> <li>▪ <i>Pallarès</i></li> <li>▪ Fala <i>fragatí</i></li> </ul> </li> <li>• <u>Valenciano de transição ou Tortosí</u> (<i>Pode-se classificar como valenciano ou norte-occidental</i>) <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fala de Matarranya</li> <li>▪ Fala de Maestrat</li> <li>▪ Fala <i>ebrenc</i></li> </ul> </li> <li>• <u>Valenciano</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Valenciano <i>castellonenc</i></li> <li>▪ Valenciano <i>apitxat</i>, ou Valenciano central</li> <li>▪ Valenciano meridional</li> <li>▪ Valenciano <i>alacantí</i></li> <li>▪ <i>Mallorquí</i> de Tàrbena e de Vall de Gallinera</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Catalão setentrional, ou rossellonès</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Capcinès</i></li> <li>▪ Catalão setentrional de transição</li> </ul> </li> <li>• <u>Catalão central</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Salat</i></li> <li>▪ <i>Barceloní</i></li> <li>▪ <i>Tarragoní</i></li> <li>▪ <i>Xipella</i></li> </ul> </li> <li>• <u>Balear</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Mallorquí</i></li> <li>▪ <i>Menorquí</i></li> <li>▪ <i>Eivissenc</i></li> </ul> </li> <li>• <u>Alguerès</u></li> </ul>

Como aponta o quadro dialetológico<sup>10</sup> acima, existe uma divisão entre bloco oriental e bloco ocidental. Também vale a pena lembrar que as variantes aceitas como *standard* do catalão se encontram cada qual em um bloco diferente, a saber: o valenciano pertence ao bloco do catalão ocidental, enquanto a variante barcelonesa se insere no bloco oriental. O barcelonês é tido como *standard* geral – o estatuto foi conferido pelo *Institut d'Estudis Catalans*, doravante IEC - e tem como base a ortografia estabelecida por Pompeu Fabra, em 1918. Essa variante apresenta uma característica fundamental que a diferencia do bloco ocidental: não foi tão fortemente influenciada pelo castelhano, em especial no tocante à fonética. Já o valenciano, regulamentado pela *Academia Valenciana de la Llengua*, doravante AVL, é um *standard* em âmbito restrito e toma como base as *Normes de Castelló*<sup>11</sup>, ou seja,

<sup>10</sup> <http://ca.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A0>- (Acesso em 07/04/07). Quadro adaptado.

<sup>11</sup> Encontra-se o a seguinte explicação na introdução (pp. 12-13) da Gramática da *Academia Valenciana de la Llengua*. Disponível em: <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>. Acesso em 16 jan. 2008. *Les Normes de Castelló, que eren l'expressió de la voluntat col·lectiva de regular les desorientacions gràfiques de l'època, van ser ràpidament acceptades per la immensa majoria dels usuaris de la llengua escrita. És per això que el Consell Valencià de Cultura, en el Dictamen sobre la qüestió lingüística valenciana, sol·licitat per les Corts Valencianes i aprovat l'any 1998, que va donar lloc a la creació de l'Acadèmia Valenciana de la Llengua, entenia que les*

embora siga a ortografia estabelecida por Pompeu Fabra, a pronúncia se adapta às descrições fonéticas peculiares ao bloco ocidental, ou seja, mais próximas ao castelhano. Recentemente, porém, o valenciano<sup>12</sup> obteve reconhecimento linguístico e é tratado como língua diferenciada do catalão. Em respeito a essa determinação, decidi referir-se a ele, no título do presente estudo, como língua, ainda que nas considerações e na dialetologia, o valenciano apareça subjugado, como mero dialeto, ao catalão.

As diferenças mais notáveis entre os dois blocos linguísticos do catalão se dão em âmbito fonético, como pode-se perceber nas pronúncias de <e> tônicos: *francès* ou *anglès* (IEC) e *francés* ou *anglés* (AVL); *cafè* (IEC) - *café* (AVL), *conèixer* (IEC) – *conéixer* (AVL). Como se pode observar, a pronúncia oriental é [ɛ], enquanto a ocidental é [e]. No que concerne à morfologia verbal, deve-se destacar, no presente estudo, que o pretérito formado pela perífrase<sup>13</sup> *ir + infinitivo* tem maior recorrência no catalão oriental, cuja referência é Barcelona. Não obstante, a construção também é bastante difundida, mas não unânime, no catalão ocidental, no qual a normativa é regulada pela AVL.

---

*ciutades Normes de Castelló havien sigut el punt de partida de la normativització consolidada de la nostra llengua.*

<sup>12</sup> De acordo com <http://www.gva.es/cidaj/pdf/5238.pdf>. (Acesso em 22 out. 2006). Confere-se à página 9:

1. *La llengua pròpia de la Comunitat Valenciana és el valencià.*
2. *L'idioma valencià és l'oficial a la Comunitat Valenciana, igual que ho és el castellà, que és l'idioma oficial de l'Estat. Tots tenen dret a conèixer-los i a usar-los i a rebre l'ensenyament del, i en, idioma valencià.*
3. *La Generalitat garantirà l'ús normal i oficial de les dos llengües, i adoptarà les mesures necessàries per tal d'assegurar-ne el coneixement.*
4. *Ningú no podrà ser discriminat per raó de la seua llengua.*
5. *S'atorgarà especial protecció i respecte a la recuperació del valencià.*
6. *La llei establirà els criteris d'aplicació de la llengua pròpia en l'Administració i l'ensenyament.*
7. *Es delimitaran per llei els territoris en els quals predomine l'ús d'una llengua o de l'altra, així com els que puguin ser exceptuats de l'ensenyament i de l'ús de la llengua pròpia de la Comunitat Valenciana.*
8. *L'Academia Valenciana de la Llengua és la institució normativa de l'idioma valencià.*

<sup>13</sup> Conforme Barroso (1994: 55), a perífrase representa um “conjunto sintagmático verbo auxiliar + verbo auxiliado (com ou sem preposição), entendido como uma unidade paradigmática que se opõe às respectivas formas simples que caracterizam a conjugação fundamental”.

## 1.2 - A “LÍNGUA-PONTE”: ENTRE O GALORROMANCE E O IBERORROMANCE

Os estudos filológicos do século XIX trouxeram à tona diversas discussões que colocaram o catalão em evidência no âmbito científico. A primeira delas, referente à autonomia linguística, justifica-se, provavelmente, pela frágil fronteira que separa a noção de língua e dialeto. Adverte Meillet (1925: 54) para o caráter vulnerável destas denominações, as quais não passam de resultados de condições históricas diversas.

Mais além da perspectiva histórica da sutil problemática de distinção entre língua e dialeto vai Cardeia (2005: 49) ao relembrar que também as questões puramente linguísticas não têm o poder de separar um e outro: “uma língua, encarada na perspectiva estritamente lingüística, não é diferente de um dialeto: tal como um dialeto, uma língua é um sistema aberto de elementos e regras”. Assim, língua e dialeto partem de um mesmo ponto, tendo o primeiro, mais por razões históricas e sociais que linguísticas, adquirido um *status* diferenciado<sup>14</sup>.

A situação da língua catalã no círculo dos estudos filológicos do século XIX ilustra a dificuldade que se pode encontrar no que concerne à nomenclatura e diferenciação de língua e dialeto. Não somente se colocou em questão o seu *status* linguístico, mas também a sua filiação linguística, que possuía partidários de ordem diversa. Alguns asseguravam, por exemplo, que o catalão não passava de um dialeto, enquanto outros, apesar de reconhecerem uma individualidade linguística, tomavam-no por língua vinculada ao provençal. Além disso, a filiação a um bloco linguístico tampouco era uma questão em que se tinha concordância. Para uns, evidenciavam-se traços notoriamente galorromânicos, enquanto a outros, as semelhanças ao iberorromânico eram inegáveis.

Conforme relata Bassetto (2001: 231), o primeiro romanista a colocar em xeque a questão linguística do catalão foi Friedrich Diez, que, em sua primeira gramática – *Grammatik der Romanischen Sprachen* (1836) –, submete o catalão a um patamar dialetal, considerando-o um dialeto do provençal<sup>15</sup>. Todavia, na segunda edição da gramática, que data de 1856, exatos vinte anos depois, Diez concede o *status* de língua ao catalão, ainda que considerando-o uma língua vinculada ao provençal. Perde, assim, a sua posição como dialeto.

<sup>14</sup> Em Cardeia (2005: 50), explica-se: Uma língua histórica constitui-se, assim, com a estandarização de um dialeto que se independentizou e elevou acima da variedade dialetal. Este processo de ascensão de um dialeto é descrito por John Earl Joseph (1982) como um processo de *sinédoque*: uma parte da totalidade do *continuum* linguístico eleva-se acima do todo e exclui todas as outras variedades, tornando-se representante e símbolo da unidade do conjunto de falantes.

<sup>15</sup> Badia i Margarit (1951: 24) elenca diversas semelhanças entre o catalão e o provençal, de caráter lingüístico e histórico-literário, que justificam a confusão que envolve a subordinação daquela língua a esta.

Na terceira edição da gramática, Diez classifica o catalão como língua independente, apenas aparentada ao provençal.

Como foi possível observar, as considerações feitas por Diez em relação à língua catalã, ao longo dos anos, foram sendo modificadas após novas reflexões, o que assinala a complexidade da questão e a dificuldade encontrada pelos romanistas para tratar do tema. Parece haver uma gradual reflexão que culmina com a autonomia linguística do catalão. Esta língua aparece no âmbito dos estudos filológicos apenas como um dialeto provençal e parece que, com as reconsiderações dos filólogos, vai galgando o seu *status* de independência linguística (passando de dialeto a língua aparentada e, por fim, a língua independente). Esta situação instável que engloba a autonomia do catalão só vem a reforçar o seu caráter diferenciado dentro da Romania, muito bem resumido por Maurer Jr (1949: 11), ao considerar: “Não tenho dificuldade em considerar o catalão como língua distinta, entre as demais da família românica, sem desconhecer, porém, quanto tem de arbitrário e subjetivo, muitas vezes a distinção entre língua e dialeto.”

Ainda uma segunda questão, discutida brevemente por Bassetto (2001: 231), coloca em xeque a língua catalã: sua filiação a um bloco linguístico. Assim, dividem-se as opiniões entre os romanistas que acreditam na filiação linguística ao galorromance, como Meyer-Lübke (1926), Gerhard Rohlfs (1979), e os que filiam o catalão ao iberorromance como Vidos (1996)<sup>16</sup>, Menéndez Pidal (1950; 1957) e Amado Alonso (1951).<sup>17</sup> Além dessas posições,

---

<sup>16</sup> Sustenta o autor (1996: 246): “A tese de Meyer-Lübke a respeito da posição galorromânica do catalão, fundada na comparação desta língua com o provençal e o espanhol tornou-se insustentável depois das investigações de Menéndez Pidal. O erro de método de sua tese está em que ao determinar a posição do catalão, não levou em conta nem os dialetos espanhóis, como por exemplo os de Aragão e de Leão e os dialetos moçárabes, nem os do galego e do português e, quando, por exemplo, considera também o dialeto aragonês e encontra nele os mesmos fenômenos do catalão, considera-os como procedentes deste. Em resumo: não leva suficientemente em conta a totalidade dos idiomas falados na Península Ibérica, o *pan iberorromânico*.”

<sup>17</sup> Tagliavini (1993: 578-579) também faz um importante resumo sobre as considerações de alguns autores acima citados, além de outros: “(...) Amado Alonso rechaza las conclusiones de Meyer-Lübke y ve en el catalán un idioma iberorromance. También Américo Castro " está persuadido de que catalán y gallego reflejan el más antiguo estrato del romance de la Península Ibérica. A. Grier, que es catalán, en muchos trabajos considera, sin más, el catalán como galorromance y como prolongación territorial del provenzal (...) J. Coromines, también catalán de nacimiento y de lengua materna, observa: ‘Si que hi ha... una semblança pregonada [= profunda], i molt més gran certament que amb cap altra [= con cualquier otra lengua de la familia, entre el català i la llengua d'Oc, occitana, la llengua popular del Sud de França. No es pot negar que aquesta proximitat de formes ha estat sempre encara [= todavía] és molt més considerable que l'existència entre el català i el castellà. Podríem dir que si les altres llengües romàniques són germanes [= hermanas], el portuguès i el castellà són bessons [= gemelas], i les llengües d'Oc i catalana són una altra parella equiparable...’ (...) De suerte que el catalán es galorromance por sus orígenes, mas no puede ser clasificado como dialecto provenzal; es iberorromance por su posición geográfica, pero por sus caracteres peculiares y por razones históricas no puede ser contado entre las lenguas iberorromances.”

afirma Maurer Jr (1949: 11), a existência de uma terceira posição: alguns romanistas tratam o catalão como uma língua à parte, independente do galorromânico e do iberorromânico.

O catalão apresenta características linguísticas importantes que se vinculam ora ao bloco iberorromânico, ora ao galorromânico. Para maior uma melhor visualização deste diálogo do catalão com os dois blocos românicos, alguns exemplos e teorias linguísticas serão apontadas a seguir.

A tese galorromanista do catalão é sustentada por autores que admitem na língua catalã maiores afinidades com o provençal, como foi o caso do próprio Diez, em sua gramática de 1836. Já a teoria iberorromânica faz ver traços linguísticos compatíveis com o aragonês, o leonês, o português, o moçárabe e, também, em proporções bastante reduzidas, com o castelhano, além da manutenção de afinidades com outras línguas hispânicas em geral, em menor grau. A título de exemplo, Vidos (1996: 251) expõe:

Latim	moçárabe	ant. aragonês	galego-português	catalão
<i>Cūniculus</i>	<i>conelyo</i>	<i>conello</i>	<i>coenllo</i>	<i>conill</i>
	ant. francês	provençal	castelhano	
	<i>conil</i>	<i>conilh</i>	<i>conejo</i>	

Essa problemática que envolvia a língua catalã ganhou muita força e destaque nos estudos filológicos porque Menéndez-Pidal e Meyer-Lübke apresentaram suas teorias linguísticas quase concomitantemente; o primeiro, em 1926, e o segundo, um ano antes. Segundo Badia i Margarit (1979: 33), os dois filólogos tinham razão, mas partiam de pontos de vista distintos. Também, ainda de acordo com este autor, a teoria galorromânica do catalão se baseia nos traços castelhanos, catalães e provençais no tocante à fonética, à morfologia, à sintaxe e ao léxico. A referida teoria apresenta também um estudo histórico no qual as diferenças entre povos pré-romanos são contempladas, bem como matizes da romanização e aspectos concernentes à invasão germânica. Com esse material que recolheu, Meyer-Lübke foi taxativo em sua conclusão: o catalão pertence ao mesmo grupo que o provençal, segundo Badia i Margarit (1979: 34).

Bassetto (2001: 231) concorda com as correspondências entre o provençal e o catalão, em consonância com algumas ideias de Meyer-Lübke, ao afirmar que “essas divergências [da filiação linguística do catalão] devem-se a considerações sobretudo linguísticas; sob esse



ponto de vista, realmente o catalão está mais próximo do provençal do que do castelhano.” No entanto, insere o catalão no bloco iberorromânico.

Badia i Margarit (1979: 34) também faz uma sinopse das teorias de Pidal para evidenciar as características consideradas por este para chegar às conclusões a respeito do bloco linguístico do catalão. Conforme se observa em sua obra, Menéndez Pidal (1950: 489-496) lançou mão dos “princípios geográfico-cronológicos” para demonstrar a imposição do castelhano sobre as demais línguas faladas na Ibéria, prejudicando a extensão linguístico-geográfica das mesmas. Este autor também se baseia na existência do antigo moçárabe e nas coincidências entre os dialetos primitivos hispânicos, a saber, o galego-português, o leonês, o castelhano, o aragonês e o catalão, os quais apresentavam concomitâncias fonéticas entre si, com exceção do castelhano, que é destoante dentro da unidade hispânica primitiva.<sup>18</sup> Dessa forma, Menéndez Pidal incorpora a língua catalã na órbita linguística peninsular, ou seja, enquadrando-a no bloco iberorromânico, contrariamente à posição de Meyer-Lübke.<sup>19</sup>

Outro estudo de peso que rechaça a agrupação do catalão ao galorromance é o de Amado Alonso (1951). Este romanista faz uma análise minuciosa de Meyer-Lübke, *Das Katalanische*, chegando à conclusão de que há certas falhas na obra que impedem a classificação definitiva do catalão como língua galorromânica. Desta maneira, considera Alonso (1951: 15):

El Sr. M-L se ha limitado a comparar el catalán con su vecino el provenzal, de una parte, y de la otra, con el castellano, separado de él por el navarroaragonés. El resultado obtenido es, pues, desproporcionado. No más aceptable que el de quien, comparando el provenzal con el francés y el catalán, decidiera el iberorromanismo del provenzal, porque está más próximo al catalán que al francés. Ni se pueden aceptar como representaciones galorrománicas todos los fenómenos provenzales, ni se podrían tener por iberorrománicos todos los fenómenos catalanes<sup>20</sup>.

De qualquer maneira, ambas as teorias, a de Meyer-Lübke, em sua obra de 1925, e a Menéndez-Pidal, na obra de 1926, são coerentes, o que torna a questão um verdadeiro impasse, com adeptos dos dois lados. As características da língua catalã, conforme os estudos

<sup>18</sup> Afirma o autor, (1950: 493) que o catalão, o galego-português fizeram parte, em seus primórdios, de uma área contínua, sendo unidos pelo sul mediante os dialetos moçárabes.

<sup>19</sup> Esclarece Menéndez Pidal (1950: 494-496) que não pode concordar com Meyer-Lübke em sua teoria sobre o galorromanismo da língua catalã, afirmando que a conservação do *f-* ou *g-* iniciais, ou ainda a falta de ditongação do *õ* e do *ẽ*, entre outras, sejam suficientes para separar o catalão do castelhano.

<sup>20</sup> O Sr. M-L limitou-se a comparar o catalão com o seu vizinho provençal, de um lado, e de outro, com o castelhano, separado deste pelo navarro-aragonês. O resultado obtido é, pois, desproporcionado. Seria o mesmo que, comparando o provençal com o francês e o catalão, se decidisse pelo iberorromanismo do provençal, porque está mais próximo do catalão que do francês. Nem mesmo se podem aceitar como representações galorromânicas todos os fenômenos provençais, e nem se poderiam ter por iberorromânicos todos os fenômenos catalães. (tradução nossa)

de Maurer Jr (1949), se tomadas em seus pormenores seguramente revelará o seu “duplo parentesco”. Também Alonso (1951: 42), ao analisar *Das Katalanische*, chega a conclusões semelhantes<sup>21</sup>. Para ilustrar essa duplicidade, Maurer Jr (1949), fez um levantamento exaustivo em diversos elementos linguísticos, a saber, fonética, morfologia, sintaxe e léxico, constantando a posição transitória<sup>22</sup> do catalão. Vejam-se as seguintes considerações e exemplos de alguns destes elementos linguísticos.

No que concerne à fonética, afirma Maurer Jr (1949: 17) que o catalão possui uma “fisionomia essencialmente ibérica”. Entre outros exemplos, ilustra<sup>23</sup> a relação do catalão com ambos os blocos românicos:

1) A passagem **l-** latino a **lh** (escrito **ll**, à espanhola).

Catalão	Asturiano	Leonês
Llum < Lumen	Llobo	Llobo
Lluna < Lunam	Llamber	Llengua
Llebre < Lepore		Lluna

Afirma ainda Maurer Jr (1949: 17):

Que o moçárabe não desconheceu o mesmo tratamento parece confirmado por uma forma **yengua** citada por Bem Joliol no século X e pelo árabe marroquino **yuka** (< **lactuca**, através do moçárabe). Trata-se portanto de uma tendência fonética do ibero-romance que não chegou a impor-se em toda a península.

2) Sobre a evolução **mb** > **m** e **nd** > **n**, quando intervocálicos.

Em catalão deu-se da seguinte forma: **lumbum** > **llom**, **plumbum** > **plom**, **palumbam** > **paloma**; **commandare** > **comanar**, **\*pré(h)endent** > **prenen** (mas **prendre**).

Conforme considera o autor (Maurer Jr, 1949: 18), a evolução de “**mb** a **m** está largamente disseminada na Ibéria”, embora o castelhano a tenha conhecido mais tarde.

3) Passagem de **-ll-** > **ll** e **-nn-** > **ny**. São exemplos desta evolução em catalão: **sellam** > **sella**, **vallum** > **vall**; **pannum** > **pany**, **annum** > **any**, **pinnam** > **penya**.

<sup>21</sup> Alonso (1951: 42): Creemos haber demostrado cómo en *Das Katalanische* cada hecho cobra diferente significación según caiga dentro del campo galorrománico o del iberorrománico.

<sup>22</sup> Maurer Jr (1949: 12): A meu ver, o catalão constitui, em certo sentido, um dialeto românico intermediário entre o iberorromance e o galorromance, com um caráter fundamental que o liga intimamente ao grupo das línguas peninsulares, mas, desde o princípio, um tanto modificado pelo seu afastamento maior dos centros de irradiação linguística dominantes na península e pelo seu contato constante com o sul da Gália, desde a época imperial, e a mais antiga dialeção do latim vulgar.

<sup>23</sup> Exemplos adaptados de Maurer Jr (1949: 17-18).

Considera Maurer Jr (1949: 18) que a evolução ilustrada em 3) é mais reveladora caracterização do catalão como língua aparentada ao iberorromânico. Ainda assim, o autor (1949: 21-23), não deixa de mencionar algumas concordâncias fonéticas com o provençal, como<sup>24</sup>:

1) Queda de vogais finais, exceto **-a**. A tendência a esse apagamento é característica disseminada no galorromance, ainda que, em menor grau, seja encontrada em outras línguas românicas. Assim, o provençal reduz os léxicos: **pont**, **canal**, **cavall** e o catalão perde as suas finais nas mesmas condições e com a mesma exceção de **-a**, como: **tot**, **tret** (< **tractum**), **vall**, **uch** (< **ostium**), **grill**, **caball**, **fum**, **fet** (< **factum**), **vert**, **set** (< **sitim**), **sort**, **tos** (< **tussim**), **temps** (< **tempus**), **cos** (< **corps** < **corpus**).

2) Evolução da soante **w** precedida de consoante. Tanto no provençal quanto no catalão, nesta posição a soante se transforma em **gw** (> **c** quando em final de palavra). Este tratamento do fonema latino parece limitar-se em ambas as línguas ao perfeito verbal e aos seus derivados. São exemplos: prov.: **dec** (< **debui**), **volc** (< **volui**), **aic** (< **habui**) e cat.: **haguí**, **creguí** (< **\*credui**), **volguí**, **tinguí** (< **tenui**), **vinguí** (< **\*venui**); prov. mod.: **couneiguère**, **cregneuguère**, **creseuguère**, **deuguère**, **diguère**, **aguère**.

3) Perda do **-n** secundário. Exemplos em catalão: **ca** < **canem**, **pi** < **pinum**, **lli** < **linum**, **ple** < **plenum**, **bo** < **bonum**, **ma** > **manum**, **lleó** < **leonem**, **camí** < **caminum**, **raó** < **rationem**. Em conformidade, o provençal faz as seguintes passagens: **pa** (e **pan**), **be** (e **ben**), **vi** (e **vin**), **razó** (e **razón**).

4) Também o catalão segue as duas línguas da Gália na palatalização do **c** nos grupos secundários **t'c** e **d'c**. São exemplos: fr. **fromage**, prov. **fromatge**, cat. **formatje** (< **\*formaticum**); fr. ant. **miege**, prov. **metge**, cat. **metje** (< **medicum**); fr. **manger**, prov. **manjar**, cat. **menjar** (< **manducare**); fr. **juger**, prov. e cat. **jutjar** (< **iudicare**).

Na morfologia, no entanto, apesar de o catalão ser mais afim ao provençal, não apaga as suas marcas claramente de influência das línguas iberorromânicas. Conforme explica Maurer Jr (1949: 23), “ao contrário, muitas vezes ele [o catalão] tem formas claramente ibéricas – às vezes o próprio provençal conserva vestígios da mesma”.

São exemplos de traços que aproximam ora o catalão do iberorromance, ora do galorromance, os seguintes<sup>25</sup>:

1) Como ocorre no iberorromance, também o catalão distingue três perfeitos fracos correspondentes às três conjugações românicas: em **-āre**, **-ēre** (**-ěre**) e **-īre**. Faz a primeira

<sup>24</sup> Exemplos adaptados de Maurer Jr (1949: 21-23).

<sup>25</sup> Ibid., pp. 23-34

pessoa do plural: cantam, temem, servím, o que se coaduna com o estado ibérico primitivo, perdido no castelhano, onde se confundiram os perfeitos dos verbos em **–ere** e em **–ire**. O português e o galego conservam a mesma distinção do catalão, e.g., port.: **cantamos, tememos, servimos**. E gal.: **falamos, batemos** (arc.), **partimos**.

2) Da mesma forma que o grupo peninsular, o catalão distingue, no presente, os três temas verbais, em **a**, em **e** e em **i**, ao passo que o provençal tende a eliminar as formas em **i**. O catalão concorda com o português, conservando distintas as duas conjugações (c. **servim, serviu** [arc. **servitz**], **servint**, etc.).

3) O verbo catalão apresenta ainda feição peninsular pela deslocação analógica do acento nas duas primeiras pessoas do plural do imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo, do condicional e do imperfeito do subjuntivo (mais-que-perfeito latino), a qual, apesar de se encontrar em outras regiões da România, é particularmente das línguas da Península: port. **falávamos, faláveis, faláramos, faláreis, falaríamos, falaríeis, falássemos, falásseis**; esp. **hablábamos, hablabais, habláramos, hablarais**, etc.

A concordância com o bloco galorromânico, dá-se, em catalão, em alguns pontos, como:

1) Na acentuação dos nomes das dezenas, o catalão se separa da Ibéria, concordando com o galorromance. Assim, fr. **soixante**, prov. **seissanta** e cat. **quaranta, cinquanta, seixanta**.

2) Como as línguas da Gália, o catalão estende analogicamente aos adjetivos da segunda classe a formação do feminino em **–a**. Cat.: **fort, forta; ferm, ferma; vert, verda**; em fr.: **fort, forte; vert, verte**; prov.: **grans, granda; valens, valenta**.

3) O catalão e o provençal constituíram o mesmo sufixo para a formação dos ordinais de seis em diante, aproveitando o sufixo distributivo latino **–enus**: prov. **seizens** (sexto), **setens, ochens, detzens, vinténs, trentens, centens**; cat. **sisé** (fem. **sisena**), **sete, vuité** (oitavo), **decé, vinté, trenté, centé**. No entanto, eles não são exclusivos das duas línguas: empregaram-se na Ibéria Medieval, no espanhol, sobretudo, onde ocorriam desde o **2**, e.g., **quatreno, seteno, ocheno, dezeno, veynteno**, etc. No português (**trezeno, seteno**, etc.) a conservação do **–n** denuncia introdução mais recente, talvez por influência espanhola.

Então, tomando-se como certo que o catalão apresenta traços linguísticos marcantes de ambos os blocos românicos, chega-se à conclusão de que esta é uma língua-ponte; conclusão a qual sintetiza muito bem Badia i Margarit (1979: 40):

Així arribem, doncs, a la superació del gal·lo-romanisme i de l'ibero-romanisme del català: el català és una llengua-pont [...]. Aquesta expressió pot semblar una

fórmula de compromís; en tot cas, no és un compromís fruit de transaccions de tipus diplomàtic, sinó el resultat dels factors històrics ja esmentats. És, en realitat, la consideració que ja el mateix Friedrich Diez va intuir, i no per no comprometre's, sinó precisament després d'haver-se compromès, amb la seva idea primitiva de subordinació del català al provençal. És, en suma, la posició que, molts anys després, Walter von Warburg va adoptar en la seva recensió del llibre de Meyer-Lübke: l'anàlisi dels trets fonètics del català ens diu que, en llur majoria, són de filiació gal·lo-romànica; en canvi, la morfologia, i més concretament la flexió, són més tost de tipus ibero-romànic; en el vocabulari, enregistrem un clar predomini de mots de natura gal·lo-romànica, bé que no podem oblidar tots els que pertanyen a les àrees ibero-romàniques<sup>26</sup>.

O termo língua-ponte é hoje empregado e bem aceito para explicar a posição linguística do catalão. No entanto, é possível perceber que não há uma concordância plena entre os estudiosos que se propuseram a investigar as semelhanças desta língua com as demais línguas românicas. Neste estudo, por exemplo, nota-se uma discrepância de opinião quanto ao agrupamento das características linguísticas. Em Maurer Jr (1949: 23), defende-se um parentesco maior entre o catalão e o provençal, língua galorromânica, no que concerne à morfologia. Já no tocante aos traços fonéticos, Maurer Jr (1949: 17), vê maior semelhança ibérica. Ao contrário, como se observa na última nota de Badia i Margarit (1979: 40), as afinidades catalãs com o iberorromance estão na morfologia, enquanto as similaridades com o grupo galorromânico estão na fonética.

Seja como for, a perífrase em estudo, *ir + infinitivo*, que, em princípio aparenta ser uma característica genuína e exclusiva do catalão, também poderá contribuir para que se estabeleça um vínculo maior ou menor com o galorromânico e com o iberorromânico no que concerne à morfologia verbal.

---

<sup>26</sup> Assim chegamos, então, à superação do galorromanismo e do iberorromanismo do catalão: o catalão é uma língua-ponte [...]. Esta expressão pode parecer uma fórmula de compromisso; em todo caso, não é um compromisso fruto de transações de tipo diplomático, mas sim o resultado dos fatores históricos já citados. É, na realidade, a consideração que já intuía Friedrich Diez, e não por não se comprometer, mas precisamente depois de haver se comprometido, com a sua ideia primitiva de subordinação do catalão ao provençal. É, em suma, a posição que, muitos anos depois, Walther Von Wartburg adotou, em sua crítica do livro de Meyer-Lübke: a análise dos traços fonéticos do catalão nos diz que, em sua maioria, são de filiação galorromânica; ao contrário, a morfologia, e mais concretamente a flexão são mais prontamente de tipo iberorromânico; no vocabulário, registramos um claro predomínio de palavras de natureza galorromânica, se bem que não podemos esquecer todos os que pertencem às áreas iberorromânicas. (tradução nossa)

### 1.3 - A PERÍFRASE CATALÃ *IR* + *INFINITIVO* <sup>27</sup> EM CONTRASTE COM O GALO E O IBERORROMANCE

O romance recorre constantemente a expressões analíticas das funções e relações sintáticas, o que constitui, desde já, uma característica da herança vulgar. É o que atesta Maurer (1951:37): “a perda da declinação, da voz passiva, o empobrecimento da conjugação verbal, a preferência dada à perífrase, a ordem fixa, que constituem inovações pan românicas, refletem geralmente origem vulgar”.

Dentre as características citadas acima, é necessário, para o presente estudo, destacar o caráter analítico que desenvolveram as línguas românicas, como o português e o catalão ou mesmo o francês e o castelhano. Assim, era esperado que o presente objeto de estudo, a perífrase *ir* + *infinitivo*, apresentasse concordância nessas línguas, especialmente naquelas sobre as quais se pretende fazer um estudo comparativo, a saber, o português e o catalão.

Porém, na realidade, a referida construção apresenta uma distinção fundamental de uma língua para outra: enquanto o catalão seu emprego denota pretérito, em português, expressa futuro. Esta confusão formal gera um forte grau de estranheza nas duas línguas aparentadas.

Além do mais, deve-se recordar que o catalão, exceto em Andorra, está inserido em contextos de bilinguismo, mas também com o castelhano e o francês a construção causa estranheza, conforme pode ser visto a seguir.

Poderia cogitar-se que a forma analítica *ir* + *infinitivo* em catalão tenha, excepcionalmente, características peculiares apresentadas pelo bloco galorromânico. Não obstante, pode-se facilmente constatar, mesmo sem aprofundar muito o tema, que a mesma estranheza verificada para o português, ou para qualquer outra língua do bloco iberorromânico, é observada no francês, uma das mais representativas línguas galorromânicas (vejam-se os exemplos mais adiante). Sobre a referida perífrase em francês, observe-se<sup>28</sup>:

<sup>27</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc. Em catalão, a perífrase corresponde ao *Passat Perifràstic*.

<sup>28</sup> IMBS, P. *L'emploi des temps verbaux en français moderne. Essai de grammaire descriptive*. Paris: C. Klincksieck, 1960, p. 55: “Sua função semântica é a de especificar certos valores temporais ou modais do futuro.

1. *Ir* + infinitivo serve para exprimir o futuro próximo (futuro imediato), ou seja, um futuro imediato e em continuidade com o futuro. Dois casos há a distinguir:

a) Ora é somente o começo do processo verbal, em si durativo, que é situado no próximo futuro:

Isso **vai durar** dezessete anos desse jeito. (Labiche)

Leur fonction sémantique est de spécifier certains valeurs temporelles ou modales du futur.

Aller + infinitif sert à exprimer le futur proche, c'est-à-dire un futur qui est en contact immédiat et en continuité avec le présent. Deux cas sont à distinguer:

Tantôt c'est seulement le début du processus verbal, de soi duratif, qui est situé dans le proche avenir:

Ça **va durer** dix-sept ans comme ça. (Labiche)

La valeur inchoative du tour ressort bien de l'exemple suivant, où la périphrase est suivie d'un futur terminatif:

Quoi qu'il arrive à présent, je vous promets que je **vais commencer** et que je vous obéirai jusqu'au bout. (Péguy)

Tantôt c'est le processus tout entier qui se situe dans le proche avenir; l'idée verbale est alors plus ou moins nettement perfective:

D'ici à deux heures, me dit-il, l'affaire **va s'engager**. (Mérimée)

Je songe au fameux discours qu'il **va falloir** prononcer tout à l'heure. (A. Daudet) [...].

Com efeito, após a descrição e a observação dos exemplos, pode-se inferir que, neste sentido, a construção *ir+ infinitivo* do francês não dialoga com a noção aspectual perfectiva que apresenta em língua catalã. Pelo contrário, na língua francesa, vai ao encontro ao uso iberorromânico da referida perífrase, a saber, a expressão de futuro próximo. A perífrase de futuro em francês é também bastante usual, a ponto de, na língua falada, como também ocorre em português, seu uso ser preferido em detrimento da forma simples de futuro<sup>29</sup>.

Os tempos verbais compostos encontrados nas línguas iberorromânicas, majoritariamente, formam-se a partir da junção do verbo *haver* + *particípio*. Para exprimir o valor de perfeito (ação acabada), as línguas herdaram do latim vulgar a perífrase de *habeo* com o *particípio* passado do verbo. Exemplifica Maurer Jr. (1959: 124): *litteras scriptas habeo*, que se implanta cedo no uso comum. A perífrase é pan românica (e.g., rum. *am scris*, como port. *hei* (hoje *tenho*) *escrito*, esp. *he escrito*, fr. *j'ai écrit*, it. *ho scritto*, etc.) e, portanto, não é desconhecida pelo francês.

De acordo com Badia i Margarit (1999: 236), o catalão continua a utilizar a forma simples de pretérito que herdaram do latim - p.e. *cantavi* -; contudo, com a evolução fonética natural que se deu do latim ao catalão, desta forma se originou o atual *cantí*. Já em latim vulgar, porém, havia surgido um rico quadro de perífrases verbais, que as línguas românicas

---

O valor incoativo se sobressai bem no exemplo seguinte, em que a perífrase é seguida de um futuro terminativo:

Independente do que aconteça no presente, eu vos prometo que eu **vou começar** e que eu vos obedecerei até o fim.

b) Ora é o processo inteiro que se situa no próximo futuro; a ideia verbal é então mais ou menos claramente perfectiva:

Daqui a duas horas, disse-me ele, o negócio **vai “dar certo”**. (Mérimée)

Penso no famoso discurso que **vai ser preciso** pronunciar daqui a pouco. (A. Daudet) [...]”(tradução nossa)

<sup>29</sup> Imbs (1960: 57)

desenvolveram para expressar, sobretudo, sutis matizes nos modos e nos aspectos da ação. Uma inovação concebida neste quadro foi *vado + infinitiu*, que se, por exemplo, iria se consolidar no francês no denominado *futur immédiat*, em catalão, daria lugar a um significado diametralmente oposto: o de perfeito.

A construção com *ir + infinitivo* também é prevista, fora do quadro flexional, para as línguas da iberorromânicas, como o castelhano, português e o galego, mas o catalão a usa de forma inovadora. Vejam-se as seguintes perífrases que expressam, ao contrário do catalão, apenas tempo (futuridade):

[PORT.] *Quando eu crescer vou comprar um carro bonito*<sup>30</sup>[...].

[PORT.] *Vamos arranjar uma tábua para sentar*<sup>31</sup>.

[GAL.] *Non andes xogando co coitelo que lle vas estraga-lo fio*<sup>32</sup>.

[GAL.] *Vai dedicarse á cria de coellos*<sup>33</sup>.

[CAST.] *Juan va a hablar*<sup>34</sup>.

Enquanto essa construção, com o verbo auxiliar conjugado no Presente do Indicativo, é utilizada pelo português, francês e castelhano - só para citar algumas línguas românicas - para a expressão de futuro próximo, o catalão se serve da mesma com denotação de pretérito acabado. Paralelamente à construção analítica apresentada (como *vaig cantar*), o catalão possui uma forma sintética originariamente anterior (como *cantí*), com valor equivalente à forma perifrástica que, ao longo da história da língua, foi ficando à margem na oralidade, com um emprego restrito ao registro escrito formal. Badia i Margarit (1951: 328) define:

Modernamente todos los dialectos catalanes conocen el uso del perfecto perifrástico; no obstante, mientras en la mayor parte del dominio es único en la lengua hablada y no se desconoce en la escrita (pese a la preferencia por el perfecto sintético que recomienda la gramática para el uso literario), en balear y especialmente en parte del valenciano coexisten los dos perfectos, sintético y perifrástico, con predominio del primero.<sup>35</sup> (grifo nosso).

Sobre o mesmo tema, Moll (1952: 227) concede um terreno ainda maior à perífrase:

<sup>30</sup> Neves (2000: 65)

<sup>31</sup> Ibid., p. 65.

<sup>32</sup> Alvarez; Xove (2002: 310). Não andes brincando com a faca que vais estragar o fio. (tradução nossa)

<sup>33</sup> Ibid., p. 353. Vai dedicar-se à cria de coelhos. (tradução nossa)

<sup>34</sup> Torrego (2002: 194). Juan vai falar. (tradução nossa)

<sup>35</sup> Modernamente todos os dialetos catalães conhecem o uso do perfeito perifrástico; não obstante, enquanto a maior parte do domínio é único na língua falada e não se desconhece na escrita (apesar da preferência pelo perfeito sintético que recomenda a gramática para o uso literário), em balear e especialmente na parte do valenciano coexistem os dois perfeitos, sintético e perifrástico, com o domínio do primeiro. (tradução nossa)



Además el catalán ha ido desarrollando cada vez con más intensidad un pretérito perfecto perifrástico a base del presente de *vadere* (*vaig, vas...*) acompañado del infinitivo del verbo correspondiente, fórmula que estudiaremos en la Sintaxis y que ha determinado la desaparición del perfecto simple en los dialectos rosellones, oriental, occidental, alguerés y parte del valenciano y del balearico.<sup>36</sup>

Essa forma analítica do perfeito catalão é uma construção que ganha espaço na língua moderna, mas é prevista desde a Idade Média. De acordo com Badia i Margarit (1951: 326), as soluções fonéticas e analógicas dos antigos perfeitos latinos foram substituídas, em geral, pela perífrase do verbo *anar* (*ir*) e o infinitivo do verbo correspondente. Dessa forma, o paradigma de conjugação do *Passat Perifràstic*, ainda que existam formas menos usuais, é o seguinte: 1- *vaig* (*cantar*), 2- *vas* (*cantar*), 3- *va* (*cantar*), 4- *vam* (*cantar*), 5- *vats, vau* (*cantar*), 6- *van* (*cantar*).

Observando a morfologia verbal francesa, pode-se notar que também neste idioma há concorrência entre dois tempos verbais para designar o perfeito: o *Passé Simple* - forma sintética - e o *Passé Composé* - forma analítica. A formação do pretérito composto se faz com *être/avoir* (*presente do indicativo*) + *particípio passado*, enquanto em catalão, o perfeito perifrástico se forma com *ir* + *infinitivo*. Como em catalão, em francês as formas não apresentam diferenças semânticas, mas, nesta língua, o emprego do tempo analítico e do tempo sintético está um pouco mais bem definido, já que o *Passé Simple* se restringe ao registro escrito, no qual se evidencia um distanciamento de relacionamento, característico do tratamento formal. No catalão, em geral, a forma analítica aparece registrada tanto na escrita quanto na oralidade, ainda que algumas variantes, como o valenciano, dêem preferência ao uso sintético até mesmo no registro oral.

Observem-se os exemplos: *fr. il entra* e *il est entré*, ambos significando *ele entrou*. Prioriza-se o uso do *Passé Simple* para remeter-se a acontecimentos históricos, como podemos ver em “*Les Romains occupèrent le Sud-Est de la Gaule à partir du 2<sup>ème</sup> siècle avant J.C. Cette occupation donna naissance à une rich civilisation et avignon devint une cité (...).* »<sup>37</sup>(grifos nossos)

Apesar dessa concordância entre o francês e o catalão, no que concerne ao emprego das formas sintéticas e analíticas mencionadas, existe uma discrepância semântica entre eles, visto que a construção perifrástica catalã dialoga com a forma francesa de futuro próximo. O

<sup>36</sup> Além disso, o catalão foi desenvolvendo cada vez com mais intensidade um pretérito perfeito perifrástico à base do presente de *vadere* (*vaig, vas...*) acompanhado do infinitivo do verbo correspondente, fórmula que estudaremos na Sintaxe e que determinou o desaparecimento do perfeito simples nos dialetos rosselhonês, oriental, ocidental, alguerês e parte do valenciano e do balearico. (tradução nossa)

<sup>37</sup> Hochgreb (s.d. :33).

francês lança mão de *ir* + *infinitivo* para expressar a noção de futuro próximo. Por exemplo, a construção composta *fr. va résoudre* e a *cat. va resoudre* são absolutamente idênticas na forma, mas divergentes na significação. Em francês, tem-se a expressão de futuro próximo, ou imediato, enquanto que em catalão, tem-se a expressão de um perfeito. Assim, a construção *ir* + *infinitivo*, em francês, forma o *Futur Périphrastique*<sup>38</sup>:

Francês	Catalão
Je vais chanter ( <i>port. vou cantar</i> )	Jo vaig cantar ( <i>port. cantei</i> )
Tu vas chanter ( <i>port. vais cantar</i> )	Tu vas cantar ( <i>port. cantaste</i> )
Il va chanter ( <i>port. vai cantar</i> )	Ell va cantar ( <i>port. cantou</i> )
Nous allons chanter ( <i>port. vamos cantar</i> )	Nosaltres vam cantar ( <i>port. cantamos</i> )
Vous allez chanter ( <i>port. ides cantar</i> )	Vosaltres vou cantar ( <i>port. cantasteis</i> )
Ils vont chanter ( <i>port. vão cantar</i> )	Ells van cantar ( <i>port. cantaram</i> )

A perífrase francesa *ir* + *infinitivo* é classificada, segundo Chevalier (1964: 297), como perífrase pré-morfológica, cuja finalidade é cobrir as faltas das formas verbais gramaticalizadas, simples ou compostas. Apesar de não figurar no quadro das conjugações, *ir* + *infinitivo* tende a substituir, em alguns casos, o futuro simples e, se conjugado o verbo *ir* no pretérito imperfeito, também o condicional. Essa perífrase se distingue de outros dois tipos:

a) velhas formas compostas: aqui se enquadram o futuro e o condicional, já que não é mais possível, sincronicamente, averiguar a existência das duas formas latinas originais, como *cantare habeo*;

b) formas compostas gramaticalizadas: neste caso está o *Passé Composé*, *j'ai chanté*, o *Plus-que-Parfait*, *j'avais chanté*, em que os verbos auxiliares não são mais que marcas morfológicas. São integrantes do sistema verbal.

---

<sup>38</sup> Chevalier (1964: 301)

## 1.4 – O PERFEITO NO CATALÃO MODERNO

Observe-se o seguinte excerto extraído do diário AVUI <sup>39</sup> do ano de 1976, em que no mesmo texto concorrem a forma sintética <sup>40</sup> e a forma analítica <sup>41</sup> do pretérito perfeito:

Crec que no podré<sup>42</sup> oblidar mai la forta impressió que deixà<sup>43</sup> en el meu esperit la visita als forns crematoris que hi ha reproduits a Jerusalem, [...]. Un funcionari israelià del ministeri d'Afers Estrangers em preguntà<sup>44</sup> què me n'havia semblat [...]. Però veient com m'escoltava tot complagut, vaig afegir <sup>45</sup> amb vehemencia [...]. Recordo com si fos ara, que ell m'adreçà<sup>46</sup> una mirada trista i em digué<sup>47</sup> [...]. Soc jueu, d'origen italià. Vaig perdre <sup>48</sup> durant la persecució nazi [...]. Afegí<sup>49</sup> amb una emoció continguda [...].<sup>50</sup>

Pode-se verificar, a partir do referido excerto, que a ocorrência de verbos no pretérito perifrástico é assídua ainda hoje, mas também deve-se considerar que, na língua escrita, a forma simples do pretérito tem também a sua produção.

No mesmo diário, porém três décadas mais tarde, pode-se notar a tendência da língua a adotar a perífrase mesmo no registro escrito<sup>51</sup>:

Els indicis es troben en un comunicat enviat des d'algun lloc de l'Estat, on el grup islamista autodenomiat Ansar Al-Qaida en Europa va advertir que si no es satisfan les seves reivindicacions declararà la guerra a Espanya i la convertirà en un infern. Els investigadors van donar certa credibilitat al comunicat mentre que es va reforçar la vigilància a les fronteres, mitjans de transports i indrets estratègics amb presència policial i militar<sup>52</sup>.

<sup>39</sup> Just, C. M. (1976: 03)

<sup>40</sup> Ou *Passat Simple*.

<sup>41</sup> Ou *Passat Perifràstic*.

<sup>42</sup> Futuro simples, primeira pessoa do singular.

<sup>43</sup> *Passat Simple*, terceira pessoa do singular.

<sup>44</sup> *Passat Simple*, terceira pessoa do singular.

<sup>45</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>46</sup> *Passat Simple*, terceira pessoa do singular.

<sup>47</sup> *Passat Simple*, terceira pessoa do singular.

<sup>48</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>49</sup> *Passat Simple*, primeira pessoa do singular.

<sup>50</sup> Creio que não poderei esquecer nunca a forte impressão que deixou no meu espírito a visita aos fornos crematórios que estão reproduzidos em Jerusalém, [...]. Um funcionário israelita do ministério de Relações Exteriores me perguntou o que me havia parecido [...]. Mas vendo como me escutava tão prazeroso, acrescentei com veemência [...]. Recordo como se fosse agora, que ele me direcionou um olhar triste e me disse [...]. Sou judeu, de origem italiana. Perdi durante a perseguição nazista [...]. Acrescentei, com uma emoção contida [...]. (tradução nossa)

<sup>51</sup> Fernández, M. (2004: 01).

<sup>52</sup> Os indícios se encontram em um comunicado enviado de algum lugar do Estado, onde o grupo islâmico autodenominado Ansar Al-Qaida na Europa advertiu que se não se satisfizerem as suas reivindicações, declarará a guerra à Espanha e a transformará em um inferno. Os investigadores deram certa credibilidade ao comunicado enquanto se reforçou a vigilância nas fronteiras, meios de transportes e lugares estratégicos com presença policial e militar. (tradução nossa)

A seguir, apresentam-se alguns trechos extraídos de uma coletânea de contos de Pere Calders<sup>53</sup>, autor contemporâneo (1912-1994), nos quais é possível verificar a ocorrência do futuro simples, do futuro de obrigação, do perfeito perifrástico e de outras formas verbais compostas com *haver*. No entanto, em nenhum conto se encontrou o emprego do perfeito simples, tampouco de perífrases que indicassem futuro. Selecionou-se, para ilustração, o conto “Vinc per a dir la veritat”:

En aquell moment, els nens van aparèixer <sup>54</sup>amb l'estaca acabada, ben punxeguda. Vaig tenir<sup>55</sup> vergonya, perquè jo no volia que el veí veiés certes coses. Però ell, que també havia llegit<sup>56</sup> molt, ho va comprendre<sup>57</sup> tot de seguida. I encara ens va animar<sup>58</sup>:

- S'ha de fer<sup>59</sup>. És la manera correcta d'acabar amb el problema. I de pressa!

Aleshores, algú havia de clavar l'estaca. Jo volia que la clavés la meua esposa. Ella estava acostumada a posar injeccions i a matar els pollastres que ens menjàvem els dies de festa grossa.

- Jo no la clavaré<sup>60</sup> pas- va dir <sup>61</sup>la meua esposa-. Si no va bé, sempre em direu<sup>62</sup> que ha estat<sup>63</sup> culpa meua.

Aleshores vaig donar <sup>64</sup>l'estaca al veí.

- Endavant – li vaig dir<sup>65</sup>-. Els de casa meua l'estimem, i la cosina Amèlia també estaria contenta si ho veiés.

- No, no, no – va respondre <sup>66</sup>el veí-. Jo no sóc de la família i no em toca aquest privilegi. Però si volen fer-ho bé, jo seré<sup>67</sup> testimoni dels fets. Com que és impossible de trobar um notari a mitja nit [...].<sup>68</sup>

<sup>53</sup> Calders (s.d.)

<sup>54</sup> *Passat Perifràstic*, terceira pessoa do plural.

<sup>55</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>56</sup> Pretérito Mais-que-perfeito, terceira pessoa do singular.

<sup>57</sup> *Passat Perifràstic*, terceira pessoa do singular.

<sup>58</sup> *Passat Perifràstic*, terceira pessoa do singular.

<sup>59</sup> Futuro de obrigação.

<sup>60</sup> Futuro Simples, primeira pessoa do singular.

<sup>61</sup> *Passat Perifràstic*, terceira pessoa do singular.

<sup>62</sup> Futuro Simples, segunda pessoa do plural.

<sup>63</sup> *Perfet*, terceira pessoa do singular ou impessoal.

<sup>64</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>65</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>66</sup> *Passat Perifràstic*, terceira pessoa do singular.

<sup>67</sup> Futuro Simples, primeira pessoa do singular.

<sup>68</sup> Naquele momento, as crianças apareceram com a estaca acabada, bem pontiaguda. Tive vergonha porque eu não queria que o vizinho visse certas coisas. Porém ele, que também havia lido muito, o compreendeu em seguida. E ainda nos animou:

-Tem de se fazer. É a maneira correta de acabar com o problema. E de pressa!

Então, alguém tinha de cravar a estaca. Eu queria que a cravasse a minha esposa. Ela estava acostumada a dar injeções e a matar frangos que comíamos nos dias de festa importante.

- Eu não a cravarei- disse a minha esposa-. Se não sair bem, me dirão que foi culpa minha.

Então dei a estaca ao vizinho.

- Adiante – lhe disse-. Os da minha casa a amam, e a minha prima Amélia também ficaria contente se o visse.

Os contos contemporâneos, na tentativa de se aproximar à oralidade, apresentam expressões da língua falada. Portanto, são inúmeros os exemplos da perífrase de pretérito encontrados na obra do referido autor.

Ao contrário do que acontece no sistema de flexão verbal de outras línguas românicas como o português, o castelhano e o francês, em catalão, a perífrase *ir + infinitivo* é parte integrante do quadro das conjugações da língua catalã. Por isso, é necessário que se enfatize a importância que tem não somente na maioria das variantes catalãs, mas principalmente na variante central. Certamente a conservação e o uso desta estrutura para expressão de pretérito é responsável por essa pequena reforma no sistema verbal da língua.

---

-Não, não, não- respondeu o vizinho-. Eu não sou da família e não me cabe este privilégio. Mas se querem fazê-lo bem, eu serei testemunho dos fatos. Com é impossível encontrar um escrivão a meia-noite [...].  
(tradução nossa)

## CAPÍTULO 2 - A ORIGEM DAS PERÍFRASES E SUA DIFUSÃO PELA ROMÂNIA

---

### 2.1 - O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR

O sistema verbal que compreendem atualmente as línguas românicas é resultado de uma peculiar evolução do sistema do latim clássico cujas reformulações acarretaram em uma simplificação de formas - relacionadas a alterações de vozes, tempos ou modos verbais. Essas inovações visavam corrigir algumas anomalias que já estavam presentes na estrutura do latim clássico. Daí que o romance e, em consequência, as línguas românicas não preservaram parte da herança latina, já que esta encerrava uma problemática quanto à presença de irregularidades de ordem diversificada no sistema verbal.

Mais do que a herança latina, o sistema linguístico das línguas românicas é caracterizado pela perda abundante de diversas formas gramaticais, as quais, por sua vez, se deram primeiramente em língua oral, ou seja, em latim vulgar. Se, por um lado, algumas formas se perderam totalmente, outras, contudo, foram substituídas por novas, as quais visavam alcançar uma maior clareza na comunicação do falante. Essa tendência pode ser verificada em todas as línguas românicas e é inerente às necessidades estruturais de expressão das línguas.

Algumas dessas inovações são expostas por Maurer Jr (1962: 37):

A fonética românica, ponto em que todas as línguas da família divergem mais profundamente, explica-se por tendências populares, não raro ligadas a substratos regionais; a perda da declinação, da voz passiva, o empobrecimento da conjugação verbal, a preferência dada à perífrase, a ordem fixa, que constituem inovações pan românicas, refletem geralmente origem vulgar.

Não obstante, não se pode fazer generalizações a esse respeito. Sobre as colocações de Maurer Jr feitas no parágrafo anterior, a que mais interessa a esse estudo é a observação relacionada à perífrase. O latim vulgar apresenta uma forte tendência ao uso de construções analíticas, não somente quando se referem a verbos, mas, por exemplo, no uso de preposições. Apesar de a perífrase *ir + infinitivo* <sup>69</sup>apresentar um caráter vulgar, algumas construções verbais analíticas se desenvolveram já no latim clássico, como o próprio futuro românico que,

---

<sup>69</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc.

somente *a posteriori*, sintetizou-se. Também em Maurer Jr (1962: 38) encontra-se: “Um preconceito errôneo pode levar-nos a exagerar a origem popular das formas românicas: é o de que todas as formações analíticas são de criação popular.”

Segundo Maurer Jr (1962: 13), pode-se admitir, mesmo antes da época ciceroniana, um contraste na língua falada. Se por um lado tem-se a língua da aristocracia romana, caracterizada pelo conservadorismo da flexão, rica e elegante, por outro está a língua da plebe, ou seja, a língua do povo, cujas características principais são a simplificação do sistema flexional e o uso de recursos para a construção analítica da frase.

As remodelações de cunho popular são inúmeras, mas muitas vezes estas são taxadas como meras corrupções do sistema clássico. No entanto, aqui são levadas em consideração as colocações que faz Maurer Jr (1962: 12):

Concordamos em que não se deve considerar a língua popular como corrupção da língua literária e uma violação de seus cânones gramaticais, por parte de ignorantes, mas antes uma elaboração espontânea do material linguístico com arcaísmos e inovações próprias.

Com efeito, se a língua vulgar, ou língua da plebe, por um lado, é um berço de inovações linguísticas, por outro é também conservadora de algumas formas mais arcaizantes do latim. O latim falado pela plebe é conhecido por fontes indiretas, já que as classes menos favorecidas tinham restrições ao acesso às letras - impedimento que acarretou na inexistência de um texto essencialmente escrito em vulgar.

Uma das fontes mais conhecidas que atesta essa outra modalidade da língua latina, paralela à clássica, verifica-se em obras de importantes gramáticos latinos, que apontavam os desvios mais comuns em relação à norma culta, percebidos de maneira disfórica; dentre essas obras, destaca-se o conhecido *Appendix Probi*.

Outras fontes que contribuem para a composição do arcabouço da língua vulgar são as conhecidas inscrições populares nos muros de Pompéia - textos produzidos por autores de cultura limitada. O conhecimento do latim vulgar, além de se dar pela comparação entre as línguas românicas, também é possível por meio da verificação de termos latinos em outras línguas que, em determinado momento histórico, estiveram em contato com aquela, conforme Maurer Jr (1962: 16).

Assim, o latim vulgar (ou *sermo plebeius*), de sumo interesse para a pesquisa, foi a modalidade falada da língua latina, mas há esparsos registros escritos que conservaram traços característicos do registro oral. Os documentos em vulgar, dentre eles os comentados nos parágrafos anteriores, fornecem uma mostra restrita e imperfeita do funcionamento da língua

da plebe. Esta, por sua vez, apresentava derivações que iam se regionalizando, beneficiando o aparecimento dos romances. As variações, no entanto, ocorrem mediante um processo moroso e gradual, imperceptível aos falantes nativos, mas que foram fatores preponderantes para a consciência da existência, no latim vulgar, de configurações linguísticas que já não se poderiam denominar latim.

O século V é determinante para o triunfo da influência do latim vulgar sobre os traços das línguas românicas. Neste período, vê-se ruir o império visível, de acordo com Maurer Jr (1951: 10), centralizado em Roma, embora uma unidade ainda prevalesça por algum tempo. A língua clássica, como cânone e modelo de polidez, vai perdendo paulatinamente o seu poder de influência em benefício da evolução para o romance e, logo, para as línguas românicas. A este respeito, esclarece ainda Maurer Jr (1951: 10):

Assim o período românico primitivo, que vai desde a fragmentação do império até a época corolíngia [sic], quando começam a manifestar-se as primeiras tendências para o nacionalismo e a consequente transformação dos diversos romances regionais em línguas literárias [...]

Como consiste de um processo lento e gradual, as diversas rupturas linguísticas que se conhecem não são passíveis de delimitação temporal precisa. Ou seja, não é possível saber, por exemplo, quando o latim vulgar se transformou em romance, nem quando, exatamente, este se transformou em cada uma das línguas românicas. Há apenas especulações na tentativa de estabelecer uma ideia aproximada de datação.

O trabalho comparativo entre as línguas românicas prova que consideráveis modificações aconteceram em todos os níveis de descrição gramatical (fonologia, morfologia, sintaxe), em maior ou menor grau. Também é um instrumento importante para a tentativa de aproximação à expressão do latim vulgar, já que as fontes escritas são insuficientes para a recuperação deste.

Cada uma das línguas que se formaram a partir do romance tomou um rumo próprio quanto às reorganizações formais. Em âmbito morfológico, constituíram-se línguas cujo sistema verbal apresentava uma maior simplificação (perdeu-se toda a voz passiva e o futuro latino, por exemplo). Ao mesmo tempo, porém, formas paralelas ao sistema previsto pela normativa davam conta da expressividade almejada em determinadas situações. Essa simplificação verificada nas línguas românicas, herança do latim vulgar, contrasta com a fecundidade e abundância da conjugação latina.



## 2.2 - NOVAS NECESSIDADES NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

A remodelação do sistema verbal latino pode ser percebida, por exemplo, por meio da configuração atual das línguas iberorromânicas, cuja causa se centra no reagrupamento das conjugações latinas (-are, -ēre, -ĕre, -ire). Segundo Tagliavini (1993: 353), as conjugações mais preservadas foram a primeira e a quarta, ao passo que a segunda e a terceira foram as mais atingidas. Explica o autor (1993: 353):

[...] y en español y portugués la tercera conjugación ha desaparecido a favor de la segunda, en tanto que en Sicilia y Cerdeña es la tercera que ha acabado por imponerse a la segunda. Ya en latín clásico se apreciaban incertidumbres (fervĕre ~fervēre); en latín vulgar, algunos verbos de la segunda pasan a la tercera, como \*ardĕre, \*lucĕre, \*ridĕre, en tanto que algunos de la tercera pasan a la segunda, como \*cadĕre, \*sapĕre. Las cuatro conjugaciones son bien distintas en rumano y en italiano, menos lo son en francés y provenzal<sup>70</sup>.

O português e o castelhano fundiram a 2ª e a 3ª, permanecendo apenas com três conjugações. A primeira conjugação portuguesa, -AR, provém do latim -ARE e forma verbos como OCULARE > *olhar*; a segunda conjugação, -ER, fusão da segunda conjugação latina com a terceira, -ĒRE e -ĔRE, é formadora de verbos como POTĒRE > *poder*; por fim, a terceira conjugação, -IR, também foi beneficiada com a fusão da segunda e terceira, enriquecendo-se na língua vulgar, como nos seguintes casos em que a passagem se dá pela semelhança fonética: RIDĒRE - \*RIDIRE > *rir* ou FUGĔRE – FUGIRE > *fugir*<sup>71</sup>.

É a conjugação -AR a mais profícua não somente em língua portuguesa, mas também nas línguas românicas em geral, conforme explica Piel (1989: 215). Já o catalão, no tocante às conjugações, configura-se, segundo Coutinho (1974: 272), como uma exceção em relação à tendência do latim falado na Península Ibérica. As línguas iberorromânicas assumem marcada preferência pelo emprego da segunda conjugação em prejuízo da terceira. O catalão, por sua vez, aproxima-se a línguas como o francês. Sobre isso, explica Piel (1989: 215):

Na Sicília e na Sardenha, produziu-se o fenômeno inverso, ou seja, o triunfo da 3ª classe sobre a 2ª, ao passo que no italiano, francês e provençal-catalão subsiste a distinção entre estas duas categorias, cf. fr. *perdre*, it. *perdere* a par de *devoir*, *dovère*. Abstraindo da fusão dos verbos com tema em e, deu-se uma série de permutas entre as diferentes conjugações, umas que remontam ainda ao latim, sendo por este motivo inter-românicas, outras que se produziram independentemente umas das outras, no decorrer da evolução de cada idioma.

<sup>70</sup> [...] e em espanhol e português a terceira conjugação desapareceu em benefício da segunda, enquanto na Sicília e Sardenha é a terceira que acabou por se impor à segunda. Já no latim clássico se apreciavam incertezas (fervĕre ~fervēre); em latim vulgar, alguns verbos da segunda passam à terceira como \*ardĕre, \*lucĕre, \*ridĕre, enquanto alguns da terceira passam à segunda como \*cadĕre, \*sapĕre. As quatro conjugações são bem distintas em romeno e em italiano, menos o são em francês e provençal. (tradução nossa)

<sup>71</sup> Exemplos adaptados de Coutinho (1974: 273-274)

Na língua catalã, conforme exemplifica Badia i Margarit (1951: 297-298), as conjugações latinas se mantiveram da seguinte maneira: -ARE, em geral, formou -AR, como em PLORARE > *plorar*, SALTARE > *saltar*, sendo a conjugação mais rica; -ĒRE sofre confusões com -ĔRE desde a época latina -, assim, poucos verbos se mantêm em -ĒRE, como é o caso de HABĒRE > *haver*; a conjugação -ĔRE forma regularmente -ER, mas também forma -RE: CRESCĔRE > *créixer* e VIVĔRE > *viure*; já as conjugações em -IRE dão regularmente -IR, como AUDIRE > *oir*.

### 2.2.1 - Expressão de futuro

Além das perdas das conjugações, em âmbito da morfologia verbal, é válido recordar que em português, por exemplo, outras perdas se verificam. Segundo Coutinho (1974: 274), a maioria dos tempos verbais se conservou nesta língua, mantendo o emprego latino genuíno. Outros, porém, desapareceram - como é o caso do futuro simples do indicativo, o futuro do imperativo, o perfeito do infinito, o particípio presente, o particípio futuro ativo, o gerundivo e o supino.

Conforme as considerações de Lausberg (1974: 378), as conjugações se dividiram já em latim vulgar em conjugações improdutivas e produtivas. Estas são consideradas as passíveis de originar novas formações verbais - como é o caso da 1ª conjugação, que se torna campo produtivo para formar neologismos.

Este contexto, moldado por grande instabilidade, foi fértil para a germinação de formas perifrásticas. As construções inovadoras, que eram oriundas da produção oral, galgaram terreno desde antes da consolidação das línguas românicas; demarcaram trilha já no latim vulgar. Daí que as formas eliminadas alcançavam certo equilíbrio, posto que a eliminação, por sua vez, requeria uma compensação. Toda eliminação acarretaria em uma substituição, contrabalanceando com uma nova criação. A abundância do emprego põe a perífrase num grau elevado de produtividade, já que é um elemento pan românico<sup>72</sup>.

Como detalha Piel (1989: 213), as perdas detectadas nas formas latinas, no que concernem a tempo e modo, apoiam-se nas alterações funcionais que sofreram. As perífrases nascem da suposição de uma necessidade de maior clareza e expressividade - elementos que

<sup>72</sup> Segundo Maurer Jr (1962: 07), pan românico se refere a formas que ocorrem tanto no romeno como nas línguas ocidentais, o que indica uma generalização das mesmas no latim vulgar.

ficaram comprometidos devido à presença de arcaísmos que propiciavam equívocos. Estes, paulatinamente, deveriam ser eliminados e substituídos, da mesma maneira como ocorria com as formas cuja confusão se fazia por meio do homomorfismo.

Um exemplo a ser observado, e que conflui com o presente estudo, é a observação do emprego do presente latino para referir-se ao futuro, tempo que, cada vez mais, perdia força. Tal fato provavelmente se deve a causas fonéticas, que poderiam gerar algum tipo de erro. Porém, paralela e concorrentemente ao emprego do presente com valor de futuro, o latim conheceu as formas perifrásticas. Conforme as considerações de Boleo (1934-1935: 33), uma gama de fatores propiciaram o desaparecimento do futuro latino com terminação *-bo*, entre as quais, menciona o “betacismo (concordância de *amabit* e de *amavit*) e a fácil confusão com o imperfeito, dada a tendência geral para a pronúncia descuidada das sílabas finais átonas”.

Segundo Tagliavini (1993: 354), o futuro do indicativo mal deixou rastros como em fr. ant. *er* < *erro*; it. ant. *fia*, *fie* < *fiam*, *fiet*. A perda do futuro verbal latino, já fadado ao desaparecimento, foi responsável pelo uso propagado de alguns verbos com o infinitivo. Dentre essas formas, a mais comum era a composta com o verbo auxilliar *ser*. Outras formas conhecidas, que substituíam *cantabo*, eram: *cantare habeo* (> it. *canterò*, fr. *chanterai*, cast. *cantaré*) - forma para a qual se dedicará um especial espaço- ou composições com *voleo* (=volo) *cantare* (>rom. *voiu cînta*), ou ainda formas como *debeo cantare*, *habeo ad cantare*<sup>73</sup>.

Como comenta Andres-Suárez (1994: 34), uma forma, sem ser a composição analítica mais profícua, tracejava um grande porvir, pois seu emprego se estendeu por toda a área geográfica da România Ocidental. Trata-se da perífrase *habeo* + *infinitivo*, que posteriormente fixou-se como *infinitivo* + *habeo*, resultando, por fim, em uma cristalização nas línguas românicas: por exemplo em port. *cantarei* < *cantar-hei*; cast. e cat. *cantaré*, fr. *chanterai*. A fusão do infinitivo e do verbo auxiliar formou uma unidade inseparável.

Parece que o verbo *habeo*, forma generalizada para a composição do futuro das línguas românicas, trilhou um caminho parecido ao do verbo *ir*, também usado para compor perífrases de futuro: ambos rumaram à auxiliarização. Em português, catalão, castelhano e francês, por exemplo, é possível notar a perda exagerada do sentido do auxiliar que, modernamente, resume-se a morfema desinencial. As formas amalgamadas com *habeo* denotam claramente um sentido de temporalidade, indicando tempo futuro nestas línguas, de modo que não apresentam mais nenhum traço, fonético ou semântico, do antigo auxiliar.

---

<sup>73</sup> Tagliavini (1993: 354)

No entanto, as formas de *habeo* podem deixar-se entrever em algumas circunstâncias particulares da língua portuguesa. É o que acontece quando se aplica a regra de colocação pronominal. O uso do complemento pronominal átono em posição enclítica às formas do antigo auxiliar provoca uma cisão que restabelece, em partes, a individualidade dos componentes. Esclarece Coutinho (1974: 276-277):

A princípio, havia certa liberdade na colocação do infinitivo, que podia vir antes ou depois de *habeo*. No último período do latim vulgar, ou talvez na primeira fase do romance, passou ele regularmente ao primeiro lugar da construção. Entre nós, nunca se obliterou a consciência da composição deste tempo. Tanto é assim que se pode intercalar nele o pronome oblíquo, o mesmo acontecendo ao condicional, e dizer *amá-lo-ei, puni-lo-ei*.

A inversão sintática que se plasmou no futuro românico com *habeo* assinala um processo que chama a atenção por alguns motivos: em primeiro lugar, a forma surgiu de uma necessidade interna da língua que visava evitar confusões linguísticas e lançou mão de uma construção analítica: futuro latino → perífrase com *habeo*. Com o decorrer do tempo, a forma analítica se solidificou e tornou-se sintética (com a inversão sintática já comentada). Seguiu-se, contudo, uma necessidade de desenvolver formas analíticas paralelas para expressar o futuro românico. Dentre elas, a formada por *volo* e a construção verbal *ir + infinitivo*<sup>74</sup>. Essas formações não substituem completamente a forma sintética nas línguas românicas, mas podem ser predominantes em alguns registros linguísticos.

Sobre o caso do futuro catalão, vejam-se os seguintes exemplos e comentários extraídos de Moll (1952: 245), que também servem ao português:

En catalán, como en las demás lenguas románicas, el futuro y el condicional se han formado uniendo al infinitivo de un verbo las formas de presente de indicativo del auxiliar *habere*.

Las formas de éste último sufrieron en el latín vulgar o en el románico primitivo una considerable contracción y quedaron reducidas a meras desinencias. El curso de esta evolución aparece reflejado en los siguientes paradigmas<sup>75</sup>:

LC	Formas Románicas		Cat.
Aisladas	Desinenciales		
Habeo	*ayo	*-ayo	-é

<sup>74</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar, vamos escrever* etc.

<sup>75</sup> Em catalão, como nas demais línguas românicas, o futuro e o condicional se formaram unindo ao infinitivo de um verbo as formas do presente do indicativo do auxiliar *habere*. As formas deste último sofreram no latim vulgar ou no românico primitivo uma considerável contração e ficaram reduzidas a meras desinências. O curso desta evolução aparece refletido nos seguintes paradigmas [...]. (tradução nossa)

Habes	*as	*-as	-às
Habet	*at	*-at	-à
Habemus	*abemus	*-emus	-em
Habetis	*abetis	*-etis	-ets, -eu
Habent	*ant	*-ant	-an

El resultado del nuevo sistema morfológico del futuro catalán es el siguiente:

Románico	Catalán
Cantare-aio	cantar-é
Cantare-as	cantar-às
Cantare-at	cantar-à
Cantare-emus	cantar-em
Cantare-etis	cantar-ets (ant.), cantar-eu
Cantare-ant	cantar-an

No catalão, todavia, parece haver uma tendência ao uso sintético de futuro, tal como mostram os exemplos acima. Tal fato provavelmente se deve à confusão semântica existente entre as suas construções perifrásticas: vale recordar que *ir* + *infinitivo*, em catalão, é uma forma analítica usada para referir-se ao pretérito. Dessa maneira, se a mesma construção, seguindo o paradigma de muitas outras línguas românicas, fosse utilizada para referir-se ao futuro, o catalão viveria em constante embate linguístico, o que prejudicaria a estrutura semântica de toda a língua. Apesar disso, como se explicará mais adiante, a língua catalã apresenta alguns registros com a perífrase *ir* para denotar futuridade. É uma construção polêmica, rechaçada por alguns e validada por outros, que apresenta uma sutil diferença em relação à perífrase de pretérito. Refere-se à forma *ir* + *a* + *infinitivo* (possível decalque do castelhano). Assim, em catalão tem-se:

[...] que al Liceu volen fer "La Walkirya"; i van a urbanitzar i fer la plaça de Catalunya monumental [...] <sup>76</sup> (grifos nossos)

A expressão *van a urbanitzar* tem sentido de futuro próximo em catalão, correspondente ao port. *vão urbanizar*. No entanto, se a composição se fizesse sem a

<sup>76</sup> Exemplo extraído de Maragall, J. *Carta de Joan Maragall a Antoni Roura [fragment]*. Disponível em: <<http://www.xtec.cat/~malons22/personal/modernisme1.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2004.

preposição *a*, como *van urbanitzar*, a oração seria dada como pretérita, já que essa perífrase corresponde a *urbanizaram*, em português.

Como se pode ver, a diferença, principalmente em âmbito fonético, é bastante sutil, principalmente quando a preposição *a* encontra-se com um verbo começado também pela vogal *a*. Suponha-se: *vaig a anar* (port. *vou ir*); *vaig anar* (port. *fui*).

### 2.2.2 - Expressão de passado

A construção perifrástica das línguas românicas com valor aspectual de acabamento espelha-se no uso do *perfectum* latino com noção de pretérito, concebido desta maneira em latim vulgar. As línguas românicas desenvolveram uma perífrase para denotar noção pretérita por meio de uma construção com o verbo auxiliar *habeo* (*habeo* + *particípio*), o que lhe concedeu a ideia de aspecto conclusivo. Este paradigma será consenso entre as línguas românicas para a formação das perífrases que originarão os tempos verbais compostos. O catalão não fugiu a esse paradigma; contudo, ao lado de *habeo* + *particípio*, desenvolve a perífrase *ir* + *infinitivo*, ou *Passat Perifràstic*, também para denotar ação pretérita, fugindo, agora sim, do consenso românico.

Conforme o exposto no item anterior, *habeo* passou por um longo processo de gramaticalização devido à sua função de auxiliar. Com isso, conseguiu-se certo grau de esvaziamento do verbo nas formações compostas. Mas *habeo* não se restringiu à composição e expressão do futuro. É também um dos principais auxiliares dos chamados “tempos compostos”, bastante fecundos, inclusive, para a formação de tempos pretéritos. Esse fenômeno é encontrado tanto nas línguas iberorromânicas quanto nas línguas galorromânicas, além de outras línguas de origem latina.

Os tempos compostos formados com *habere*, e depois com *tenere*, podem ser observados ainda no latim clássico com a mesma composição que hoje se conhece: *habere* acompanhado de um *particípio* passado de outro verbo. Conforme exemplifica Coutinho (1974: 277), essas perífrases já ocorriam em Plauto: *illa omnia missa habeo*; em Catão, o Antigo: *quid Athenis exquisitum habeam*; em Cícero: *satis habeo deliberatum*; em Salústio: *compertum ego habeo*. Essas mesmas construções tiveram grande difusão no latim vulgar e serviram para preencher as lacunas consequentes dos desaparecimentos de alguns tempos verbais.

Apesar de ter um uso bastante estendido entre as línguas românicas - especificamente nas línguas consideradas no presente estudo - algumas observações devem ser feitas. Em primeiro lugar, em relação à língua portuguesa, sobretudo no tocante à variante brasileira, é sabido que os tempos compostos por *habeo*, que designam pretérito ou mesmo futuro, já apresentam preferência pelo uso do verbo *ter*. Essa problemática não será aprofundada neste estudo, porém fica registrada uma nova concorrência para *habeo*, que já competia com as perífrases.

A respeito da conjugação composta na língua portuguesa, observe-se o seguinte esquema<sup>77</sup>:

## 2 – Conjugação composta

### MODO INDICATIVO

#### Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	}	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)		
Tem	(ou há)		
Temos	(ou havemos)		
Tendes	(ou haveis)		
Têm	(ou hão)		

#### Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	}	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)		
Tinha	(ou havia)		
Tínhamos	(ou havíamos)		
Tínheis	(ou havíeis)		
Tinham	(ou haviam)		

<sup>77</sup> Bechara (2001: 256-257).

<b>Futuro do presente composto</b>		
Terei	(ou haveréi)	} sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	
<b>Futuro do Pretérito composto</b>		
Teria	(ou haveria)	} sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	
<b>MODO SUBJUNTIVO</b>		
<b>Pretérito perfeito</b>		
Tenha	(ou haja)	} sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	
<b>Pretérito mais-que-perfeito</b>		
Tivesse	(ou houvesse)	} sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesse)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssomos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	
<b>Futuro composto</b>		
Tiver	(ou houver)	} sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

Nas línguas românicas, como o português, a perífrase composta de *habeo* + *particípio* vai desenvolvendo o seu emprego com valor temporal, à medida que a forma simples do perfeito vai perdendo essa função. Vê-se, para o português, o desuso em que se encontra, em certos registros, a forma *fizera* (mais-que-perfeito), em benefício de *havia feito* e, mais ainda, *tinha feito*. Também a expressão do mais-que-perfeito catalão se faz com *habeo* + *particípio*, como *havia fet*. Este tempo verbal, desde o latim vulgar, segundo afirma Moll (1952: 237), passou a um sentido de condicional ou mais-que-perfeito do subjuntivo<sup>78</sup>. A este respeito, considera Lapesa (1981:88):

En español, portugués y catalán (sobre todo en cat. ant. y valenciano) se conserva el pluscuamperfecto latino *amaveram*, *potueram*, total o parcialmente convertido en

<sup>78</sup> Também contribui para o estudo do mais-que-perfeito em catalão o trabalho de Pérez-Saldanya (1999), no qual chega a comparar a evolução funcional e a gramaticalização deste tempo verbal à perífrase deste estudo, ou seja, o *Passat Perifràstic*.



Subjuntivo (esp. *amara, pudiera*; port. *amara, podera [sic], dormira*; cat. *amara, poguera, dormira*); fuera de la Península sólo existe en Provençal y en dialectos del Sur de Italia; el francés lo olvidó muy pronto.<sup>79</sup>

No catalão, a problemática dos tempos compostos é ainda mais evidente. Como em português, *habeo* formou com o particípio tempos compostos tanto para expressão de futuro quanto para expressar pretérito. Todavia, um tempo verbal composto se destaca dos demais por não ser formado por *habeo* e sim pela locução *anar+ infinitiu*, a qual, neste estudo, está sendo denominada perífrase. Esta construção analítica equivalente à portuguesa *ir + infinitivo*, está prevista, hoje, no sistema da flexão verbal do catalão, como legítima para a expressão de pretérito. Em outras palavras, a mesma perífrase presente nas línguas românicas mais próximas do catalão, galorromânicas e iberorromânicas, aparece nesta língua como previsível no quadro das conjugações. A perífrase catalã, hoje concebida como tempo composto, *Passat Perifràstic*, não forma uma exceção ou mera manifestação dialetal, mas sim é prevista pela gramática normativa. Sobre seu emprego, observe-se:

El perfecto perifrástico, que tiene su difusión en catalán antiguo, se usa normalmente en la lengua moderna: con la excepción del valenciano, y también, aunque menos, del balear (que mantienen el perfecto simple, coexistiendo con el perifrástico) todo el resto del dominio lingüístico catalán sustituye el tiempo simple por el perifrástico en el habla corriente, hasta el extremo de que *portí* por *vaig portar*, o *portares* por *vas portar*, usados hablando, parecerían afectados.<sup>80</sup>

Sobre a perífrase de passado catalão, Badia i Margarit (1962: 385) a considera, dentro do conjunto de perífrases, como uma construção com função gramatical comum. Existem, para o autor, dois tipos de perífrases: a com função gramatical comum e a com valor semântico próprio. Observe-se:

A) Con función gramatical común

B) Con valor semántico propio

Con función gramatical común [...].

<sup>79</sup> Em espanhol, português e catalão (sobretudo em cat. ant. e valenciano) se conserva o plusquamperfeito latino *amaveram, potueram*, total ou parcialmente convertido em Subjuntivo (esp. *amara, pudiera*; port. *amara, poderá [sic], dormira [sic]*; cat. *amara, poguera, dormira*); fora da Península só existe em Provençal e em dialetos do sul da Itália; o francês o esqueceu muito logo. (tradução nossa)

<sup>80</sup> Badia i Margarit (1962: 276): “O perfeito perifrástico, que tem sua difusão em catalão antigo, usa-se normalmente na língua moderna: com exceção do valenciano, e também, ainda que menos, do balear (que mantêm o perfeito simples, coexistindo com o perifrástico) todo o resto do domínio lingüístico catalão substitui o tempo simples pelo perifrástico na fala corrente, até o extremo de que *portí* por *vaig portar*, o *portares* por *vas portar*, usados na fala, pareceriam afetados.” (tradução nossa)

El Perfecto Perifrástico (*vaig cantar*) equivale, sin ninguna matización significativa diferencial, al perfecto simple (*cantí*), y que se propaga, por substitución o por analogía, a otros tiempos<sup>81</sup>.

O *Passat Perifràstic* catalão pode ser admitido como uma evidência de que as formações perifrásticas puderam vir a preencher as “casas vazias” que surgiram com o desaparecimento de alguns tempos verbais na remodelação que ocorreu no latim vulgar, adquirindo uma função gramatical comum. O *Passat Perifràstic* equivale “sin ninguna matización significativa diferencial”, de acordo com Badia i Margarit (1962: 385) ao *Passat Simple*, ou seja, à forma simples de pretérito.

Enquanto o português conservou a forma simples para expressar o pretérito perfeito, o catalão substituiu o pretérito sintético pela “original”, em palavras de Coromines (1977: 23), combinação de *anar* com infinitivo - construção sem precedentes em línguas românicas. Esta forma surgiu aproximadamente no século XV e ganhou tal vitalidade que hoje restringe o campo de atuação da forma simples, pelo menos em nível informal.

Em uma gama de línguas de origem latina, como a língua portuguesa, pode-se encontrar a produção de perífrases compostas com o verbo auxiliar *ir* (*anar*, em cat.), em referência a uma ideia futura ou pretérita. Sobre a formação de futuro, em português, seria cabível a construção *vou fazer* - perífrase cujo auxiliar se encontra no Presente do Indicativo. Em catalão, não obstante, a mesma ocorrência, ou seja, a construção com o Presente do Indicativo, tem uma importância bastante singular e uso abundante para referir-se ao passado. Essa extensão no uso lhe concedeu, há tempos, o *status* de tempo verbal composto, conhecido como *Passat Perifràstic*, assegurando-lhe lugar no quadro das conjugações. Dentre os tempos compostos que apresenta o sistema linguístico catalão, este destoa dos demais, já que é o único que não utiliza a perífrase *habeo + infinitivo*.

A construção *ir + infinitivo*, além de formadora de futuridade, como se tem visto até agora, pode formar tempo passado se o verbo auxiliar for flexionado no *Pretérito Imperfeito* ou *Perfeito*, por exemplo. Assim, em português seriam possíveis as construções: *eu ia fazer* ou *eu fui fazer*. Da mesma forma, o catalão expressa, por meio da mesma perífrase e flexões correspondentes ao português, a ideia: *jo anava a fer* para a primeira perífrase. Já para a

---

<sup>81</sup> A) Com função gramatical comum  
B) Com valor semântico próprio

a) Com função gramatical comum [...]  
O Perfeito Perifrástico (*vaig cantar*) equivale, sem nenhuma matização significativa diferencial, ao perfeito simples (*cantí*), e que se propaga, por substituição ou por analogia, a outros tempos. (tradução nossa)

segunda, há mais de uma possibilidade: *jo aní a fer, jo vaig anar a fer*. Dessa forma, não é nenhuma novidade, com efeito, que a perífrase *ir* + *infinitivo* seja também expressiva de pretérito. O que realmente faz o grande contraste entre o catalão e o português - e, acredita-se, para as demais línguas galorromânicas e iberorromânicas- é a construção *ir* + *infinitivo* com valores semânticos opostos, que se dá quando o verbo *ir* está conjugado no Presente do Indicativo.

O esvaziamento semântico do verbo auxiliar para formar o pretérito perifrástico catalão, que utiliza o verbo *ir* no presente do indicativo, chegou ao ponto de desenvolver formas analógicas para a primeira e segunda pessoas do plural. Recorde-se que em catalão o verbo *anar* (*ir*), no presente do indicativo, faz-se: *vaig, vas, va, anem, aneu, van*. No entanto, a primeira e a segunda pessoa do plural sofrem modificação na formação do perifrástico: *anem* → *vam* e *aneu* → *vau*. Estas e as demais pessoas também podem ter uma variação do auxiliar dependendo da região, como: *vaig, vas* o *vares, va, vam* o *vàrem, vau* o *vàreu, van* o *varen*. Comparem-se os usos de *anar* no presente do indicativo e no presente para a formação do perifrástico:

<i>Present</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
1 <i>vaig</i>	1 <i>vaig cantar</i>
2 <i>vas</i>	2 <i>vas (vares) cantar</i>
3 <i>va</i>	3 <i>va cantar</i>
4 <i>anem</i>	4 <i>vam (vàrem) cantar</i>
5 <i>aneu</i>	5 <i>vau (vàreu) cantar</i>
6 <i>vam</i>	6 <i>van (varen) cantar</i>

Embora as variantes tenham uso difundido em diversas regiões, são consideradas, segundo Badia i Margarit (1962: 276), menos cultas, visto que o *-r* que as caracteriza é de natureza analógica – analogia que pode inclusive atingir a primeira pessoa (*vàreig* por *vaig*).

Ainda sobre o perifrástico, o referido autor (1962: 277) faz uma breve e importante consideração sobre seu emprego ao longo dos tempos:

En la lengua escrita, tradicionalmente, se daba la prioridad al perfecto simple, de modo que hacia 1900, en un texto escrito, si tenía pretensiones estéticas, no se podía utilizar el tiempo perifrástico; posteriormente éste ha ido ganando terreno en esta dimensión, y hoy el catalán literario emplea indistintamente uno u otro de ambos tiempos, de modo que la opción se ha convertido en un recurso estilístico. Persiste, no obstante, la antigua apreciación de superioridad del perfecto simple, especialmente en determinados autores. Ni hay que decir que la significación de los dos perfectos es siempre idéntica.<sup>82</sup>

<sup>82</sup> Na língua escrita, tradicionalmente, dava-se prioridade ao perfeito simples, de modo que por volta de 1900, num texto escrito, se tivesse pretensões estéticas, não se poderia utilizar o tempo perifrástico; posteriormente este foi ganhando terreno nesta dimensão, e hoje o catalão literário emprega indistintamente um ou outro de ambos os tempos, de modo que a opção se converteu num recurso estilístico. Persiste, no entanto, a antiga apreciação de

Pesando o que foi exposto neste item, pode-se constatar a disparidade existente entre as línguas em estudo: enquanto o português apresenta apenas uma forma para a expressão do *Pretérito Perfeito*, o catalão apresenta duas (*Passat Simple* e *Passat Perifràstic*), que são formas concorrentes e não apresentam diferença semântica de expressão. Na verdade, talvez se deva considerar que o catalão apresente três formas concorrentes, já que também, semelhante ao castelhano, possui um pretérito composto com *habeo*, cujo uso é determinado pelas expressões temporais.

Dessa forma, o *Passat Perifràstic* e o *Passat Simple* são formas que concorrem, em âmbito restrito, com o *Perfet* do catalão (equivalente ao *Pretérito Perfecto Compuesto* do castelhano). A título de exemplo, observe-se:

Però veient com m'escoltava tot complagut, vaig afegir<sup>83</sup> amb vehemencia [...].  
Recordo com si fos ara, que ell m'adreça<sup>84</sup> una mirada trista i em digué<sup>85</sup> [...]. Soc  
jueu, d'origen italià. Vaig perdre<sup>86</sup> durant la persecució nazi [...]. Afegí,<sup>87</sup> amb una  
emoció continguda [...] <sup>88</sup>.

Os dois verbos destacados estão conjugados, respectivamente, no *Passat Perifràstic* e no *Passat Simple* e podem ser traduzidos ao português por um só tempo verbal (Pretérito Indefinido): port. *acrescentei*. Se o mesmo verbo estivesse cojugado no *Perfet* catalão - como *he afegit* - da mesma forma, a versão ao português continuaria sendo *acrescentei*.

---

superioridade do perfeito simples, especialmente em determinados autores. Nem é necessário dizer que a significação dos dois perfeitos é sempre idêntica.

<sup>83</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>84</sup> *Passat Simple*, terceira pessoa do singular.

<sup>85</sup> *Passat Simple*, terceira pessoa do singular.

<sup>86</sup> *Passat Perifràstic*, primeira pessoa do singular.

<sup>87</sup> *Passat Simple*, primeira pessoa do singular.

<sup>88</sup> Just, C. M. (1976: 03)

## 2.3 - AS PERÍFRASES OU CONSTRUÇÕES ANALÍTICAS

É comum encontrar, não somente nas línguas de origem latina, mas nas indo-europeias em geral, formas verbais que admitem um uso paralelo às formas previstas nos quadros flexionais de verbos. De acordo com Câmara Jr (1954: 163), essas composições morfológicas de duas formas verbais expressam “categorias ou nuances categóricas” que não teriam o mesmo valor se usados os tempos flexionais. O emprego da perífrase possibilita ao falante uma expressão mais clara de sua ideia. E esta expressividade conseguida pela perífrase parece ser fator determinante para o desaparecimento do futuro latino<sup>89</sup>.

Conforme afirma Alvarez & Xove (2002: 341), em línguas como o português, espanhol há perífrases denominadas “tempos compostos”, as quais estão separadas das demais perífrases e integradas na conjugação morfológica básica do verbo, juntamente com os tempos simples. Para o presente estudo, faz-se necessário enfatizar a diferença no tratamento dado a *ir + infinitivo* em português e em catalão. Enquanto nesta língua a construção analítica é um tempo verbal composto, naquela é uma perífrase à parte do sistema flexional. Isso ilustra o próprio processo morfológico de construções verbais, de modo que se deve conceber que todo tempo verbal composto é uma perífrase, no entanto, nem toda perífrase é um tempo verbal composto.

Dessa forma, a nomenclatura perífrase, *latto sensu*, é aplicável a ambas as línguas. Em português, a forma perifrástica é análoga ao *Futuro Simples*. Em catalão, a perífrase em estudo, ou seja, o *Passat Perifràstic*, é concorrente e equivalente ao tempo simples de pretérito, o *Passat Simple*.

Como atesta Câmara Jr (1979: 163), perífrase é um processo de combinação da forma nominal de um verbo com qualquer forma flexional de outro para “auxiliar” no padrão perifrástico dado.

O encontro desses dois elementos verbais ou de mais elementos (como preposição, por exemplo) forma uma unidade, embora cada qual desempenhe uma função distintiva na totalidade do conjunto. A primeira forma é denominada *auxiliar*, enquanto a segunda é

---

<sup>89</sup> É como o enfatiza Boleo (1934-1935: 33): Esta causa de ordem fonética, que alguns filólogos põem inteiramente de lado, desempenhou, sem dúvida, um papel importante, mas não foi a principal. Esta deve ir buscar-se à necessidade de criar formas mais expressivas, mais enérgicas; daí a perífrase “cantare habeo”, que é, na origem, um presente-futuro ou futuro próximo, com a significação de “tenho de cantar”, “devo cantar”. Em sardo ainda hoje se forma o futuro com “dever”: *depo kantare*. As línguas românicas continuam o processo, recorrendo a auxiliares como *ir*, *dever*, visto a forma simples se tornar demasiado abstrata. Em português podem-se apresentar exemplos, embora não frequentes, em que *dever + infinitivo* já quase equivale a um futuro: “Dá-me o último beijo que eu devo receber na terra”.

chamada de *forma auxiliada*. Há uma constante manutenção que suscita uma relação de dependência entre elas: são unidades correlacionadas. Tais relações, que constituem a forma verbal como um todo, irão incidir tanto no nível sintático quanto semântico.

A significação lexical do conjunto está na forma nominal, assim como a da forma simples flexional está no radical. No caso em estudo - o da perífrase *ir+ infinitivo* - a significação lexical se concentra no infinitivo, ao passo que a forma está na flexão do verbo *ir*. O radical, que pertence ao verbo auxiliar (*ir*), tem o seu sentido próprio bastante esvaziado, denotando um longo processo de gramaticalização, como se verá mais adiante. Os morfemas flexionais que a ele também se incorporam têm função idêntica às verificadas nos verbos previstos no quadro de conjugações: seu significado se destina a marcar propriedades verbais de pessoa, número, tempo, modo, aspecto, voz.

Também no que concerne ao verbo auxiliar, como acima citado, há de se referir à sua gramaticalização lexical. A função de auxiliaridade é produto de um processo de gramaticalização de qualquer palavra. Esse processo se caracteriza pelo esvaziamento semântico da palavra em diversos graus.

Note-se seguinte exemplo:

***Vamos atravessar o rio a nado***<sup>90</sup>

O auxiliar *ir* restringe sua função em marcar tempo, modo, número e pessoa. A carga semântica, no entanto, fica toda atrelada à forma nominal. Assegura Travaglia (2006: 257) que “o infinitivo em si também não marca qualquer aspecto”.

As formas nominais que restaram em português – particípio, gerúndio, infinitivo - não carregam em si mesmas indicações precisas. Ou seja, estão numa relação de forte dependência com a forma verbal flexionada (auxiliar), na qual se encontram todas as indicações de pessoa, tempo e modo da ação que se quer expressar. Contudo, as formas nominais carregam o valor semântico do verbo quando usadas em construções analíticas. Além disso, existem algumas associações feitas, em geral, às formas nominais. Ao particípio se associa certa noção temporal de passado; ao gerúndio, de presente; ao infinitivo, de futuro. Parece ser inerente ao infinitivo, em que toda a carga da ação verbal se preserva, a presença de um sentido de ação potencial. Observem-se nos seguintes exemplos as ideias expostas<sup>91</sup>:

*Vamos atravessar o rio a nado.*

*Quando cheguei, Maria havia picado a carne.*

<sup>90</sup> Travaglia (2006: 161)

<sup>91</sup> Ibid., pp. 161, 166, 167.

*José está caminhando desde as cinco horas.*

Todos os elementos participativos da construção analítica são fundamentais, constituindo um todo inseparável, para que se atualizem os valores subjetivos esperados que não poderiam ser expressos, com a mesma ênfase, pelos tempos previstos na flexão verbal das línguas latinas. Tanto o auxiliar, em qualquer grau de esvaziamento, quanto o auxiliado, com sua carga semântica, ainda mantêm distintivamente suas funções essenciais, caso contrário, o próprio sistema já se teria encarregado de sua eliminação.

### 2.3.1 - A perífrase *ir + infinitivo*

Conforme ficou dito, a forma nominal, prevista para o estudo de morfologia histórica verbal desta análise é o infinitivo utilizado para a formação perifrástica citada. Na seção anterior, advertiu-se que as formas nominais do verbo, cujo envolvimento com os verbos flexionais sempre se dá por uma relação de dependência de termos subordinantes, apresentam um caráter intrínseco. O caráter do infinitivo exprime grande potencial, fato que o leva a ser associado à noção temporal de futuro.

As perífrases *ir + infinitivo* e a catalã *anar + infinitiu*, apresentam uma correspondência formal exata. Não obstante, apenas à língua portuguesa podem-se postular as afirmações do parágrafo anterior, posto que somente em português é verificada uma noção temporal para essa construção analítica. Em catalão, ao contrário, prevalece a noção aspectual perfectiva.

Para o catalão, as asseverações estariam longe de ter as mesmas correspondências que na língua portuguesa. A perífrase *anar + infinitiu*, já utilizada como tempo verbal composto e prevista no quadro flexional, é usada para fazer referência a uma ação passada, completamente concluída e encerrada no próprio pretérito. Assim sendo, para o catalão não é possível assegurar que a forma nominal de infinitivo indique, em alguma circunstância em que a perífrase é empregada, potencialidade ou futuridade. O que se pode garantir, até o presente momento – e antes da análise do *corpus* - é que exprime noção temporal de passado, com aspecto conclusivo.

## 2.4 - CONCORRÊNCIA DE FORMAS ANALÍTICAS E FORMAS SINTÉTICAS

Tomando-se o iberorromance, poder-se-ia apontar que a ocorrência entre forma simples e perifrástica, prescrita pelo uso de formas verbais, não é exclusiva do catalão. Recorde-se o vivaz emprego, em língua castelhana, do *Pretérito Perfecto Compuesto* e do *Pretérito Indefinido*: cada qual possui um território delimitado de uso, não sendo possível, portanto, afirmar que as formas são concorrentes.

Postula a norma, segundo Torrego (2002: 150) que o *Pretérito Perfecto Compuesto* designa ações passadas que apresentam relação com a zona temporal na qual se encontra o falante. Apresenta ainda o autor (2002: 150) os seguintes exemplos:

Este año lo hemos pasado mal (la acción de pasarlo mal está en una zona de tiempo en la que aún se sitúa el hablante: este año).<sup>92</sup>

No entanto, se a relação com o momento se der de maneira puramente psicológica, pode-se ter (Torrego, 2002: 150):

Hace tres años que ha muerto mi padre (la muerte del padre perdura de alguna forma en la afectividad del hablante).<sup>93</sup>

O *Pretérito Indefinido*, por sua vez, denota uma ideia acabada, que já não mantém relação com o momento presente. Assim, segundo Torrego (2002: 150), este tempo verbal expressa ações que se circunscrevem a uma zona temporal anterior àquela em que se encontra o falante, dando-as como já terminadas. A noção aspectual de acabamento é o que diferencia este tempo do Pretérito Imperfeito. Dessa forma, vejamos os seguintes exemplos de Torrego (2002: 150):

Juan estuvo ayer en Ávila<sup>94</sup> - ação terminada.

Ayer me levanté a las ocho, desayuné, salí a la calle y cogí un taxi [...].<sup>95</sup> - esta é a forma verbal mais apropriada para narrações.

O português europeu não apresenta concorrência para a enunciação do Pretérito Perfeito do Indicativo. Todavia, pode-se observar que existe uma concorrência entre formas perifrásticas e sintéticas referentes ao Pretérito Mais-que-Perfeito. Segundo Maurer Jr. (1959: 126), o Mais-que-perfeito caminha ao desaparecimento já em latim vulgar; todavia, sobrevive em português e conserva o seu sentido latino. A decadência que se verifica em seu emprego

<sup>92</sup> Este ano passamos mal (a ação de passar mal está em uma zona de tempo em que ainda se situa o falante: este ano). (tradução nossa)

<sup>93</sup> Faz três anos que meu pai morreu (a morte do pai perdura de alguma forma na afetividade do falante). (tradução nossa)

<sup>94</sup> Juan esteve em Ávila. (tradução nossa)

<sup>95</sup> Ontem me levantei às oito, tomei café da manhã, saí à rua e tomei um táxi [...]. (tradução nossa)



deve-se à concorrência de outras formas. No próprio português é possível observar o par *cantara/havia cantado; tivera/ havia tido*<sup>96</sup>. No entanto, a forma sintética cede, ao longo dos tempos, seu lugar à construção analítica. Assim, segundo Teyssier (2004: 90) “o mais-que-perfeito simples (*cantara/ tivera*) confina-se na língua escrita, e somente com o seu sentido temporal.”

Devido ao interesse comparativo com o português brasileiro, agora as observações feitas podem ser estendidas para a România Nova. As considerações feitas ao tratar-se da comparação com o português europeu são válidas também para o português brasileiro. Deve-se enfatizar que também o português do Brasil é característico por ter colocado à margem o uso do *Pretérito Mais-que-Perfeito*, que subexiste em certos registros, em benefício da forma perifrástica. Outra consideração relevante com relação a esta forma verbal é que o português brasileiro também desenvolveu um processo de gramaticalização do verbo *haver*, tendo-o substituído pelo verbo *ter* para formação de perífrases.

Já o galego destoa da tendência vulgar de preferência pelas formas analíticas:

El gallego acusa una marcada preferencia por los tiempos simples, de suerte que por lo general expresa con ellos, sin distinción de matices, las dos ideas que el castellano expresa con sus tiempos compuestos, siempre que ello no engendre confusión. Sólo para evitar ésta, se sirve de los tiempos compuestos, los cuales se forman con el auxiliar *ter* ‘tener’equivalen al ‘haber’ castellano. Pero como hay formas simples gallegas que equivalen plenamente a las compuestas castellanas, en tales casos no es normal usar las compuestas gallegas, que se pueden considerar inexistentes [...]  
Los tiempos compuestos, pues, no están en relación con los tiempos simples del mismo modo que en español, sino que más bien, al menos en la mayoría de los casos, constituyen otra forma de conjugación perifrástica, que sirve a un aspecto verbal con el que se matiza el carácter perfectivo de la acción<sup>97</sup>. (grifos nossos)

Em conformidade, o português e o castelhano contrastam as produtivas perífrases indicativas de futuro com o *Passat Perifràstic* catalão. Veja-se o exemplo a seguir: o português expressa ideia de futuro com a construção analítica como em *A excursão vai sair às oito horas*<sup>98</sup>. O emprego da perífrase confere maior credibilidade ou, também, imediatismo.

<sup>96</sup> Adaptado de Teyssier (2004: 90)

<sup>97</sup> Carballo Calero (1966: 136). O galego acusa marcada preferência pelos tempos simples, de sorte que geralmente expressa com eles, sem distinção de matizes, as duas ideias que o castelhano expressa com seus tempos compostos, sempre que isso não engendre confusão. Somente para evitar esta, serve-se dos tempos compostos, os quais se formam com o auxiliar de ter e equivalem ao “haber” castelhano. Mas como há formas simples galegas que equivalem plenamente às compostas castelhanas, em tais casos não é normal usar as compostas galegas, que podem considerar-se inexistentes [...]

Os tempos compostos, pois, não estão em relação com os tempos simples do mesmo modo que em español, mas sim, ao menos na maioria dos casos, constiuem outra forma de conjugação perifrástica, que serve a um aspecto verbal com o qual se matiza o caráter perfectivo da ação. (tradução nossa)

<sup>98</sup> Travaglia (2006: 176)

Deve-se recordar que o português brasileiro, no registro oral, tem preferência pela forma perifrástica de futuro, permanecendo a forma sintética – *sairá* - com um uso restrito.

O castelhano apresenta-se de maneira análoga ao português, visto que faz uso de *ir*+ *a* + *infinitivo*<sup>99</sup> para dar uma ideia de futuridade iminente. Assim: *Juan va a hablar*<sup>100</sup> diferencia-se de *Juan hablará*.

A representação de futuro em catalão, contudo, pode-se fazer de duas maneiras. A mais usual é o emprego do *Futur Simple* - como em *cantaré*<sup>101</sup>. Outra forma, cuja frequência de emprego é menor devido à confusão com a perífrase de pretérito catalã, é a utilização da perífrase *anar* + *a* + *infinitiu*. Esta forma denota um forte imediatismo, isto é, um caráter iminente, diferenciando-se da forma sintética do futuro, que não especifica o momento do início da ação. Veja-se:

Amb el verb *anar* seguit de la preposició *a* i un infinitiu, es forma una perífrasi que indica la imminència d'una acció. Aquesta perífrasi, però, és preferentment usada en el pretèrit imperfet d'indicatiu [...]. En canvi, si cal indicar la imminència present d'una acció, és preferible de recórrer al futur, reforçat amb determinades expressions adverbials o bé a la locució estar a punt de [...]. Cal tenir molt en compte que una oració com 'Li va a donar un cop' amb què, per mitjà d'aquesta perífrasi, voldríem expressar una acció futura, es pot confondre amb 'Li va donar un cop', que indica una acció passada.<sup>102</sup>

O catalão apresenta também perífrase para expressar futuro de obrigação, o que remete ao antigo uso latino *habeo* + *infinitivo*: *Ens heu de dir la veritat*.<sup>103</sup> (grifos nossos)

## 2.5 - TEMPOS COMPOSTOS E PERÍFRASES

Na configuração das flexões verbais do catalão, nota-se que somente o tempo denominado *Passat Perifràstic* é composto por um verbo distinto de *haver*. Além disso, esse tempo, que designa pretérito, não utiliza o particípio, sendo construído por *anar* - *ir* em *port.* -

<sup>99</sup> Em português, não se usa a perífrase com a preposição *a*.

<sup>100</sup> Torrego (2002: 194)

<sup>101</sup> Moll (1952: 245)

<sup>102</sup> Jané (1968: 166): Com o verbo *ir* seguido da preposição *a* e de um infinitivo, forma-se uma perífrase que indica a iminência de uma ação. Esta perífrase, no entanto, é preferivelmente usada no pretérito imperfeito do indicativo [...]. Ao contrário, se é necessário indicar a iminência presente de uma ação, é preferível recorrer ao futuro, reforçado com determinadas expressões adverbiais ou bem à locução estar a ponto de [...]. É necessário levar em consideração que uma oração como 'Vai dar-lhe um golpe' com que, por meio desta perífrase, quereríamos expressar uma ação futura, pode-se confundir com 'Deu-lhe um golpe', que indica uma ação passada. (tradução nossa)

<sup>103</sup> Ibid., p. 162. Vocês têm de nos dizer a verdade. (tradução nossa)

conjugado no presente<sup>104</sup> do indicativo e acrescido pela forma nominal de infinitivo. A gramática<sup>105</sup> do *Institut d'Estudis Catalans* (IEC), faz uma importante ressalva sobre tempos compostos. Veja-se:

Hi ha un conjunt de formes verbals que es construeixen per mitjà de perífrasis formades per un verb auxiliar i per una forma no personal pròpia del verb que es conjuga. Usem l'adjectiu *perfet* per a referir-nos a les formes construïdes amb l'auxiliar *haver* (que tradicionalment es denominen formes compostes) i l'adjectiu *perifràstic*, per a referir-nos a les construïdes amb l'auxiliar *anar*.<sup>106</sup>

Com efeito, segundo a normatização proposta por Pompeu Fabra (IEC), podem-se separar as construções analíticas do catalão da seguinte maneira:

*Formes compostes del verb cantar*<sup>107</sup>

<i>Perfet</i>	<i>Futur perfet</i>	<i>Condicional perfet</i>	<i>Plusquamperfet d'indicatiu</i>
1 he cantat	hauré cantat	hauria cantat	havia cantat
2 has cantat	hauràs cantat	hauries cantat	havies cantat
3 ha cantat	haurà cantat	hauria cantat	havia cantat
4 hem cantat	haurem cantat	hauríem cantat	haviem cantat
5 heu cantat	haureu cantat	hauríeu cantat	havíeu cantat
6 han cantat	hauran cantat	haurien cantat	havien cantat
<i>Passat anterior</i>	<i>Perfet de subjuntiu</i>	<i>Plusq. de subjuntiu</i>	<i>Infinitiu perfet</i>
1 haguí cantat	hagi cantat	hagués cantat	haver cantat
2 hagueres cantat	hagis cantat	haguessis cantat	
3 hagué cantat	hagi cantat	hagués cantat	
4 haguérem cantat	hàgim cantat	haguéssim cantat	
5 haguéreu cantat	hàgiu cantat	haguéssiu cantat	<i>Gerundi perfet</i>
6 hagueren cantat	hagin cantat	haguessin cantat	havent cantat

<sup>104</sup> Não segue exatamente a conjugação do presente do indicativo, há disparidade na 1ª e 2ª pessoas do plural. Observe-se: Presente do Indicativo: *vaig, vas va, anem, aneu, vam*; e para a conjugação perifrástica: *vaig, vas, va, vam, vau, van*, no quadro de conjugações ilustrado mais adiante.

<sup>105</sup> Disponível em: <http://www2.iec.cat/institucio/seccions/Filologica/gramatica/default.asp>

<sup>106</sup> Há um conjunto de formas verbais que se constroem por meio de perífrases formadas por um verbo auxiliar e por uma forma não pessoal própria do verbo que se conjuga. Usamos o adjetivo *perfeito* para referir-nos às formas construïdas com o auxiliar *haver* (que tradicionalmente se denominam *formas compostas*) e o adjetivo *perifrástico*, para referir-nos às construïdas com o auxiliar *ir*. (tradução nossa)

<sup>107</sup> Disponível em: <http://www2.iec.cat/institucio/seccions/Filologica/gramatica/default.asp>

As formas ditas perifrásticas compreenderiam, em catalão, os seguintes tempos<sup>108</sup>:

*Formes perifràstiques simples del verb cantar*

*Passat perifràstic*

1 vaig cantar

2 vas cantar

3 va cantar

4 vam cantar

5 vau cantar

6 van cantar

*Formes perifràstiques compostes del verb cantar*

*Passat anterior perifràstic*

*Passat perifràstic de subjuntiu*

*Passat anterior perifràstic de subjuntiu*

*d'indicatiu*

1 vaig haver cantat

vagi cantar

vagi haver cantat

2 vas haver cantat

vagis cantar

vagis haver cantat

3 va haver cantat

vagi cantar

vagi haver cantat

4 vam haver cantat

vàgim cantar

vàgim haver cantat

5 vau haver cantat

vàgiu cantar

vàgiu haver cantat

6 van haver cantat

vagin cantar

vagin haver cantat

Percebe-se, então, que a normativa postulada pelo IEC atribui características diferenciadas de acordo com a formação dos tempos verbais compostos. *Haver + participi*, forma que corresponde ao tempo verbal *Perfet*, é caracterizada pelo adjetivo *perfeito*. Já a forma verbal *ir + infinitivo*, que em catalão é formadora de pretérito e que se está denominando perífrase neste estudo, também é considerada pela normativa como tempo verbal, mas lhe é atribuído o adjetivo *perifrástico*.

<sup>108</sup> Disponível em: <http://www2.iec.cat/institutio/seccions/Filologica/gramatica/default.asp>

A normativa valenciana (AVL) tampouco hesita em classificar a composição catal  *ir* + *infinitivo* como tempo verbal: *Passat Perifràstic*. Segundo essa normativa<sup>109</sup>,   um tempo absoluto; veja-se:

**Quadro 4 – Tempos verbais absolutos - AVL**

<i>Temps</i>	<i>Valor</i>	<i>Exemples</i>
<i>Present</i>	simultaneitat	No crides tant, que el pare dorm. <sup>110</sup>
<i>Passat Simple o Perifràstic</i>	anterioritat	Ahir anàrem al teatre. <sup>111</sup> Ahir vam anar al teatre. <sup>112</sup>
<i>Futur</i>	posterioritat	Dem� enviar� la carta. <sup>113</sup>

Mais ainda, a AVL descreve, com alguns detalhes, as características de uma perífrase. Veja-se<sup>114</sup>:

Una perífrasi és una construcció sint ctica formada per dos verbs, enllaçats per mit a d'una preposició en certs casos, que funciona com un únic predicat verbal però amb un determinat valor modal o aspectual. El primer verb de la perífrasi rep el nom de *verb auxiliar*, i el segon, el de *verb principal*. El verb auxiliar aporta el significat aspectual o modal de la perífrasi, a més de la informació relacionada amb les categories de persona, nombre, temps, aspecte i mode. El verb principal té una forma no personal, i aporta el significat lèxic del predicat, excepció feta del mat s modal o aspectual.

Tenint en compte la forma del verb principal, les perífrasis es classifiquen en perífrasis d'infinitiu, de gerundi i de participi; segons el significat de la perífrasi, en modals i aspectuals. Notem, a més, que totes les perífrasis modals són perífrasis d'infinitiu, mentres que les aspectuals poden ser d'infinitiu, gerundi o participi.<sup>115</sup>

<sup>109</sup> Disponível em: <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>. p. 235

<sup>110</sup> N o grite tanto, que o pai dorme. (tradução nossa)

<sup>111</sup> Ontem fomos ao teatro. (tradução nossa)

<sup>112</sup> Ontem fomos ao teatro. (tradução nossa)

<sup>113</sup> Amanhã enviará a carta. (tradução nossa)

<sup>114</sup> Disponível em: <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>. p.298.

<sup>115</sup> Uma perífrase   uma construção sint tica formada por dois verbos, ligados por meio de uma preposição em certos casos, que funciona como um único predicado verbal, mas com um determinado valor modal ou aspectual. O primeiro verbo da perífrase recebe o nome de *verbo auxiliar*, e o segundo, de *verbo principal*. O verbo auxiliar cont m o significado aspectual ou modal da perífrase, além da informação relacionada com as categorias de pessoa, número, tempo, aspecto e modo. O verbo principal tem uma forma não pessoal e cont m o significado léxico do predicado, exceção feita ao matiz modal ou aspectual.

Tendo em conta a forma do verbo principal, as perífrases se classificam em perífrases de infinitivo, de gerúndio e de particip o; segundo o significado da perífrase, em modais ou aspectuais. Notemos, além disso, que

É necessário enfatizar que autores que versam sobre a língua portuguesa, como Said Ali (1971: 161), já tinham em conta essa confusão terminológica. A esse respeito, veja-se:

Segundo a praxe dos gramáticos, consideram-se *tempos compostos* e *conjugação perifrástica* como coisas distintas. Não o faremos aqui, depois de explicar, como nas páginas precedentes explicamos, que *ter andado* e *estar andando* nasceram de processos análogos. A primeira destas duas formas é linguagem antiga e comum a outros idiomas, e deve à circunstância de ser desconhecida dos primeiros gramáticos a verdadeira história das formas analíticas o ter sido encaixada como um “tempo composto” especial no sistema de conjugação do verbo simples. Nasceu daí a terminologia confusa (*perfeito composto*, *passé indefini* etc.) e a dificuldade enorme de perceber o sentido exato, nas diversas línguas, de *tenho visto*, *j’ai vu*, *I have seen*, *ich habe gesehen*, etc.

Acredita-se que a construção catalã *ir + infinitivo* guarda as características referentes a uma perífrase, como em português. No entanto, segundo as duas normativas do catalão, ela é considerada como tempo composto, o *Passat Perifràstic*. Não será possível, daqui em diante, evitar certas divergências de nomenclatura. Porém, tentar-se-á, sempre que se falar em *ir + infinitivo*, especificar se é o tempo composto do catalão ou se se refere à perífrase indicativa de futuro do português.

## CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DE DADOS

---

### 3.1 - DETALHAMENTO DOS CORPORA

O *corpus* correspondente à língua portuguesa é formado pelos documentos abaixo descritos:

- a) Século XV: *A epistolografia em Portugal*. (ROCHA, 1965).(código: docp15/01)
- b) Século XVI: *Letters of John III – King of Portugal 1521-557*; (JOÃO III, 1521-557). (código: docp16/01)
- c) Século XVII: *Cartas Familiares, F. M. De Melo*; (MELO, 1664; 1942).(código: docp17/01)
- d) Século XVIII: *Cartas, Antonio da Costa*; (COSTA, 1714). (código: docp18/01)
- e) Século XIX: *Cartas brasileiras*. (CARNEIRO, 2005). (código: docp19/01)

Os documentos listados acima, do item *b*) ao *e*), fazem parte do acervo virtual da UNICAMP, encontrados em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>

O *corpus* concernente à língua catalã é formado pelos documentos abaixo listados:

- a) Século de Ouro:
  - *Il dialetto catalano d'Alghero* (GUARNERIO, 1886); (código: docc14/01)
  - *Les cartes autògrafes de Francesc Eiximenis* (SADURNÍ MARTÍ, 2002). (código: docc14/02)
  - *Letra feta per Petrarcha [Fragmenta]* (PETRARCA, 13?); (código: docc14/03)
  - *Lletres de Batalla [Letra feta per lo magnífich Francesc Ferrer tramesa al spectable don Johan Roíz de Corella quant fonch ellet governador del present regne per absència de l'egregi compte de Cocentayna, pare seu]* (FERRER, 13?). (código: docc14/04)
  - *Il dialetto catalano d'Alghero* (GUARNERIO, 1886). (código: docc15/01)

- *Lletres entre Carles VII, rei de França, i Alfons V el magnànim* (CARLES VII, 1446; ALFONSO V, 1447). (código: docc15/02)
- *Letra tramessa per lo soldà de Babilònia a l'Excel·lent Senyor Don Johan Rey de Chipre [Fragmenta]* (CINGOLANI (org.), 2003). (código: docc15/03)
- *Lletres de batalla [Correspondència entre Joanot Martorell i Gonçalvo d'Hijar]* (MARTORELL; d'HIJAR, 1444, 1446, 1450). (código: docc15/04)
- *Correspondència de Bernat de Vilarig amb Joanot de la Serra i amb Jofre Pardo* (VILARIG, 1452). (código: docc15/05)
- *Resposta d'En Johanot Galceran de la Serra a la primera lletra de Mossèn Vilarig* (DE LA SERRA, 1452). (código: docc15/06)
- *Segona lletra de Mossèn Vilarig a N Johanot Galceran de la Serra* (VILARIG, 1453); (código: docc15/07)
- *Resposta de Johanot Galceran de la Serra a la II<sup>a</sup> lletra de Mossèn Vilarig* (DE LA SERRA, 1453). (código: docc15/08)
- *III<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra* (VILARIG, 1453). (código: docc15/09)
- *Resposta de Johanot de la Serra a la III<sup>a</sup> lletra de Mossèn Vilarig* (DE LA SERRA, 1453). (código: docc15/10)
- *III<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot Galceran de la Serra* (VILARIG, 1453). (código: docc15/11)
- *Resposta 18 de Johanot de la Serra a la III<sup>a</sup> lletra de Mossèn Vilarig* (DE LA SERRA, 1453). (código: docc15/12)
- *V<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra* (VILARIG, 1453). (código: docc15/13)
- *Resposta de Johanot de la Serra a la V<sup>a</sup> lletra de Mossèn Vilarig* (DE LA SERRA 1453); (código: docc15/14)
- *VI<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra* (VILARIG, 1453). (código: docc15/15)
- *Resposta de Johanot de la Serra a la VI<sup>a</sup> lletra de Mossèn Vilarig* (DE LA SERRA, 1453). (código: docc15/16)
- *VII<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra* (VILARIG, 1453). (código: docc15/17)



- *Correspondència de Galceran Martorell amb Manuel de Vilanova i Ausiàs March* (MARTORELL, 1430). (código: docc15/18)
- *Resposta d'En Manuel de Vilanova a la primera letra d'En Galceran Martorel* (VILANOVA, 1430). (código: docc15/19)
- *Segona letra de Mossèn Galceran Martorel a·N Manuel de Vilanova* (MARTORELL, 1430). (código: docc15/20)
- *Resposta d'En Manuel de Vilanova a la segona letra de Mossèn Martorel* (VILANOVA, 1430). (código: docc15/21)
- *Terça letra de Mossèn Galceran Martorell a·N Manuel de Villanova* (MARTORELL, 1430). (código: docc15/22)
- *Resposta d'En Manuel de Villanova a la terça letra d'En Galceran Martorel* (VILANOVA, 1430). (código: docc15/23)
- *Quarta letra de Mossèn Galceran Martorel a·N Manuel de Vilanova* (MARTORELL, 1430). (código: docc15/24)
- *Vª letra de Mossèn Galceran Martorel a·N Manuel de Vilanova* (MARTORELL, 1430). (código: docc15/25)
- *Albarà* (MARTORELL, 1430). (código: docc15/26)
- *Deseximents tramesos per lo magnífich Mossèn Gualceran Martorell, cavaller, al molt magnífich Mossèn Hausiàs March, cavaller* (MARTORELL, 1438). (código: docc15/27)
- *Cartes de Bernat Metge en nom de Martí I en relació amb la torre de Bellesguard* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc15/28)
- *Letra de canvi* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc15/29)
- *Protest de dues lletres de canvi* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc15/30)
- *Lletres de batalla* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc15/31)
- *Carta d'Alexandre VI al seu fill Joan de Borja* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc15/32)

## b) Decadència:

- *Il dialetto catalano d'Alghero* (GUARNERIO, 1886). (código: docc16/01)
- *Cartes i acords dels paers de Lleida* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc16/02)
- *Carta del mercader Pere Freixe al seu fill Bartomeu* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc16/03)
- *Il dialetto catalano d'Alghero* (GUARNERIO, 1886). (código: docc17/01)
- *Carta de Montserrat Rosselló a Pere Desy* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc17/02)
- *Carta reial* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc17/03)
- *Carta de Francesc Vicent Garcia a les autoritats de Cervera* (VICENT GARCIA, 1619). (código: docc17/04)
- *Carta del Dr. Francesc Tagell al P. Rafel Figuerola* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc18/01)
- *Cartes a Carles Ros* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc18/02)
- *Carta d'Eufracieta a Gimo del Portal* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc18/03)
- *Carta de Maria Ros al seu germà* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc18/04)

## c) Renascimento:

- *Carta de Joan Maragall a Antoni Roura [fragment]* (MARAGALL, 1893). (código: docc19/01)
- *Carta a Ferran Sellarés* (VERDAGUER, 1867). (código: docc19/02)
- *Cartas Andorranas. Impressions a la lleugera d'una excursió per las Valls d'Andorra* (ALADERN, 1892). (código: docc19/03)
- *Carta de Narcís Oller a Santiago Rusiñol* (OLLER, 1895). (código: docc19/04)
- *Carta de Marian Aguiló a Tomàs Forteza* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc19/05)

- *Carta de Justin Pépratx a Teodor Llorente* (MARTÍ I CASTELL; MORAN, 1986). (código: docc19/06)

### 3.2 - LEVANTAMENTO DE DADOS - PORTUGUÊS

O objetivo geral proposto ao início do presente estudo se dirigia à verificação da produtividade e concorrência, em língua portuguesa, das formas perifrásticas e simples indicativas de tempo futuro, a saber, *ir* + *infinitivo*<sup>116</sup> e Futuro Simples do Indicativo. Não obstante, ao longo da análise do *corpus*, outra construção indicativa de futuro foi encontrada em abundância e, dessa forma, achou-se necessário levá-la em consideração na pesquisa. Trata-se da composição *haver de* + *infinitivo*, que, após a análise dos dados, tentar-se-á observar se concorre com a forma simples ou com a perífrase em estudo.

Sobre esta construção perifrástica de futuro, discorre Boleo (1934-1935: 34):

Em português, ao lado do futuro simples existe um futuro perifrástico – *hei de cantar*. Esta forma, que as gramáticas portuguesas ainda se não decidiram a incluir no quadro da conjugação, é dum largo uso na linguagem popular e familiar. Estes dois futuros não são, porém, idênticos nem no emprego nem na significação.

[...]

Pode todavia dizer-se, duma maneira geral (só duma maneira geral, pois há aqui algumas distinções a fazer que ainda não foram devidamente estudadas), que o futuro perifrástico contém maior dose de modalidade e de afetividade, traduz melhor as “disposições de alma”. Daí a frequência com que ele aparece na linguagem popular, afetiva por excelência.

Assim, dado que os *corpora* estão compostos por cartas, instrumentos que podem se aproximar ao vernáculo empregado na época, a abundância das construções *haver de* + *infinitivo* é bastante plausível.

Conforme a separação proposta em 3.1, serão apresentados os dados gerais dos itens encontrados nos documentos de cada século e, em seguida, apreciar-se-ão alguns exemplos ilustrativos das principais ocorrências. Também será possível observar as ocorrências separadas por tipo de construção verbal nos quadros que se seguem.

<sup>116</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc.

## A) Século XV:

Quadro 5 – Século XV - português

	<i>Haver de + infinitivo</i>	<i>Futuro Simples</i>	<i>Ir + infinitivo</i>
Século XV	<p>Portanto, Senhor, do que <u>hei-de falar</u> começo e digo [...] -docp15/01</p>	<p>[...] e bem creio que se desto quizerdes fazer livro, por aquilo que a Vossa Mercê pratica e praticou, o <u>podereis</u> escrever de muitos e maravilhoso notados. - docp15/01</p> <p>E nom vejo outros que vos possa dinamente agardecer ao que vós <u>saberês</u> com ajuda de Deus e <u>poderês</u> merecer senom ele [...] - docp15/01</p> <p>E em esto firmando vosso amor, sempre <u>acharês</u> quem vos ame mais do que vós amardes, e quem se lembre de vossas boas obras [...] -docp15/01</p> <p>[...] e quando praz nos senhores acerca de alguns mostrar quanto som poderosos em bem obrar, fazendo-lhes grandes mercês e havendo-lhes singular afeiçom que <u>terom</u> estes servidores com quem conhecer a seus senhores? -docp15/01</p> <p>E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, <u>dar-se-á</u> nela tudo, por bem das águas que tem. -</p>	

		<p>docp15/01</p> <p>[...] de que nós deste porto havemos vista , <u>será</u> tamanha que <u>haverá</u> nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. -docp15/01</p> <p>[...] não <u>deixarei</u> também de dar minha conta disso a Vossa Alteza [...] -docp15/01</p> <p>[...] não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não <u>saberei</u> fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. -docp15/01</p>	
--	--	---	--

O primeiro século selecionado para análise não apresenta um *corpus* muito extenso, o que limita um pouco a sua apreciação. Pode-se constatar que a forma simples de futuro (Futuro Simples do Indicativo) é incontestavelmente dominante na literatura epistolar selecionada. Segundo os dados apurados, não há nenhuma ocorrência da perífrase em estudo; a forma *haver de + infinitivo* aparece uma única vez e a forma simples de futuro domina com 19 ocorrências.

Exemplos selecionados de docp15/01 (todos os grifos são nossos):

[...] e bem creio que se desto quiserdes fazer livro, por aquilo que a Vossa Mercê pratica e praticou, o podereis escrever de muitos e maravilhoso notados.

E nom vejo outros que vos possa dinamente agradecer ao que vós saberês com ajuda de Deus e poderês merecer senom ele [...]

E em esto firmando vosso amor, sempre acharês quem vos ame mais do que vós amardes, e quem se lembre de vossas boas obras [...]

Nestas ocorrências, é possível notar como a língua apresenta sinais de instabilidade e falta de padronização. Os três excertos pertencem a um mesmo autor. Observe-se, no entanto, que uma mesma palavra apresenta duas escritas diferentes: *podereis*, no primeiro exemplo, e *poderês*, no segundo.

O seguinte exemplo apresenta uma escrita que já não sobrevive na língua portuguesa moderna, mas que poderá ser observada em uso concomitante com a terminação de futuro *-ão* também em outros documentos. Veja-se:

[...] e quando praz nos senhores acerca de alguns mostrar quanto som poderosos em bem obrar, fazendo-lhes grandes mercês e havendo-lhes singular afeição que terom estes servidores com quem conhecer a seus senhores?

Sobre esse uso arcaico, demonstra Williams (1945: 181):

A origem dos finais do português arcaico *-am*, *-om* e *-ão* se representa no esquema seguinte:

Latim Clássico		Português Arcaico
<i>-ant</i> (3ª pl.)	}	<i>-am</i>
<i>-ānem</i> (acus. sing.)		
<i>-ūnt</i> (3ª PL.)	}	<i>-om</i>
<i>-ōnem</i> (acus. sing.)		
<i>*ūdīnem</i> (acus. sing.)		
<i>-ānum</i> (acus. sing.)	}	<i>-ão</i>
<i>-adūnt</i> (em <i>uadūnt</i> )		

Sobre a vacilação gráfica, também comenta Williams (1975: 181):

Que esses finais se tinham tornado idênticos pela segunda metade do século XV se prova pelo fato de que rimam entre si no *Cancioneiro Geral* (*Lições*, 142) [...]. Embora seja difícil determinar quanto tempo antes dessa época a fusão já se havia completado, há evidências de que principiou pelo século XIII. Nos cancioneiros primitivos, rimas com *foam* (do árabe *folan*) mostram pelo menos que *-am* já se havia tornado *-ão*. Porque a rima *foã:en vão* (CV, N° 1055) mostra que *ã* de *foã* era pronunciado *ão*, e outras rimas com *foam* (CV, N° 904 e N° 1149; CB, N° 390 e N° 411) mostram que *am* de *am* (de *\*hant*), *prã* (de *plane*), *dam* (de *dant*) e a terminação *-am* de futuro (de *\*hant*) eram pronunciados como *ão*.

Além disso, Williams (1975: 183) afirma que, apesar de atestada essa variação ortográfica no século XV, “é verossímil que esses finais já se tivessem fundido em data anterior” e que “essas substituições gráficas provavelmente não refletem modificações na pronúncia, mas antes acusam a confusão dos copistas no seu esforço de usar coerentemente três grafias familiares para representarem uma mesma pronúncia.”

Especificamente sobre os casos de vacilação dos sufixos para formação do futuro simples, diz ainda Williams (1975: 184):

Assim, parecia que, enquanto *-ão* continuava a ser usado onde quer que se tivesse desenvolvido fonologicamente, isto é, onde quer que proviesse do lat. *-anum* ou *-adunt*, *-am* veio a ser usado para representar o *-ão* analógico e *-om* para representar *-ão* analógico não acentuado; e já que a terminação não acentuada ocorria quase exclusivamente em verbos, *-om* veio a ser usado para representar *-ão* analógico acentuado nas poucas formas verbais acentuadas na terminação, a saber, o presente do indicativo de dar, estar e haver (e, por conseguinte, o futuro do indicativo de todos os verbos).

A forma simples de futuro, conforme já explicado, apresenta uma estrutura em que é possível observar, por meio da separação das partes, a real formação deste tempo verbal:

*haver + infinitivo > infinitivo + haver*, como em:

E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Formas abundantes com Futuro Simples do Indicativo foram encontradas nos documentos. Alguns exemplos são as ocorrências:

[...] de que nós deste porto houvemos vista , será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa.

[...] não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza [...].

[...] não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado.

A estrutura *haver de + infinitivo*, que não estava prevista no estudo, mas que será levada para comparação com as outras formas desta pesquisa, aparece, no documento em questão, apenas uma vez. Seria importante lembrar que a formação do próprio futuro simple é análoga a essa estrutura (*haver + infinitivo*). Essa composição, no entanto, é abordada e esclarecida no trabalho de Williams (1975: 211):

O futuro do indicativo do latim clássico foi substituído em latim vulgar por um futuro perifrástico, consistente do presente do indicativo de *habēre* e de infinitivo. Esses futuros, em que a ordem dos dois elementos não era fixa, ainda existem em português moderno. Mas dois futuros com ordem fixa em breve se tornavam mais comuns. Um era formado de *de* mais infinitivo após as formas do presente do indicativo do verbo *haver*, e. g., *hei de ir*, enquanto o outro era formado pela adição, como sufixos, ao infinitivo das formas do presente do indicativo do verbo *haver* (menos o elemento *hav-* da primeira e segunda pessoas do plural). As terminações de futuro simples do indicativo são, destarte, *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis* e *-ão*.

Nos documentos do século XV, apenas um exemplar ilustra o acima exposto:

Portanto, Senhor, do que hei-de falar começo e digo [...].

## B) Século XVI:

Quadro 6 – Século XVI - português

	<i>Haver de + infinitivo</i>	<i>Futuro Simples</i>	<i>Ir + infinitivo</i>
Século XVI	<p>[...] meu muito e amado irmão, por meu ~ebaixador, <u>aveys de fazer</u> e lhe <u>aveis de dizer</u> da minha parte sobre o caso das Repersarias [...].- docp16/01</p> <p>[...] senão tiverdes delRey o despecho que lhe mado pedir, que cuydo que se vos não <u>ha de neguar</u>, e que eu estou ~e sobre este negoço muy imteiram~ete. - docp16/01</p> <p>A dõ Amtonio d'Ataide, sobre o negocio de Leon Pãçado, a que <u>ha d'yr</u> Gaspar Palha. - docp16/01</p> <p>[...] podees teer descanso que de vosa molher e filhos e de todas as cousas de voso descareguo <u>ey de teer</u> aquela l~ebança que Requer o amor e muyto boã vôtade que vos tenho [...]. -docp16/01</p> <p>[...] Antonio Vaz diz que as naos se <u>am d'juntar</u> - docp16/01</p>	<p>[...] e folgue de me fazer esta merce, porque a <u>ystimarey</u> por muito grande [...].- docp16/01</p> <p>E sendo vos apomtado, ou amigavelm~ete por alguu meu servidor, ou por tirar de vos por alguns Framçeses, do que credes que eu <u>farey</u>, <u>encolher-vos-eis</u> vosas palavras [...]. - docp16/01</p> <p>[...] porque ~etam mando a dom Pedro que lhe fale, como <u>veres</u> pelo trelado da dita carta que lhe esprego [...].-docp16/01</p> <p><u>Agradecervosey</u> muito fazerdelo loguo Registrar e noteficar nesa casa da India [...]. -docp16/01</p> <p>[...] e manda Recado da contia do dinheiro que laa toma, de que as provysões <u>irão</u> a Jõ Gomez. -docp16/01</p> <p>As cartas pera as India vos <u>iram</u> dentro nesta semana [...]. -docp16/01</p>	<p>[...] <u>vam esperar</u> h~uaspellas outras, pera d'y irem juntas [...].- docp16/01</p> <p>[...] que quaisquer outros que fore~providos das taaes capitanis sejam metidos de pose d'elas, e as <u>vão servir</u>, posto que outros depois venhão. - docp16/01</p> <p>[...] pera o cõde da Castanheira, que ha Vosa Altesa por bem que Antonio Vaaz <u>vaa servir</u> á capitania da caravella pera Mina. - docp16/01</p>



# Section XVI

E porem, pois a nam levastees, aguora volla mando na forma que a mamdaeis pedyr.

Darlhaeis, e conforme a ella lhe dires todas as boas palavras que vos mais parecerem que servem. - docp16/01

[...] e de qualquer d'estas duas maneyras que conceder, tirareis loguo os despachos, e fareys toda a diligencia na pobricaçom e execuçom d'elles, asy ahy como ~e todos os lugares que compryr. E mãdareis a yso as pessoas ou correos que vos parecer~e neçesarios [...]. - docp16/01

E este concerto fares de modo que nele se entendã todos os que t~e parte na sentença. - docp16/01

Iteem: á Rainha, minha madre, dares conta de tudo, asy como pasar [...]. - docp16/01

[...] dirlhees de minha parte que o faça, e que ~e tudo me serva asy b~e e cõ aquele bõo cuidado e diligencia [...]. - docp16/01

[...] trataloes, ou direes ao doutor Gaspar Vaãz

		que ho trate [...]. - docp16/01	
--	--	------------------------------------	--

O século XVI é formado por cartas de D. João III. Para este estudo, apresenta quantidades significativas de ocorrências das três formas. A composição *haver de + infinitivo* foi encontrada com certa abundância, totalizando a soma de 94 casos. A forma simples de futuro ainda segue com uma produtividade altíssima, totalizando, neste documento, 685 ocorrências. A forma perifrástica de futuro, *ir + infinitivo*, aparece de forma tímida, com apenas 03 ocorrências. Observem-se os exemplos selecionados de docp16/01 (todos os grifos são nossos):

Exemplos encontrados com a forma simples de futuro:

[...] e folgue de me fazer esta merce, porque a ystimarey por muito grande [...].

E sendo vos apomtado, ou amigavelm~ete por alguu meu servidor, ou por tirar de vos por alguns Framçeses, do que credes que eu farey, encolher-vos-eis vosas palavras [...].

Observe-se que o segundo verbo em destaque, *encolher-vos-eis*, carrega mais um sentido imperativo que uma ideia simples de futuro; outros exemplos análogos serão expostos posteriormente.

[...] porque ~etam mando a dom Pedro que lhe fale, como veres pelo trelado da dita carta que lhe esprevo [...].

Agradecervosey muito fazerdelo loguo Registrar e noteficar nesa casa da India [...].

[...] e manda Recado da contia do dinheiro que laa toma, de que as provysões irão a Jõ Gomez.

As cartas pera as India vos iram dentro nesta semana [...].

Os seguintes exemplos escolhidos denotam muito mais uma ideia imperativa que propriamente uma ideia futura. Observe-se:

E porem, pois a nam levastees, aguora volla mando na forma que a mamdaeis pedyr. Darlhaeis, e conforme a ella lhe dires todas as boas palavras que vos mais parecerem que servem.

[...] e de qualquer d'estas duas maneyras que conceder, tirareis loguo os despachos, e fareys toda a diligemçia na pobricaçom e execuçom d'elles, asy ahy como ~e todos os lugares que comprry. E mãdareis a yso as pessoas ou correos que vos parecer~e neçesarios [...].

E este concerto fares de modo que nele se entendã todos os que t~e parte na sentença.

Iteem: á Rainha, minha madre, dares conta de tudo, asy como pasar [...].

[...] dirlhees de minha parte que o faça, e que ~e tudo me serva asy b~e e cõ aquele bõõ cuidado e diligencia [...].

[...] trataloes, ou direes ao doutor Gaspar Vaãz que ho trate [...].

Esses usos são previstos pela gramática normativa. Bechara (2001: 279) admite o emprego do futuro “em lugar do imperativo, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais: Defenderás os teus direitos. Não furtarás.” Também Boleo (1934-1935: 32) reconhece o emprego do futuro em lugar do imperativo; todavia, adverte que possui uma “nuance diferente da do imperativo sob forma conjuntiva. Ou seja, para Boleo “não mates” e “não matarás” apresentam-se em expressividades distintas. Segundo o autor (Boleo, 1934-1935: 32), o emprego do imperativo torna a ação mais imediata e “traduz de preferência a vontade do “imperante” (não quero que mates)”.

Exemplos com a estrutura *haver de + infinitivo* com sentido de tempo futuro:

[...] meu muito e amado irmão, por meu ~ebaixador, aveys de fazer e lhe aveis de dizer da minha parte sobre o caso das Repersarias [...].

[...] senão tiverdes delRey o despecho que lhe mãdo pidir, que cuydo que se vos não ha de neguar, e que eu estou ~e sobre este negocio muy inteiram~ete.

A dõ Amtonio d’Ataide, sobre o negocio de Leon Pãçado, a que ha d’yr Gaspar Palha.

[...] podees teer descanso que de vosa molher e filhos e de todas as cousas de voso descareguo ey de teer aquela l~ebrança que Requer o amor e muyto boã vôtade que vos tenho [...].

[...] Antonio Vaz diz que as naos se am d’juntar.

Desta seleção, nota-se que a maior parte dos exemplos revela que ainda a língua possui instabilidade ortográfica. As duas construções de *haver de + infinitivo* não se fazem com o *h* etimológico. Também o último exemplo revela mais do que instabilidade ortográfica, revela a mesma variação encontrada no século XV: a vacilação do sufixo de que tratou Willians (1975: 184) no que se refere à formação do futuro simples.

Episódios da perífrase *ir + infinitivo*:

[...] yam esperar h~uaspellas outras, pera d’y irem juntas [...].

[...] que quaisquer outros que fore~providos das taaes capitanis sejam metidos de pose d’elas, e as vão servir, posto que outros depois venhão.

[...] pera o cõde da Castanheira, que ha Vosa Altesa por bem que Antonio Vaaz vaa servir á capitania da caravella pera Mina.

Observe-se que a flexão do verbo *ir* da perífrase apresenta a mesma variação do sufixo formador de futuro. No primeiro exemplo, tem-se *vam*, que contrasta com o segundo, *vão*.

No primeiro excerto, a ideia de futuro embutida na perífrase vam esperar é nítida, já que equivale à forma simples *esperarão*. No entanto, as demais ocorrências da forma perifrástica, vão servir e vaa servir, não poderiam ser substituídas por *servirão* e *servirá*, respectivamente:

\*[...] que quaisquer outros que fore~providos das taaes capitannis sejam metidos de pose d'elas, e as servirão, posto que outros depois venhão.

\*[...] pera o cõde da Castanheira, que ha Vosa Altesa por bem que Antonio Vaaz servirá á capitania da caravella pera Mina.

Acredita-se que, após uma análise do contexto, as duas formas perifrásticas denotam muito mais uma ideia subjuntiva que indicativa. Assim:

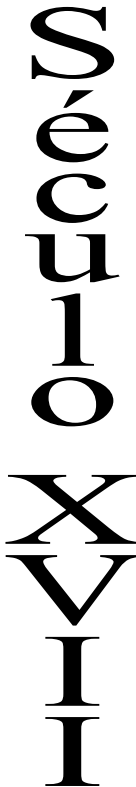
[...] que quaisquer outros que fore~providos das taaes capitannis sejam metidos de pose d'elas, e as sirvam, posto que outros depois venhão.

[...] pera o cõde da Castanheira, que ha Vosa Altesa por bem que Antonio Vaaz vá a servir/sirva á capitania da caravella pera Mina.

Deve-se esclarecer, então, que as duas construções, apesar de terem entrado na contagem quantitativa das ocorrências, não entram na contagem qualitativa da pesquisa. Isto posto, constata-se que, efetivamente, há a ocorrência de apenas uma perífrase com valor de futuro. Não obstante, em uma contagem qualitativa esta ocorrência tem muito significado, já que retrata a antiguidade da construção. Aliás, mais do que isso, pois se o uso já permeia ou começa a adentrar a escrita, demonstra que há um conhecimento anterior, mais antigo, da forma.

## C) Século XVII:

Quadro 7 – Século XVII - português

	<i>Haver de + infinitivo</i>	<i>Futuro Simples</i>	<i>Ir + infinitivo</i>
	<p>Deus Nosso senhor, que também <u>há de ser</u> juiz de V.M. como meu e de todos, na última instância da morte [...].- docp17/01</p>	<p>Visto que a vontade e o respeito se não medem por folhas de papel, porque não tem nada de folha, ou porque não tem medida, vós não <u>recebereis</u> descontentamento de que vos escreva assi quem não tem agora mais papel que este. - docp17/01</p>	<p>Senhores: Assi como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com algu~a cortês demonstração, a nosso hóspedes, manda a urbanidade que, com algu~a advertência, <u>vamos a encontrar</u> nossos leitores ao princípio de nossos livros. - docp17/01</p>
	<p>Bem creo que mais de quatro <u>hão de dizer</u> de mi mais de três mil leis. - docp17/01</p>	<p>A réplica não fiz ainda, porque de verdade se soltaram contra mi todos os enfadamentos do mundo estes dias. Mas <u>fá-la-ei</u> logo. Aqui <u>vereis</u> que mal vos sirvo; e nisto não tem parte nenh~ua a minha vontade [...].- docp17/01</p>	<p>Nem podiam deixar de o ser, sendo descuidos arrezoados. Não se <u>vai a ter</u> medo de mi, nem muito do que tememos a ser de nós aborrecido. - docp17/01</p>
		<p>Cure-se V.P. com sua lembrança esta melancolia; <u>dever-lhe-ei</u> de muitas maneiras o remédio. - docp17/01</p>	<p>Para os críticos me deu Nosso Senhor excelente coração, porque sempre <u>vou a ganhar</u> com eles; se me murmuram, me rio, se me emendam, me aproveito. - docp17/01</p>
			<p>Eu saí do negócio como os que dizem <u>vão buscar</u> lã e vem trosquiados. - docp17/01</p> <p>Tem tanto amor a V.M. a boa mulher, que já que não <u>vai logo servir</u>, quer que este moço lhe <u>vá lá tomar</u> lugar em casa de V.M., como quem manda lançar tapete de madrugada</p>

<p style="text-align: center;">Século XVII</p>			<p>em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira. - docp17/01</p> <p>Essa foi a razão, não a preguiça, de parecer vagaroso. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela <u>vai a copiar</u> a N. - docp17/01</p> <p>Escrevo ao N. e tardei com providência. Não sei ora se <u>vou a perder</u> aparecendo isso que em presunções havia ganhado acêrca de seu juízo. - docp17/01</p> <p>Senhor, nenhum miserável pode ser cortesão. Apenas servi ontem a V.S., já <u>vou pedir</u> hoje que me pague. - docp17/01</p> <p>Vossa V.S. empregue ~ua hora de ociosidades desses livros, que assi <u>vão buscar</u> em Vossa V.S. a emenda, como o amparo. - docp17/01</p>
--	--	--	---

Do mesmo modo que o século antecessor, o século XVII apresenta um uso preponderante da forma simples de futuro, seguido por um uso bastante razoável da forma *haver de + infinitivo*. O uso da perífrase, no entanto, superara em quantidade o século anterior. As formas em Futuro Simples do Indicativo somam 386 eventos; já a construção com *haver* totaliza 54 casos. Os eventos com a forma *ir + infinitivo* são 10. Observem-se os exemplos seleccionados de docp17/01 (todos os grifos são nossos):

Eventos cujas frases são construídas com tempo simples de futuro (Futuro Simples do Indicativo):

Visto que a vontade e o respeito se não medem por folhas de papel, porque não tem nada de folha, ou porque não tem medida, vós não recebereis descontentamento de que vos escreva assi quem não tem agora mais papel que êste.

A réplica não fiz ainda, porque de verdade se soltaram contra mi todos os enfadamentos do mundo estes dias. Mas fá-la-ei logo. Aqui vereis que mal vos sirvo; e nisto não tem parte nenh~ua a minha vontade [...].

Cure-se V.P. com sua lembrança esta melancolia; dever-lhe-ei de muitas maneiras o remédio.

Como se pode observar, as formas do tempo flexional de futuro não apresentam novidades em relação aos dois séculos anteriores.

Exemplos elaborados com *haver de + infinitivo* com ideia de futuro, entre outros, têm-se os seguintes:

Deus Nosso senhor, que também há de ser juiz de V.M. como meu e de todos, na última instância da morte [...].

Bem creio que mais de quatro hão de dizer de mi mais de três mil leis.

Eventos com a construção *ir + infinitivo* aparecem com alguma frequência. Mais uma vez, será necessário observar quando a referida construção denota futuro e quando apresenta algum outro tipo de valor. Recorde-se que os seguintes exemplos entram na contagem quantitativa, mas, nem sempre, servirão para a contagem qualitativa do estudo.

Senhores: Assi como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com algu~a cortês demonstração, a nosso hóspedes, manda a urbanidade que, com algu~a advertência, vamos a encontrar nossos leitores ao princípio de nossos livros.

No exemplo acima, a construção em destaque, além de apresentar a preposição *a*, não pode ser considerada como perífrase de tempo futuro:

\* Senhores: Assi como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com algu~a cortês demonstração, a nosso hóspedes, manda a urbanidade que, com algu~a advertência, encontraremos nossos leitores ao princípio de nossos livros.

Parece este ser mais um caso de subjuntivo. Veja-se o paralelismo verbal que se forma com o verbo *saíamos*. A perífrase teria sentido se substituída por *encontremos*, uma forma de subjuntivo. Assim:

Senhores: Assi como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com algu~a cortês demonstração, a nosso hóspedes, manda a urbanidade que, com algu~a advertência, encontremos nossos leitores ao princípio de nossos livros.

Outro exemplo semelhante:

Nem podiam deixar de o ser, sendo descuidos arrezoados. Não se vai a ter medo de mi, nem muito do que tememos a ser de nós aborrecido.

O uso do verbo no presente, *vai*, assemelha-se ao uso do mesmo verbo *ir* no Presente do Subjuntivo. A frase aparenta ter um sentido mais hipotético:

Nem podiam deixar de o ser, sendo descuidos arrezoados. Não se vá a ter medo de mi, nem muito do que tememos a ser de nós aborrecido.

Em detrimento de:

\*Nem podiam deixar de o ser, sendo descuidos arrezoados. Não se terá medo de mi, nem muito do que tememos a ser de nós aborrecido.

Recorde-se que as formas verbais do verbo *ir* têm correspondências no Presente do Indicativo e no Presente do Subjuntivo. Já alerta esta confusão Williams (1975:82):

A única forma verbal grafada com *-ão*, ademais de *vão* (indicativo), em todos os documentos citados supra, é o subjuntivo *vão*, que por vezes substitui *vaam*. E a forma do indicativo era por vezes grafada *vaam*. Esse intercâmbio de grafias era sem dúvida devido à completa identidade de pronúncia de *vão* e *vaam* como *ão* ao tempo em que esses documentos foram escritos.

Os exemplos expostos a seguir tampouco fazem parte do montante qualitativo do uso da perífrase *ir* + *infinitivo*, já que não apresenta valor análogo ao tempo simples de futuro. Atente-se para a análise de cada um dos casos:

Para os críticos me deu Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles; se me murmuram, me rio, se me emendam, me aproveito.

Neste primeiro caso, a perífrase está acompanhada pela preposição *a*, a qual parece denotar finalidade. O uso da preposição *com*, em seguida, reforça a ideia:

Para os críticos me deu Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou para ganhar com eles; se me murmuram, me rio, se me emendam, me aproveito.

O exemplo subsequente é também semelhante ao acima citado:

Eu saí do negócio como os que dizem vão buscar lã e vem trosquiados.

A construção *vão buscar* apresenta um valor de finalidade e não de futuro, já que comporta, de forma oculta a preposição *para* entre um verbo e outro. A inclusão da preposição quebra o sintagma, impossibilitando a expressão do valor de futuro. Dessa maneira, teria-se:



Eu saí do negócio como os que dizem vão para buscar lá e vem trosquiados.

Não seria aceitável:

\*Eu saí do negócio como os que dizem buscarão lá e vem trosquiados.

Outra oração em que a perífrase se revela com pleno sentido de finalidade, impedindo qualquer expressão de ideia de futuro simples, é:

Tem tanto amor a V.M. a boa mulher, que já que não vai logo servir, quer que este moço lhe vá lá tomar lugar em casa de V.M., como quem manda lançar tapete de madrugada em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira.

As duas construções em destaque poderiam ganhar a preposição *para* sem perder o sentido analisado no contexto. Assim:

Tem tanto amor a V.M. a boa mulher, que já que não vai logo para servir, quer que este moço lhe vá lá para tomar lugar em casa de V.M., como quem manda lançar tapete de madrugada em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira.

No entanto, a substituição dos exemplos grifados pelo tempo simples de futuro não teriam sentido. Observe-se:

\*Tem tanto amor a V.M. a boa mulher, que já que não servirá logo, quer que este moço lhe tomará lá lugar em casa de V.M., como quem manda lançar tapete de madrugada em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira.

O exemplo abaixo tem uma interpretação mais complexa; complexidade esta que novamente envolve o uso da preposição *a*.

Essa foi a razão, não a preguiça, de parecer vagaroso. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela vai a copiar a N.

A oração em que surge a perífrase é iniciada pelo pronome *ela*, o qual se refere à última palavra da frase anterior, a saber, *tenção*. Considerado isto, interpreta-se que a preposição *a* tem sentido de direção/ direcionamento. Veja-se:

Ela vai [a tenção] no sentido de copiar a N.

Considerando todo o contexto, seria forçar a admissão dessa perífrase com valor de futuro, como:

\*Essa foi a razão, não a preguiça, de parecer vagaroso. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela copiará a N.

Os últimos exemplos eleitos para representar as ocorrências deste século são os que a perífrase cumpre papel igual ao tempo simples de futuro. Observe-se:

Escrevo ao N. e tardei com providência. Não sei ora se vou a perder aparecendo isso que em presunções havia ganhado acêrca de seu juízo.

Análogo a:

Escrevo ao N. e tardei com providência. Não sei ora se perderei aparecendo isso que em presunções havia ganhado acêrca de seu juízo.

Senhor, nenhum miserável pode ser cortesão. Apenas servi ontem a V.S., já vou pedir hoje que me pague.

Uso equivalente à forma simples:

Senhor, nenhum miserável pode ser cortesão. Apenas servi ontem a V.S., já pedirei hoje que me pague.

Vossa V.S. empregue ~ua hora de ociosidades desses livros, que assi vão buscar em Vossa V.S. a emenda, como o amparo.

Uso idêntico à forma simples de futuro:

Vossa V.S. empregue ~ua hora de ociosidades desses livros, que assi buscarão em Vossa V.S. a emenda, como o amparo.

Na realidade, das dez manifestações da perífrase *ir + infinitivo* neste documento, apenas três delas apresentam valor de futuro. Assim, a perífrase *ir + infinitivo*, com o verbo auxiliar no Presente do Indicativo, parece ser uma forma que dá margens a outras construções, além de indicar futuridadade.

## D) Século XVIII:

## Quadro 8 – Século XVIII - português

	<i>Haver de + infinitivo</i>	<i>Futuro Simples</i>	<i>Ir + infinitivo</i>
Século XVIII	<p>[...] cantam algum solo, oh Deus nos livre (eu <u>hei-de dizer</u> a verdade) parecem cães a uivar [...] - docp18/01</p> <p>Eu nunca o ouvi, mas pode ser que o ouça, porque <u>há-de</u>, pelo que dizem aqui, <u>pagar-lhe</u> despropositadamente. - docp18/01</p>	<p>Visto ser tão grande este sermão que aqui meti, <u>falarei</u> agora menos nas comédias. - docp18/01</p> <p>[...] das italianas já lhe disse alguma coisa se bem me lembro; agora pouco mais lhe <u>direi</u>. - docp18/01</p> <p>Se Vossa Mercê quer saber que tal é esta terra, <u>dir-lhe-ei</u> que é excelente. - docp18/01</p>	<p>Enfim, Senhor, eu não posso dizer numa carta o que passei em quatro meses e tanto de vida de novelas; por isso lhe <u>vou dizer</u> só duas palavras de substância. - docp18/01</p> <p>Esqueceu-me dizer-lhe que tanto não repreendem cá os eclesiásticos a superstição do jogo, que antes eles são os primeiros, franciscanos e tudo; e <u>vão cobrar</u> quanto ganham. - docp18/01</p> <p>Ora, amigo Senhor Doutor, se eu as não <u>vou ver</u>, nem a Vossa Mercê, virá Vossa Mercê ainda a Roma a ver-me [...] - docp18/01</p> <p>Mas onde <u>vou eu dar</u> comigo, tendo tão pouco papel, e tanto que dizer!? - docp18/01</p> <p>O que lhe faz a esta gente maior horror é o ódio que temos, e a crueldade com que tratamos, e <u>vamos tratar</u>, e castigar os nossos naturais nascidos de pais, avós, bisavós, etc,</p>

<p style="text-align: center;">Século XVIII</p>			<p>portugueses, criados connosco na escola [...].- docp18/01</p> <p>Vossa Mercê se vá regalando com essas beatices que, quando parece que <u>vão a extinguir-se</u> em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento [...].- docp18/01</p> <p>[...] e no que vejo que as outras passam, e têm passado; outras vezes <u>vou-me para ver</u> jogar a Boxa, que é um jogo que se parece com a laranjinha [...]. - docp18/01</p> <p>[...] serve-se cada um pela suas mãos; <u>vai-se buscar</u> pão, carne, fruta, peixe, tudo o que é necessário. - docp18/01</p> <p>Eis aqui pelo grosso, o que se <u>vai buscar</u> a uma ópera. - docp18/01</p>
---	--	--	---

Também o século XVIII não apresentará muitas inovações no que concerne à concorrência das três formas verbais que foram investigadas. Ainda a forma simples de futuro, o Futuro Simples do Indicativo, rege quase com soberania, com 112 ocorrências, as formas com valor de futuro empregadas. Em seguida, é encontrada com uso regular, porém menos frequente, a forma *haver de + infinitivo*, que neste documento totaliza 20 ocorrências. Por fim, a perífrase também é empregada e soma 9 ocorrências, nem todas, contudo, com valor de futuro, como se verá nos exemplos selecionados de docp18/01. Vejam-se (todos os grifos são nossos):

A forma simples de futuro predomina nos documentos deste século. Expõem-se, abaixo, alguns episódios ilustrativos de ocorrências do Futuro Simples do Indicativo:

Visto ser tão grande este sermão que aqui meti, falarei agora menos nas comédias.

[...] das italianas já lhe disse alguma coisa se bem me lembro; agora pouco mais lhe direi.

Se Vossa Mercê quer saber que tal é esta terra, dir-lhe-ei que é excelente.

Recorde-se que na última construção acima, é possível observar a formação do próprio tempo de futuro latino: *haver* + *infinitivo* > *infinitivo* + *haver*; esta como construção mais recente.

Exemplos de eventos encontrados com *haver de* + *infinitivo*.

[...] cantam algum solo, oh Deus nos livre (eu hei-de dizer a verdade) parecem cães a uivar [...].

Eu nunca o ouvi, mas pode ser que o ouça, porque há-de, pelo que dizem aqui, pagar-lhe despropositadamente.

Para estes exemplos, acredita-se que a escrita da construção *haver* + *infinitivo* ainda reflita uma variação dialetal: ainda que separada a preposição e o verbo, foneticamente poderiam corresponder aos casos seguintes referidos por Williams (1975: 211): “Em português dialetal o *de* dos futuros analíticos por vezes se adere às formas de *haver* e as terminações flexionais se pospõem ao *de*, e.g., *hás de* > *hades*; *hão de* > *hãode* e *hadem*.”

Episódios encontrados com a perífrase *ir* + *infinitivo* com valor de futuro simples:

Enfim, Senhor, eu não posso dizer numa carta o que passei em quatro meses e tanto de vida de novelas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substância.

Equivalente a:

Enfim, Senhor, eu não posso dizer numa carta o que passei em quatro meses e tanto de vida de novelas; por isso lhe direi só duas palavras de substância.

Esqueceu-me dizer-lhe que tanto não repreendem cá os eclesiásticos a superstição do jogo, que antes eles são os primeiros, franciscanos e tudo; e vão cobrar quanto ganham.

Valor análogo ao futuro simples:

Esqueceu-me dizer-lhe que tanto não repreendem cá os eclesiásticos a superstição do jogo, que antes eles são os primeiros, franciscanos e tudo; e cobrarão quanto ganham.

Ora, amigo Senhor Doutor, se eu as não vou ver, nem a Vossa Mercê, virá Vossa Mercê ainda a Roma a ver-me [...].

Com valor idêntico ao futuro simples:

Ora, amigo Senhor Doutor, se eu as não verei, nem a Vossa Mercê, virá Vossa Mercê ainda a Roma a ver-me [...].

Mas onde vou eu dar comigo, tendo tão pouco papel, e tanto que dizer!?

Expressa o mesmo o tempo simples:

Mas onde darei comigo, tendo tão pouco papel, e tanto que dizer!?

O que lhe faz a esta gente maior horror é o ódio que temos, e a crueldade com que tratamos, e vamos tratar, e castigar os nossos naturais nascidos de pais, avós, bisavós, etc, portugueses, criados connosco na escola [...]

Substituído pela forma simples, ainda se verifica a ideia de futuro:

O que lhe faz a esta gente maior horror é o ódio que temos, e a crueldade com que tratamos, e trataremos, e castigar os nossos naturais nascidos de pais, avós, bisavós, etc, portugueses, criados connosco na escola [...].

Vossa Mercê se vá regalando com essas beatices que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento [...].

Com a forma simples, tem-se:

Vossa Mercê se vá regalando com essas beatices que, quando parece que se extinguirão em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento [...].

As construções subsequentes, apesar de apresentarem a perífrase *ir + infinitivo*, não carregam valor de futuro. Faz-se necessário recordar que, embora tenham entrado no cômputo quantitativo de ocorrência da perífrase, não virão a somar no estudo qualitativo. Observem-se as explicações e interpretações tecidas para cada caso.

[...] e no que vejo que as outras passam, e têm passado; outras vezes vou-me para ver jogar a Boxa, que é um jogo que se parece com a laranja [...].

O primeiro caso assinalado aparenta, como já visto em outros exemplos, ter sentido de finalidade, o que é reforçado pelo uso explícito da preposição *para*. Desse modo, seria inaceitável, para o contexto, a construção:

\*[...] e no que vejo que as outras passam, e têm passado; outras vezes verei-me jogar a Boxa, que é um jogo que se parece com a laranjinha [...]

Os dois exemplos seguintes apresentam certa semelhança, já que a perífrase parece, ao contrário de denotar uma ideia futura, denotar uma ideia presente, de ações corriqueiras:

[...] serve-se cada um pela suas mãos; vai-se buscar pão, carne, fruta, peixe, tudo o que é necessário.

Inconcebível a construção:

\*[...] serve-se cada um pela suas mãos; se buscará pão, carne, fruta, peixe, tudo o que é necessário.

Mas aceitável quando substituída apenas por um verbo no Presente do Indicativo:

[...] serve-se cada um pela suas mãos; busca-se pão, carne, fruta, peixe, tudo o que é necessário.

Eis aqui pelo grosso, o que se vai buscar a uma ópera.

A frase parece não aceitar o emprego do tempo simples de futuro, como em:

\* Eis aqui pelo grosso, o que se buscará a uma ópera.

Mas não desvia o seu sentido se, como no caso anterior, for empregado um verbo no presente do Indicativo:

Eis aqui pelo grosso, o que se busca a uma ópera.

Nestes documentos, a perífrase se desenvolveu mais como expressão de futuro do que com outras significações. Das dez notações recolhidas do *corpus*, apenas três delas não expressam nenhuma noção de futuridade.

## E) Século XIX:

Quadro 9 – Século XIX - português

	<i>Haver de + infinitivo</i>	<i>Futuro Simples</i>	<i>Ir + infinitivo</i>
Século XIX	<p>[...] pois <u>há de ser</u> juiz o médico que está hoje nas graças de sua Alteza, e que se acha tão favorecido. - docp19/01</p> <p>[...] se não houver inqualificável deslealdade, lhe <u>hade caber</u> mais cedo ou mais tarde. - docp19/01</p> <p>[...] <u>hasde lembrar-te</u> que te mandei um documento a respeito dos saques de Mauá em favor de Lopes. - docp19/01</p>	<p>Bom <u>será</u> ter Vossa Senhoria o peito bem preparado. - docp19/01</p> <p>Muito <u>estimarei</u> que Vosmice no meio de todos os seus gozem saúde, fortuna, e sossego. - docp19/01</p> <p>[...] que não <u>haverá</u> remédio senão executar o Regulamento com ligeiras alterações. - docp19/01</p>	<p>Como parte o Senhor Sanches, portador desta, e mais melhorando do que óbvio, <u>you fazer</u> por esta o meu dever, e participar à Vossa Senhoria [...] - docp19/01</p> <p>[...] um exemplar do relatório que hoje <u>vou apresentar</u> a assembléia geral dos acionistas desta companhia [...] - docp19/01</p> <p>Agora que assas te tenho falado de mim, <u>vou</u> tão bem <u>ocupar-me</u> contigo para perguntar-te como estás meu Angelo? - docp19/01</p> <p>Devo dizer-te que o governo argentino não acha excessivos os preços e os <u>vai adotar</u> também. - docp19/01</p> <p>O João Gonçalves Paim, que <u>vai tratarta-se</u> [sic], pede me que obtenha de Vossa Excelência dar lhe uma patente de comissário, quando regressar para o exército. - docp19/01</p> <p>O Recife a <u>vai levar</u> a Montevideú para ver se alcança o vapor da linha</p>



<p style="text-align: center;">S é c u l o X I X</p>			<p>de Liverpool. - docp19/01</p> <p>Dois vapores nossos <u>vão sair</u>, daqui e de Montevideú, para nos trazerem os feridos que possam vir para os hospitais das duas cidades. -docp19/01</p> <p>[...] a mercê de médicos argentinos (que médicos! [...] que <u>vão passar</u> visita de luvas e a correr e querem patações e mais patações. - docp19/01</p> <p>O teu afferidor de milhas <u>vai fazer</u> as viagens de experiência? - docp19/01</p> <p>[...] que ainda <u>you</u> a sua presença <u>rogar-lhe</u> benigno acolhimento. - docp19/01</p>
--	--	--	---

O cenário parece mudar um pouco de rumo no século XIX. Após a apreciação do documento, observou-se que algumas construções foram perdendo terreno. Em conformidade com os documentos dos demais séculos estudados, na liderança segue o Futuro Simples do Indicativo para denotar ideia de futuro com 103 ocorrências. Em segundo lugar se mantém a construção *haver de + infinitivo*, com 10 ocorrências, que agora divide o seu espaço com a perífrase *ir + infinitivo*, também com a soma de 10 ocorrências. Os exemplos a seguir fazem parte de docp19/01. Observem-se (todos os grifos são nossos):

Alguns exemplos ilustrativos da manifestação de *haver de + infinitivo* com ideia de futuro:

[...] pois há de ser juiz o médico que está hoje nas graças de sua Alteza, e que se acha tão favorecido.

[...] se não houver inqualificável deslealdade, lhe hade caber mais cedo ou mais tarde.

[...] hasde lembrar-te que te mandei um documento a respeito dos saques de Mauá em favor de Lopes.

Para os dois últimos exemplos, recorde-se a ideia de Williams (1975: 221) da qual se tratou na análise do documento do século XVIII: a aderência da preposição às formas flexionais de *haver*.

Inúmeras construções com o emprego da forma simples foram encontradas, como:

Bom será ter Vossa Senhoria o peito bem preparado.

Muito estimarei que Vosmice no meio de todos os seus gozem saúde, fortuna, e sossego.

[...] que não haverá remédio senão executar o Regulamento com ligeiras alterações.

Os casos expostos a seguir são os que a construção com a perífrase *ir + infinitivo* tem uso análogo ao tempo simples de futuro:

Como parte o Senhor Sanches, portador desta, e mais melhorando do que óbvio, you fazer por esta o meu dever, e participar à Vossa Senhoria [...].

Equivale a:

Como parte o Senhor Sanches, portador desta, e mais melhorando do que óbvio, farei por esta o meu dever, e participar à Vossa Senhoria [...].

[...] um exemplar do relatório que hoje you apresentar a assembléia geral dos acionistas desta companhia [...].

Uso análogo a:

[...] um exemplar do relatório que hoje apresentarei a assembléia geral dos acionistas desta companhia [...].

Agora que assas te tenho falado de mim, you tão bem ocupar-me contigo para perguntar-te como estás meu Angelo?

Valor semelhante ou idêntico à forma simples:

Agora que assas te tenho falado de mim, me ocuparei tão bem contigo para perguntar-te como estás meu Angelo?

Devo dizer-te que o governo argentino não acha excessivos os preços e os vai adotar também.

Valor idêntico a:

Devo dizer-te que o governo argentino não acha excessivos os preços e os adotará também.

O João Gonçalves Paim, que vai tratarta-se [*sic*], pede me que obtenha de Vossa Excelência dar lhe uma patente de comissário, quando regressar para o exército.

Idem a:

O João Gonçalves Paim, que se tratará, pede me que obtenha de Vossa Excelência dar lhe uma patente de comissário, quando regressar para o exército.

O Recife a vai levar a Montevidéu para ver se alcança o vapor da linha de Liverpool

Valor análogo a:

O Recife a levará a Montevidéu para ver se alcança o vapor da linha de Liverpool

Dois vapores nossos vão sair, daqui e de Montevidéu, para nos trazerem os feridos que possam vir para os hospitais das duas cidades.

Equivale a:

Dois vapores nossos sairão, daqui e de Montevidéu, para nos trazerem os feridos que possam vir para os hospitais das duas cidades.

[...] a mercê de médicos argentinos (que médicos!). [...] que vão passar visita de luvas e a correr e querem patações e mais patações.

Uso igual ao da forma simples de futuro:

[...] a mercê de médicos argentinos (que médicos!). [...] que passarão visita de luvas e a correr e querem patações e mais patações.

O teu afferidor de milhas vai fazer as viagens de experiência?

Uso idêntico à forma simples:

O teu afferidor de milhas fará as viagens de experiência?

O seguinte exemplo é a única amostra em que o uso da perífrase *ir + infinitivo*, apesar de deixar entrever sua expressão de futuridade, carrega um sentido bastante forte de finalidade, ainda que a preposição *para* esteja implícita. Veja-se:

[...] que ainda vou a sua presença rogar-lhe benigno acolhimento.

O sintagma verbal é quebrado por alguns elementos frasais, o que dificulta a sua interpretação mais correta. Assim, expõem-se, a seguir, duas interpretações possíveis:

[...] que ainda lhe rogarei a sua presença benigno acolhimento.

Nesta interpretação, o emprego da forma simples de futuro reestabelece a ordem rompida quando a composição se dava por meio do uso da perífrase. Observe-se a segunda possibilidade:

[...] que ainda vou a sua presença para rogar-lhe benigno acolhimento.

Nesta interpretação, ao se inserir a preposição, ganha-se uma forte denotação de finalidade, fazendo prevalecer a ideia de movimento inerente ao verbo *ir*. Tanto é assim que agora se torna forçosa a realização com o futuro simples, como:

\*[...] que ainda lhe rogarei a sua presença para benigno acolhimento.

Tendo em conta todos os dados analisados dos documentos que compõem o *corpus* da língua portuguesa, pode-se inferir que a construção *haver de + infinitivo* é a que, em especial nos documentos mais arcaicos, concorre com o tempo flexional de futuro. Os séculos XVI, XVII e XVIII concretizam o auge dessa concorrência, ainda que o Futuro Simples sempre seja a forma soberana. No entanto, percebe-se que o emprego de *haver de + infinitivo* decae significativamente no século XIX, em benefício, talvez, do aumento do uso da perífrase *ir + infinitivo*, que só vem aumentando ao longo dos séculos.

### 3.3 - LEVANTAMENTO DE DADOS - CATALÃO

O objetivo geral, referente à língua catalã, também sofrerá modificações na análise de dados, visto que a produtividade e concorrência das formas simples e perifrástica de pretérito aparentaram, durante a observação do *corpus*, ter mais um concorrente. Foi encontrada em abundância a composição *haver + particípio*, que, após a análise dos dados, tentar-se-á observar se concorre com a forma simples ou com a perífrase em estudo.

Conforme a separação proposta em 3.1, serão apresentados os dados gerais dos itens encontrados nos documentos de cada século e, em seguida, apreciar-se-ão alguns exemplos

ilustrativos das principais ocorrências. Também será possível observar as ocorrências separadas por tipo de construção verbal nos quadros que se seguem.


A) Século de Ouro: fim do XIV e XV:


Quadro 10 – Século de Ouro XIV- catalão

	<i>Haver + participi (Perfet)</i>	<i>Passat Simple</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
<b>Século de Ouro XIV</b>	<p>[...] que la data de la letra que <u>han obtenguda</u> de nos [...]. - docc 14/01</p> <p>[...] que nos los <u>hauem atorgat</u> de les altres franquetas. - docc 14/01</p> <p>[...] seyor molt alt auetz obra maraueyllosa e delaq(ua)l <u>auetz guayatz</u> nom p(er)petual dela gran p(ro)f(er)ta q(ue) <u>auetz feta</u> alseyor rey p(er) pasar en sardeya e <u>auetz lo animat</u> apasar e p(er) occasio daço [...]. - docc 14/02</p> <p>[...] siatz cert seyor q(ue) v... fet es estad. Sola obra de deu attes ço q(ue) <u>fet auetz</u> e attes u(ost)ro au(er) e pod(er) [...]. - docc 14/02</p> <p>[...] vençuda la part del tot mala, la part totalment bona <u>ha triumfat e guanyat</u>, jatsia sovent vejam lo</p>	<p>E lexants molts exemples de gents, pau e tranquilitat <u>amançà</u> los romans no amançats ne trencats jamés per batalla [...].- docc 14/03</p> <p>Aníbal <u>fon</u> vencedor en la batalla de Cannos [...].- docc 14/03</p> <p>Cèsar <u>soltà</u> Domici pres, gran cavaller de Ponpeu enemich seu , e Llavien fogitiu <u>menspreà</u> e no se'n <u>curà</u> [...]. - docc 14/03</p> <p>E senta ésser veritat ço que <u>dix</u> Seneca en la segona tregèdia [...]. - docc 14/03</p> <p>Letra feta per lo magnífich Ffrancesch Fferrer tramessa al spectacle don Johan Roíz de Corella quant <u>fonch</u> ellet governador del present regne [...]. - docc 14/04</p>	

	<p>contrari. – docc 14/03</p> <p><u>Havem</u> vist com altament te hest haüd e menat [...]. - docc 14/03</p> <p>Moltes coses <u>he dites</u> [...]. - docc 14/03</p>		
--	--	--	--

Quadro 11 – Século de Ouro XV - catalão

	<i>Haver + participi (Perfet)</i>	<i>Passat Simple</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
	<p>Tota vegada, com <u>entès</u> <u>havem</u>, alguns particullars d'èls [...]. - docc 15/02</p> <p>[...] <u>rebut havem</u> vostra letras per Berrí, vostre haralt [...]. - docc 15/02</p> <p>[...] per caussa dels quals <u>haveu hagut</u> enpatg e <u>pogut</u> rebre lo dan [...]. - docc 15/11</p> <p>[...] car puix <u>mogut ma</u> <u>haveu</u> a vostra requesta, no guardant temps indispost per menejar semblants affers [...]. - docc 15/21</p> <p>[...] los quals <u>havets</u> <u>rehebuts</u> en la vila de Bruges e los quals</p>	<p>[...] com en dies passats <u>rebí</u> un alabarà, escrit de mà vostra, en lo qual se conté yo fos al loch on per aquell <u>fuy</u> cert fet [...]. - docc 15/05</p> <p>E yo, vist la intenció vostra, no y <u>doní</u> tarda, mas <u>fuy</u> prest ab vós a la part [...]. - docc 15/05</p> <p>[...] que tres hòmens <u>feren</u> en nostra brega part manifesta ab mi contra vós [...]. - docc 15/11</p> <p>[...] no u volieu saber, per ço us <u>scriguí</u> que haguesseu loch [...]. - docc 15/21</p>	

	<p><u>havets convertits</u> en spatxament de la dita vostra nau [...]. - docc 15/30</p> <p>[...] e són per X corones que jo n' <u>é reabudes</u> a l'Esclusa del honrat en Johan de Junyent [...]. - docc 15/30</p>	<p>Perquè us responch que jamés <u>haguí</u> de res tant de plaer [...]. - docc 15/25</p>	
--	---	---	--

Diferentemente de outras línguas românicas, a língua catalã nasce no século XIII em prosa, e não em verso. O documento *Homilies d'Organyà* é o que conta, pela sua extensão e importância, como o primeiro integralmente em catalão. Outra peculiaridade consiste em ser a variação diatópica quase nula, o que facilitará, principalmente na análise dos textos antigos, o estudo do fenômeno em pesquisa. Em pouco tempo de vida, o catalão atinge o seu apogeu linguístico, sobre o qual se trabalhará nesta seção.<sup>117</sup>

O denominado Século de Ouro, ou *Segle d'Or*, da língua catalã, corresponde ao esplendor literário vivido no fim do século XIV e durante o XV. O auge de suas letras, que culmina em grande produção escrita, permitiu um maior acesso a materiais que pudessem compor o *corpus* de estudo. A padronização linguística alcançada nestes dois séculos do período se deve ao trabalho da *Cancillería*, que estabelece um modelo baseado na variante barcelonesa, com um estilo elegante debruçado na prosa latina de elevado nível retórico.<sup>118</sup>

Grande parte das cartas que aqui são apresentadas, pertencem ao grupo das famosas cartas de batalha, muito utilizadas especialmente no século XV. As cartas de batalha são

<sup>117</sup> Casanova (1991: 219)

<sup>118</sup> Ibid., p. 220.

cartas de desafios entre dois cavaleiros que, antes de partirem para o confronto pessoal, trocam correspondências para ajustar todos os detalhes deste.

As proporções de emprego das formas verbais encontradas nos dois séculos que fazem parte deste período são bastante coerentes. No século XIV foram apurados 62 casos de ocorrência de *haver* + *participi*; no XV, a mesma formação correspondeu a 90 casos. A forma simples de pretérito (*Passat Simple*) teve 39 realizações no *corpus* do século XIV e 42 no do XV. Já a perífrase de pretérito (*Passat Perifràstic*) não foi encontrada em nenhum século deste período. Alguns exemplos colhidos dos documentos começados por docc14 e docc15 podem ser acompanhados abaixo (todos os grifos são nossos):

Eventos com *haver* + *participi*, como os que seguem, foram encontrados em abundância nos documentos do século XIV:

Embora o catalão seja considerado uma língua cuja maturidade foi alcançada nos primórdios de seu nascimento escrito/ literário, os exemplos selecionados deixam entrever certos pontos de padronização instável. A declinação do verbo *haver* que forma o *Perfet* do catalão, ou seja, *haver* + *participi*, apresenta variação entre as letras *u* e *v*, cuja confusão se dá já no próprio latim. Ilustram o fato: hauem atorgat e Havem vist, ambos referem-se à primeira pessoa do plural, *nosaltres*. Observe-se:

[...] que nos los hauem atorgat de les altres franquetas.<sup>119</sup> - docc 14/01

Havem vist com altament te hest haüd e menat [...].<sup>120</sup> - docc 14/03

Outro fator que chama a atenção, se comparado, obviamente, com o catalão moderno, é a concordância do participio com o complemento direto. Inúmeros exemplos recheiam o *corpus*, como:

[...] que la data de la letra que han obtenguda de nos [...].<sup>121</sup> - docc 14/01

Moltes coses he dites [...].<sup>122</sup> - docc 14/03

Também é relevante a observação sintática do verbo *haver*, que aparentemente, ainda não está fixada como inicial. É o caso do excerto seguinte:

<sup>119</sup> [...] que nos outorgamos das outras franquias. (tradução nossa)

<sup>120</sup> Vimos como grandemente és direito e rápido. (tradução nossa)

<sup>121</sup> [...] que a data da carta que obtiveram de nós [...]. (tradução nossa)

<sup>122</sup> Muitas coisas (eu) disse [...]. (tradução nossa)



[...] siatz cert seyor q(ue) v... fet es estad. Sola obra de deu attes ço q(ue) fet auetz e attes u(ost)ro au(er) e pod(er) [...].<sup>123</sup>- docc 14/02

Uma característica pertencente também ao catalão arcaico, e comprovada na análise do *corpus*, é a colocação de um elemento entre a estrutura *haver* + *participi*, separando-a, como na última construção grifada do excerto:

[...] seyor molt alt auetz obra maraueyllosa e delaq(ua)l auetz guayat nom p(er)petual dela gran p(ro)f(er)ta q(ue) auetz feta alseyor rey p(er) pasar en sardeya e auetz lo animat apasar e p(er) occasio daço [...].<sup>124</sup>- docc 14/02

Ainda cabe notar a possibilidade de omissão do verbo *haver* quando antecedido da mesma estrutura, *haver* + *participi*, como em:

[...] vençuda la part del tot mala, la part totalment bona ha triumfat e guanyat, jatsia sovent vejам lo contrari.<sup>125</sup>- docc 14/03

Episódios de registro do *Passat Simple* foram, ainda que em menor quantidade que a construção com *haver*, encontrados diversas vezes, como:

E lexants molts exemples de gents, pau e tranquilitat amançà los romans no amançats ne trencats jamés per batalla [...].<sup>126</sup>- docc 14/03

Cèsar soltà Domici pres, gran cavaller de Ponpeu enemich seu , e Llavien fogitiu menspreà e no se'n curà [...].<sup>127</sup>- docc 14/03

A forma *dix*, que aparece no trecho seguinte, é o arcaico da mais moderna *digué*, que serão encontradas nos documentos dos séculos vindouros:

E senta ésser veritat ço que dix Seneca en la segona tregèdia [...].<sup>128</sup>- docc 14/03

Nos dois trechos a seguir, é possível notar inconstância no que se refere à grafia do mesmo verbo:

<sup>123</sup> [...] esteja certo senhor que v... feito está. Só a obra de Deus considerando isso que fizeste e considerando vosso ter e poder [...]. (tradução nossa)

<sup>124</sup> [...] senhor muito grande tens obra maravilhosa e da qual ganhaste nome perpétuo do grande ofereciemnto que fizeste ao senhor rei por passar em Sardenha e o animaste a passar e por causa disso [...]. (tradução nossa)

<sup>125</sup> [...] vencida a parte de todo má, a parte totalmente boa triunfou e ganhou, ainda que frequentemente vejamos o contrário. (tradução nossa)

<sup>126</sup> E deixando muito exemplos de pessoas, paz e tranquilidade amansou os romanos não mansos nem derrotados jamais em batalha. (tradução nossa)

<sup>127</sup> César soltou Domici preso, grande cavaleiro de Pompeu inimigo seu, e Llavien fugitivo menosprezou e não se curou [...]. (tradução nossa)

<sup>128</sup> E parece ser verdade o que disse Sêneca na segunda tragédia [...]. (tradução nossa)

Letra feta per lo magnífich Ffrancesch Fferrer tramessa al spectable don Johan Roíz de Corella quant fonch ellet governador del present regne [...]<sup>129</sup> - docc 14/04

Aníbal fon vencedor en la batalla de Cannos [...].<sup>130</sup> - docc 14/03

Os exemplos selecionados para representar o século XV são bastante semelhantes aos anteriores. Vejam-se alguns casos:

Casos simples de ocorrência de *haver* + *participi*, ou *Perfet*, são:

[...] per caussa dels quals haveu hagut enpatg e pogut rebre lo dan [...]<sup>131</sup> - docc 15/11

[...] los quals havets rehebuts en la vila de Bruges e los quals havets convertits en spatxament de la dita vostra nau [...]<sup>132</sup> - docc 15/30

Note que no primeiro exemplo há a omissão do verbo *haver* para a segunda forma nominal de participio, *pogut*.

No tocante à sintaxe, o próximo caso não apresenta nenhuma novidade. No entanto, é possível notar como também em catalão o *h* pode provocar problemas notacionais, já que na aproximação da escrita à fala, essa letra perde o significado por ser desprovida de som em qualquer contexto da língua catalã:

[...] e són per X corones que jo n' é reabudes a l'Esclusa del honrat en Johan de Junyent [...].<sup>133</sup> - docc 15/30

Também é possível observar no exemplo dado a antiga concordância da forma nominal de participio com o complemento direto.

Novas ocorrências de *haver* + *participi* com inversão sintática foram encontradas. Três casos, entre muitos encontrados, podem ilustrar o fato:

Tota vegada, com entès havem, alguns particullars d'èls [...].<sup>134</sup> - docc 15/02

[...] rebut havem vostra letra per Berrí, vostre haralt [...].<sup>135</sup> - docc 15/02

[...] car puix mogut ma haveu a vostra requesta, no guardant temps indispost per menejar semblants affers [...].<sup>136</sup> - docc 15/21

<sup>129</sup> Carta feita pelo magnífico Francesc Ferrer transmitida ao respeitável Johan Roiz de Corella quando foi eleito governador do presente reino. (tradução nossa)

<sup>130</sup> Aníbal foi vencedor na batalha de Cannos. (tradução nossa)

<sup>131</sup> [...] por causa dos quais foram impedidos e sofreram o dano. (tradução nossa)

<sup>132</sup> [...] os quais recebesteis na vila de Bruges e os quais convertisteis em mercadorias da referida vossa nau. (tradução nossa)

<sup>133</sup> [...] e são por X coroas que eu recebi a Esquadra do honrado do honrado Johan de Juyent [...]. (tradução nossa)

<sup>134</sup> Toda vez, como entendemos, alguns particulares deles [...]. (tradução nossa)

<sup>135</sup> [...] recebemos vossa carta por Berrí, vosso arauto [...]. (tradução nossa)

Observe-se que no último exemplo, além da inversão sintática, há um elemento que quebra a estrutura *haver* + *participi*, sem alterar seu significado.

Os casos das formas simples de pretérito, *Passat Simple*, não apresentam inconstâncias significativas. Chama-se a atenção somente para os dois primeiros exemplos em que há uso do *y* em lugar do *i* no verbo *ser* em primeira pessoa do singular, *jo*, o que não altera o significado nem a pronúncia do mesmo. Os demais casos não apresentam nenhuma irregularidade.

[...] com en dies passats rebí un albará, escrit de mà vostra, en lo qual se conté yo fos al loch on per aquell fuy cert fet [...].<sup>137</sup> - docc 15/05

E yo, vist la intenció vostra, no y doní tarda, mas fuy prest ab vós a la part [...].<sup>138</sup> - docc 15/05

[...] que tres hòmens feren en nostra brega part manifesta ab mi contra vós [...].<sup>139</sup> - docc 15/11

[...] no u volieu saber, per ço us scriguí que haguesseu loch [...].<sup>140</sup> - docc 15/21

Perquè us responch que jamés haguí de res tant de plaer [...].<sup>141</sup> - docc 15/25

#### B) Século de Decadência: XVI, XVII e XVIII:

##### Quadro 12 – Século de Decadência XVI - catalão

	<i>Haver + paricipi</i> ( <i>Perfet</i> )	<i>Passat Simple</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
	[...] e de aço dues requestes públiques li <u>havem donat</u> , e dit Regent <u>ha recusat</u> executar lo que per la real Magestat [...].- docc 16/02  [...] suplicant-lo com bé <u>ha acostumat</u> ab effecte	[...] <u>entengueren</u> en donar orde en lo que convenia, y en la mateixa nit del dimecres <u>arriba</u> en Ciutat dit noble governador [...]. - docc 16/01  [...] com de fet en la	

<sup>136</sup> [...] porque me inquietou o vosso requerimento (de batalha), não sobrando tempo indisposto para manter semelhantes relações [...]. (tradução nossa)

<sup>137</sup> [...] como em dias passados recebi um alvará, escrito de vossa mão, no qual se conta (que) eu fosse ao lugar onde por aquele fui certa feita [...]. (tradução nossa)

<sup>138</sup> E eu, visto a intenção vossa, não demorei, mas fui rápido convosco à parte [...]. (tradução nossa)

<sup>139</sup> [...] que três homens fizeram em nosso combate parte manifesta por mim contra vós [...]. (tradução nossa)

<sup>140</sup> [...] não o querieis saber, por isso vos escrevi que tivésseis lugar [...]. (tradução nossa)

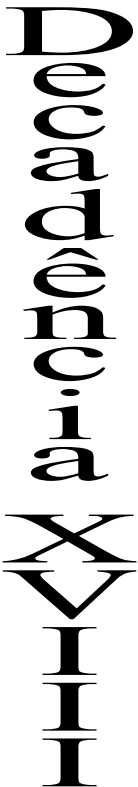
<sup>141</sup> Porque vos respondo que jamais tive de nada tanto prazer. (tradução nossa)

<p style="text-align: center;">D e c a d a c e D  a i c h e d a c e D  X V I</p>	<p>[...]. - docc 16/02</p> <p>[...] no li <u>he volgut</u> dir [...].-docc 16/02</p> <p><u>Sabut havem</u> que devíeu pendre missa dos o tres dies après de Tots Sants [...]. - docc 16/03</p>	<p>mateixa nit <u>anaren</u> los mag.<sup>s</sup> mossen gueran de Cetrilla [...].-docc 16/01</p> <p>[...] finsque de fet <u>arribaren</u> les galeres al port [...].- docc 16/01</p> <p>[...] y entrant en Ciutat <u>ana a fer</u> oracio en la Seu Catadral de dita Ciutat [...].- docc 16/01</p> <p>[...] y sen <u>entra</u> en la cambra, y tot hom sen <u>ana</u> en ses cases [...].- docc 16/01</p> <p>[...] dits Consellers <u>besaren</u> la ma a Sa Mag.t fent gracies ad Aquella de la bona volontat [...]. - docc 16/01</p> <p>[...] dit conseller li <u>dona</u> complida raho de tot. – docc 16/01</p> <p>[...] y Sa Magestat <u>respongue</u> [...]. - docc 16/01</p>	
--	--	--	--

Quadro 13 – Século de Decadência XVII - catalão

	<i>Haver + participi (Perfet)</i>	<i>Passat Simple</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
Decadència XVII	<p>De com à <u>rrebut</u> lo Senyor lo escruttini del present ayn de 1608 [...]. - docc 17/02</p> <p>[...] que tot axò me <u>han dit</u> que <u>ha fet</u> Pedro Figos [...]. - docc 17/02</p> <p>Me <u>ha paregut</u> donar-ne avís a vostres magnificències [...]. - docc 17/04</p>	<p>Y avisau-me si las bigas que yo <u>trametí</u> se troban encara. - docc 17/02</p> <p>Sapian com per lo magnifich Angel Satta Tedde [...] se <u>obtenque</u> de nos lletres provisionals [...]. - docc 17/03</p>	

Quadro 14 – Século de Decadência XVIII - catalão

	<i>Haver + participi (Perfet)</i>	<i>Passat Simple</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
	<p>[...] formar idea bona los que <u>s'han dedicat</u> al estudi de les llengues. – docc 18/02</p> <p>No es dir que mo <u>han contat</u>, que yo <u>hue vist</u>. – docc 18/03</p> <p>[...] que jo a V. M. les <u>he trameses</u>. - docc 18/02</p>	<p>[...] a causa de una flucció e inflamació que me <u>donà</u> als ulls ab renitència y repetició, me <u>prohibí</u> lo llegir y escriúrer [...]- docc 18/01</p> <p>[...] <u>traduhí</u> a la llengua llatina y <u>comentá</u> les obres de este últim En Llorens Mateu Sanz [...]- docc 18/02</p> <p>[...] qu'ademes de les moltes obres que <u>compongué</u> en vers y prosa, <u>treballá</u> un <i>Tratado de las palabras que se deben eliminar de la Lengua Valenciana</i> [...]. - docc 18/02</p> <p>En estes dos obretes <u>tingueren</u> sos Autors la mira de afrontar á aquells [...]. – docc 18/02</p> <p>[...] li <u>vingué</u> al cap lo pensament de fer un <i>Cuento</i> [...]. - docc 18/02</p> <p>Y encara els diré més, quel dia de la Novia nos <u>volgué</u> jitar en ella [...]. - docc 18/03</p>	<p>[...] demprés lo Dr. Narcís de Arano Oñate <u>vá traduhir</u> tota l'obra. – docc 18/02</p> <p>[...] a qui s'habien d'afegir les notes de Mosen Vicent Pons, que <u>vaig vore</u> en la Biblioteca de mon verdader amich [...]. - docc 18/02</p>

De acordo com o ponto de vista da crítica literária tradicional, a literatura das línguas é periodizada em idade de ouro e decadência. Esta classificação, apesar de questionável, também é aplicada ao catalão, visto que este apresenta um período de trevas no que tange à produção literária e um período de glória, que abrange o seu nascimento literário. No que se refere ao período de decadência, vê-se uma diferença muito grande em relação à produção nas outras línguas da Península Ibérica, em especial o português e o castelhano. Enquanto estas seguem com uma importante produção literária, o catalão sofre com a perda de seus cânones, o que ocasiona uma fragmentação dialetal acentuada, o empobrecimento da língua e a paulatina penetração do castelhano como forma de expressão literária<sup>142</sup>.

O período da Decadência é um fator que incide negativamente nesta pesquisa, já que deixa lacunas grandes na aquisição de materiais. Os fatores externos à língua, principalmente os que concernem ao âmbito político e econômico, afetam sobremaneira a produção em língua catalã durante três séculos: XVI, XVII e XVIII. Assim, as observações feitas a partir da análise dos dados serão mais cuidadosas.

Pela apreciação que foi possível fazer dos documentos conseguidos referentes ao século XVI, alguma mudança parece apontar em relação ao emprego dos pretéritos em catalão. A composição *haver + participi*, que corresponde ao *Perfet*, abre mais espaço à manifestação do *Passat Simple*. A este correspondem 161 ocorrências contra apenas 36 daquele. A análise dos demais séculos poderá determinar se realmente se está plantando alguma modificação ou se é mero acaso dos documentos analisados. A manifestação da perífrase de pretérito, *ir + infinitivo*, ainda é nula. Os exemplos selecionados para comentários foram extraídos de documentos cujo início é docc16. Todos os grifos são nossos.

Das ocorrências com o *Passat Simple*, foram selecionados os seguintes casos:

[...] entengueren en donar orde en lo que convenia, y en la mateixa nit del dimecres arriba en Ciutat dit noble governador [...].<sup>143</sup> - docc 16/01

[...] com de fet en la mateixa nit anaren los mag.<sup>s</sup> mossen gueran de Cetrilla [...].<sup>144</sup> - docc 16/01

[...] finsque de fet arribaren les galeres al port [...].<sup>145</sup> - docc 16/01

[...] y sen entra en la cambra, y tot hom sen ana en ses cases [...].<sup>146</sup> - docc 16/01

[...] dits Consellers besaren la ma a Sa Mag.<sup>1</sup> fent gracies ad Aquella de la bona voluntat [...].<sup>147</sup> - docc 16/01

<sup>142</sup> Casanova (1991: 220)

<sup>143</sup> [...] entenderam dar ordem no que convinha, e na mesma noite da quarta-feira chegou na Cidade dito nobre governador [...]. (tradução nossa)

<sup>144</sup> [...] como de fato na mesma noite foram os magníficos Mossen Gueran de Cetrilla [...]. (tradução nossa)

<sup>145</sup> Até que de fato chegaram as galeras ao porto [...]. (tradução nossa)

<sup>146</sup> [...] e foi para a cama, e todos se foram para as suas casas [...]. (tradução nossa)

[...] dit conseller li dona complida raho de tot.<sup>148</sup> - docc 16/01

[...] y Sa Magestat respongue [...].<sup>149</sup> - docc 16/01

Observe-se que nos exemplos acima os verbos não são grafados com acento aberto, o que poderia resultar em confusão com os verbos no Presente do Indicativo. No entanto, por meio da observação do contexto, outros verbos usados no pretérito perfeito no mesmo documento e o paralelismo com outras formas verbais das orações não deixam dúvidas de que se trata de ação pretérita.

Veja-se o seguinte caso:

[...] y entrant en Ciutat ana a fer oracio en la Seu Catadral de dita Ciutat [...].<sup>150</sup> - docc 16/01

Atente-se para a estrutura em destaque: é formada por *ir + a + infinitivo*. Contudo, o verbo *ir* está conjugado no *Passat Simple* e não no Presente do Indicativo, o que significa que não é a perífrase de pretérito proposta para investigação do presente estudo. No entanto, pode-se constatar que essa estrutura muito semelhante serve para formar outras perífrases, como a do exemplo, que também é pretérita, ou mesmo para formar perífrase de futuro. Nos dois últimos casos, a perífrase apenas se diferencia, estruturalmente, do *Passat Perifràstic* pela colocação da preposição *a*.

Casos com *haver + participi*:

[...] e de aço dues requestes públiques li havem donat, e dit Regent ha recusat executar lo que per la real Magestat [...].<sup>151</sup> - docc 16/02

[...] suplicant-lo com bé ha acostumat ab effecte [...].<sup>152</sup> - docc 16/02

[...] no li he volgut dir [...].<sup>153</sup> - docc 16/02

Sabut havem que devíeu pendre missa dos o tres dies après de Tots Sants [...].<sup>154</sup> - docc 16/03

<sup>147</sup> [...] ditos Conselheiros beijaram a mão de Sua Majestade fazendo graças a Aquela da boa vontade [...]. (tradução nossa)

<sup>148</sup> [...] dito conselheiro lhe deu muita razão de tudo. (tradução nossa)

<sup>149</sup> [...] e Sua Majestade respondeu [...]. (tradução nossa)

<sup>150</sup> [...] e entrando na Cidade foi fazer oração na Sede Catedral de dita Cidade [...]. (tradução nossa)

<sup>151</sup> [...] e disso dois requerimentos públicos lhe demos, e dito Regente recusou executar o que para a real Majestade [...]. (tradução nossa)

<sup>152</sup> [...] suplicando-o como bem acostumou com efeito [...]. (tradução nossa)

<sup>153</sup> [...] não lhe quis dizer [...]. (tradução nossa)

<sup>154</sup> [...] Sobemos que deveriam fazer missa dois ou três dias depois de Todos os Santos. (tradução nossa)



Novamente foram encontrados exemplos, como o acima, em que há inversão sintática do verbo *haver* e a forma nominal de particípio. Também existem ocorrências de concordância do particípio passado com o complemento direto, como em:

[...] com fins ací no he rebuda prima de canvi ni segona [...].<sup>155</sup> - docc 16/03

O século XVII é o segundo do período da Decadência das letras catalãs e é o que menos exemplares fornece para o estudo das formas verbais. Contudo, e pelo pouco que foi possível observar, apresenta poucas inovações em relação ao século anterior. Há uma inversão na preferência do emprego dos pretéritos, o que não acarreta em nenhuma mudança significativa, justificada pela falta de material. A forma composta *haver* + *participi* lidera os usos nos documentos com 14 ocorrências; já o *Passat Simple*, ou a forma simples de pretérito, tem apenas 03 ocorrências. A perífrase de pretérito *ir* + *infinitivo*, ou *Passat Perifràstic*, ainda não aparece nos documentos escritos que foram conseguidos. Os exemplos selecionados fazem parte dos documentos começados por docc17. Todos os grifos são nossos.

Exemplos com *haver* + *participi*, que predominaram nos documentos, como:

[...] que tot axò me han dit que ha fet Pedro Figos [...].<sup>156</sup> - docc 17/02

Me ha paregut donar-ne avís a vostres magnificències [...].<sup>157</sup> - docc 17/04

De com à rrebut lo Senyor lo escrutini del present ayn de 1608 [...].<sup>158</sup> - docc 17/02

Note-se que no último exemplo o verbo *haver* aparece grafado sem o *h* e o particípio começa por *rr-*, o que seria inaceitável no catalão normativo moderno. Isto demonstra que a língua catalã ainda vive um momento de instabilidade linguística, o que corrobora com a história dos séculos de decadência cultural.

Episódios raros foram encontrados com o *Passat Simple*, como os que seguem:

Y avisau-me si las bigas que yo trametí se troban encara<sup>159</sup> - docc 17/02

<sup>155</sup> [...] como até aqui não recebi primeira (carta) de troca nem segunda [...]. (tradução nossa)

<sup>156</sup> [...] que tudo isso me disseram que fez Pedro Figos [...]. (tradução nossa)

<sup>157</sup> Me pareceu dar aviso disso a vossas magnificências [...]. (tradução nossa)

<sup>158</sup> De como recebeu o Senhor o escrutínio do presente ano de 1608 [...]. (tradução nossa)

<sup>159</sup> E avisem-me se as vigas que eu enviei se encontram ainda. (tradução nossa)

Sapian com per lo magnífich Angel Satta Tedde [...] se obtengue de nos lletres provisionals [...].<sup>160</sup> - docc 17/03

No último exemplo, o verbo não leva o acento que demarca pretérito em catalão, mas o contexto não deixa dúvidas de que se trata de uma ação terminada.

O fim do período da Decadência traz números importantes para a análise. Os usos de *haver* + *participi* e *Passat Simple* são bem próximos, tendo este 67 ocorrências contra 50 daquele. E pela primeira vez foi possível observar a ocorrência da forma perifrástica *ir* + *infinitivo*, ainda que tenha aparecido timidamente, apenas com 02 ocorrências. Os exemplos eleitos para ilustração foram retirados dos documentos cujo início é docc18. Todos os grifos são nossos.

Eventos com *haver* + *participi*:

[...] formar idea bona los que s'han dedicat al estudi de les llengues.<sup>161</sup> - docc 18/02

No es dir que mo han contat, que yo hue vist<sup>162</sup> - docc 18/03

[...] que jo a V. M. les he trameses.<sup>163</sup> - docc 18/02

Observe-se que no segundo exemplo, o segundo verbo *haver* se junta com outro elemento, tornando o auxiliar bastante obscuro. Aí interferem dois fatores: a aglutinação do *haver* com o complemento e um fator de origem fonética. Em realidade, encontraria-se *ho he vist* se houvesse a fragmentação de todos os elementos e se fossem colocados em suas posições. O pronome complemento *ho*, no entanto, é, na verdade, o que em catalão se chama *u feble*, fenômeno que consiste na pronúncia de /u/ todas as vezes em que o /o/ estiver em posição átona ou em alguns monossílabos - como é o caso. Ainda assim, não se pode esquecer do *h* etimológico, que, com a aglutinação dos elementos foi, um deles, excluído. Assim: *ho he vist* > *hue vist*.

A concordância da forma nominal de participípio ainda é vista em alguns exemplos deste século, como ilustra a última oração.

<sup>160</sup> Saibam como pelo magnífico Angel Satta Tedde [...] se obteve de nós cartas provisionais [...]. (tradução nossa)

<sup>161</sup> [...] formar ideia boa os que se dedicaram ao estudo das línguas. (tradução nossa)

<sup>162</sup> Não quer dizer que me contaram, que eu o vi. (tradução nossa)

<sup>163</sup> [...] que eu a V. M. as transmiti. (tradução nossa)

Eventos com a forma simples de pretérito, *Passat Simple*, foram encontrados em abundância, superando, inclusive, as ocorrências com *haver* + *participi*. Alguns exemplos são:

[...] a causa de una flucció e inflamació que me donà als ulls ab renitència y repetició, me prohibí lo llegir y escriúrer [...]<sup>164</sup> - docc 18/01

[...] traduhí a la llengua llatina y comentá les obres de este últim En Llorens Mateu Sanz [...].<sup>165</sup> - docc 18/02

[...] qu'ademes de les moltes obres que compongué en vers y prosa, treballá un *Tratado de las palabras que se deben eliminar de la Lengua Valenciana* [...].<sup>166</sup> - docc 18/02

En estes dos obretes tingueren sos Autors la mira de afrontar á aquells [...].<sup>167</sup> - docc 18/02

[...] li vingué al cap lo pensament de fer un *Cuento* [...].<sup>168</sup> - docc 18/02

Y encara els diré més, quel dia de la Novia nos volgué jitar en ella [...].<sup>169</sup> - docc 18/03

Eis as primeiras amostras que se tem, no *corpus* de catalão, da ocorrência da perífrase de pretérito *ir* + *infinitivo*, ou *Passat Perifràstic*. Observem-se os dois exemplos:

[...] demprés lo Dr. Narcís de Arano Oñate yá traduhir tota l'obra.<sup>170</sup> - docc 18/02

[...] a qui s'habien d'afegir les notes de Mosen Vicent Pons, que vaig vore en la Biblioteca de mon verdader amich [...].<sup>171</sup> - docc 18/02

Note-se como a correspondência é idêntica à perífrase de futuro *ir* + *infinitivo* do português, e de outras línguas românicas, como já exemplificado anteriormente. O contexto em que se encontram as duas perífrases não deixa margem a dúvidas sobre suas expressões perfectivas.

<sup>164</sup> [...] por causa de uma secreção e inflamação que me deu nos olhos com resistência e repetição me proibiu ler e escrever [...]. (tradução nossa)

<sup>165</sup> [...] traduziu para a língua latina e comentou as obras deste último o Llorens Mateu Sanz [...]. (tradução nossa)

<sup>166</sup> [...] que além das muitas obras que compôs em verso e prosa, trabalhou um *Tratado de las palabras que se deben eliminar de la Lengua Valenciana* [...]. (tradução nossa)

<sup>167</sup> Nestas duas obrinhas tiveram seus autores a mira de afrontar àqueles [...]. (tradução nossa)

<sup>168</sup> [...] lhe veio à cabeça o pensamento de fazer um *Cuento* [...]. (tradução nossa)

<sup>169</sup> E ainda lhes direi mais, que no dia da Noiva não quis atirar nela [...]. (tradução nossa)

<sup>170</sup> [...] depois o Dr. Narcís de Arano Oñate traduziu toda a obra. (tradução nossa)

<sup>171</sup> [...] a quem se haviam de acrescentar as notas de Mosen Vicent Pons, que vi na biblioteca de meu verdadeiro amigo [...]. (tradução nossa)

## C) Século do Renascimento:

Quadro 15 – Século do Renascimento - catalão

	<i>Haver + participi (Perfet)</i>	<i>Passat Simple</i>	<i>Passat Perifràstic</i>
<div> R e n a s c i m e n t o  X I X </div>	Poques hores bones <u>he tingut</u> en ella d'ençà que hi só (que aviat deurà fer quatre anys), però sí que <u>n'he passades</u> de bones, per aquells camps i torrenteres. - docc 19/02	Una dona que <u>digué</u> era de la serra d'Os, s'hi trobava molt be. - docc 19/03	Ahir á las cuatro de la matinada <u>varem sortir</u> de Pons pera arribar à las vuit del vespre [...]. -docc 19/03
	<u>He quedat</u> part quant <u>he sentit</u> que'l sopar valia cinch rals. - docc 19/03	[...] se'm <u>obligá</u> á pagar deu rals mes que de costum [...]. -docc 19/03	Potser <u>va fer</u> alguna desgracia per aquí baix al plá [...]. -docc 19/03
	<u>He vist</u> una especie de carreta tirada per un bou: inútil dirte que sas carreras per forsa han de reduhirse per aquesta plana: es com un vehícul desterrat.- docc 19/03	[...] los seus mateixos li <u>feren</u> pagar las moltas que ell havia fet.- docc 19/03	<u>Vaig à parlarte</u> un poch d'auest poble, al cual <u>vaig arribar</u> ahir vespre. -docc 19/03
	y avuy <u>he seguit</u> pam à pam [...]. docc 19/03	[...] y me'l <u>desterraren</u> aquí.- docc 19/03	<u>Vaig instalarme</u> á una posada, de las dugas que hi ha [...]. docc 19/03
	[...] las dos creus de ferro de que <u>t'he parlat</u> en una de mas cartas. - docc 19/03	[...] la <u>posí</u> entre les accetiques [...]. docc 19/05	Fetas donchs aquestas salvetats, y demanat per endavant perdó á la historia per lo que puga calumniarla, <u>vaig á cumplir</u> ab lo promés. - docc 19/03
	[...] porque hi <u>he trobat</u> algunes variants [...]. docc 19/05	[...] pero no u <u>fou</u> del impres [...]. - docc 19/05	[...] no obstant es tan particular lo que <u>vaig à dirte</u> , son tan originals y pintorescos los detalls que <u>vaig à donarte</u> respecte la manera de regirse'ls andorrans, que no dubto t'ha de

<p style="text-align: center;">R e c u s a m e n t o t X I X</p>	<p>He <u>rebut</u> á son temps la benvolguda carta [...]. docc 19/06</p>	<p>cridar l'atenció [...]. - docc 19/03</p> <p>[...] y aixó es lo que <u>va fer</u> obrir los ulls á grant part d'Andorrans sempre atents [...]. – docc 19/03</p> <p>[...] que avuy t'envio y espero t'agradará molt- de fondo s'entén- <u>vam tranzigir</u> posant-li una ortografia més enrahonada [...]. –docc 19/04</p> <p>Cuánt a la matinada <u>van portar</u> la noticia à Andorra me <u>digué</u>, <u>vaig posarme</u> á plorar. <u>Vaig sentirho</u> mes que tot per una capelleta molt bonica que hi havia [...].- docc 19/03</p> <p>[...] fins <u>van tenir</u> un mestre que's proposava ensenyar doctrinas laicas en sa escola. – docc 19/03</p> <p>[...] á pendre'l camí de la dreita alli hont <u>vaig deixarlo</u> prop las dos creus de ferro[...]. docc 19/03</p> <p>[...] la primera vegada que la <u>vatx veure</u> [...]. docc 19/05</p>
--	--	---

			<p>En Tries les <u>va</u> <u>estampar</u> l'any 1846. El Ms. Diu que <u>va</u> <u>esser</u> copiat en dit any [...]. – docc 19/05</p> <p>[...] que'm <u>va</u> <u>dirigir</u> lo dia 9 del mes corrent. – docc 19/06</p>
--	--	--	--

A língua catalã conhece o Renascimento muito tarde. Somente no século XIX é que recupera o fôlego para se impor no território espanhol, garantindo-se outra vez como língua literária. Tal necessidade é sentida após a reinstauração dos Jogos Florais (*Jocs Florals*), que fomentou a urgência de contar com uma língua moderna comum. Após muitas discussões, os grupos modernistas conseguiram dar algumas soluções linguísticas, as quais se concretizaram com a obra de Pompeu Fabra, considerado o grande normalizador da língua catalã.

Após a apreciação do material adquirido, os seguintes números foram obtidos: a forma *haver* + *participi* é responsável por 192 ocorrências nos documentos deste século; já o *Passat Simple* lhe segue com 99 casos. A perífrase ganha considerável terreno, já que teve apenas duas ocorrências no século passado, responsabilizando-se, agora, por 15 ocorrências. Além da perífrase de pretérito, a estrutura *ir+a* + *infinitivo* foi encontrada também com sentido de futuro. Deve-se esclarecer que estes casos não entraram na contagem, mas serão tomados em consideração, mais abaixo, a título de exemplo. Todos os exemplos selecionados formam parte dos documentos começados por docc19. Todos os grifos são nossos.

Exemplos com *haver* + *participi*:

Poques hores bones he tingut en ella d'ençà que hi só (que aviat deurà fer quatre anys), però sí que n'he passades de bones, per aquells camps i torrenteres. <sup>172</sup>- docc 19/02

He quedat part quant he sentit que'l sopar valia cinch rals [...]. <sup>173</sup>- docc 19/03

A persistência da concordância do verbo *haver* com o participípio, em pleno século XIX, poderia tratar-se de um mero caso de arcaísmo. No entanto, deve-se recordar que

<sup>172</sup> Poucas horas boas tive aqui onde estou (que já deve ter quatro anos), mas sim passei horas boas por aqueles campos e correntezas. (tradução nossa)

<sup>173</sup> Fiquei à parte quando ouvi que o jantar custava cinco reais. (tradução nossa)

somente neste século a língua catalã dá seus primeiros passos em direção à normatização linguística. Além do mais, Moll (1952 : 333) esclarece que se trata de uma manutenção viva, mas não absoluta, na língua moderna:

El participio de pretérito que forma parte de un tiempo perfecto, en el catalán medieval concordaba normalmente con el complemento directo, y tal uso se mantiene aun hoy día en el habla menos influida por el castellano, como es la de los labradores mallorquines: «La gràcia e la mercè que Deus m'ha feta» (Llull); «Aquestes paraules ... que los cardenals havien dites» (Descloit); «Considera almenys l'arra que t'ha donada» (Canals); «Li hagué celebrades solemnes exèquies» (Metge); «Hach-se jugades les joyes sues» (Spill); «Mos ulls d'açò han feta la bugada» (A. March); «Tres llançades he rebudes» (T. Aguiló); «Un marger havia trobada una olla plena d'or» (Riber).<sup>174</sup>

#### Eventos com ocorrência do tempo simples de pretérito, *Passat Simple*:

Una dona que digué era de la serra d'Os, s'hi trobava molt be. <sup>175</sup>- docc 19/03

[...] se'm obligá á pagar deu rals mes que de costum [...]<sup>176</sup>- docc 19/03

[...] los seus mateixos li feren pagar las moltas que ell havia fet. <sup>177</sup>- docc 19/03

Os casos expostos não apresentaram nenhuma inovação com relação aos séculos anteriores.

#### Episódios com as perífrases de pretérito *ir + infinitivo*:

Ahir á las quatre de la matinada varem sortir de Pons pera arribar à las vuit del vespre [...].<sup>178</sup>- docc 19/03

Note-se que o verbo auxiliar , cuja função é de marcar também pessoa, apresenta variante: *varem sortir* = *vam sortir*. O exemplo seguinte ilustra a variação:

[...] que avuy t'envio y espero t'agradará molt- de fondo s'entén- vam tranzigir posant-li una ortografia més enrahonada [...].<sup>179</sup>- docc 19/04

<sup>174</sup> O participio de pretérito que faz parte de um tempo perfeito, no catalão medieval concordava normalmente com o complemento direto, e tal uso se mantém ainda hoje na fala menos influenciada pelo castelhano, como é a dos lavradores mallorquines: «La gràcia e la mercè que Deus m'ha feta» (Llull); «Aquestes paraules ... que los cardenals havien dites» (Descloit); «Considera almenys l'arra que t'ha donada» (Canals); «Li hagué celebrades solemnes exèquies» (Metge); «Hach-se jugades les joyes sues» (Spill); «Mos ulls d'açò han feta la bugada» (A. March); «Tres llançades he rebudes» (T. Aguiló); «Un marger havia trobada una olla plena d'or» (Riber). (tradução nossa)

<sup>175</sup> Uma mulher que disse que era da Serra d'Os, encontrava-se lá muito bem. (tradução nossa)

<sup>176</sup> [...] me obrigou a pagar dez reais a mais que de costume [...]. (tradução nossa)

<sup>177</sup> [...] os seus mesmos lhe fizeram pagar as muitas que ele havia feito. (tradução nossa)

<sup>178</sup> Ontem às quatro da madrugada saímos de Pons para chegar às oito da noite [...]. (tradução nossa)

<sup>179</sup> [...] que hoje te envio e espero te agrade muito- no fundo se entende- cedemos e lhe pusemos uma fotografia melhor. (tradução nossa)

É imprescindível recordar a existência variação do auxiliar dependendo da região, como: *vaig, vas o vares, va, vam o vàrem, vau o vàreu, van o varen*.

Embora as variantes tenham uso estendido em outras regiões, exceto Barcelona, são consideradas, segundo Badia i Margarit (1962: 276), menos cultas, visto que o *-r* que as caracteriza é de natureza analógica.

Vaig instalarme á una posada, de las dugas que hi ha [...].<sup>180</sup> - docc 19/03

[...] y aixó es lo que va fer obrir los ulls á grant part d'Andorrans sempre atents [...].<sup>181</sup> - docc 19/03

[...] fins van tenir un mestre que's proposava ensenyar doctrinas laicas en sa escola.<sup>182</sup> - docc 19/03

Os seguintes exemplos foram separados para que se possa ter uma melhor ideia dos fenômenos ocorrendo a um só tempo. Nas orações selecionadas, aparecem, dos três tempos verbais em estudo, ao menos dois deles. Note-se como, em português, os três correspondem a um só: *Pretérito Perfeito do Indicativo*.

He vist una especie de carreta tirada per un bou: inútil dirte que sas carreras per forza han de reduhirse per aquesta plana: es com un vehícul desterrat. Potser va fer alguna desgracia per aquí baix al plá y me'l desterraren aquí.<sup>183</sup> - docc 19/03

[...] á pendre'l camí de la dreta alli hont vaig deixar-lo prop las dos creus de ferro de que t'he parlat en una de mas cartas.<sup>184</sup> - docc 19/03

Cuánt a la matinada van portar la noticia à Andorra me digué, vaig posarme á plorar. Vaig sentirho mes que tot per una capelleta molt bonica que hi havia [...].<sup>185</sup> - docc 19/03

[...] la primera vegada que la vatx veure la posí entre les accetiques [...].<sup>186</sup> - docc 19/05

É importante observar, novamente, a variação das formas do verbo *ir* em catalão para formar a perífrase. *Vatx veure = vaig veure*. Essa primeira variante não foi encontrada em nenhuma gramática. Dessa maneira, acredita-se que a variação se tenha dado meramente por uma questão fonética, pois as terminações catalãs *-tx* e *-ig* possuem idêntica realização fonética. Mais uma vez a fala interfere na escrita, fenômeno comum a todas as línguas, mas

<sup>180</sup> Instalei-me em uma pousada, das duas que aqui há [...]. (tradução nossa)

<sup>181</sup> [...] e isso é o que fez abrir os olhos a grande parte de andorranos sempre atentos [...]. (tradução nossa)

<sup>182</sup> [...] até tiveram um mestre que se propunha a ensinar doutrinas laicas em sua escola. (tradução nossa)

<sup>183</sup> Vi uma espécie de carreta puxada por um boi: inútil dizer que suas caminhadas por força têm de se reduzir por esta planície: é como um veículo dispensável. Talvez “fez” alguma desgraça por aqui no baixo ao plano e o dispensaram aqui. (tradução nossa)

<sup>184</sup> [...] a tomar o caminho da direita ali onde o deixei próximo de duas cruzes de ferro de que te falei em uma de minhas cartas. (tradução nossa)

<sup>185</sup> Quando na madrugada troxeram a notícia à Andorre me disse, pus-me a chorar. Senti-o mais que tudo por uma capelinha muito bonita que havia lá [...]. (tradução nossa)

<sup>186</sup> [...] a primeira vez que a vi a coloquei entre as ascéticas [...]. (tradução nossa)



em especial nas línguas em que ainda não há uma normativa. Observe-se: *vatx* [bat<sup>f</sup>]; *vaig* [bat<sup>f</sup>].

He rebut á son temps la benvolguda carta que'm va dirigir lo dia 9 del mes corrent.<sup>187</sup> - docc 19/06

En Tries les va estampar l'any 1846. El Ms. Diu que va esser copiat en dit any, pero no u fou del impres perque hi he trobat algunes variants [...].<sup>188</sup> - docc 19/05

No último exemplo é possível observar a ocorrência dos três pretéritos em catalão: *Passat Perifràstic* (*ir* + *infinitivo*), *Passat Simple* e *Perfet* (*haver* + *participi*), respectivamente. Como já citado em outra oportunidade, a tradução dos três tempos, em português, equivaleria ao Pretérito Perfeito.

A fim de tornar um pouco mais clara a organização e o funcionamento desses três pretéritos em catalão, note-se<sup>189</sup>:

Els temps perfectius (o de perfet) fan referència a situacions que es visualitzen de manera global, sense tindre en compte el procés de realització. Són perfectius el *passat simple* o el *perifràstic* i el *perfet*, i tots els temps composts amb l'auxiliar *haver* [...].

*Ahir anàrem al teatre.* (*passat simple*)

*Ahir vam anar al teatre.* (*passat perifràstic*)

*Hui hem anat al teatre.* (*perfet*)

*Quan els ho vam dir, ja havíem anat al teatre.* (*plusquamperfet*)<sup>190</sup>

Como visto, os três pretéritos abordados na análise são perfectivos. No que tange ao uso de cada um deles, são fundamentais as observações tecidas pela norma.<sup>191</sup> Acerca do uso do *Passat Simple* e do *Passat Perifràstic*, veja-se:

El *passat simple* i el *perifràstic*, així com el *perfet*, són temps perfectius, i s'usen amb un valor d'anterioritat a l'acte de parla. Els dos primers tenen el mateix valor i, des d'un punt de vista funcional, són intercanviables en tots els contextos:

*Ahir començà / va començar la fira de juliol.*

*L'any passat passàrem / vam passar l'estiu a Castelló de Rugat.* [...]

<sup>187</sup> Recebi a tempo a querida carta que me dirigiu no dia 9 do mês corrente. (tradução nossa)

<sup>188</sup> Em Tries imprimiu no ano de. O Ms diz que foi copiado no dito ano, mas não o foi do impresso porque lá encontrei algumas variantes [...]. (tradução nossa)

<sup>189</sup> Ver *Gramàtica Valenciana de la Llengua*, disponível em <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>, p. 238. Decidiu-se usar apenas a normativa da AVL, para estas explicações, porque a gramática do IEC não traz contribuições no que concerne ao uso dos três tempos de pretérito abordados.

<sup>190</sup> Os tempos perfectivos (ou do perfeito) fazem referência a situações que se visualizam de maneira global, sem ter em conta o processo de realização. São perfectivos os *passat simple* ou o *perifràstic* e o *perfet*, e todos os tempos compostos com o auxiliar *haver* [...].

Ontem fomos ao teatro (*passat simple*)

Ontem fomos ao teatro (*passat perifràstic*)

Hoje fomos ao teatro (*perfet*)

Quando eles o disseram, já havíamos ido ao teatro. (*plusquamperfet*). (tradução nossa)

<sup>191</sup> Ver *Gramàtica Valenciana de la Llengua*, disponível em <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>, p. 240.

El passat simple i el perifràstic es diferencien del perfet pel grau de proximitat o de vinculació amb el moment de l'acte de parla. El perfet fa referència a situacions ocorregudes en el dia de l'acte de parla o en un període que també inclou l'acte de parla, i a situacions que d'alguna manera incidixen sobre el present. El passat simple i el perifràstic, en canvi, designen situacions anteriors al dia de hui o situacions no incloses en un període que també inclou l'acte de parla<sup>192</sup>.

### Exemplos com os três tempos de pretérito perfectivo<sup>193</sup>:

El perfet i el passat simple i perifràstic:

A les nou hem parlat amb Carme. Ahir vam parlar amb Carme.  
Ha caigut malalt esta setmana. Caigué malalt la setmana passada.  
Enguany s'ha avançat molt en la solució de la malaltia. L'any passat s'avançà molt en la solució de la malaltia.<sup>194</sup>

Uma estrutura muito semelhante à perífrase de pretérito, *ir + infinitivo* foi encontrada com alguma significância neste período: a perífrase de futuro *ir + a + infinitivo*. Vejam-se os exemplos:

Fetas donchs aquestas salvetats, y demanat per endavant perdó á la historia per lo que puga calumniarla, vaig á cumplir ab lo promés<sup>195</sup>. - docc 19/03

[...] no obstant es tan particular lo que vaig à dirte, son tan originals y pintorescos los detalls que vaig à donarte respecte la manera de regirse'ls andorrans, que no dubto t'ha de cridar l'atenció [...].<sup>196</sup> - docc 19/03

Vaig à parlarte un poch d'auest poble, al cual vaig arribar ahir vespre y avuy he seguit pam à pam [...].<sup>197</sup> - docc 19/03

<sup>192</sup> O passado simples e o perifrástico, assim como o perfeito, são tempos perfectivos, e se usam com um valor de anterioridade ao ato de fala. Os dois primeiros têm o mesmo valor e, do ponto de vista funcional, são intercambiáveis em todos os contextos:

*Ontem começou/ começou a feira de julho.*

*No ano passado passamos/ passamos o verão em Castelló de Rugat. [...]*

O passado simples e o perifrástico se diferenciam do perfeito pelo grau de proximidade ou de vínculo com o momento do ato de fala. O perfeito faz referências a situações ocorridas no dia do ato de fala ou em um período que também inclui o ato de fala, e a situações que de alguma maneira incidem sobre o presente. O passado simples e o perifrástico, ao contrário, designam situações anteriores ao dia de hoje o situações no inclusas em um período que também inclui o ato de fala. (tradução nossa)

<sup>193</sup> Ver *Gramàtica Valenciana de la Llengua*, disponível em <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>, p. 240

<sup>194</sup> O perfeito e o passado simples e perifrástico:

Às nove falamos com Carme. Ontem falamos com Carme.

Caiu doente esta semana. Caiu doente a semana passada.

Este ano se avançou muito na solução da doença. No ano passado se avançou muito na solução da doença. (tradução nossa)

<sup>195</sup> Feitas então estas ressalvas, e pedido perdão à história pelo que possa caluniá-la, vou cumprir com o prometido. (tradução nossa)

<sup>196</sup> [...] não obstante é tão particular o que vou te dizer, são tão originais e pintorescos os detalhes que vou te dar referentes à maneira de governarse os andorranos, que não duvido te chamará a atenção [...]. (tradução nossa)

<sup>197</sup> Vou falar-te um pouco deste povoado, ao qual cheguei ontem à tardinha e hoje segui cada pedaço [...]. (tradução nossa)

A semelhança entre as duas composições é, efetivamente, muito grande. É possível notar, ainda com mais clareza, essa concordância das formas no último exemplo, visto que o verbo no infinitivo inicia-se por *a*, aglutinando-se, oralmente, à preposição da perífrase. A primeira perífrase deste coincide com a perífrase de futuro em português: *vou te falar*. Já a segunda equivale ao tempo simples de pretérito: *cheguei*, em *port*.

É da natureza dos sistemas linguísticos eliminar quaisquer tipos de construções que provoquem certo desarranjo, como o homomorfismo, para não atrapalhar o funcionamento das mesmas. Não obstante, e por alguma razão ainda obscura, o catalão parece não ter visto tal necessidade, ou uma das duas formas *ir (a) + infinitivo*, a de pretérito ou a de futuro, já teria sido destituída. O tema é bastante complexo e muitos autores discutem a legitimidade de ambas as construções, do qual se falará um pouco mais no capítulo seguinte.

De acordo com Radatz (2003), no entanto, o sistema suporta, em muitos casos, a homofonia e a perífrase de pretérito catalão, *ir + infinitivo*, parece ser um caso de homofonia tolerável com a de futuro *ir + a + infinitivo*. Diz o autor enfaticamente:

[...] se ha atribuido demasiada importancia a este argumento; si efectivamente hubiera tanta probabilidad de confusión entre los dos tiempos verbales, el discurso normativo en contra de un futuro perifrástico catalán sería innecesario, ya que los mismos hablantes se verían obligados a prescindir de tal perífrasis para evitar eternos malentendidos. Por eso parece un argumento más bien académico, sin grandes repercusiones para la práctica de la lengua<sup>198</sup>.

Após apurar o comportamento da construção *haver + participi*, a qual não era prevista nesta análise, algumas observações podem ser feitas. Segundo demonstram os dados colhidos, a construção com *haver* é a única concorrente com a forma simples de pretérito em catalão até o século XVIII, quando, pela primeira vez, a perífrase *ir + infinitivo* entra em cena. Além disso, *haver + infinitivo* se manifesta em todos os séculos analisados e em quantidade considerável, chegando, por vezes, a superar o emprego do tempo flexional de pretérito catalão. Modernamente, percebe-se que esta construção é ainda usual e tem o seu uso pela normativa contemporânea, conforme ilustrado nesta seção.

<sup>198</sup> [...] atribui-se demasiada importância a este argumento; se efetivamente houvesse tanta probabilidade de confusão entre os dois tempos verbais, o discurso normativo contra um futuro perifrástico catalão seria desnecessário, já que os mesmos falantes se veriam obrigados a prescindir de tal perífrase para evitar eternos malentendidos. Por isso parece um argumento mais ao estilo acadêmico, sem grandes repercussões para a prática da língua. (tradução nossa)

### 3.4 – GRÁFICOS

A fim de ilustrar o processo de emprego das variantes em estudo, propõe-se a observação dos seguintes gráficos.

Gráfico 1 – Ocorrências no português

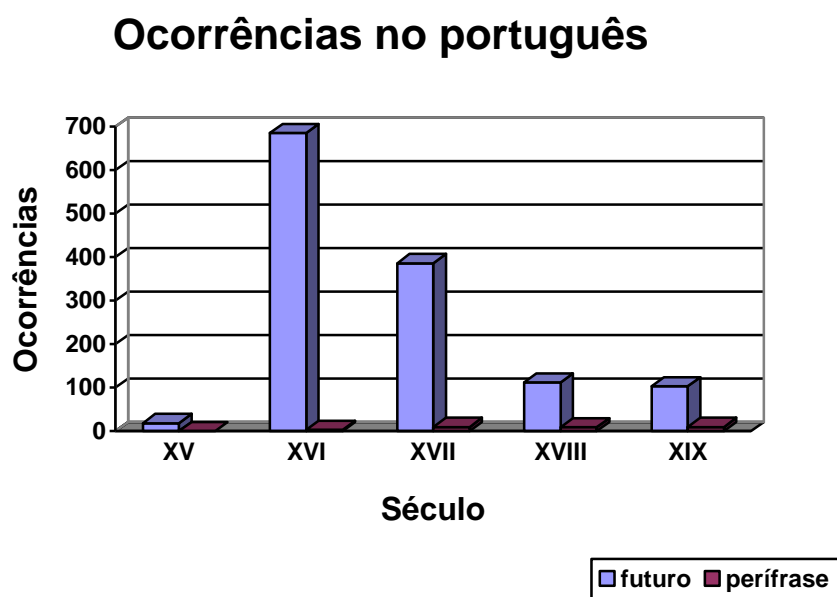
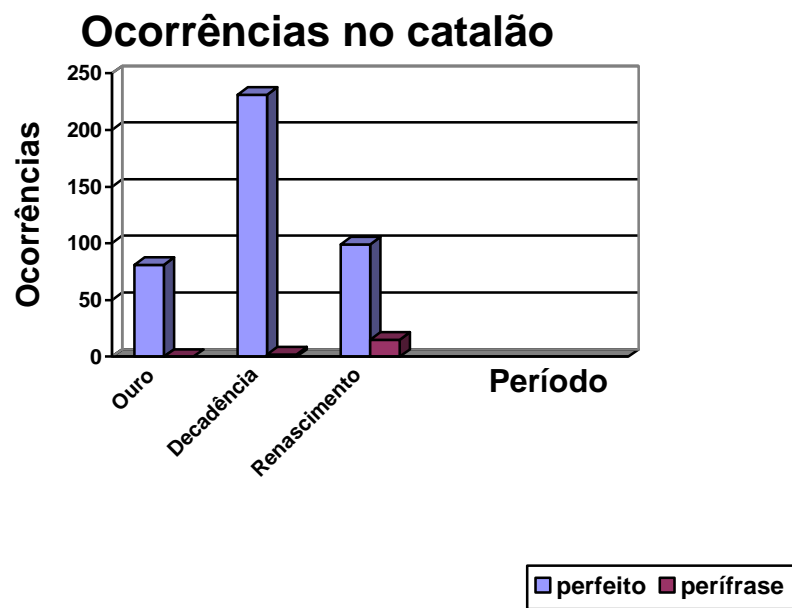


Gráfico 2 – Ocorrências no catalão



## CAPÍTULO 4 - CONCORRÊNCIA, VARIAÇÃO E MUDANÇA: PONDERAÇÕES SOBRE NORMA E USO

---

### 4.1 - HETEROGENEIDADE

É prescindível afirmar que cada uma das línguas tem a sua história peculiar, mas vale recordar que cada forma linguística de qualquer língua tem a sua história própria. Essa assertiva incide diretamente sobre as relações internas e externas das línguas. Não é possível falar somente em um bloco unitário em contraste com outros blocos. A história da língua se escreve por meio de uma força que se tensiona em um jogo constante de conservação e inovação, com matizes inúmeros e que abrange não somente a tradição linguística de uma comunidade histórica, mas também o falar concreto de um indivíduo. Desde esta perspectiva é que se quer avaliar a história da perífrase, esta, concebida como uma forma variante e concorrente com a forma sintética.

Dentro da unidade linguística concebida por uma comunidade linguística histórica existe a heterogeneidade linguística. As línguas de quaisquer comunidades linguísticas se alimentam consecutivamente dos atos linguísticos individuais, sem sofrer descaracterização por isso. Assim, assume-se que as realizações linguísticas individuais não interferem no funcionamento do sistema linguístico; ao contrário, fomenta esse funcionamento.

Dada a competência múltipla do falante, prevista e permitida pela Língua, tem-se o fenômeno de variação linguística, condicionada tanto pelos fatores internos quanto aos externos. No caso da presente pesquisa, abordar-se-á a variação linguística apenas ao que concerne à concorrência das formas verbais sintéticas e analíticas do futuro do presente, em português, e do pretérito perfeito, em catalão.

As formas analíticas, como visto, constituem uma inovação característica do latim vulgar. O termo “inovação”, porém, é muito relativo, posto que algo somente é concebido como “inovador” em relação ao outro. Em português, *habeo + infinitivo*, formador do atual futuro sintético, por exemplo, é uma inovação que aparece em latim vulgar, opondo-se à forma sintética de futuro prevista no sistema verbal latino.

A perífrase em estudo, *ir + infinitivo*<sup>199</sup>, no entanto, é uma inovação mais recente cujo aparecimento se dá em uma fase em que as línguas românicas estão já formadas<sup>200</sup>. Mas a tendência analítica que segue é, sem dúvidas, uma herança da língua vulgar.

Se o estudo se baseasse apenas nos dados levantados dos *corpora* apresentados, haveria o risco de se cometer um erro grave ao afirmar que a variação das formas sintéticas e perifrásticas estudadas em catalão e em português tem início no século XVI, nesta língua, e XVIII, naquela. As amostras são uma representação ínfima de todo o sistema de possibilidades que a língua oferece ao falante. A variação linguística, por mais que não tenha sido contemplada da maneira que se esperava, é um fato. Assim, todas as afirmações tecidas durante as considerações deste capítulo terão de ser relativizadas.

Ao se falar em variação linguística não se está, necessariamente, relacionando à mudança linguística. A variação existe, segundo os dados colhidos, em todos os séculos: em catalão, sempre há concorrência de uma forma simples de perfeito e uma perifrástica (*Perfet* e *Passat Simple*, ou *Perfet*, *Passat Simple* e *Passat Perifràstic*); em português, com o futuro flexional concorrem as perífrases *ir + infinitivo* e/ ou *haver de + infinitivo* em quase todos os séculos em estudo.

Com efeito, para se poder entrever uma mudança na língua, será necessário fazer uma aprofundada abordagem diacrônica, visto que apenas diacronicamente tem existência. Portanto, após detida análise dos dados em cada um dos séculos, conforme os apontamentos levantados em 3.2 e 3.3, faz-se necessário voltar o olhar para o eixo diacrônico.

A língua não mudaria se nela não permeassem fatores desorganizadores que suscitam instabilidade. Seria, assim, um sistema equilibrado e perpétuo. A língua que não muda, segundo Coseriu (1973:16), é a língua abstrata, a que não sofre com a intervenção de fatores externos, que está atestada em uma gramática ou dicionário. Da mesma forma, a língua em uma abordagem sincrônica não muda, já que ignora a sucessão e a mudança. É, portanto, por essa razão que se estudaram os documentos de cada século com observações que se estendiam para além da sincronia.

No caso em estudo, trata-se de observar se a concorrência entre a forma analítica e sintética de futuro, para o português, e passado, para o catalão, apresenta-se de modo a

<sup>199</sup> Recorde-se que a perífrase em estudo é formada pelo verbo *ir* conjugado no Presente do Indicativo, que, em português, denota noção de futuro como, por exemplo, *vou falar*, *vamos escrever* etc. Neste capítulo somente será abordada a perífrase *ir + infinitivo*, embora se tenha apontado que o futuro simples da língua portuguesa tem como concorrente a forma *haver de + infinitivo* e a língua catalã apresenta concorrência entre o *Passat Simple* e o *Perfet*, ou *haver + participi*.

<sup>200</sup> Lausberg (1974: 406): “É recente uma formação de futuro do tipo francês *je vais chanter*, que indica o futuro próximo ou imediato”.

determinar apenas a variação ou se vai mais além, apontando mudança linguística. Conforme as considerações e os levantamentos feitos no capítulo 3, é possível, para ambas as línguas envolvidas, falar apenas em variação linguística, ao menos no gênero textual escolhido para análise (conferir detalhes em 4.3). Além do mais, nos gráficos ilustrativos em 3.4, os números abismais que distanciam as duas formas, sintética e analítica, não permitem afirmar, de momento, nenhuma substituição daquela por esta.

De fato, isso somente foi possível entender por meio do prisma diacrônico concedido também à presente análise. Para tanto, corrobora o trabalho de Tarallo (2004:11) quando afirma a respeito da projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade: “A variação não implica necessariamente mudança linguística [...]. A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado da variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes.”

Dessa forma, é necessário que doravante um olhar mais atento se debruce sobre os condicionadores das variáveis. De acordo com Tarallo (2004: 36), existem fatores condicionadores, ou seja, situações linguísticas que favorecem o uso de uma ou outra variante. O aparecimento recorrente de certos fatores com uma determinada variante pode ser uma artifice de que dispõe para se sobrepor à outra variante.

Com o fim de orientar as considerações a serem feitas sobre a variação e possíveis mudanças linguísticas, alguns elementos da sociolinguística serão abordados. Segundo os preceitos da sociolinguística, a concorrência de formas sofre influência de fatores sociais e estruturais, os quais podem estar condicionados aos fatores externos ou internos da língua. Segundo Coseriu (1973: 12), os fatores externos se relacionam às mudanças linguísticas, enquanto os internos, à reconstituição do sistema perturbado por aquele.

Os fatores internos que serão observados como condicionantes do uso da forma sintética ou perifrástica nos *corpora* são os de caráter fono-morfo-sintático, semântico, discursivo e lexical. Já os fatores externos compreendem os inerentes ao indivíduo (etnia, sexo), fatores sociais (escolaridade, renda, profissão, classe social), fatores contextuais (formalidade e tensão discursiva), conforme os estudos de Mollica; Braga (2003: 11). Contudo, nem todos os fatores podem aparecer em todas as cartas, aliás, um determinado fator pode inclusive não aparecer em nenhuma das cartas selecionadas.

Além disso, concorda-se com Tarallo (2004: 36) no seguinte aspecto:

Ao compararmos, portanto, as variantes de mesma natureza em línguas diferentes, temos um objetivo duplo em mente: 1. descrever, analisar e sistematizar o envelope de variação em cada uma das línguas; 2. comparar os resultados das análises com vistas à projeção de possíveis rumos que as variantes tomarão. A comparação dos



resultados das análises visa, em especial, a relacionar as armas semelhantes que as variantes usam em combate, em cada uma das línguas.

O primeiro objetivo colocado pelo autor, exceto a sistematização, compreende, nesta investigação, aos capítulos 1, 2 e 3. À sistematização das variantes compreendem os dois subcapítulos subsequentes. Já o segundo objetivo é a meta do presente capítulo considerado em seu todo.

Isto posto, passa-se agora à observação das variantes e seus fatores condicionantes.

#### **4.1.1- Tratamento de dados: o catalão**

A variação entre o emprego da forma simples ou perifrástica de pretérito é observada somente nos seguintes documentos da língua catalã: docc 18/02, docc 19/03, docc 19/04, docc 19/05 e docc 19/06. Tomando-se em consideração que a forma sintética é mais arcaizante – recorde-se o sistema verbal latino – está-se adotando o termo variante apenas para a forma analítica, ou seja, a perífrase *ir + infinitivo* (*Passat Perifràstic*). Dessa forma, será feito um empenho no sentido de observar em que contexto a variação entra em cena. Considerem-se, para tanto, os fatores internos e externos à língua catalã.

Aparentemente, os fatores que mais têm peso desencadeador da variação, alternância de uso da forma sintética e analítica de pretérito, são os de caráter externo, visto que, conforme explicitado em ocasiões prévias, a principal motivação da alternância entre *Passat Simple* e *Passat Perifràstic* se dá apenas em âmbito estilístico e de gênero literário, segundo gramáticos como Jané (1968: 137). Os fatores linguísticos que são internos à língua parecem não determinar a variação, mas podem apontar algumas causas possíveis da permanência da forma perifrástica ou da perda de força da forma sintética.

Os fatores internos que podem condicionar o emprego da forma perifrástica de pretérito em língua catalã parecem não ser muito claros, como já aponta Badia i Margarit (1999: 237):

No deixaré de puntualitzar, però, que l'explicació sociolingüística (Colón) no sembla incompatible amb la Idea de cercar d'altres raons d'ordre intern en el sistema verbal de la llengua, per justificar el perfet perifràstic [com insinua FÀBREGAS (1998), p. 573-579, sobretot 578]. Penso, per exemple, en el nombre reduït i els sentits especialitzats de les perífrasis verbals en català, etc., comparats amb el castellà, el francès, etc.). Personalment, tinc la impressió que cap argument no basta per si sol a explicar el procés del perfet perifràstic en català. Estem en la via de

definir les condicions per las quals la perífrasi ha refermat en català i no ha prosperat en les altres llengües (o s'hi ha quedat a mig camí).<sup>201</sup>

Como se nota, diversos fatores, ainda obscuros aos próprios estudiosos da língua, parecem ter contribuído para a permanência da variante perifrástica no sistema linguístico, ainda que, muitas vezes, rechaçada pela normativa e em contraste com as demais línguas românicas, como o francês ou o castelhano. No excerto elucidativo de Badia i Margarit transcrito acima, observa-se a menção de uma “explicação sociolinguística” por parte de (Germán) Colón. Acredita-se que se trata de um artigo em que Colón problematiza a perífrase de pretérito catalã. No artigo, Colón (1959: 165-176) critica Badia i Margarit, já que este se recusa a ver um valor de perfeito nos exemplos mais antigos da perífrase. Assim, Colón se propõe a analisar minuciosamente os textos catalães medievais para constatar o valor perfectivo de *ir* + *infinitivo*. Para tanto, Colón estabelece critérios externos (comparação com textos latinos ou escritos em uma língua românica com tradução ao catalão medieval; indicações fornecidas pelos gramáticos preceptores da Idade Média e estudo das variantes textuais) e também internos (estrutura das frases em que a perífrase se manifesta) à língua a fim de observar os valores primeiros da perífrase e a sua manutenção linguística. Sobre a “explicação sociolinguística” referida por Badia i Margarit, observem-se, mais adiante, os fatores externos que podem condicionar a variação em catalão.

Ora, se a permanência do perifrástico é um fato, deve-se, em primeiro lugar, à permissividade do sistema linguístico catalão. Sobre os desenvolvimentos perifrásticos inerentes às línguas românicas, herdeiras do latim vulgar, pode-se lembrar o que diz Maurer Jr (1962: 13): o sistema verbal latino estava comprometido pelo uso vulgar, o qual contava com inúmeras construções analíticas satisfatoriamente substitutivas.

Também nesta questão corroboram as afirmações de Almeida<sup>202</sup>:

Passar do verbo à perífrase verbal é, no mais das vezes, um desenrolar de pensamento para melhor caracterizar as diversas nuances do raciocínio, dentro da dinâmica do processo. Nisso se evidencia a insuficiência do quadro das conjugações verbais, bem como se revela o esforço da língua, procurando tais desdobramentos para adaptar-se à grandeza das expressões das ideias.

<sup>201</sup> Não deixarei de pontuar, contudo, que a explicação sociolinguística (Colón) não parece incompatível com a ideia de buscar outras razões de ordem interna no sistema verbal da língua, para justificar o perfeito perifrástico [como insinua FÀBREGAS (1998), p. 573-579, sobretudo 578]. (Penso, por exemplo, no número reduzido e nos sentidos especializados das perífrases verbais no catalão, etc., comparados com o castelhano, o francês, etc.). Pessoalmente, tenho a impressão de que nenhum argumento basta por si só para explicar o processo do perfeito perifrástico em catalão. Estamos em vias de definir as condições pelas quais a perífrase se consolidou em catalão e não prosperou nas outras línguas (ou se ficou, nelas, a meio caminho). (tradução nossa)

<sup>202</sup> Almeida, J. *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. badana/capa. Assis: ILHPA-HUCITEC, 1980.

Mesmo assim, é notável como o sistema analítico vulgar tenha se consolidado de maneira tão diferenciada em catalão, a ponto de, como enfatizado ao início da pesquisa, provocar estranheza com as línguas românicas aparentadas (línguas do galo e iberorromance, por exemplo). Assim, não é a tendência analítica, como o emprego das perífrases verbais, o que chama mais a atenção na língua catalã, já que é um fenômeno pan românico<sup>203</sup>, e sim, conforme apontou Badia i Margarit no excerto mais acima transcrito, o modo como a perífrase *ir + infinitivo* é usada em catalão e não se consolidou com o mesmo uso nas outras línguas românicas.

Tudo isso, porém, não explica como os fatores internos à língua beneficiam o uso da variante; somente demonstra que há uma tendência evolutiva plausível como também acontece em outras línguas.

Em realidade, apenas dois fatores parecem poder realmente influenciar de maneira significativa para a preferência perifrástica em detrimento da forma simples de pretérito. O primeiro deles é, efetivamente, o fator de gramaticalização do verbo *ir*, que também incide, significativamente, na perífrase portuguesa, como se verá mais adiante.

Dáí advém um caráter semântico que corrobora para a explicação da necessidade ou desenvolvimento da perífrase *ir + infinitivo*. Já não há marca de significação léxica no auxiliar que, ao princípio, era empregado apenas em construções que denotavam movimento, cujo valor é muito forte no verbo *ir*. A extensão de uso a outras formas que não indicavam movimento plasman o processo de transição para significação gramatical, sem vestígios lexicais.

Segundo Barroso (1994: 56), a gramaticalização:

[...] é um fenômeno de linguagem que consiste essencialmente na transformação de uma palavra de significação objetiva (lexema) numa palavra de significação gramatical (categorema), ou, noutros termos, a transferência de um significado léxico para um significado instrumental. Por conseguinte, a entidade linguística resultante desta operação transformacional deve ser considerada como um morfema, isto é, como o verdadeiro suporte de uma categoria gramatical.

Neste caso, significa dizer que o verbo *ir*, auxiliar, reduz-se a um morfema, perdendo sua antiga expressão de verbo pleno ou autônomo. Agora é reduzido a um mero instrumento gramatical, encarregado de marcar tempo, modo, número e pessoa. A significação lexical, no processo perifrástico, é função do verbo principal ou auxiliado, que, aqui, manifesta-se na forma nominal do infinitivo.

---

<sup>203</sup> Atente-se que se está afirmando que o desenvolvimento perifrástico é pan românico e não que a perífrase *ir + infinitivo* seja pan românica.

Apesar da unidade semântica obtida pela união do auxiliar e do auxiliado, cada qual apresenta funções distintas. No caso do primeiro, como visto, a função primordial se dá em nível gramatical. Ao segundo cabe a expressão do conteúdo semântico. Ainda há uma diferença curiosa entre ambos, conforme atesta Barroso (1994: 65): o auxiliar possui um “inventário limitado” de elementos, ao passo que o verbo principal possui um repertório “ilimitado”.

Por fim, acredita-se que o segundo fator que favorece o emprego da perífrase catalã é a simplicidade de sua estrutura em detrimento da conjugação do tempo flexional de pretérito, o *Passat Simple*.

A conjugação do verbo *ir* no Presente do Indicativo torna-se ainda mais fácil pela regularização analógica da 1ª e 2ª pessoas do plural na formação perifrástica. Relembrem-se as flexões do referido verbo no Presente, efetivamente, e na composição perifrástica, *Passat Perifràstic*<sup>204</sup>:

**Quadro 16 – Present – Passat Perifràstic**

<i>Present</i>	<i>Passat Perifràstic</i> (+ <i>infinitiu</i> )
vaig	Vaig
Vas	Vas
Va	Va
Anem	Vam
Aneu	Vau
Van	Van

Como ocorre em diversas línguas românicas, o presente e o pretérito perfeito são os tempos verbais que mais apresentam formas irregulares em suas flexões. Para exemplificar,

<sup>204</sup> Não foram levadas em consideração outras formas do verbo *ir* utilizadas para a formação do *Passat Perifràstic*, já que apenas são usos dialetais e menos usuais.

vejam-se alguns verbos em português e seus correspondentes em catalão flexionados no pretérito perfeito:

**Quadro 17 – Pretérito Perfeito – catalão e português**

<i><b>Fer</b></i>	<i><b>Fazer</b></i>
Fiu	Fiz
Feres	Fizeste
Féu	Fez
Férem	Fizemos
Féreu	Fizestes
Feren	Fizeram
<i><b>Ésser</b></i>	<i><b>Ser</b></i>
Fui	Fui
Fores	Foste
Fou	Foi
Fórem	Fomos
Fóreu	Fostes
Foren	Foram

Evidentemente, um processo muito mais simples é a memorização de apenas uma forma flexional, como o verbo *ir*, e ter à disposição uma infinidade de possibilidades expressivas por meio da utilização de qualquer verbo no infinitivo. Assim, os mesmos verbos catalães acima mencionados, tornam-se mais acessíveis, superada a estranheza com outras línguas românicas, estruturados em sua forma analítica de pretérito. Observe-se:

**Quadro 18 – *Passat Perifràstic***

<i>Fer</i>	<i>Ésser</i>
Vaig fer	Vaig ésser
Vas fer	Vas ésser
Va fer	Va ésser
Vam fer	Vam ésser
Vau fer	Vau ésser
Van fer	Van ésser

A complexidade flexional observada no emprego da forma simples de pretérito não é, nem de longe, aqui percebida. Assim, a conjugação perifrástica possui uma regularidade flexional muito mais evidente e, portanto, mais ao gosto popular, que sempre tenta, de uma forma ou outra, regularizar formas irregulares.

Conforme pôde ser observado na análise dos dados, alguns documentos apresentaram variação, posto que ora se tinha o emprego da forma simples de pretérito, ora se tinha o emprego da forma composta do mesmo. Seguem alguns comentários acerca destes documentos a fim de observar se na variação das formas em estudo há algum fator condicionador, o qual, segundo Tarallo (2004: 36), pode ser de ordem interna ou externa à língua.

Em docc 18/02, diagnosticam-se alguns fatores externos, como alto grau de formalidade; o sujeito que escreve a carta é um homem culto, já que demonstra ter conhecimentos sobre obras literárias importantes da língua catalã; aparenta considerável engajamento na defesa da língua, já que procura convencer o destinatário da importância da edição de obras catalãs para evitar a corrupção desta língua; provavelmente, pelos conhecimentos linguísticos e literários que apresenta, pertence a uma classe social privilegiada.

Em docc 19/03, as cartas de Joseph Aladern, ao contrário de docc 18/02, são escritas em um estilo mais informal e destina-se a um amigo e são escritas em um tom bastante coloquial. Aladern recolheu as cartas que escrevera a este amigo quando, em dada ocasião,

esteve em Andorra, país cuja única língua oficial é o catalão, e as levou à publicação; porém, ressalta que não se trata de uma obra literária. O autor das cartas se autoafirma como catalanista, o que pode significar que seja empenhado em escrever e promover a língua catalã de acordo com as postulações do grupo modernista da época. Além disso, seus conhecimentos sobre a literatura catalã moderna reforçam essa ideia: sabe que o escritor Verdaguer esteve em Andorra e cita um trecho de uma descrição que o autor faz em uma de suas obras, *Canigó*.

Em docc 19/04, anotaram-se a ocorrência de alguns fatores externos que poderiam influenciar na variação linguística. A carta apresenta-se em um estilo informal, dirigida a um amigo. Também a informalidade é reforçada pela assinatura da carta, já que é usado não o nome ou sobrenome do autor, mas sim um apelido: Sisó. O remetente, Sisó, é um homem que está na capital, Barcelona, e trabalha em um escritório. O tom da carta tende mais ao coloquial que ao culto.

Em docc 19/05, pode-se constatar que a carta também é escrita por um homem que assina como Mo. O remetente, que na verdade se chama Marian Aguiló – informação adicionada à carta e não fornecida pelo sujeito- escreve em um tom informal, destinado a um *tu*. Contudo, o autor da carta aparenta ser um homem culto, já que fala sobre obras literárias com o seu interlocutor.

Em docc 19/06, a carta de Justin Pépratx se destina a Teodor Llorente. No documento, embora o autor trate o seu interlocutor por amigo, prevalece um tom mais formal que sempre é reforçado pelo tratamento em terceira pessoa do singular, pelo pronome *V.*, *senyor* e *li* (port. *lhe*). O remetente poderia ser um escritor, já que comenta sobre uma tradução que fizera. No entanto, acredita-se que não seja um tradutor da língua catalã, posto que afirma enfaticamente que não costuma falar ou escrever na língua que tanto ama, pedindo, assim, perdão pelos erros da carta.

Todos esses dados apurados poderiam sistematizar-se de acordo com o esquema da seguinte tabela:

**Tabela 1 - Fatores externos – catalão**

Documento	Indivíduo		Social				Contextual	
	Sexo	Etnia	Escolaridade	Renda	Profissão	Classe	Formalidade	Tensão
18/02	M	DE	A	A	DE	A	FO	DE
19/03	M	DE	A	DE	DE	DE	IN	DE
19/04	M	DE	DE	DE	DE	DE	IN	DE
19/05	M	DE	A	DE	DE	DE	IN	DE
19/06	M	DE	A	DE	*escritor	DE	FO	DE

## Legenda:

M- masculino	IN- informal	F- Feminino
FO- formal	A- alta	B- baixa
DE- desconhecido	*- hipotético	

Primeiramente, faz-se necessário advertir que dois fatores não puderam ser observados nos documentos, a saber, etnia e tensão. Por tratar-se de *corpus* escrito, a etnia somente seria observada por meio de uma auto-declaração do redator, o que não se verificou em nenhum caso. Já a tensão, também por se tratar de *corpus* escrito, não é possível verificar, pois esta se dá em *corpus* gravado. Apesar disto, Colón (1959: 165-176), ao analisar textos antigos, afirma que a perífrase é empregada quando a ação se produz num momento de grande afetividade, de tensão e tem por finalidade colocar uma ação em destaque, em relevo.

Pautando-se pela ilustração da tabela, poder-se-ia afirmar que poucos fatores são recorrentes nas cartas em que existe a variação. De modo unânime, ou quase, os fatores sexo e escolaridade aparecem nos documentos com as mesmas características: sexo masculino e escolaridade alta. Os fatores formalidade e informalidade aparecem de formas alternadas e quase em equilíbrio.

As amostras em que a variação se manifesta são insuficientes para estabelecer critérios acerca dos fatores condicionadores das mesmas. Porém, algumas questões podem ser levantadas, ainda que longe de constituírem um fato ou uma ideia segura da situação de uso da perífrase catalã.

Para a língua catalã, no século XIX começa a revitalização linguística e cultural. Isso significa não que a língua em algum momento tenha sido deixada de lado, mas sim que sua expressão cultural, na literatura, por exemplo, não tenha sido significativa. Assim, principalmente nos séculos que compõem o período de Decadência, a língua se restringia, quase sempre, à expressão oral.

É ao fim do século XVIII, somente, que a língua passa a recobrar sua importância no que concerne à expressão escrita. Dessa forma, o período limite previamente determinado para análise, século XIX, compromete a observação dos fatores condicionadores de variação. Recorde-se, para tanto, que a primeira perífrase encontrada no *corpus* catalão, não por acaso, ocorre no século XVIII.

Dentre os fatores recorrentes nas cartas que apresentam variação, destacam-se sexo masculino e escolaridade alta. Colocando-se os dois fatores de modo a contextualizá-los com a



história externa da língua catalã, percebe-se que são elementos já esperados. Até o século XIX, pense-se também para o caso da língua portuguesa, poucas mulheres tinham o hábito ou acesso à escrita, o que torna o achado totalmente verossímil e coerente.

Da mesma forma, a classe social, pensando em uma época em que não se pode falar de uma escolarização estendida à massa, era determinante dos indivíduos com acesso à leitura e à escrita. Note-se que algumas cartas são de autoria de indivíduos célebres da literatura catalã, como Marian Aguiló (docc 19/04). O teor das mesmas reforça o que aqui se quer ressaltar.

Se, por um lado, a escolaridade corrobora com a delimitação de um público escritor da época em questão, por outro, também se faz contraditória com algumas assertivas a respeito da perífrase. Ora, vem-se enfatizando a herança vulgar da construção analítica e a sua sobrevivência por meio da expressão oral da massa. Como pode ser, então, que nas cartas em que fora encontrada tenha por autoria pessoas com instruções linguísticas suficientes para repudiá-las?

Expõe-se, aqui, uma tentativa de resposta à questão acima. As movimentações que se deram no intuito de fazer reviver a língua e cultura catalãs, no século XIX, conheceram com os modernistas, posições diferentes em relação à língua a ser adotada como padrão. Após três longos séculos de decadência, o catalão pôde sentir o peso da fragmentação dialetal em seu sistema linguístico, o qual fora tão intenso que se chega a falar em caos linguístico.

Para começar o extenso trabalho de normalização linguística, os estudiosos se apoiam sobre a língua arcaica, em especial na que se falava no século de Ouro das letras catalãs. No entanto, obviamente, esta língua era insuficiente para expressar todos os campos temáticos. Nestes campos, quase sempre, entrava em cena o castelhano, língua que acompanhara a evolução e modernização dos termos. Este pensamento pode ser observado em Casanova (1991: 221):

Bajo el dominio de una ideología diglósica y de la poca fe en el restablecimiento de una completa y verdadera lengua literaria, sustentados por personajes como Milà i Fontanals quien no creía en la posibilidad de usar el catalán en materias distintas de la literatura o T. Llorente quien creía en la viabilidad de una lengua literaria culta y unitaria para la poesía pero no para el teatro u otros géneros ni tampoco como lengua normalizada [...].<sup>205</sup>

<sup>205</sup> Sob o domínio de uma ideologia diglósica e da pouca fé no reestabelecimento de uma completa e verdadeira língua literária, sustentados por personagens como Milà i Fontanals, quem não acreditava na possibilidade de usar o catalão em matérias distintas da literatura ou T. Llorente, quem acreditava na viabilidade de uma língua literária culta e unitária para a poesia, mas não para o teatro ou outros gêneros, nem tampouco como língua normalizada [...]. (tradução nossa)

Assim, o catalão tinha um impasse a ser resolvido o mais rápido possível: o retorno à língua do século de Ouro, XIV e XV, era um paradigma genuíno a ser seguido; contudo, não satisfazia todos os campos linguísticos. Sem muitas opções, os modernistas, sobre o tudo o grupo *Avenç*, impugnou uma língua de base arcaica, porém mais pura, modernizando o que nela fosse possível e aceitando certas interferências linguísticas e soluções gráficas pouco genuínas, conforme as afirmações de Casanova (1991: 221).

É especialmente a volta à língua arcaica que interessa ao estudo, já que, como sabido, a perífrase *ir + infinitivo* é atestada em documentos arcaicos já com valor de pretérito ao menos desde o século XIV. Acredita-se que a revitalização desta forma verbal estivesse muito presente nos planos normalizadores dos modernistas, conforme pode se supor pela seguinte afirmação de Veny (1991: 246):

En la polémica sobre la prioridad del dialecto oriental (léase *central*) sobre el occidental en la codificación de la lengua, se esgrimían razones de este tenor: «és parlat per molts més catalans», «és el llenguatge de la capital i de la major part de poblacions importants de Catalunya y absorbeix visiblement l'occidental», es «molt més uniforme, molt més regular, molt més característic, més oposat al castellà» (*Avenç*, 1892, ap. Segarra 1985, 285-286), referidas especialmente a la fonética y a la morfología.<sup>206</sup> (grifos nossos)

O grudo *Avenç*, de Barcelona, ao propor o privilégio do catalão desta região sobre as demais, apresentava as mais variadas justificativas, como visto. Dentre elas, interessa destacar às que se referem essencialmente aos traços gramaticais. Assim, em âmbito fonético e morfológico, tinha razão o grupo ao contrapor o catalão oriental ao castelhano. Isto porque a fonética, e em menor grau também a morfologia, do catalão ocidental se assemelha mais ao castelhano.

E, claro, entre as características morfológicas que mais se distanciavam não somente do castelhano, como também do bloco iberorromânico em geral, estava a adoção do *Passat Perifràstic* como forma genuína da língua catalã. Em suma, é possível que este tempo perifrástico tenha ressurgido como uma proposta de revitalização da língua, no século XIX, como forma de incutir ao catalão características linguísticas próprias.

<sup>206</sup> Na polémica sobre la prioridad del dialecto oriental (leia-se *central*) sobre o ocidental na codificação da língua, debatiam-se razões deste teor: «é falado por muito mais catalães», «é a linguagem da capital e da maior parte de povos importantes da Catalunha e absorve visivelmente o ocidental», é «muito mais uniforme, muito mais regular, muito mais característico, mais oposto ao castelhano» (*Avenç*, 1892, ap. Segarra 1985, 285-286), referidas especialmente à fonética e à morfologia. (tradução nossa)

#### 4.1.2 - Tratamento de dados: o português

Em língua portuguesa, a variação entre as formas simples e perifrásticas de futuro podem ser observadas muito antes das ocorrências em língua catalã, em que a mesma forma analítica denota pretérito, segundo as amostras colhidas nos documentos da pesquisa. A partir de docp 1601 todos os documentos apresentarão variação.

Semelhante ao que acontece em língua catalã, alguns dados relativos aos fatores externos puderam ser apontados; todavia, não é possível afirmar que a variação esteja condicionada a eles. No que concerne aos fatores linguísticos que são internos à língua, remontam-se diversos comentários dos estudiosos, os quais, longe de constituírem uma verdade incontestável, permitem apenas tecer cuidadosas especulações.

O sistema linguístico do português trouxe como herança do latim vulgar, assim como o catalão, a tendência ao desdobramento analítico, seja da frase ou verbal, como aqui se tenta mostrar. O sistema verbal, com significativas remodelações, foi permeável às novas construções que se desenvolveram principalmente na língua vulgar. Ao lado das formas que entraram efetivamente para substituir as formas flexionais, outras composições, em paralelo, estavam à disposição.

Em Barroso (1994: 55), por exemplo, encontra-se a seguinte explicação:

Este tipo de conjugação, a perifrástica, veio suprir, de forma inequívoca, a deficiência das formas verbais no tocante à expressão de certas modalidades (diatéticas, temporais, modais e sobretudo aspectuais) do verbo, em particular, e do verbo românico, em geral, demonstrando também a tendência analítica, tão característica das línguas românicas, da flexão verbal, principalmente no que diz respeito à expressão da categoria de aspecto.

Assim, observa-se que nas línguas românicas a gama de possibilidades de expressão verbal advém de uma fase anterior, mas, sobretudo, da permissividade do sistema linguístico.

A isso, some-se a instabilidade que apresentava, já em latim vulgar, as formas flexionais utilizadas para denotar futuro. Segundo Maurer Jr (1959: 126), a homofonia no futuro era muito importante, já que as formas se confundiam tanto com o presente quanto com o subjuntivo, de modo que “a língua vulgar não distinguia geralmente entre *leges* e *legis*, pelo menos desde o começo do período imperial.”

O futuro foi uma das formas mais agraciadas por possibilidades de expressões que melhor traduzissem a sua expressão. Paralelamente ao uso do presente como substituto, como visto, o futuro apresentava o recurso perifrástico, bastante abundante. Como se sabe, o atual

futuro flexional da língua portuguesa (ou do catalão, castelhano, francês) tem por base uma perífrase, *habeo + infinitivo*.

Ainda mais, Maurer Jr (1959: 126) relembra como na România e em alguns dialetos o uso do presente pelo futuro é frequente, cujos exemplos também não faltam em textos latinos de cunho mais popular, como “na *Cena Trimalchionis*: ‘Accurrit Menelaus et hic est in quid apud quem cubitum *ponitis* (=ponetis)’”. Isto se deve porque a noção de futuro está extremamente relacionada ao presente, ora porque as ideias suscitam intenções, ora planos, ora expectativas do falante. Por isso, não se pode estranhar que a perífrase *ir + infinitivo*, formadora de futuro, flexiona o auxiliar no presente do indicativo, ou seja, mantém a sua perspectiva de futuridade a partir de seu presente. É, então, por esta razão que Câmara Jr (1954: 117), concorda com E. Pichon quando este considera a perífrase em questão indicativa de “futuro dinâmico em prolongamento do nosso presente.”

Talvez essa dinamicidade a que se referiu o autor na citação acima, refira-se à antiga denotação do verbo *ir*, na construção analítica, de movimento. Hoje, assunto em voga, sabe-se que o verbo *ir*, entre outros que formam perífrases, já não permite somente uma leitura em que indique movimento. Ou seja, a gramaticalização do verbo *ir*, usado antes apenas em construções perifrásticas em que realmente concentrava uma ideia de movimento, possibilitou uma extensão, ou generalização, da perífrase assumindo o valor de futuro.

Conforme as considerações de Barroso (1994: 68-69), o verbo *ir* se encontra no terceiro, de cinco, estágio de gramaticalização. E ilustra este estágio (Barroso, 1994: 68-69):

- 1º estágio: movimento físico → intencionalidade → futuridade
- 2º estágio: concreto → abstrato
- 3º estágio: conteúdo nocional (+) → conteúdo nocional (-)

Concedendo uma gama ainda maior de possibilidades de expressão de futuro, a perífrase *ir + infinitivo* se generaliza e se coloca como uma forte candidata e concorrente com a forma flexional.

Por fim, ainda no que concerne aos fatores internos à língua portuguesa, não se pode esquecer da insistência dos estudiosos no elemento “expressividade”, que caracteriza a perífrase. Este fator parece ser o que mais incide positivamente para a permanência da perífrase no sistema linguístico e se opõe à perda de expressividade do futuro sintético. No entanto, provavelmente, a expressividade em *habeo + infinitivo* existira quando da sua substituição pela forma de futuro latino.

Em suma, além do fator estritamente semântico, capaz de proporcionar a produtividade da perífrase *ir + infinitivo* em língua portuguesa, há dois fatores que,

conjugados, também permitiram a fixação da construção para denotar e concorrer com a forma sintética de futuro, a saber, a permissividade do sistema e a expressividade inerente à perífrase.

Ainda com maior frequência que na língua catalã, os documentos de língua portuguesa apresentaram grande variação no emprego das formas simples e perifrástica de futuro. Acerca destes documentos, seguem alguns comentários específicos, os quais podem condicionar, por meio de fatores externos, a variação.

O primeiro documento em que se manifesta a perífrase de futuro, *ir + infinitivo*, é o docp 16/01. É uma carta do rei D. João que se destina ao conde da Castanheira, dom Antonio d'Ataide. Consiste de uma carta de tom bastante formal, apesar de o rei dirigir-se ao conde como “amigo”. É de se esperar que ambos os envolvidos na relação pertençam a classes privilegiadas, o que justifica o tom culto expresso pela carta. No entanto, é possível que a carta apenas tenha sido ditada pelo rei e não necessariamente escrita pelo mesmo, mantendo alguns costumes da época.

Em docp 17/01 há três episódios da perífrase *ir + infinitivo* com sentido de futuro, além dos casos em que a construção apresenta outro tipo de valor. As cartas de Melo se destinam a amigos, em sua maioria, mas apresenta-se de maneira bastante formal, seja pelo tratamento conferido ao amigo, V.P. ou V.S., seja pela seleção lexical. As cartas têm, quase sempre, um tom bastante apelativo, já que o remetente está sendo julgado pela justiça e pede ajuda aos amigos e reclama com frequência de sua má sorte.

Em docp 18/01 encontram-se vários eventos com a perífrase *ir + infinitivo*. No entanto, como também acontece com os documentos do século anterior, nem todos apresentam valor de futuro. As cartas que compõem docp 18/01 são escritas por Antonio da Costa e têm como destinatários diversos sujeitos. O tratamento é formal, embora em inúmeras ocasiões eleja o tratamento “amigo”. Aparentemente o remetente é um homem culto, visto que escreve aos amigos ou conhecidos de outro país, o qual visita em viagem. Além disso, demonstra gosto e bastante entendimento pela ópera, o que pode significar que pertença a uma classe social privilegiada.

Em docp 19/01 as cartas são de autoria diversa. Dessa forma, é necessário analisar cada uma das ocorrências de *ir + infinitivo* com valor de futuro. A primeira aparição, doravante 19/01 a, refere-se a uma carta que tem por remetente João da Silva Lisboa e por destinatário Manoel Ignácio da Cunha e Menezes. A carta é bastante sucinta e formal; apesar do uso da palavra “amigo”, os tratamentos “senhor” e “Vossa Senhoria” são recorrentes. Também se

evidencia um certo grau de parentesco entre os dois envolvidos, já que o remetente cita a afilhada do destinatário, esta, provavelmente filha daquele.

O seguinte documento de docp 19/01, doravante 19/01 b, com uso da perífrase de futuro, trata-se também de uma carta bastante sucinta. O destinatário é o Presidente do Conselho dos Ministros, o senhor Angelo Moniz da Silva Ferraz, e tem por remetente o Barão de Mauá. O tom é bastante formal, a começar pelo tratamento dirigido ao destinatário: “Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor”, além de Vossa Excelência. A carta tem por teor o tema de negócios. É escrita em tom culto e bastante formal, característico da escrita de uma classe privilegiada.

A próxima carta a ser observada, 19/01 c, apresenta-se de maneira bastante informal: o remetente, Cansansão, dirige-se a um amigo chamado Ângelo. Além do tratamento em segunda pessoa do singular, a temática da carta reforça a informalidade: o remetente envia notícias do país onde está vivendo, França, de seus estudos e de outros amigos que têm em comum e de planos para o futuro. É escrita por um homem culto, estudante, que se dedica a um projeto de jurisprudência. A carta é bastante emotiva, tendendo ao sentimental.

A carta seguinte, 19/01 d, é escrita pelo militar Otaviano, quem leva notícias do exército a Ferraz. O documento procede de Buenos Aires a fim de dar contas, tal como um breve relato ou diário, ao exército brasileiro sobre as situações de guerra e fazer pedidos de materiais faltantes. Os episódios relatados se referem à guerra contra o Paraguai, em que se uniram Brasil e Argentina. Apesar da urgência que se verifica no tom da carta, é também bastante otimista com as circunstâncias vivenciadas. O tom é informal, tanto pela seleção lexical quanto pelo tratamento em segunda pessoa singular.

A carta que segue, 19/01 e, também é de autoria de Otaviano e se destina ao “Senhor Conselheiro”, cujo nome não é citado. É bem mais breve que o documento anterior e formal, visto que o tratamento usado é Vossa Excelência. A finalidade da carta é interceder por um companheiro e amigo que deseja receber uma patente de comissão na ocasião de sua volta ao exército. Otaviano, por achar nisso mérito, decide interceder pelo companheiro.

Também a próxima carta, 19/01 f, é de Otaviano e a temática se refere à atuação do exército brasileiro na Argentina, país aliado na guerra. Dado que a carta se destina a uma autoridade superior, o Conselheiro Ferraz, tem um tom bastante formal, sentenciado, por exemplo, pelo tratamento eleito: Excelentíssimo Senhor. Também a seleção lexical concede um tom maior de rebuscamento ao estilo da carta.

A seguinte carta, 19/01 g, também tem como destinatário o Conselheiro Ferraz, todavia, o remetente não a assina. Poderia supor que se trata novamente de uma carta enviada pelo militar Otaviano, mas no documento não há nenhum indício que o comprove. A temática ainda se refere à guerra contra o Paraguai, apresenta-se o discurso de maneira formal, com um estilo de escrita também rebuscado. O tratamento selecionado para dirigir-se a Ferraz é “Excelentíssimo Senhor” e “Vossa Excelência”.

O último documento de docp 19/01, 19/01 h, em que há ocorrência das perífrases de futuro, portanto variação, apresenta dois episódios com as mesmas. Trata-se novamente de uma carta cujo destinatário é Ferraz e o remetente é o militar Otaviano. Nesta, no entanto, a carta passa a ter uma informalidade evidenciada pelo tratamento em segunda pessoa do singular e se apresenta com um tom bastante apelativo e informal. O militar suplica mais confiança e reclama das ordens recebidas do destinatário.

Sobre os documentos de docp 19/01, cujo remetente é Otaviano, é interessante notar o deslizamento no tocante ao tratamento. Veja-se o caso em que o destinatário é Ferraz, supondo que não se trate de uma pura coincidência antropônima. Ora o tratamento a ele dispensado é formal, ora informal.

Todos esses dados apurados poderiam sistematizar-se de acordo com o esquema da seguinte tabela. Ressalte, antes, porém, que os títulos de nobreza foram inseridos no campo “profissão”:

**Tabela 2 - Fatores externos- português**

Documento	Indivíduo		Social				Contextual	
	Sexo	Etnia	Escolaridade	Renda	Profissão	Classe	Formalidade	Tensão
16/01	M	DE	A		rei	A	FO	DE
17/01	M	DE	DE	E	DE	DE	FO	DE
18/01	M	DE	*A	E	DE	A	FO	DE
19/01 a	M	DE	DE	E	DE	DE	FO	DE
19/01 b	M	DE	A		barão	A	FO	DE
19/01 c	M	DE	A		Estudante	A	IN	DE
19/01 d	M	DE	DE	E	Militar	DE	IN	DE
19/01 e	M	DE	DE	E	militar	DE	FO	DE
19/01 f	M	DE	DE	E	militar	DE	FO	DE
19/01 g	M	DE	DE		militar	DE	FO	DE
19/01 h	M	DE	DE	E	militar	DE	IN	DE

## Legenda:

M- masculino	IN- informal	F- Feminino
FO- formal	A- alta	B- baixa
DE- desconhecido	*- hipotético	

Da mesma maneira como ocorrera com os documentos de língua catalã, dois fatores não puderam ser observados na análise, a saber, etnia e tensão. Por tratar-se de *corpus* escrito, a etnia somente seria observada por meio de uma auto-declaração do redator, o que não se verificou em nenhum caso. Já a tensão, também por se tratar de *corpus* escrito, não é possível verificar, pois esta se dá em *corpus* gravado.

De todos os fatores expostos na tabela, dois chamam a atenção devido à recorrência: sexo masculino e formalidade, enquanto os demais variam bastante. O primeiro deles, cujo aparecimento é unânime nas cartas de língua catalã que apresentam variação, é um fator de pouca validade para o presente estudo, já que, considerando o contexto social até o século XIX, o acesso à escrita às mulheres não era tão frequente.

No que concerne ao nível de formalidade, observa-se que a grande maioria das cartas apresentam-se em um tom mais formal. Apesar de a amostragem da variante perifrástica conseguida ser inferior à expectativa, o aparecimento desta em cartas formais não era esperado, já que, devido ao seu caráter vulgar, pensava-se que a perífrase *ir + infinitivo* seria encontrada em cartas informais.

Foi possível determinar, ao contrário do que acontecera com os documentos em catalão, algumas profissões nos documentos. E este fator parece ser relevante para subentender outros, que ficaram sem determinação apenas por não terem sido explicitados pelo autor da carta. Não é o caso de escolaridade, cuja determinação pôde ser dada baseando-se, muitas vezes, na profissão, por exemplo.

Assim, de todos os fatores que puderam ser apurados por meio da observação da ocorrência das perífrases nas cartas, esperava-se que a informalidade pudesse influenciar o emprego da variante perifrástica. No entanto, como visto, isto não correspondeu à realidade do *corpus*. Também não significa dizer que a maior formalidade determine ou beneficie o aparecimento de *ir + infinitivo*, já que seria contraditório ao caráter vulgar que apresenta a perífrase.



## 4.2 - NORMA, SISTEMA E TIPO LINGUÍSTICO

Todas as línguas são organizadas em três estratos funcionais, a saber, norma, sistema e tipo linguístico, segundo Coseriu (1982: 140). Por norma se entende aquilo que é historicamente realizado, comum e tradicional no seio da comunidade linguística. O sistema representa um conjunto de oposições funcionais, as regras que comandam a realização do falar e os limites funcionais de sua variabilidade. O tipo linguístico abrange os tipos de procedimento e as categorias de oposição do sistema, sendo, por isso, a coerência funcional comprovável entre as várias seções do sistema.

Existe uma hierarquia que rege esses três elementos: o tipo linguístico é o nível mais alto dessa estruturação linguística. O sistema, por sua vez, ultrapassa o historicamente realizado, já que também abrange o que seria realizável de acordo com as mesmas regras já existentes. Com isso, o sistema ultrapassa a norma.

Em suma, a norma compreende as realizações linguísticas tradicionais; o sistema, as regras correspondentes a essas realizações; o tipo linguístico, os princípios correspondentes às regras do sistema. O sistema ultrapassa a norma e o tipo ultrapassa o sistema. Toda língua é uma técnica em parte realizada e em parte realizável: o sistema é o sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo linguístico também o é se tomado em relação ao sistema.

Conforme os estudos de Coseriu (1982: 141), os estratos não são estáticos, mas sim mantêm relações entre si. A um sistema, por exemplo, podem corresponder diversas normas; também o tipo linguístico pode admitir vários sistemas. No caso das línguas românicas, segundo o mesmo autor (Coseriu, 1982: 41), apesar de apresentarem sistemas diferentes, pertencem, em sua maioria, a um mesmo tipo linguístico.

Os estratos linguísticos, ainda que se interrelacionem, movem-se e se modificam sem necessariamente interferir no outro. Assim, a norma pode se movimentar sem fazer que o sistema se movimente: é possível haver diacronia da norma na sincronia do sistema. Ou mesmo o sistema pode se movimentar sem movimentar o tipo linguístico: é possível haver diacronia do sistema na sincronia do tipo. Ainda segundo Coseriu (1982: 141), “o que na norma se ordena no tempo, está fora do tempo no sistema, se é mera aplicação deste”.

A perífrase em estudo, *ir + infinitivo*, que forma o futuro próximo ou imediato em português e o *Passat Perifràstic* em catalão, pode ser observada tanto dentro do estrato da norma quanto dentro do estrato do sistema. O tipo linguístico, que vai além desses dois estratos, não cabe aqui representar, visto que está se abrangendo a língua em sua vertente

funcional, isto é, como um sistema de oposições funcionais e realizações normais, que nada mais é do que sistema e norma.

Assim, uma língua funcional se constitui pela dicotomia reguladora sistema e norma. Esta representa o equilíbrio externo da língua, já que consiste de um sistema de realizações obrigadas, relacionadas e consagradas a uma tradição do que já se disse e do que se diz numa determinada comunidade linguística. O sistema, entretanto, se compõe por coordenadas que legitimizam a fala compreensível em uma comunidade. A dinamicidade do sistema se contrapõe à fixidez da norma.

No que tange às normas das línguas estudadas, veja-se com detalhes em 4.4. Sobre o sistema de possibilidades das línguas, bem como sobre a sua dinamicidade, ver 4.3.

### 4.3 - INOVAÇÃO, ADOÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A heterogeneidade inerente ao falante de uma língua determina também a heterogeneidade desta. Isto posto, é necessário assumir a variação nos âmbitos linguísticos do sistema e da norma.

A variação tem como motor a inovação presente na atividade linguística, ou seja, no próprio falar. Desse modo, o papel do falante é fundamental, visto que proporciona a realização da língua, a qual não é imposta a ele, mas sim lhe é “oferecida”, segundo Coseriu (1973: 69). Esta grande liberdade proporcionada pelo fazer linguístico é o ponto inicial para a mudança linguística. Partindo da inovação, a nova variante pode, ou não, ser aceita pelos demais falantes da língua. Se assim for, o tempo se encarregará de abrir as portas para a mudança linguística. Adverte Coseriu (1973: 80):

[...] la innovación es un “hecho de habla”: pertenece a la utilización de la lengua. La adopción es la constitución de un “hecho de lengua”, transformación de una experiencia en saber. La innovación es superación de la lengua; la adopción es la adecuación de la lengua como saber lingüístico<sup>207</sup>.

Vê-se, com isso, que até chegar ao ponto da mudança efetiva, há etapas intermediárias. Todavia, a inovação linguística não implica, necessariamente, em mudança linguística. Uma determinada variante surge por meio de uma inovação particular e individual de um falante.

<sup>207</sup> [...] a inovação é um “fato da fala”: pertence à utilização da língua. A adição é a constituição de um “fato da língua”, transformação de uma experiência em saber. A inovação é a superação da língua; a adoção é a adequação da língua como saber linguístico. (tradução nossa)

Cabe ao uso e à difusão da nova forma determinar se a variante permanecerá ou não na língua, ou seja, se haverá ou não adoção por parte de grupos maiores.

Um espaço muito grande de acomodação é o verificado entre a adoção de uma forma e a mudança linguística. Esta não somente implica em um uso generalizado da variante como também na condenação à extinção da antiga forma, isto é, uma série de adoções sucessivas.

Acerca da inovação, considera Coseriu (1973: 79):

[...] una innovación puede ser: a) alteración de un modelo tradicional; b) selección entre variantes y modos isofuncionales existentes en la lengua; c) creación sistemática (“invención” de formas de acuerdo con las posibilidades del sistema); d) préstamo de otra lengua (total o parcial); e) economía funcional (descuido de distinciones superfluas en el discurso).<sup>208</sup>

De todas as ideias expostas por Coseriu, ressalte-se, primeiramente, a concebida no item a). O próprio termo “inovação” já implica em alteração de um padrão tradicional, ou seja, o “novo” opondo-se ao “clássico”, o que justifica a obviedade do primeiro item. No entanto, se constatada uma alteração, esta se deve a uma necessidade que pode estar tanto relacionada tanto a fatores internos quanto externos à língua, como visto anteriormente. E se o modelo consegue ser alterado, é graças às possibilidades virtuais do sistema. Nas duas línguas em estudo, todavia, provavelmente a alteração não se dá especificamente como alteração do modelo tradicional, mas sim na criação de uma forma paralela. Claro está que se essa necessidade é sentida, deve-se, provavelmente a um desgaste percebido pelo falante que compromete a sua expressão linguística.

A respeito de b), há a apresentação de uma etapa bastante complexa. Uma vez que o falante tenha se dado conta de que uma forma já não o satisfaz e tendo a permissão criativa do sistema, como determinar a melhor maneira de expressão linguística? Para se chegar ao resultado desta etapa, concorre uma gama de fatores, os quais, como visto, são de ordem interna ou externa à língua. Determinar quais fatores incidiram para que a língua adotasse a perífrase *ir + infinitivo* como forma de expressão pretérita, em catalão, e futura, em português, foram apontados em 4.1.1 e 4.1.2, ainda que a insuficiência de dados não permita assegurar a total veracidade das postulações.

Em c), observa-se uma explicação ou mesmo consequência do item a). Trata-se também de uma questão lógica, já que a produção linguística se faz de acordo com as

<sup>208</sup> [...] uma inovação pode ser: a) alteração de um modelo tradicional; b) seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua; c) criação sistemática (“invenção” de formas de acordo com as possibilidades do sistema); d) empréstimo de outra língua (total ou parcial); e) economia funcional (descuido de distinções superfluas no discurso). (tradução nossa)

possibilidades oferecidas pelo próprio sistema linguístico, ou não haveria compactuação da aplicação por outros falantes, o que acarretaria, por sua vez, na eliminação da nova forma.

No tocante ao item d), acredita-se que a inovação *ir + infinitivo* para referir-se a pretérito não se trata de um empréstimo por parte da língua catalã. Na verdade, ao início da pesquisa se enfatizou a exclusividade desta forma analítica para a expressão de pretérito levando em consideração a marcante afirmação de Coromines (1977: 23): o autor concebe a construção como “original” e sem precedentes nas línguas românicas. Não obstante, autores como Maurer Jr (1949: 34)<sup>209</sup>, Anglade (1921: 273)<sup>210</sup> e Colón (1959: 165)<sup>211</sup> atestam a existência da mesma construção com sentido de pretérito em línguas galorromânicas. A afirmação de Coromines, assim, tem correspondências reais apenas se se referir às línguas modernas, já que realmente é o catalão somente conserva a denotação perfectiva para *ir + infinitivo*.

No caso do português, poderia se tratar de um caso de empréstimo, provavelmente de outra língua românica, que tenha se dado por meio da contiguidade linguística. Contudo, essa confirmação somente se veria se o estudo abrangesse os demais blocos linguísticos românicos e fizesse um cotejo etimológico para verificar a antiguidade da perífrase em cada uma das línguas em questão.

O último item apresentado por Coseriu, e), parece aplicar-se relativamente às explicações acerca das perífrases catalã e portuguesa. Talvez não se trate de um mero “descuido de distinções supérfluas”, mas a facilidade da conjugação perifrástica, em oposição às diversas possibilidades flexionais da forma sintética, realmente remete a uma economia funcional. Isso pode ser notado, por exemplo, na regularização do verbo *anar* formador do *Passat Perifràstic*, conforme ilustra o quadro 16.

A adoção, por sua vez, relaciona-se a uma necessidade expressiva do falante ou mesmo de uma comunidade linguística e é possível somente porque o sistema linguístico é um sistema de possibilidades, construído por um constante fazer linguístico. Enquanto a inovação é uma etapa que se dá em nível individual, a adoção, necessariamente, relaciona-se à comunidade linguística, já que, para que sobreviva, a nova forma deve ser aceita pelo sistema.

<sup>209</sup> O autor também afirma sua existência na Gasconha: [...] a criação de um perfeito perifrástico formado do auxiliar *ire* com o infinitivo do verbo conjugado, e.g., cat. *vaig cantar* (=cantei) que, muito vivaz no catalão, também existe na Gasconha, e se usou no antigo provençal.

<sup>210</sup> Le catalan forme un parfait avec l'indicatif de *anar* et l'infinitif du verbe: *vaig cantar* = je chantai; l'ancien provençal a aussi connu ce procédé de formation.

<sup>211</sup> Os romanistas se limitam a constatar a existência deste perfeito perifrástico (que o provençal arcaico e o francês medieval também conheceram), mas eles não tentam explicar a formação nem a história. (tradução nossa)

Acerca da necessidade da adoção, afirma Coseriu (1973: 83), que advém de diversas fontes, podendo ser de origem cultural, social, estética ou funcional. Para o caso da perífrase *ir + infinitivo*, em ambas as línguas, acredita-se, sobre tudo, que prevaleça a necessidade funcional, ainda que matizada pelos outros elementos.

De fato, a mudança linguística é a propulsora de uma constante dinamicidade das línguas, mas é, além disso, a responsável pelo funcionamento das mesmas, já que lhes confere o poder de adaptação às novas necessidades. Para se alcançar esta etapa, necessariamente, uma forma linguística passara pelas duas anteriores: inovação e adoção, nesta ordem. Conforme Coseriu (1973: 108), “el cambio lingüístico no es sino la manifestación de la actividad del lenguaje en la historia de las lenguas”<sup>212</sup>

Paralelamente à inovação, adoção e mudança linguística, coloca-se um fator de peso na atividade linguística: a conservação. Por esta, não se deve entender como ausência de inovação. A conservação é o que possibilita a variação, posto que, para haver variação, uma forma, necessariamente, convive com outra. Uma forma antiga, a conservadora, é colocada ao lado de outra, nova. No caso da língua catalã, se comparada às línguas-irmãs galorromânicas, a perífrase *ir + infinitivo* é uma conservação, visto que é a única que mantém vivo o emprego da estrutura para denotar ação perfectiva.

Em suma, somente é possível se falar que *ir + infinitivo* no sistema linguístico do catalão e do português superou apenas dois estágios: o de inovação e o de adoção. Os dados que puderam ser analisados nas cartas dos *corpora* não permitem, aqui, e para o gênero em questão, suscitar que houve mudança linguística ou que, ao menos, se está em vias de mudança linguística. Isto porque, para a realização desta última etapa, seria necessário que houvesse o desaparecimento de uma das duas formas, sintética ou analítica. Embora os dados apontem um crescimento do emprego da perífrase nos documentos analisados – no catalão a partir do século XVIII e no português desde o século XVI-, a concorrência não chega a ser tão forte a ponto de semear o desaparecimento da forma simples. Tampouco o contrário é verificável, já que, devido ao constante crescimento do emprego da perífrase ao longo dos séculos, em especial em português, não é possível prever que a forma analítica tenha forças para anular as ocorrências da forma simples.

---

<sup>212</sup> A mudança linguística não é senão a manifestação da atividade da linguagem na história das línguas. (tradução nossa)

## 4.4 - GRAMÁTICAS

### 4.4.1- A história das gramáticas: o português e o catalão

Tendo como palco, especialmente, o século XVI, a Europa mergulha em um processo revolucionário sem precedentes, o qual é classificado por Aurox (1992: 35) como uma “gramatização massiva”. O Renascimento é o propulsor desse longo processo de produção técnica da língua, representada por gramáticas e dicionários cuja fonte se espelha na tradição greco-latina.

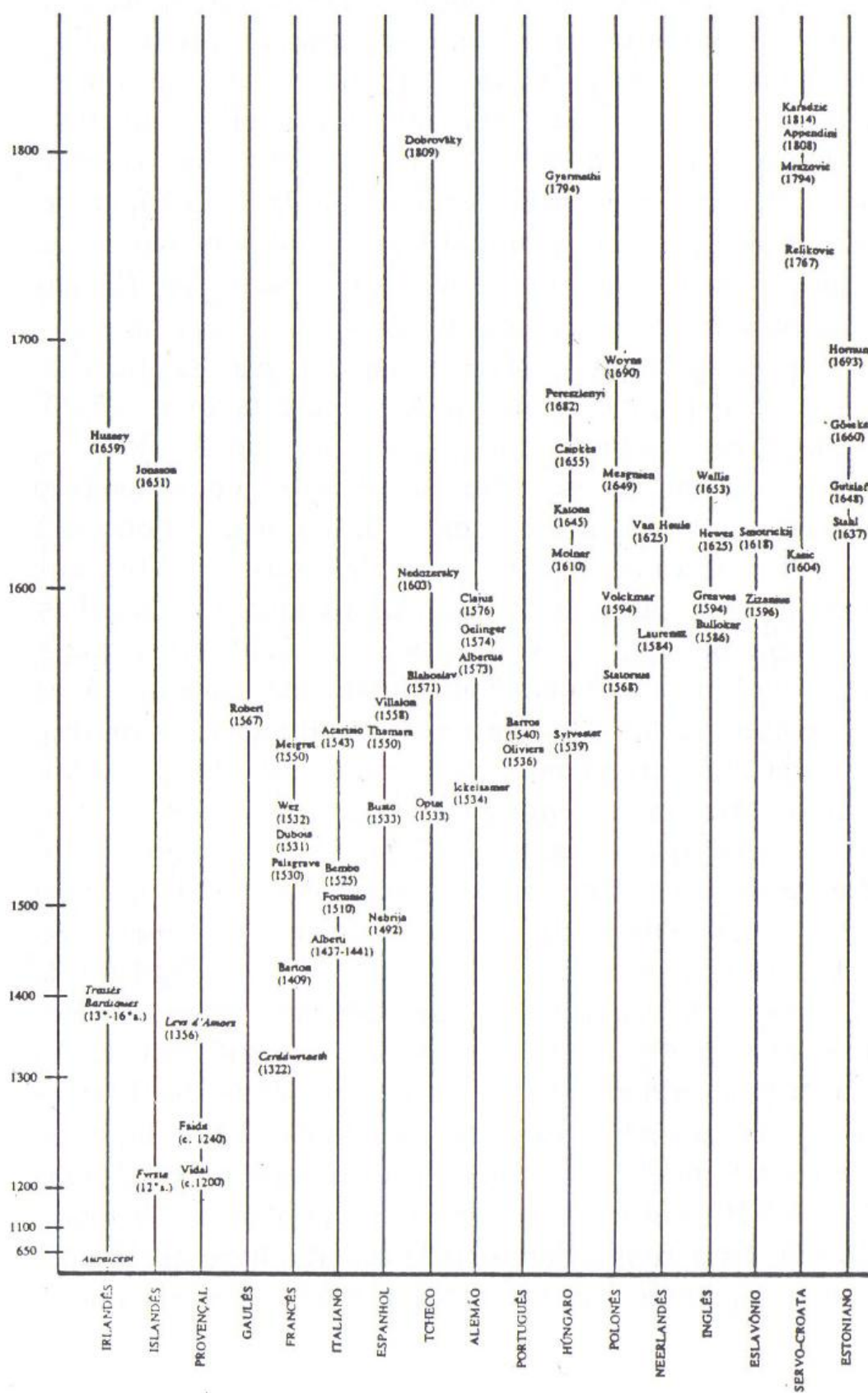
Com efeito, a Europa românica já era conhecedora das concepções linguísticas e fazia uso de materiais para a aprendizagem da língua latina. Porém, surge a necessidade de conceder lugar também às línguas românicas, as quais, quase sempre, limitavam-se à produção oral. Segundo Aurox (1992: 46), essa necessidade aparece lentamente; vejamos os seguintes comentários:

O aparecimento de uma literatura em vernáculo foi lento: precoce nos países não-latinos [...] e mais tardio na *romania* [...]. Na mesma época a gramática latina já se tornara um instrumento pedagógico. Por que é necessário esperar o século XVI para ver generalizar-se a gramatização do vernáculo? É possível, ainda que pouco satisfatório, invocar fatores quantitativos (o crescimento muito lento da massa do público letrado, aquele não menos lento das trocas comerciais etc.); é impossível recorrer simplesmente à ignorância.

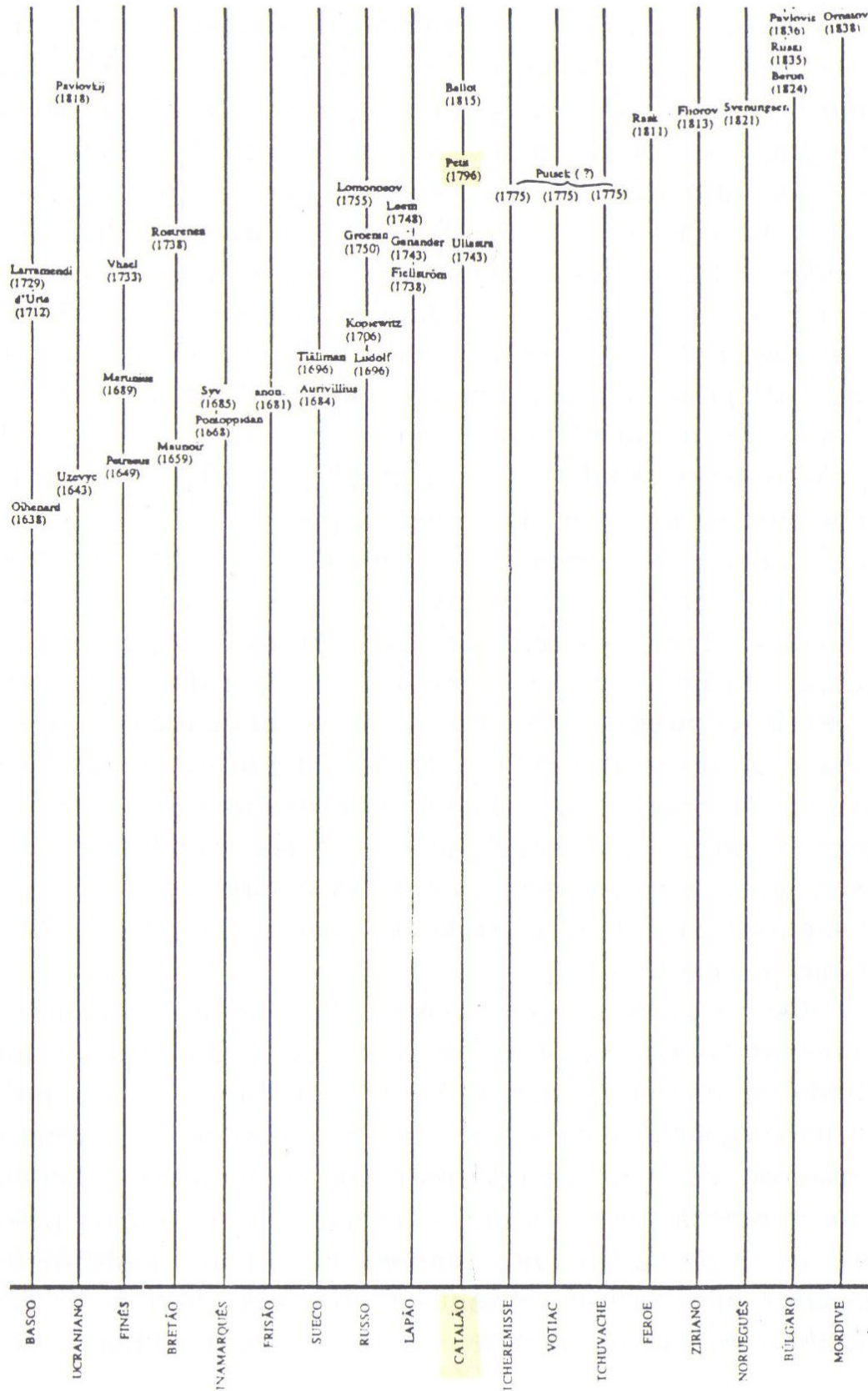
[...] É evidente, por outro lado, que o lugar da Igreja na sociedade assegura a ancoragem do latim. Este último estará em perigo desde que as atividades sociais tomem importância, as quais, reclamando-se escritura e técnicas intelectuais, formarão uma esfera estranha à Igreja (o comércio) ou quando a Reforma, proclamando a necessidade para todos do acesso direto aos textos sagrados (ver a teoria luterana do sacerdócio universal) vai minimizar o papel dos intermediários letrados. Na Idade Média, a falta relativa de gramatização dos vernáculos não se prende à falta de meios, mas à falta de interesse.

Lento, porém efetivo, começa a tomar forma a normatização dos vernáculos na Europa. Na história desta gramatização, nota-se, entre as duas línguas em estudo, uma grande lacuna temporal. Enquanto a língua portuguesa segue contemporaneamente os vernáculos e busca meios para efetivar a sua normatização, o catalão, apoiado e justificado numa difícil história de política externa, apenas o fará tardiamente, no fim do século XVIII. É o que se pode observar no seguinte quadro de Aurox (1992: 38-39):

Quadro 19 - Gramatização dos vernáculos – português



Quadro 20 – Gramatização dos vernáculos – catalão





Para o presente estudo, acredita-se em uma necessidade de se pautar não somente nas gramáticas atuais para verificação da normativa a respeito da perífrase *ir + infinitivo*, mas também, conforme possibilidades oferecidas pelas línguas, voltar para as primeiras normas estabelecidas nesses vernáculos. Assim, recorrer-se-á às primeiras gramáticas de que se têm notícias, além das gramáticas históricas, contemporâneas e/ ou outras que se julgue de contribuição relevante.

#### 4.4.2 - A gramática histórica

A relevância das gramáticas históricas selecionadas reside em que se debruçam também sobre os textos antigos, além de exporem a situação linguística contemporânea. Além do mais, nestas gramáticas, a análise da língua se faz sem juízos de valor, como pode ser visto, por exemplo, nas gramáticas normativas. Para a língua catalã, os primórdios de sua existência é sumamente importante, já que sua maior representatividade, nesse período, se dá prosa - e não em verso como na maioria das línguas românicas da Ibéria - sem deixar transparecer uma variação diatópica. A língua catalã nasce, e se mantém, com mínima divisão dialetal.

Em Moll (1952), encontram-se notáveis referências a respeito da perífrase *ir + infinitivo* do catalão. Ao lado da forma simples de perfeito, o autor menciona a referida forma perifrástica que foi se desenvolvendo intensamente a ponto de determinar o desaparecimento da forma sintética nos dialetos “rossellonés, oriental, occidental, alguerés y parte del valenciano y del baleárico” (1952: 227).

Ainda no que concerne ao emprego da perífrase, diz (Moll, 1952: 335):

La combinación \*vadeo + infinitivo forma en catalán el pretérito indefinido perifrástico, que en el lenguaje hablado ha sustituido al pretérito indefinido simple, determinando su desaparición en todos los dialectos excepto en el valenciano, en el ibicenco y parcialmente en el mallorquín<sup>213</sup>.

Como também já demonstrado em outra oportunidade, Moll (1952: 335-336) recorre às *Cròniques* catalãs para ilustrar a antiguidade da perífrase de pretérito:

El perfecto perifrástico es muy antiguo, como lo prueban estos textos: «E van ferir en la devantera los nostres als sarraïns» (Jaume I); «Van venir envers En Berenguer

<sup>213</sup> A combinação \*vadeo + infinitivo forma no catalão o pretérito indefinido perifrástico, que na linguagem falada tem substituído o pretérito indefinido simples, determinando o seu desaparecimento em todos os dialetos exceto em valenciano, em ibicenco e parcialmente em mallorquim. (tradução nossa)

d'Entença» (Muntaner). El origen de esa forma perifrástica del pretérito es el uso de la construcción *anar cantar* como presente histórico en las narraciones [...].<sup>214</sup>

Com efeito, todos os trabalhos consultados no que se refere à origem da perífrase se baseiam no uso do presente histórico e na oralidade para explicar o surgimento dessa forma analítica.

A gramática histórica de Badia i Margarit (1951) aporta também contribuições semelhantes às postuladas por Moll. Sobre a língua moderna, também Margarit (1951: 313) denuncia a substituição do perfeito sintético pela perífrase “a base del verbo \*ANDARE (por \*AMBITARE)> *anar*.”

E no que concerne ao emprego da forma simples de pretérito, também em língua moderna, o autor afirma ter uso recorrente na literatura, além de poder ser observado em algumas conservações dialetais, como em *apitxat* e em parte do *alicantino*.

No tocante à origem da forma perifrástica, Margarit (1951: 326), também menciona sua produção em textos antigos. Veja-se:

La antigüedad de la solución perifrástica se puede valorar porque aparece con bastante frecuencia en textos del siglo XIV, y más en los del XV. Aun antes, se encuentran testimonios del perfecto perifrástico, en Ramon Llull y la *Crònica* de Jaime I, pero en estos textos se roza seguramente otro tipo de perífrasis verbal que, en vez de poseer valor de pretérito, sería equivalente al presente simple, como en otros romances.<sup>215</sup>

Apesar da confirmação da presença da perífrase *ir + infinitivo* na *Crònica* e outros textos arcaicos, Margarit, ao contrário de Moll e outros autores, defende o uso com valor de presente para esses exemplos. Com isso, os exemplos extraídos de Moll (1952: 335-336), deveriam, segundo a teoria de Margarit, ter a seguinte tradução:

«E van ferir en la devantera los nostres als sarraïns» (Jaume I) equivalente a “*E ferem na dianteira os nossos aos sarraïns*”.

«Van venir envers En Berenguer d'Entença» (Muntaner) equivalente a “*E vêm contra o Berenguer d'Entença*”.

<sup>214</sup> O perfeito perifrástico é muito antigo, como o provam estes textos: «E feriram na dianteira os nossos aos sarracenos» (Jaime I); «Vieram contra o Berenguer d'Entença» (Muntaner). A origem desta forma perifrástica de pretérito é o uso da construção *anar cantar* como presente histórico nas narrações [...]. (tradução nossa)

<sup>215</sup> A antiguidade da solução perifrástica se pode conceber porque aparece com bastante frequência em textos do século XIV, e ainda mais nos do XV. Mesmo antes, encontram-se testemunhos do perfeito perifrástico, em Ramon Llull e na *Crònica* de Jaime I, mas nestes textos engendram seguramente outro tipo de perífrase verbal que, em vez de possuir valor de pretérito, seria equivalente ao presente simples, como em outros romances. (tradução nossa)

Margarit apresenta fortes argumentos para crer que a perífrase dos textos antigos expressa meramente o presente (1951: 327):

Hay dos razones fundamentales para interpretarlo de esa forma: a) la existencia, en el propio catalán antiguo, de la perífrasis equivalente sobre el perfecto (ant. *aná'l ferir*, del mismo texto); b) la existencia, en los romances mencionados, de perífrasis con el mismo verbo de movimiento, y sin matiz diferencial con respecto al verbo simple (prov.: pres.: «vai dir», perf.: «anet dir», etc.; cast.: pres.: «va besar», imperf.: «iba dar», perf.: «fué entrar», etc.).<sup>216</sup>

Ora, para as narrações, como é o caso das *Cròniques*, o presente histórico tem íntima relação com o pretérito. Dessa forma, ambas as teorias possuem as suas razões. E já que Margarit faz referência a outros romances, veja-se o que diz Câmara Jr (1979: 100) a respeito do presente histórico:

O primeiro sistema [no indicativo], mais simples, é o usual na língua oral. Opõe apenas, entre si, um presente e um pretérito. Este é o das formas marcadas para o passado, em referência ao momento da comunicação. O uso então do presente é o que se entende tradicionalmente como “presente-histórico”, isto é, formas não-marcadas para o pretérito, funcionando como tal. Em face do pretérito, o presente, sem a “assinalização” própria, expressa presente, futuro ou um tempo indefinido; ex.: *parto agora*; *parto amanhã* ou *daqui a três dias*; *parto sempre de casa às 10 horas*; em face de – *parti ontem*; *parti numa sexta-feira do mês passado*.

A partir disso, é possível considerar a existência também em português, especialmente na língua oral, do emprego do presente com sentido de pretérito. Mais ainda, pode-se estender aos outros romances e, por fim, às línguas românicas. Se se assume o presente como indicativo de tempo pretérito, o uso do presente em um desdobramento perifrástico, como o da perífrase em estudo, não é nada difícil de assumir.

Embora se tenha visto uma relação da perífrase, desde os seus primórdios, com o presente histórico, conforme as considerações de Moll explícitas mais acima, Margarit (1951: 327) defende a sua posição assegurando que, em sua origem, a forma perifrástica *vas cantar*, por exemplo, é análoga à forma simples de presente de indicativo *cantes*. Conforme as diversas explicações anteriores, sabe-se que em língua moderna, a contrução catalã *vas cantar* equivale à portuguesa *cantou*. A passagem que se deu de presente, em catalão arcaico, para denotar pretérito, em língua moderna, é explicada da seguinte forma por Margarit (1951: 327):

---

<sup>216</sup> Há duas razões fundamentais para interpretá-lo dessa forma: a) a existência, no próprio catalão antigo, da perífrase equivalente sobre o perfeito (ant. *aná'l ferir*, do mesmo texto); b) a existência, nos romances mencionados, de perífrases com o mesmo verbo de movimento, e sem matiz diferencial com respeito ao verbo simples (prov.: pres.: «vai dir», perf.: «anet dir», etc.; cast.: pres.: «va besar», imperf.: «iba dar», perf.: «fué entrar», etc.).

Pronto se notó en la Romania una tendencia a la pérdida del perfecto, para lograr una mayor simplificación en la conjugación, a la cual se oponía la diversidad de los antiguos perfectos, especialmente de los fuertes latinos; pero para poder desaparecer había que encontrarle un sustituto, y, así como en otras zonas de la Romania se han seguido otros caminos, en catalán, existiendo dos presentes equivalentes, el simple y el perifrástico, se pudo llenar con este último el vacío que dejaba el perfecto latino desaparecido (desaparecido, naturalmente, con el perifrástico correspondiente). Dos hechos ayudaron a esa sustitución: a) la coincidencia en 4-*anam*, 5- *anats* del presente y el perfecto del verbo *anar*; b) la constante mezcla del presente histórico y el perfecto en los textos antiguos<sup>217</sup>.

Com isso, percebe-se que, para Margarit, a relação da perífrase *ir + infinitivo* com o presente histórico não foi determinante para que engendrasse o sentido de pretérito. Outros fatores, tais como a condenação ao desaparecimento do perfeito latino e a coincidência de algumas formas do presente e do pretérito, tiveram peso nesta questão.

Após a releitura da perífrase, com sentido de pretérito, a sua conservação é evidente e profícua em língua moderna. Uma vez concedido o valor de pretérito, esvaziou-se da mente popular a ideia de perífrase e a construção, embora evidentemente analítica, expressa-se com valor de uma só palavra, segundo Margarit (1951: 327).

Se as postulações de Margarit, acima expostas, acerca da expressão primeira da perífrase, são verídicas, deve-se considerar que, na antiguidade da língua catalã houve mudança linguística. A passagem de presente a pretérito evidencia o cumprimento das três etapas: inovação, adoção e, por fim, mudança linguística. O uso perifrástico do presente corresponderia à inovação; a disseminação desse uso linguístico pela comunidade concretiza a segunda etapa, ou seja, a adoção. Por fim, e após a reanálise da perífrase, o sistema aceitara a mudança linguística, distanciando o catalão, fortemente, de línguas aparentadas, como o castelhano, galego ou francês, no tocante ao emprego de *ir + infinitivo*.

Além da opinião de Badia i Margarit e Moll sobre o valor primeiro da perífrase, é válido também enfatizar a discussão de Colón (1959: 165-176). A opinião deste estudioso é análoga à de Moll, quem vê, desde os primórdios, a expressão de pretérito na perífrase. Para Colón, esta construção analítica é empregada para atualizar a ação a fim de aproximá-la de nós. Por isso, o processo se dá por meio da utilização do presente histórico cuja missão é

<sup>217</sup> Logo se notou na România uma tendência à perda do perfeito, para conseguir uma maior simplificação na conjugação, à qual se opunha a diversidade dos antigos perfectos, especialmente dos fortes latinos; mas para poder desaparecer, era necessário encontrar um substituto, e, assim como em outras zonas da România se seguiram outros caminhos, em catalão, existindo dois presentes equivalentes, o simples e o perifrástico, pôde-se preencher com este último o vazio que deixava o perfeito latino desaparecido (desaparecido, naturalmente, com o perifrástico correspondente). Dois fatos ajudaram nessa substituição: a) a coincidência em 4- *anam*, 5- *anats* do presente e do perfeito do verbo *anar*; b) a constante mescla do presente histórico e do perfeito nos textos antigos. (tradução nossa)

também a de presentificar a narração e lhe conceder maior vivacidade. Com o emprego de *ir* + infinitivo, nota-se um esforço para se tornar presente o que não é. Além do mais, Colón vê a época da decadência das letras catalãs como um fator mais para expansão da perífrase, pois, na língua falada, o emprego da forma simples de pretérito diminui significativamente e em seu lugar fica a perífrase já gramaticalizada.

Para a língua portuguesa é indiscutível a grande contribuição dos estudos de Manuel Said Ali. É, portanto, por isso que se iniciará uma busca de respostas referidas ao objeto de estudo a partir de sua obra.

Como já citado em oportunidade prévia, Said Ali (1971: 161) não fará distinções entre tempos compostos e conjugações perifrásticas, visto que as duas concepções nasceram de um mesmo processo. Dessa forma, em português, a questão torna-se bem menos complexa que em catalão, cujas distinções entre um termo e outro devem ser muito bem delimitadas.

Sobre a perífrase em estudo, *ir* + *infinitivo*, recorde-se que a forma auxiliar *ir* se conjuga no presente do indicativo. Isso pressupõe que algumas assertivas colocadas para o presente do indicativo sirvam também à referida forma analítica. Como é sabido, esta forma denota, em língua portuguesa, tempo futuro. Isso corrobora com a declaração de Said Ali (1971: 310) quando afirma que “a noção de presente, claro é, não se há de limitar ao instante fugaz em que se profere o verbo”. Mas o presente, além de seu uso com valor temporal de futuro, de maior interesse para a pesquisa, também, e análogo à língua catalã, remete ao pretérito.

Acerca do emprego do presente como futuro, diz Said Ali (1971: 311):

Frequente, sobretudo em linguagem familiar, é o emprego do presente do indicativo para denotar ações que ainda estão por ser postas em efeito. Este presente-futuro tem sobre o futuro propriamente dito a vantagem de ser forma mais simples; é além disso bom recurso de linguagem para produzir impressão mais viva, pois que, expondo os sucessos vindouros, como se já fossem realidade atual, sugerimos no ouvinte a certeza do cumprimento e lhe faremos esquecer as contingências do futuro. Comparem-se “Amanhã vou à sua casa” e “Irei à sua casa”.

Não obstante, a língua portuguesa, por meio também do presente do indicativo, tem a possibilidade de expressar tempo pretérito, com valor perfectivo. O fenômeno pode ocorrer também em língua catalã, seja por meio da perífrase, cujo verbo auxiliar é conjugado no presente do indicativo, seja pelo uso do presente em sua forma flexional simples. No que concerne à língua portuguesa, observem-se as afirmações de Said Ali (1971: 311):

Atos pertencentes ao domínio do passado, e que portanto devem ter como forma de expressão o verbo no pretérito, enunciam-se às vezes por meio do verbo no presente. Resulta esta prática da consciência que temos de serem as imagens remotas um tanto

apagadas em relação às atuais. Aproximá-las de nós e enquadrá-las no tempo presente terá por efeito impressão mais viva no espírito do ouvinte. É sobretudo notório este efeito na narração de atos diferentes que se sucederam uns aos outros com decisão e rapidez, podendo então a série de orações terminar bruscamente por um verbo no presente, como neste exemplo:

Tanto que Architofel vio isto... *põe-se* a Cavallo, *parte-se* para sua casa, *faz* seu testamento, *deita* hum laço a hũa trave, *enforca-se* (Vieira, Serm. 5, 520).

Embora já se tenha insistido no uso do presente do indicativo com valor perfectivo em língua catalã, fato que influenciou a noção de pretérito nesta língua, observem-se os comentários acerca do presente histórico, em especial, e dos outros valores que pode assumir o presente, segundo a AVL (2006: 236-237):

El present, a més, pot assumir altres valors; concretament, pot usar-se amb un valor de passat per a referir-se a fets que continuen sent rellevants en el present (present històric) o per a dinamitzar el discurs narratiu (present narratiu); amb un valor de futur, per a designar fets previsibles, i amb un valor pròxim a l'imperatiu, en certs usos de segona persona:

*Valors secundaris del present [...]*

Present històric: *Jaume I entra en la ciutat de València el 9 d'octubre del 1238.*

Present narratiu: *L'altre dia anava passejant per l'albereda i me'l trobe festejant amb una turista anglesa.*

Futur: *Demà es casen. Ho sabies?*

Imperatiu: *Ara te'n vas a casa i parles amb la mare. D'acord?*<sup>218</sup>

Sem espaço a dúvidas, observa-se que o presente dá margens a diversas representações nas línguas românicas. No catalão e no português, expressa, além do presente propriamente dito, passado e futuro. Essa permissividade pode sugerir uma forte característica deste tempo verbal, e que se acentua ainda mais com a virtualidade do infinitivo acrescido para a formação da perífrase *ir + infinitivo*.

---

<sup>218</sup> O presente, além disso, pode assumir outros valores; concretamente, pode usar-se com um valor de passado para se referir a fatos que continuam sendo relevantes no presente (presente histórico) ou para dinamizar o discurso narrativo (presente narrativo); com um valor de futuro, para designar fatos previsíveis, e com um valor próximo ao imperativo, em certos usos de segunda pessoa:

*Valores secundários do presente [...].*

Presente histórico: *Jaume I entra na cidade de Valência em 9 de outubro de 1238.*

Presente narrativo: *Outro dia ia passeando pelo bosque e o encontro festejando com uma turista inglesa.*

Futur: *Amanhã se casam. Sabia disso?*

Imperativo: *Agora vai para casa e fala com a mãe. De acordo?*

Desta maneira, a seguinte sistematização- utilizando os exemplos anteriores - fornecidos pela AVL, para a língua catalã, e por Said Ali, para a língua portuguesa- poderiam ilustrar o emprego do presente pelo futuro, em ambas as línguas:

**Quadro 21 - Presente com valor de futuro (grifos nossos)**

	<b>Presente</b>	<b>Futuro</b>
<b>Catalão</b>	Demà <u>es casen</u> . Ho sabies?	<i>Es casaràn</i>
<b>Português</b>	Amanhã <u>you</u> à sua casa	<i>Irei</i>

Também é possível verificar como, em ambas as línguas, por meio dos exemplos da AVL e Said Ali, elucidam a expressão de pretérito com o emprego do presente. Veja-se:

**Quadro 22 - Presente com valor de pretérito (grifos nossos)**

	<b>Presente</b>	<b>Pretérito</b>
<b>Catalão</b>	Jaume I <u>entra</u> en la ciutat de València el 9 d'octubre del 1238.	<i>Entrà ou va entrar</i>
<b>Português</b>	Tanto que Architofel vio isto... <u>põe-se</u> a Cavallo, <u>parte-se</u> para sua casa, <u>faz</u> seu testamento, <u>deita</u> hum laço a hũa trave, <u>enforca-se</u> .	<i>Pôs-se; partiu-se; fez; deitou; enforcou-se (respectivamente)</i>

Em suma, permite-se apurar uma gama de possibilidades expressivas tanto em português quanto em catalão que se deve, aparentemente, às possibilidades de realizações e efeitos conseguidos com o emprego de verbos no presente. Isto é, *ir + infinitivo* representa pretérito em catalão e futuro em português. Todavia, o presente, em ambas as línguas, é passível de formar pretérito (presente histórico) ou futuro, seja em sua forma analítica (por meio da perífrase: *ir + infinitivo*, em português, e *ir + a + infinitivo*, em catalão), seja em sua forma sintética, conforme os exemplos acima.

#### 4.4.3 - A gramática normativa

Os *corpora* selecionados para análise representam, ainda que de forma não absoluta - já que contemplam apenas um gênero textual - o uso da perífrase na língua ao longo de diversos séculos. Em contraposição, a função da gramática normativa procura verificar a norma no que se refere à perífrase em estudo. Assim, permite-se observar as considerações sobre a perífrase *ir + infinitivo* a partir do prisma dicotômico norma/ uso.

Conforme explicações anteriores, o catalão sofreu, devido a razões históricas e principalmente políticas, uma normatização tardia, consolidada somente ao fim do século XVIII. O português, contudo, seguiu a corrente europeia e, no século XVI, deu à luz a sua primeira gramática.

Embora o principal objetivo seja averiguar, por meio da observação das gramáticas, a situação da perífrase *ir + infinitivo* modernamente, outras gramáticas serão tomadas em consideração. Isto porque, uma abordagem diacrônica, permitirá refletir sobre as prescrições de outras épocas, as quais podem contrastar ou confluir com as prescrições da atualidade.

Com o fim de manter uma coerência com a diacronia do estudo, as gramáticas seguirão, sempre que possível, uma ordem cronológica. Cabe ressaltar que as informações concernentes a certas gramáticas provêm de fontes indiretas, como as que se tem da de Ullastra, a qual, em teoria, é a primeira gramática catalã.

A gramática de Ullastra data de 1743 e teve sua primeira edição em 1980 pela Montserrat Anguera, segundo Solà (1991: 262). É a primeira gramática propriamente dita em língua catalã, ou seja, a primeira tentativa de normatização da língua, que, comparada ao português e ao castelhano, apenas para citar alguns exemplos, se deu tardiamente. Foi lançada sob o título *Grammatica Cathalana embellida ab dos ortographías*<sup>219</sup>... Trata-se de um trabalho incompleto e bastante deficiente, no qual o autor se ocupa de deixar impregnado na obra tudo o que sabia de latim ou de castelhano e, além disso, o maior objetivo era que o catalão figurasse entre as línguas cultas com gramática, de acordo com Solà (1991: 262).

Infelizmente todas as informações expostas mais acima são oriundas, como dito, de fontes indiretas. Dessa maneira, não é possível averiguar a posição de Ullastra no que se refere à normativa do *Passat Perifràstic* e do *Passat Simple*. Apenas se tem a confirmação de

---

<sup>219</sup> Título que aparece em Solà (1991: 262). Segundo Auroux (1992: 113), o título da obra de Ullastra é *Grammatica cathalana embillida ab dos ortografias, exténsa i ab apostrophe per a correctamént parlár i escriurer em exténs i apostropháda la llengua cathalana*.



Badia i Margarit (1999: 237), na qual o autor assegura que Ullastra, acerca da perífrase, não se manifesta.

A segunda gramática da língua catalã é a obra de Joan Petit i Aguilar que data de 1796. Sua gramática é elaborada em forma de perguntas e respostas. Faz um breve comentário sobre o modelo perifrástico do pretérito, mas, ainda assim, não parece levar em consideração o uso estendido. Veja-se a explicação<sup>220</sup>:

Pretèrit Perfèt Ramot Compost.

P. Quin es es Pretérit Perfèt Ramot Compost?

R. El que es compost del *Tèmps de Preterit Auxiliar* catala, y del Infinitiu del Verb que un vulla, com: Amar, Caminar, Còrrer, &c; v. g: Jo *vaig* anar, caminar, còrrer, &c. Tu *váres* amar, caminar, còrrer, &c. Ell ó Ella *va* anar, caminar, còrrer, &c. Nosaltres *várem* anar, caminar, còrrer, &c. Vosaltres *váreu* amar, caminar, còrrer, &c. Ells ó Ellas *váren* amar, caminar, còrrer, &c.<sup>221</sup>

Além disso, sua apresentação do *Pretèrit Perfet Ramot Simple* se faz apenas em contraposição ao *Compost*. Observe-se:

Pretérit Perfèt Ramot Simple.

P. Quin es el Pretérit Perfét Ramot Simple?

R. El que nò es compost de altre verb; v.g: *Aní, ploguè, fèu; moriren; haguè, succehíren*, &c.<sup>222</sup>.

Ao contrapor apenas a formação destes dois tempos verbais, Petit i Aguilar não tem a preocupação de expor o emprego de nenhum deles, tampouco de especificar os seus empregos. Ou seja, admite, sem discriminação, as duas possibilidades de expressão no pretérito.

Josep Pau Ballot i Torres é também um dos primeiros a se preocupar com a normatização da língua catalã, propondo, com a sua gramática, uma sedimentação estrutural para a compreensão e aprendizagem desta.

Entre as necessidades arroladas à consolidação gramatical de qualquer língua, encontram-se causas propriamente políticas e também a exigência de aprendizagem de língua

<sup>220</sup> Petit i Aguilar (1998: 408).

<sup>221</sup> Pretérito Perfeito Remoto Composto.

P. Qual é o Pretérito Perfeito Remoto Composto?

R. O que é composto do Tempo de Pretérito Auxiliar catalão, e do Infinitivo do Verbo que se queira, como: Amar, Caminhar, Correr, etc; p. e.: Eu amei, caminhei, corri, etc. Tu amaste, caminhaste, correste, etc. Ele ou Ela foi, caminhou, correu, etc. Nós fomos, caminhamos, corremos, etc. Vós amastes, caminhastes, correstes, etc. Eles ou Elas amaram, caminharam, correram, etc. Note-se que, provavelmente, há uma confusão gráfica da edição, ou do autor: nos exemplos, alternam *Amar* e *Anar* (ir). (tradução nossa)

<sup>222</sup> Pretérito Perfeito Remoto Simples.

P. Qual é o Pretérito Perfeito Remoto Simples?

R. O que não é composto de outro Verbo; p.e.: *Fui, choveu, fez; morreram, houve, sucederam*, etc. (tradução nossa)

estrangeira. Quanto ao primeiro caso citado, a intenção primordial é organizar e regular uma língua literária e desenvolver uma política de expansão linguística para uso interno e externo. Já no segundo caso, do qual toma o ônus a obra de Ballot, há uma necessidade iminente advinda das relações comerciais. Comenta, ainda, a disparidade existente entre sua língua e as demais línguas europeias, que contam com um arsenal de recursos voltados para o ensino de língua estrangeira. Além disso, o autor não desconsidera o grande interesse e desejo dos próprios nativos de possuírem uma gramática impressa de sua língua materna.

O trabalho de Ballot está em versão bilíngue, quer dizer, é uma obra apresentada em catalão e castelhano no mesmo corpo, de maneira a facilitar a difusão da gramática entre nativos e estrangeiros. A intenção de compor uma gramática de língua catalã vai no sentido de não deixar-se perder a prática da língua e, dessa maneira, poder calar murmuradores que a diminuem, isto é, conceder à língua um documento escrito autêntico a fim de perpetuar e assegurar a sua existência.

Apesar de se ter observado que Ballot é antecedido por Ullastra e Petit i Aguilar, o autor considera-se o encabeçador da tarefa de normatização, esquivando-se, com validade nessa premissa, dos possíveis erros cometidos ao longo de seu trabalho. Além do mais, na apresentação da gramática, o autor se manifesta a respeito das supostas gramáticas anteriores: confessa ter ouvido sobre a existência de uma gramática catalã manuscrita em um convento. Contudo, apesar do empenho que dedicou em encontrá-la, não foi possível localizá-la; assim, se autoconcedeu uma originalidade intelectual.

De acordo com o que postula em sua obra, Ballot se baseia na língua latina para a composição da gramática catalã, ainda que tenha reduzido regras a certos princípios, a fim de lhe conceder ordem, método e precisão. Exalta e estimula a aprendizagem da língua, como demonstra no próprio título: *Gramática y apología de la llengua cathalana*. Da mesma forma, tem a grande preocupação de provar o *status* linguístico que tem o catalão, herdeiro direto da língua latina e não mero dialeto oriundo de falares bárbaros. Afirma, para tanto, que o catalão consta de todas as partes que deve constar em uma língua. Articula seus fundamentos em diversos exemplos extraídos de documentos da Corte, de textos bíblicos e literários a fim de provar que a concisão linguística do catalão não é rude, como afirmam alguns opositores da língua, tampouco impede que se estabeleça a clareza, a pureza e a compreensão.

No que concerne à morfologia verbal, faz uma apresentação importante para o quadro das conjugações do catalão: considera apenas três. Isto porque os verbos terminados em *-re*, prescritos pela gramática em vigência como da 4ª conjugação, na obra de Ballot são

apresentados com terminação *-r*; assim, pois, considera o verbo *entendre* (port. *entender*) como *entendrer*, fazendo-o permanecer na segunda conjugação.

Todos os verbos selecionados ao longo do capítulo de morfologia verbal são conjugados nos tempos e modos da língua, servindo de modelos para outros verbos. Em nenhuma ocasião, com efeito, o autor observa em seus modelos verbais a existência, ao lado do *Passat Simple*, da forma perifrástica. Somente em uma nota de rodapé faz uma breve ponderação sobre a perífrase *anar + infinitiu*. Observe-se<sup>223</sup>: “Lo verb *anar* á vegadas es auxiliär, quant dihem: Jo *vaig córrer*; tu *vas escriürer*; ell li *va dir*. Lo pres. de ind. del verb *anar* se usa á vegadas en lloch del pretérit perfet, com: li *va pegar* un reves; ningú d’ells li *va tocar* [...]”<sup>224</sup>

A partir de algumas postulações que o autor faz ao longo de sua obra, acredita-se - não pelo fato de não ter dado tanta importância ao uso das perífrases do *Passat Perifràstic* -, que seu engajamento está voltado para o normativo-normativo. A seguir, listam-se alguns argumentos que podem sustentar a teoria:

- sempre e quando se trate de elucidar questões referentes à origem da língua catalã, abordará o tema sujeitando-o às regras da arte<sup>225</sup>, o que pode resultar artificial;
- para estruturar a gramática, lançou mão dos exemplos (não forjados e sim buscados em textos) que lhe pareceram mais adequados e corretos cuja fonte principal se encontra em autores catalães, em detrimento, talvez, do uso corrente;
- afirma ter reduzido as regras a certos princípios, concedendo-lhe ordem, método e precisão, sem perder de vista a língua latina; ou seja, a base latina ainda segue como fonte, forçando, talvez, algumas regras na língua catalã;
- a seu ver, a língua, nos últimos tempos, havia perdido um pouco de sua graça e beleza, tornando-se, em sua opinião, um pouco confusa. O autor não considera, para este caso, os limites de norma e uso linguísticos, querendo, da mesma forma que para o caso abordado no item anterior, forçar o uso em benefício da norma.

<sup>223</sup> Gramática de Ballot. Biblioteca Digital Lluís Vives. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/57949496989461496754491/index.htm>>. Acesso em 18 nov. 2007. P. 57

<sup>224</sup> O verbo *anar* às vezes é auxiliar, quando dizemos: Eu *corri*; tu *escreveste*; ele lhe *disse*. O presente do indicativo do verbo *anar* às vezes se usa em lugar do pretérito perfeito, como: lhe *deu* um mal jeito; ninguém lhe *tocou* [...]. (tradução nossa)

<sup>225</sup> Comentário à p. 13. Gramática de Ballot. Biblioteca Digital Lluís Vives. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/57949496989461496754491/index.htm>>. Acesso em 18 nov. 2007.

Após uma breve apresentação das três primeiras gramáticas da língua catalã, vejamos as gramáticas normativas contemporâneas e o tratamento por elas concedido à perífrase em estudo.

O fim do século XIX representa, para a língua catalã, um momento de caos. Era inegável a influência do castelhano sobre esta, o que levou a uma profunda descaracterização e perda de identidade linguística. Antes dos trabalhos de Fabra, como bem ilustra Casanova (1991: 222), “cada escritor era como un gramático que tomaba sus decisiones recorriendo al arcaísmo, ruralismo o neologismo”<sup>226</sup>.

Este estado é com o que se depara Pompeo Fabra, o que virá a ser o grande normatizador da língua catalã. Como afirma Solà (1991: 270), Fabra “fue muy pronto consciente de la situación y empezó a ponerle remedio pertrechado de un instinto lingüístico nada común y de un conocimiento preciso y al día de los principios de la romanística y de la historia de las distintas lenguas románicas”<sup>227</sup>.

Para levar a cabo a tarefa tão laboriosa quanto extensa, Fabra se apoiava especialmente na língua arcaica, mais pura e sem grande variação dialetal. Com isso, pretendia colocar à margem grande parte dos castelhanismos que foram, desde o fim do século XV, penetrando na língua catalã. Esse processo de recuperação do catalão como língua de cultura é o grande objetivo da reforma fabriana.

O primeiro passo de Fabra, segundo Casanova (1991: 222), foi providenciar uma reforma ortográfica, seguida de uma reforma gramatical e, por fim, léxica. Apesar de consultar e aceitar diversas variantes gramaticais, Fabra parte do catalão central, visto que, em sua opinião, é o “más importante demográficamente, el más uniforme y el más regular, el más característico y el más opuesto al castellano”<sup>228</sup>, segundo Casanova (1991: 222).

No que concerne ao emprego da perífrase, Fabra não a toma em consideração na gramática de 1912, mas a descreve, sem comentários ou avaliações que impliquem em juízo de valor, segundo Badia i Margarit (1999: 237). Na 17ª edição de sua gramática, somente se observa:

<sup>226</sup> Cada escritor era como um gramático que tomava suas decisões recorrendo ao arcaísmo, ruralismo ou neologismo. (tradução nossa)

<sup>227</sup> Foi logo muito consciente da situação e começou a encontrar soluções providas de um instinto linguístico nada comum e de um conhecimento preciso e em dia com os princípios da romanística e da história das distintas línguas românicas. (tradução nossa)

<sup>228</sup> O mais importante demograficamente, o mais uniforme e o mais regular, o mais característico e o mais oposto ao castelhano. (tradução nossa)

Amb l'infinitiu d'un verb es formen dos <sup>229</sup>pretèrits (dits perifràstics): *vaig cantar*, *vas* (o *vares*) *cantar*, *va cantar*, *vam* (o *vàrem*) *cantar*, *vau* (o *vàreu*) *cantar*, *van* (o *varen*) *cantar* [...].

Ex.: *Ell va dir el mateix* (que val tant com dir *Ell digué el mateix*).<sup>230</sup>

A orientação normativa da gramática de Fabra dá ênfase a certos vulgarismos que, segundo ele, devem ser evitados, a fim de se conseguir um uso mais acurado da língua. Porém, no que se refere ao emprego da perífrase, vê-se que, além de não repudiar o seu emprego, Fabra nem mesmo chega a restringir o seu uso a certos âmbitos, como o oral.

A obra com finalidade normatizadora de Sanchis Guarner é uma das primeiras a tentar sistematizar para o valenciano as postulações feitas por Fabra para a língua catalã. Em 1932, segundo Sanchis Guarner (1993: 05), intelectuais se reuniram com o objetivo de adotar as *Normes de Castelló*, que consiste em uma formulação valenciana da normativa ortográfica do *Institut d'Estudis Catalans* (IEC). Entre os estudiosos, figurava Sanchis Guarner. Alguns anos mais tarde, o autor, apesar de algumas dificuldades iniciais, entre elas a financeira, consegue dar à luz a sua gramática em 1950.

A gramática de Sanchis Guarner tem critérios bastante rigorosos e científicos adotados. Trata-se de uma descrição sistemática da língua dos valencianos que, pela primera vez se baseia em teorias linguísticas. A obra tem uma orientação normativo-descritiva. Sobre essa orientação, deixa claro Solà no prólogo da gramática de Sanchis Guarner (1993: 08): “Sanchis Guarner concebé el seu llibre no com un manual preceptiu destinat a l'ensenyament de la llengua, sinó com una eina de consulta i orientació per als estudiosos i els escriptors.”<sup>231</sup>

No que concerne à morfologia verbal, encontra-se uma orientação especialmente normativa. Também Solà comenta no prólogo da gramática de Sanchis Guarner (1993: 16):

En general, Sanchis recomana les formes genuïnes predominants en la llengua oral del País Valencià, que majoritàriament són les mateixes que usaven els escriptors valencians de la segona meitat del segle XV. Com fa en la resta de la seua *Gramàtica*, Sanchis aprofita la descripció de les variants de la morfologia verbal per a destriar les vulgars, les arcaïques i les dialectals d'aquelles que considera adequades per al registre “culte”, ja instrumental, ja literari.<sup>232</sup>

<sup>229</sup> A segunda formação perifrástica a que se refere Fabra é a construção do Pretérito do Subjuntivo.

<sup>230</sup> Com o infinitivo de um verbo se formam dois pretéritos (ditos perifrásticos): *vaig cantar*, *vas* (ou *vares*) *cantar*, *va cantar*, *vam* (ou *vàrem*) *cantar*, *vau* (ou *vàreu*) *cantar*, *van* (ou *varen*) *cantar* [...].

Ex.: *Ele disse o mesmo*. (tradução nossa)

<sup>231</sup> Sanchis Guarner concebeu o seu livro não como um manual de instrução destinado ao ensino da língua, mas sim como uma ferramenta e orientação para os estudiosos e os escritores. (tradução nossa)

<sup>232</sup> Em geral, Sanchis recomenda as formas genuínas predominantes na língua oral do País Valenciano, que majoritariamente são as mesmas que usavam os escritores valencianos da segunda metade do século XV. Com faz no resto da sua *Gramàtica*, Sanchis aproveita a descrição das variantes da morfologia verbal para separar as

O mesmo passará ao tratar das questões sintáticas: Sanchis Guarner se deterá em uma visão puramente normativa, em detrimento do uso. Especificamente sobre a perífrase em estudo, *ir* + *infinitivo*, Solà, no prólogo da gramática de Sanchis Guarner (1993: 20), esclarece:

Les qüestions sintàctiques tractades per Sanchis constitueixen un dels aspectes més dignes d'atenció de la seua *Gramàtica*, ja que, tot i defensar la major part de les propostes i les recomanacions fabristes, en matise algunes i en desenvolupa d'altres o en fa de noves [...].

Entre les propostes o recomanacions en què Sanchis matisa les de Fabra podem destacar: [...]

-La preferència pel perfet simple “en la llengua culta escrita”, potser pel fet de considerar el perifràstic més adequat per a l'estil col·loquial<sup>233</sup>.

Embora se tenha visto que a posição de Sanchis Guarner se centra em um caráter puramente normativo no tocante ao uso das formas simples e perifrásticas de pretérito do catalão, o autor não deixa, em sua obra, de mencionar a existência do perifrástico nem tampouco rechaça o seu uso, apenas o restringe à fala. Veja-se<sup>234</sup>:

Les formes del perfet que han estat donades en els paradigmes anteriors, en realitat són usades en la llengua parlada només en les comarques valencianes centrals i en les Illes Balears. En la Regió Valenciana és emprat el perfet simple al Sud de la Plana, a Morvedre, Camp de Llíria, Horta de Gandia i Vall d'Albaida, i així mateix reapareix en el Camp d'Elx a l'extrem meridional de la llengua.

En la resta de la Regió Valenciana, igual que a Catalunya, s'empra només el perfet anomenat perifràstic, el qual es compon amb l'infinitiu del verb que es conjuga precedit de les formes: *vaig, vas, va, vam, vau, van*<sup>235</sup>. (grifo nosso)

Na verdade, o que Sanchis Guarner rechaça são as formas de *anar* analógicas para a formação do perifrástico. Diz<sup>236</sup>: “S'usen també estes atres formes que no són recomanables, particularment la de 1ª pers. sing.: *vàreig, vares, va, varem, vàreu, varen*.”<sup>237</sup>

vulgares, as arcaicas e as dialetais daquelas que considera adequadas para o registro “culto”, seja instrumental, seja literário. (tradução nossa)

<sup>233</sup> As questões sintáticas tratadas por Sanchis constituem um dos aspectos mais dignos de atenção da sua *Gramàtica*, já que, apesar de defender a maior parte das propostas e as recomendações fabristas, matiza algumas e desenvolve outras ou faz novas [...].

Entre as propostas ou recomendações em que Sanchis matiza as de Fabra podemos destacar: [...]

-A preferência do perfeito simples “na língua culta escrita”, talvez pelo fato de considerar o perifrástico mais adequado para o estilo coloquial.

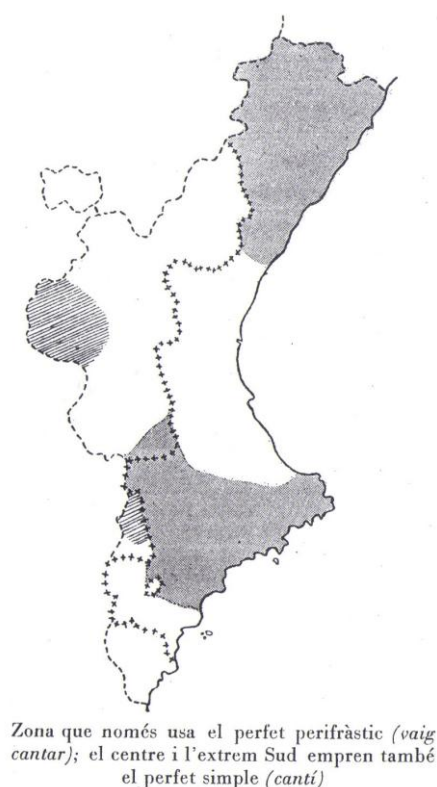
<sup>234</sup> Sanchis Guarner (1993: 195-196).

<sup>235</sup> As formas simples do perfeito que foram dadas nos paradigmas anteriores, em realidade são usadas na língua falada somente nas comarcas valencianas centrais e nas Ilhas Baleares. Na Região Valenciana é empregado o perfeito simples ao Sul de La Plana, em Morvedre, Camp de Llíria, Horta de Gandia e Vall d'Albaida, e assim mesmo reaparece em Camp d'Elx ao extremo meridional da língua.

No resto da Região Valenciana, igual à Catalunha, emprega-se somente o perfeito denominado perifrástico, o qual é composto com o infinitivo do verbo que se conjuga precedido das formas: *vaig, vas, va, vam, vau, van*. (grifo nosso). (tradução nossa)

Além disso, Sanchis Guarner (1993: 196) relembra a antiguidade da perífrase e sua vivacidade entre os autores clássicos da língua catalã. Ainda assim, acrescenta: “Emperò en la llengua culta es sol donar preferència al perfet simple”<sup>238</sup>. Como se vê, o autor não rechaça e nem repreende o emprego da perífrase, apenas o restringe. Evidentemente aí se encontra um caráter normativo moderado, mas não extremista.

Tanto é assim que o autor mapeia as zonas em que ocorre a perífrase de pretérito catalã. Veja-se<sup>239</sup>:



Como é possível identificar, grande parte do território valenciano não somente conhece a perífrase de pretérito como também a usa exclusivamente. As demais zonas não marcadas são as que mesclam o uso da variante sintética e a perifrástica.

Embora se tenha mencionado a obra de Badia i Margarit, um dos mais importantes filólogos da língua catalã, na seção de gramática histórica, é também relevante expor as ideias que concebe em sua gramática normativa, ainda que com uma orientação descritiva.

Acerca da formação do perfeito perifrástico, diz o autor<sup>240</sup>:

<sup>236</sup> Sanchis Guarner (1993: 196)

<sup>237</sup> Usam-se também estas outras formas que não são recomendáveis, particularmente a de 1ª pers. sing.: *vàreig, vares, va, varem, vàreu, varen*. (tradução nossa)

<sup>238</sup> No entanto, na língua culta escrita costuma-se dar preferência ao perfeito simples. (tradução nossa)

<sup>239</sup> Sanchis Guarner (1993: 196)

<sup>240</sup> Badia i Margarit (1962: 276)

Característico de la conjugación catalana es llamado Pretérito Perfecto Perifrástico. Se forma anteponiendo al infinitivo del verbo que se conjuga las formas *vaig*, *vas* (o *vares*), *va*, *vam* (o *vàrem*), *vau* (o *vàreu*), *van* (o *varen*); como se ve, es un conjunto de formas uniformadas, procedentes del presente del verbo *anar* (y decimos uniformadas porque *anem* y *aneu* han sucumbido a las analógicas *vam*, *vau*). De las formas citadas, las que vienen entre paréntesis, sin ser incorrectas, se consideran menos cultas que las demás; como hemos dicho, la *-r-* que las caracteriza es de naturaleza analógica, analogía que llega hasta la primera persona (*vàreig*, por *vaig*), aunque es forma menos usada; también aparecen *vem*, *veu*, por *vam*, *vau*, respectivamente.<sup>241</sup>

Além de atestar a existência da forma perifrástica de pretérito, Badia i Margarit (1962: 276) ainda se ocupa do emprego, em extensão, da mesma.

El perfecto perifrástico, que tiene su difusión en catalán antiguo, se usa normalmente en la lengua moderna: con la excepción del valenciano, y también, aunque menos, del balear (que mantienen el perfecto simple, coexistiendo con el perifrástico) todo el resto del dominio lingüístico catalán sustituye el tiempo simple por el perifrástico en el habla corriente, hasta el extremo de que *portí* por *vaig portar*, o *portares* por *vas portar*, usados hablando, parecerían afectados<sup>242</sup>.

Badia i Margarit (1962: 277) também não deixa à margem questões relacionadas a estilo e estética. No que concerne puramente à estética, esclarece que, até por volta de 1900, apenas o emprego do pretérito simples na língua escrita era bem visto. Com o tempo, contudo, o perifrástico foi ganhando terreno e sua dimensão ultrapassou a linguagem oral. Dessa forma, modernamente, a escolha entre uma forma e outra, já que possuem valor idêntico, nada mais fica ao sabor do estilo de escrita de cada autor. Provavelmente esta seja uma das causas de peso que tenham influenciado na contagem qualitativa dos dados do *corpus* catalão, visto que, somente a partir do século XVIII é que a perífrase começa a ganhar espaço na produção escrita

Para a gramática normativa moderna, também contribui López del Castillo com sua obra de 1999. A respeito da morfologia verbal, o autor esclarece que o modelo utilizado em língua catalã para a formação de tempos compostos é *haver* + *particípio passado*, conforme ilustrado com os diversos exemplos extraídos do *corpus* da língua catalã. No entanto, em

<sup>241</sup> Característico da conjugação catalã é chamado Pretérito Perfecto Perifrástico. Forma-se antepondo ao infinitivo do verbo que se conjuga as formas *vaig*, *vas* (o *vares*), *va*, *vam* (o *vàrem*), *vau* (o *vàreu*), *van* (o *varen*); como se vê, é um conjunto de formas uniformizadas, procedentes do presente do verbo *anar* (e dizemos uniformizadas porque *anem* e *aneu* sucumbiram às analógicas *vam*, *vau*). Das formas citadas, as que vêm entre parênteses, sem serem incorretas, consideram-se menos cultas que as demais; como dissemos, o *-r-* que as caracteriza é de natureza analógica, analogia que chega até a primeira pessoa (*vàreig*, por *vaig*), embora seja forma menos usada; também aparecem *vem*, *veu*, por *vam*, *vau*, respectivamente.

<sup>242</sup> O perfeito perifrástico, que tem sua difusão no catalão antigo, usa-se normalmente na língua moderna: com exceção do valenciano, e também, ainda que menos, do balear (que mantêm o perfeito simples, coexistindo com o perifrástico) todo o resto do domínio linguístico catalão substitui o tempo simples pelo perifrástico na fala corrente, até o ponto extremo de que *portí* por *vaig portar*, o *portares* por *vas portar*, usados falando, pareceriam afetados. (tradução nossa)



certos lugares da Catalunha e das Baleares sobrevive o verbo *ser* para a formação de tempos verbais compostos. Esse uso é tradicional e vigora também em língua escrita, como *Som vingut de pressa*<sup>243</sup>; *Éreu sortits al pati*<sup>244</sup>; *Se són retirats*<sup>245</sup>, segundo López del Castillo (1999: 118).

No tocante ao tema dos tempos perifrásticos, López del Castillo (1999: 118) iguala-os, em valor, aos tempos simples: “Els temps perifràstics de més ús [...] són els dos pretèrits d’indicatiu- que es corresponen perfectament amb el pretèrit perfet simple i el seu compost, el pretèrit anterior<sup>246</sup>”.<sup>247</sup> Essas perífrases se formam com uma variante do presente do Indicativo do verbo *anar* + *infinitiu*. Considera, além disso, as variações regionais apresentadas para o verbo *anar*.

A respeito da situação do País Valenciano, afirma que apenas a zona central preserva a forma simples de pretérito, o *Passat Simple*, enquanto essas mesmas formas já estão condenadas à caducidade no resto do território. Porém, não desconsidera a alternância das formas em registro escrito.

Outra importante gramática moderna é a de Joan Solà. Acerca do *Passat Perifràstic*, o autor faz um estudo que, ainda que um pouco conciso, toca pontos importantes, como variedades regionais e a abrangência que cobre o seu uso.

Atualmente, assegura Solà (2002: 640), o passado perifrástico se sobrepõe ao simples, embora haja constatado um rechaço tradicional a respeito do uso da forma perifrástica, que se introduziu no catalão no século XV. Essa restrição se deve a uma tendência geral em considerar que a forma simples se enquadra em um registro mais elevado, apesar de ser possível hoje observar a coexistência dos dois tempos em textos literários.

A perífrase é de uso estendido na língua moderna, exceto em algumas localidades de Valência e das Baleares, onde há convivência com o simples. Nestes lugares, o pretérito simples, cuja sobrevivência se baseia no caráter conservador, no caso das Baleares, e num

<sup>243</sup> Viemos depressa. (tradução nossa)

<sup>244</sup> Saistes ao pátio. (tradução nossa)

<sup>245</sup> Retiraram-se. (tradução nossa)

<sup>246</sup> O autor chama *pretèrit anterior* o desdobramento da perífrase. Por exemplo, como demonstra López del Castillo (1999:119):

<u>Pretèrit perfet</u>	<u>Pretèrit anterior</u>
Vaig cantar	vaig haver cantat
Vas (vares) cantar	vas (vares) haver cantat
Va cantar	va haver cantat
Vam (vàrem) cantar	vam (vàrem) haver cantat
Vau (vàreu) cantar	vau (vàreu) haver cantat
Van (varen) cantar	van (varen) haver cantat

<sup>247</sup> Os tempos perifrásticos de mais uso [...] são os dois pretéritos perfeitos do indicativo – que se correspondem perfeitamente com o pretérito perfeito simples e o seu composto, o pretérito anterior. (tradução nossa)

modo de manutenção da expressão, no caso do País Valenciano, em geral sobrepuja a forma composta.

Comprova, ademais, a existência na variação da conjugação do auxiliar (*anar*): *vàreig*, *vares*, *varem*, *vàreu*, *varen*<sup>248</sup>, conhecida pela região norte-oriental, nas Balears e no valenciano central. Provavelmente essa conjugação, exceto para a primeira pessoa do singular, se dê por analogia ao próprio passado simples (*-ares*, *-àrem*, *-àreu*, *-aren*<sup>249</sup>). Encontram-se, ainda, outras variações dialetais para a primeira pessoa: *vai*, primeira e segunda pessoas do plural *vem* e *veu*<sup>250</sup>, alternadas com *vam* e *van*<sup>251</sup> em regiões da área oriental, como Barcelona, Berga, Baga o Pobla de Lillet.

As línguas mostram-se tão permeáveis que a elas é plausível não somente possuir mais de um sistema, mas também mais de uma norma. Assim, o catalão apresenta duas normativas para a língua: a AVL regulamenta as normas do valenciano - do qual, aqui, não se está fazendo distinção do catalão- enquanto o IEC rege a normativa do catalão propriamente dito.

O *Institut d'Estudis Catalans*, fundado em 1907, é o centro regulamentador da normativa do catalão oriental. As prescrições se apoiam nas obras de Pompeu Fabra. Sobre as formas perifrásticas afirma que o verbo *anar* forma as variantes de passado. Assegura, ainda, a possibilidade de alternar com a forma simples na língua escrita, tendo um efeito nada mais que estilístico. A forma perifrástica, com efeito, em língua falada é a mais frequente no conjunto do domínio linguístico. Observa também como o auxiliar de passado, o verbo *anar*, tem um radical regular em todas as pessoas, o que não ocorre no presente do indicativo.

Em conformidade com Solà e López del Castillo, assume variações de conjugação para o verbo *anar* para a composição das perífrases de pretérito (*vares*, *varem*, *vàreu*, *varen*). Ainda que coloque a construção *ir* + *infinitivo* do catalão como forma perifrástica, a Gramática do *Institut d'Estudis Catalans*, GIEC ([s.d]: 86) a toma por tempo verbal, ao afirmar que “Les formes simples del verb auxiliar *anar* seguit de l’infinitiu del verb principal permeten formar les variants perifràstiques del passat (anomenat *Passat Perifràstic*)”.<sup>252</sup>

Conforme as explicações concernentes à regulamentação da língua catalã, sabe-se que o grande codificador da mesma fora Pompeu Fabra. Embora o gramático tivesse elaborado um trabalho exemplar, tentando sempre contemplar os usos de diversas regiões, em Valência,

<sup>248</sup> Solà (2002: 641)

<sup>249</sup> Ibid., p. 641.

<sup>250</sup> Ibid., p. 641.

<sup>251</sup> Ibid., p. 641.

<sup>252</sup> As formas simples do verbo auxiliar *anar* seguido do infinitivo do verbo principal permitem formar as variantes perifrásticas do passado (denominado *Passat Perifràstic*). (tradução nossa)

alguns trabalhos propunham modificações na obra com o fim de conservar traços característicos da região.

Dessa forma, a obra de Fabra fora “adaptada” à expressão valenciana, e as modificações promulgadas com o advento das *Normes de Castelló*. Anos depois, surgia a *Academia Valenciana de la Llengua* (AVL), a qual, por meio de sua gramática normativa, (GNV), também possui um instrumento de regulamentação linguística.

Sobre a perífrase em estudo, em conformidade com o IEC, a AVL a coloca como tempo verbal absoluto, ao lado da forma simples de passado. Assim, segundo a GNV (2006: 240):

El passat simple i el perifràstic, així com el perfet, són temps perfectius, i s’usen amb un valor d’anterioritat a l’acte de parla. Els dos primers tenen el mateix valor i, des d’un punt de vista funcional, són intercanviables en tots els contextos:

*Ahir començà / va començar la fira de juliol.*

*L’any passat passàrem / vam passar l’estiu a Castelló de Rugat*<sup>253</sup>.

De acordo com o exposto, pode-se depreender que as perífrases que formam do *Passat Perifràstic*, embora não tenham sido exploradas por todos os gramáticos de forma exaustiva e desde os primórdios da atividade gramatical na história da língua catalã, hoje constituem um tema difundido. O mais importante, contudo, é notar a sua aceitação pelas duas normativas, IEC e AVL, as quais consideram a referida construção como tempo verbal composto e de uso idêntico à variante simples. Isso prova que, a partir da difusão de um determinado uso, a perífrase passou a ocupar um papel importante na morfologia verbal do sistema catalão. Hoje, então, ao lado de outros tempos verbais, é aceita pela norma culta.

Ao contrário do que acontecera com o catalão, cujas gramáticas tardias se justificam, principalmente, pela história externa à língua, o português segue, na medida do possível, a tendência europeia de sistematizar o vernáculo apoiando-se na tradição greco-latina. Assim, o Renascimento será cenário para iniciação portuguesa à tradição normativa da língua, a qual, sem dúvidas, se espelha na experiência italiana.

A importância do vernáculo já vinha se impondo desde épocas anteriores, mas é somente com o advento do Renascimento que surge a necessidade de lhe conceder maior

<sup>253</sup> O passado simples e o perifrástico, assim como o perfeito, são tempos perfectivos e se usam com um valor de anterioridade ao ato de fala. Os dois primeiros têm o mesmo valor e, do ponto de vista funcional, são intercambiáveis em todos os contextos:

*Ontem começou a feira de julho.*

*No ano passado passamos o verão em Castelló de Rugat.* (tradução nossa)

prestígio. Este foi o movimento da “questão da língua”, o qual, conforme Buescu discorre no prólogo de Oliveira (1975: 13), foi “o resultado de uma incerteza sobre a norma linguística e da carência de padrões literários que garantissem o seu prestígio.”

Neste contexto, pois, aparecem duas obras coetâneas que tratam da sistematização do português no século XVI. Uma é de autoria de João de Barros; outra, de Fernão de Oliveira. Diversas discussões há acerca de qual seria a obra percussora; não obstante, em geral se refere a João de Barros como o primeiro gramático da língua portuguesa, ainda que se considere que a primeira obra publicada tenha sido a de Fernão de Oliveira. Apesar de reconhecer a importância de ambas para o presente estudo, dispõe-se apenas da obra de Oliveira.

A gramática de Oliveira veio à luz no ano de 1536 e foge da organização em partes gramaticais verificadas nas gramáticas latinas. Na verdade, apresenta-se de forma um pouco confusa e, em diversos momentos, faz digressões. Ainda segundo as considerações de Buescu no prólogo à gramática de Oliveira (1975: 20), a gramática em questão é “um conjunto de curiosas e judiciosas reflexões, de tipo ensaístico; em suma, uma miscelânea linguística e cultural.”

Oliveira não vai dedicar uma parte substancial de sua obra para discutir a morfologia verbal, tema que, para este estudo, é de suma importância. O cerne da obra de Oliveira está na abordagem fonética, à qual o autor tece diversas reflexões. Tampouco na sintaxe se verá uma preocupação do autor em aprofundar os temas.

No que concerne aos verbos, pois, Oliveira não chega a sistematizar os tempos e modos, por exemplo. Não há tabelas de conjugação para exemplificar os modelos, nem tampouco se atém aos verbos que são irregulares. Apenas tece reflexões esparsas e superficiais a respeito da conjugação e à morfologia verbal como um todo.

Assim, não foi possível avaliar o pensamento normativo renascentista no tocante ao tempo flexional de futuro, nem tampouco a questão do desdobramento perifrástico, de um modo geral, e da perífrase *ir + infinitivo*, mais especificamente.

Não será possível, pois, determinar, devido à grande quantidade de gramáticas em língua portuguesa, quando foi que a construção *ir + infinitivo* passou a ser tratada como uma forma opcional ao emprego do futuro flexional, tampouco se há, nas primeiras gramáticas, um repúdio à mesma, tal como se observa em língua catalã.

As gramáticas contemporâneas parecem abordar a existência, bem como o uso moderno, da perífrase *ir + infinitivo* sem colocar sobre esta nenhum juízo de valor. Em Cunha; Cintra (1985: 385), por exemplo, adota-se a expressão “locução verbal” para definir a

união de um verbo a uma forma nominal, ou, em outras palavras, de um “auxiliar” com um “verbo principal”.

Dentre as diversas possibilidades de formação de “locuções verbais” encontra-se a perífrase em questão. Sobre a mesma, versa Cunha; Cintra (1985: 385) sobre a formação com *ir*: “com o infinitivo do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo”. E ilustra a teoria com as seguintes orações: “*Vou procurar um médico./ O navio vai partir.*”<sup>254</sup>

O autor não chega a mencionar a aceitação e o uso desta construção no português contemporâneo nem colocá-la, explicitamente, como concorrente com a forma flexional de futuro. Porém, os exemplos deixam esclarecer o valor de futuridade e volição que a perífrase engendra.

A obra de Moura Neves (2000) também pareceu ser relevante para a apuração dos dados acerca da perífrase *ir + infinitivo*, já que em sua gramática há uma maior preocupação com os usos do português contemporâneo. Ou seja, há aqui uma expectativa de se conjugar norma e uso no tratamento dos tópicos gramaticais selecionados.

Analogamente à obra de Cunha (1985), Moura Neves retrata a perífrase sem maior aprofundamento no tema e tampouco lhe concede algum peso negativo ou de rechaço. Assim, apenas cita (2000: 65) que a construção *ir* junto ao infinitivo de um verbo qualquer indica futuridade, como nos exemplos a seguir: “Quando eu crescer VOU COMPRAR um carro bonito como o de seu Manuel Valadares./ VAMOS ARRANJAR uma tábua para sentar.”

Por fim, a contribuição de Bechara (2001) vai na mesma direção das gramáticas citadas anteriormente. Não se observa, ainda que minimamente, qualquer manifestação depreciativa no entorno à questão da perífrase em estudo.

Bechara (2001: 230) faz uma apresentação da “locução verbal” com uma definição muito próxima à de Cunha (1985): “chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal* [...]”.

O autor se detém no tratamento de algumas construções, mormente as que expressam valores aspectuais. No entanto, sobre a perífrase *ir + infinitivo* Bechara não versa.

Pelo tratamento nada aprofundado que os autores de língua portuguesa dispensam à questão perifrástica de *ir + infinitivo*, pode-se conceber que não existe uma preocupação tão primordial como acontece com a mesma na língua catalã. Essa assertiva corrobora com os

---

<sup>254</sup> Cunha; Cintra (1985: 385)

dados que foram apurados no *corpus* de língua portuguesa: a perífrase aparece testemunhada muito antes que na língua catalã devido, provavelmente, ao juízo negativo que pesava sobre ela nesta língua.

#### 4.4.4 - Outras fontes

Pese a que o presente documento não chegue a constituir uma gramática, acredita-se que possui valores significantes no que concerne ao estudo da perífrase catalã. Trata-se de um documento do século XV, provavelmente, que, ao modo do conhecido texto latino *Appendix Probbi*, recolhe em uma lista palavras que devem ser rechaçadas pelos que desejam fazer bom uso da língua.

De autoria obscura, mas que Badia i Margarit (1999: 15) insiste em atribuir a Pere Miquel Carbonell, o códex foi encontrado na Catedral de Girona ao fim do século XIX por Jaume Massó i Torrents. Este, porém, não conseguiu precisar uma data para o documento, mas estimou que tivesse sido elaborado entre 1473 e 1507.

O códex é uma miscelânea de várias anotações e curiosidades do uso de Carbonell como comentários de odes e epitáfios, hinos e epigramas, cartas trocadas entre ele e Pau (de quem faz um grande elogio), o texto *De viris illustribus Catalanis*, de Carbonell, e abundantes inscrições romanas (Espanha, Roma, Milão e outras cidades italianas, copiadas por Pau). Contudo, as *Regles d'esquivar vocables i mots pagesívols* – doravante somente *Regles* –, parte do códex que interessa à pesquisa, não devia chamar muito a atenção, já que ocupava somente três folhas.

O material consiste em 325 correções linguísticas que se divide em duas partes. À primeira parte cabem as regras de 1 a 174 e que, segundo o manuscrito informa, foram estabelecidas a juízo de Fenollar. A segunda parte da lista, com as regras de 175 a 325, é uma “Additió” de novas correções, comparáveis à anterior, que no manuscrito se atribui a Jeroni Pau. As *Regles* reprovam maneiras coloquiais e vulgares de expressão, bem como diversos dialetismos e outras formas de linguagem, em benefício das soluções cultas e da língua comum e polida.

Apesar desta obra ser, na íntegra, de suma importância para o estudo da língua catalã, colocar-se-á toda a atenção sobre as prescrições que tratam do emprego da perífrase em

estudo. A regra de número 45 é a primeira manifestação do autor a respeito do emprego de *ir* + *infinitivo*:

45 [*vaig anar* e *vaig venir* per *aní* e *venguí*, e semblants]<sup>255</sup>

Dessa maneira, pode-se perceber a inclinação normativista que tinha o autor, seja ele quem realmente fosse, de buscar formas mais polidas para a expressão em língua catalã. Na regra 48, o autor se manifesta de maneira ainda mais enfática. Observe-se:

48 aquestes vocables de *vaig anar* a misser Hierony Pau ne a mi, Pere Miquel Carbonell, no par sian bons vocables. Més val dir: *anam*, *venguem*; no: *vam*, etc. E així dic<sup>256</sup>.

Agora, Carbonell, suposto autor, na nova ocorrência da condena do perifrástico, deixa claro de que se trata de uma questão verdadeiramente crucial para os homens de letras de seu período, expressa não só a sua opinião, mas também a de Pau buscando corroboração para a sua ideia.

Talvez a regra 45 não tenha sido tão explícita quanto à reprovação do emprego de tais termos e, por isso, o autor tenha voltado a tocar no tema das perífrases de pretérito. No entanto, a regra 49, estranhamente, repete literalmente a 45. Insistir que tenha sido mera ênfase, agora, seria um pouco forçoso:

49 *vaig anar* e *vaig venir* per *aní* e *venguí*, e semblants

Com efeito, se o rechaço ao pretérito perifrástico realmente fosse uma verdadeira obsessão entre os literatos e os humanistas, não surpreende que o interesse do autor em combatê-lo o ofuscassem e voltasse a explicitar a norma sem se dar conta de que a repetia, conform explicações de Badia i Margarit (1999: 162).

Ainda segundo Badia i Margarit (1999: 235), a regra 48 tem uns objetivos mais intrigantes: a) de antemão, reforça a número 49, que havia sido escrita antes; b) em segundo lugar, concede um papel importante a Jeroni Pau; c) reforça que a regra do pretérito é válida para todo o domínio linguístico. Porém, acima de todas essas intenções, existe um objetivo ainda mais profundo: estas regras provam a existência e a admissão do uso do perfeito perifrástico.

Pode-se concluir, pois, que a defesa do tipo de língua que propugnava o autor das *Regles*, em sintonia com os eruditos de seu entorno, baseava-se em uma latinização discreta e no rechaço sistemático de particularismos e vulgarismos. Desta forma, o repúdio ao uso

<sup>255</sup> Badia i Margarit (1999: 111): [*vaig anar* e *vaig venir* per *aní* e *venguí*, e semblants]. (tradução nossa)

<sup>256</sup> Ibid., p. 111. Estes vocábulos *vaig anar* nem ao senhor Hierony Pau nem a mim, Pere Miquel Carbonell, não parecem ser bons vocábulos. Mais vale dizer: *anam*, *venguem*; não: *vam*, etc. E assim digo.

perifrástico do pretérito aparece mencionado em mais de uma oportunidade e de maneira enfática. É por meio da observação desta obra, de fato, que se pode conceber o peso da norma sobre o uso da perífrase na antiguidade. Contudo, se a norma tem a necessidade de explicitar enfaticamente o seu rechaço, é uma prova contundente de que a penetração de *ir + infinitivo* no sistema linguístico era um fato. Além disso, prova, concordando com Coseriu (1973: 138), que o sistema de possibilidades é conhecido pelo falante previamente à norma e “mucho antes de conocer las realizaciones tradicionales, el niño conoce el sistema de posibilidades contrarias a la norma”.<sup>257</sup> Assim, as *Regles* constituem uma das fontes cabais do desenvolvimento perifrástico na antiguidade da língua catalã.

#### 4.5 - HIPÓTESES PRÉVIAS

De acordo com as pesquisas feitas anteriormente à verificação dos dados extraídos dos *corpora*, tentou-se levantar algumas hipóteses de como os esperados fenômenos se comportariam nos documentos de ambas as línguas.

Contudo, é importante ressaltar que não necessariamente os fenômenos se comportam de igual maneira na língua, tida como um complexo sistema, e nos *corpora*, que constituem uma mostra pequena e restrita do potencial linguístico. Assim, dado que o *corpus* não constitui um meio de acesso ao verdadeiro objeto da linguística, sempre que cabível, outros dados serão utilizados para melhor explicação do comportamento dos fenômenos estudados.

Observem-se:

- CAT-H1: hipótese improcedente.

O já mencionado Século de Ouro, fim do século XIV e século XV, das letras catalãs é fundamental para a afirmação lingüística e literária. Nele, encontra-se uma produtividade elevada de produção de material linguístico de grande valor seja em prosa ou verso.

Para a presente investigação, pretendia-se analisar a produtividade, em especial no que tange ao valor qualitativo, da perífrase *ir + infinitivo* formadora de pretérito em catalão, o conhecido *Passat Perifràstic*. Um dos principais filólogos da língua catalã, Badia i Margarit, já afirmava a existência, em língua escrita, da referida perífrase no Século de Ouro. Reveja-se:

---

<sup>257</sup> Muito antes de conhecer as realizações tradicionais, a criança conhece o sistema de possibilidades contrárias à norma. (tradução nossa)



“La antigüedad de la solución perifrástica se puede valorar porque aparece con bastante frecuencia en textos del siglo XIV, y más en los del XV.” (1951:326).

As cartas que compõem o *corpus* da língua catalã do Século de Ouro são em número bastante significativo, já que puderam ser incorporadas as famosas cartas de batalha, muito comuns naquele momento. Apesar disso, a perífrase que forma o *Passat Perifràstic* da língua catalã não foi encontrada sequer uma única vez. Exatamente por isso não foi possível verificar nenhum tipo de variação ou mesmo concorrência entre as formas analíticas ou sintéticas do pretérito, ou seja, entre o *Passat Perifràstic* e o *Passat Simple*.

Contudo, uma informação nova chamou a atenção desta pesquisa. Apesar de o *Passat Simple* aparecer em abundância no *corpus* do Século de Ouro, não é a forma dominante correspondente ao Pretérito Perfeito do português. O catalão, como mencionado na análise do *corpus*, apresenta três pretéritos para expressar o mesmo que o perfeito da língua portuguesa: *Passat Perifràstic* (*vaig cantar*); *Passat Simple* (*cantí*); *Perfet* (*he cantat*).<sup>258</sup>

A terceira forma, o *Perfet* do catalão, que não havia sido prevista para a presente análise, não é desconhecida dentro do bloco iberorromânico. É ainda uma forma muito viva em castelhano, formando o tempo verbal *Pretérito Perfecto Compuesto*, como relata Badia i Margarit (1962: 423):

A través de una comparación con el castellano, llegamos a la conclusión de que los usos del pretérito perfecto en ambas lenguas son coincidentes; digamos tan solo que al perfecto que a veces se usa en castellano (cast. “le vi esta mañana”, construcción que no es la general), referido a una acción realizada en el día de hoy, corresponde siempre el pretérito indefinido en catalán: *l’he vist aquest matí* [...].<sup>259</sup>

Ademais, o português apresenta exemplos da mesma construção de pretérito; alguns são colocados por Huber (1933: 248-249), entre os quais: “ei buscado (CM. 65), ei levada (a coita) (CA. 8832); as chamado; a servido; avemos feito [...]”.

Maurer Jr (1959: 125) estende ainda mais o uso desta construção de pretérito ao afirmar que é um evento panromânico. Esclarece, assim:

Para exprimir o valor de perfeito (ação acabada), a língua vulgar cria a perífrase de *habeo* com o particípio passado do verbo, e.g., *litteras scriptas habeo*, que se implanta cedo no uso comum. A perífrase é panromânica (e.g., rum. *am scris*, como port. *hei* (hoje *tenho*) *escrito*, esp. *he escrito*, fr. *j’ai écrit*, it. *ho scritto*, etc.)

<sup>258</sup> As três formas correspondem, em português, a *cantei*.

<sup>259</sup> Por meio de uma comparação com o castelhano, chegamos à conclusão de que os usos do pretérito perfeito em ambas as línguas são coincidentes; digamos somente que ao perfeito que às vezes se usa em castelhano (cast. “le vi esta mañana”, construção que não é a geral), referido a uma ação realizada no dia de hoje, corresponde sempre ao pretérito indefinido em catalão: *l’he vist aquest matí* [...]. (tradução nossa)

No *corpus* do português, a título de exemplo, encontram-se casos do perfeito composto em docp1701, como: “Melhor hei visto o vosso papel que vós a minha carta”.

Assim, existe uma concorrência entre forma simples e perifrástica no período em questão; no entanto, a perífrase concorrente não é *ir* + *infinitivo*, como se esperava encontrar.

- CAT-H2: hipótese procedente.

Conforme explicações fornecidas em diversas oportunidades, o período de Decadência da língua catalã tem um forte peso negativo no que tange à produção de material para análise, inclusive no gênero em estudo.

Em realidade, a perífrase *ir* + *infinitivo*, ou *Passat Perifràstic*, é encontrada apenas no último século do período, século XVIII. Isso, por um lado, tem um peso importante para a pesquisa, visto que é a primeira vez em que aparece no *corpus*, o que também sugere produção, ao menos em registro oral, anterior a esta datação. Por outro lado, não se pode ao menos vislumbrar algum tipo de concorrência com a forma simples do pretérito catalão, o qual, parecendo manter uma tradição do período anterior, é concorrente com *haver* + *participi*.

Porém, está-se afirmando a aparição do *Passat Perifràstic* com recorrência desde o Século de Ouro, sempre com base em estudos de filólogos que abordam a língua catalã. Embora não se tenha contemplado a presença da perífrase no gênero selecionado, como mostra de sua existência, recorrer-se-á a um dos exemplos mais tradicionais de seu aparecimento: as crônicas dos grandes feitos dos reis catalães. Para ilustrar a antiguidade da perífrase, vejam-se dois exemplos extraídos de Muntaner (1994: 47; 197):

E ab aitant féu tocar les trompes e les nàcares, e ab gran brogit e ab grans crits començaren a fer un baixa mà molt vigorós. E les quatre galees tot bellament e menys de crits e de paraules e de tabustol negun, van ferir enmig de les deu galees<sup>260</sup>. (grifos nossos)

Què us diré? Que envides lo podien cabdellar que no feris, entro que El comte de Pallars lo va pendre per lo fre e dix [...].<sup>261</sup> (grifos nossos)

Segundo a edição consultada, as modificações feitas na obra de Muntaner foram poucas, tais como regularização da apóstrofe e do vocalismo átono. Portanto, tentou-se manter a escrita o mais próximo ao original. Atente-se para a seguinte afirmação:

<sup>260</sup> Entretanto fez tocar as trompetas e os nácaras, e com grande estrondo e gritaria começaram a fazer uma grande algazarra. E as quatro galeras esplendorosas, com menos gritos e palavras e sem nenhum barulho, feriram no meio as dez galeras. (tradução nossa)

<sup>261</sup> O que lhes direi? Que com dificuldade o podiam guiar para que não ferisse, até que o conde de Pallars o tomou pelo freio e disse [...]. (tradução nossa)

Muntaner, en la seva *Crònica*, escriu tal com parla: com parlaria amb els seus “lectors” o “oients”, si en comptes del manuscrit hi hagués la seva conversa<sup>262</sup>.

Apesar de as crônicas catalãs não constituírem o objeto deste estudo, são importantes não somente pelos fatos históricos que retratam, mas também pela tentativa à aproximação do vernáculo da época, em especial para esta pesquisa, sobre o uso da perífrase *ir + infinitivo* indicativa de pretérito.

- CAT-H3: hipótese improcedente.

Embora o *Passat Perifràstic* tenha sido encontrado com certa frequência nos documentos do século XIX, ainda assim não se pode afirmar concorrência, em termos quantitativos, com a forma sintética do pretérito catalão. Já em âmbito qualitativo, observa-se que as formas simples e perifrástica do pretérito catalão ocupam uma posição não distintiva, ou seja, expressam as mesmas noções de perfeito.

Dessa forma, deve-se falar sobre duas formas de concorrência linguística: a quantitativa e a qualitativa. Quanto à primeira, em uma análise diacrônica, pode ser observada em todos os momentos da pesquisa. Tanto o Século de Ouro quanto o período de Decadência são marcados pelo uso simultâneo de dois pretéritos do catalão: o *Perfet*, ou *haver + participi*, e o *Passat Simple*.

Antes da normatização linguística, porém, os critérios de uso dos dois pretéritos ainda se encontravam sem parâmetros, o que provoca uma instabilidade de aplicação nos dois referidos momentos da língua catalã. Talvez a concorrência entre eles seja muito favorecida por essa falta de normatização.

Já a concorrência entre o *Passat Simple* e o *Passat Perifràstic*, ou *ir + infinitivo*, só o é em âmbito qualitativo. A começar pelo aparecimento, no *corpus* selecionado, num período relativamente recente da língua, no século XVIII, a perífrase é empregada indistintamente como um elemento estilístico. Observe-se<sup>263</sup>:

Habitualment, quan hem d'expressar una acció passada, acabada i no repetida, en lloc del pretèrit perfet ens servim d'un temps anomenat pretèrit perifràstic, molt característic del català, que consta d'unas formes fixes més l'infinitiu del verb de què es tracta [...].

De fet, en el llenguatge parlat, hom se serveix gairebé exclusivament del pretèrit perifràstic, i les formes del pretèrit perfet, és a dir, temps simple, són únicament usades en el llenguatge escrit en què alternen amb les del pretèrit perifràstic. Hi

<sup>262</sup> Muntaner (1994: 13). Muntaner, na sua *Crònica*, escreve tal como fala: como falaria com os seus “leitores” ou “ouvintes”, se ao invés do manuscrito fosse a sua conversa. (tradução nossa)

<sup>263</sup> Jané (1968: 137)

predominen unes o altres segons el tipus de redactat, el gènere literari o l'estil de l'autor<sup>264</sup>.

- CAT-H4: hipótese improcedente.

A perífrase não é forma soberana empregada para designar pretérito nem restringe, no *corpus* analisado, o uso da forma sintética de pretérito. Como dito, a forma sintética e analítica do pretérito catalão, mais do que concorrência quantitativa, são variantes análogas no que concerne à expressão qualitativa/ semântica. Apesar de se poder mencionar uma tímida concorrência entre as formas, não há mínima previsão de que uma esteja em vias de desaparecimento. Ou seja, o uso de uma forma não prejudica ou favorece o emprego da outra. Ambas parecem ter o seu espaço, cujo critério é regido puramente pelo estilo de escrita. Dessa forma, não se vislumbra um cenário de mudança linguística em que uma forma dominante tende a desterrar outra menos utilizada.

No século XIX, existe um aumento significativo do emprego de *ir + infinitivo* para expressão de pretérito. Não obstante, esse aumento só pode ser verificado em relação a um período anterior, ou melhor, a um século anterior, já que a perífrase somente foi encontrada em documentos do século XVIII. Assim, há um recorte muito pequeno para se falar em mudança linguística, mas adequado para se afirmar a existência da variação.

- PORT-H1: hipótese procedente.

Partindo da premissa de que o emprego da forma perifrástica ou da forma simples verbal se baseie, como em catalão, em estilo de linguagem escrita, a construção *ir + infinitivo*, que denota futuro em português, não tinha pretensões de ser encontrada. Nos documentos do século XV não houve nenhuma manifestação da perífrase de futuro.

Contudo, não se pode desconsiderar o fato de que os documentos que compõem o *corpus* do século XV são os de menor extensão. Ou seja, além do nível alto de rebuscamento

---

<sup>264</sup> Habitualmente, quando temos de expressar uma ação passada, acabada e não repetida, em lugar do pretérito perfeito nos servimos de um tempo chamado pretèrit perifràstic, muito característico do catalão, que consta de duas formas fixas mais o infinitivo do verbo de que se trata [...].

De fato, na linguagem falada, usa-se quase exclusivamente o pretèrit perifràstic, e as formas do pretérito perfeito, ou seja, o tempo simples, são unicamente usadas na linguagem escrita em que alternam com as do pretèrit perifràstic. Nesta predominam umas ou outras segundo o tipo de redação, o gênero literário ou o estilo do autor. (tradução nossa)

escrito que poderia incidir sobre as conclusões, deve-se levar em consideração também a quantidade de material coletado.

No século XVI, aparecem testemunhos da perífrase *ir + infinitivo*, apesar do estilo mais formal das cartas selecionadas para a formação do *corpus*. Assim mesmo, não se pode verificar, quantitativa ou qualitativamente, uma produção que implique em concorrência com a forma simples de futuro.

Se alguma concorrência foi notada, esta se deu entre o futuro simples e outra forma que não estava prevista para o estudo, a saber, a construção *haver de + infinitivo*. Esta, que apenas tem uma ocorrência no século XV, manifesta-se com abundância no século XVI. E não se pode medir somente pela quantidade da perífrase *haver de + infinitivo*, mas, principalmente, pela qualidade de ser, sem dúvidas, indicativa de futuro. Ainda assim, no cômputo geral, o futuro simples é a forma dominante.

- PORT-H2: hipótese procedente.

Desde o século XVI é possível verificar um aumento e manutenção da perífrase *ir + infinitivo* para expressar futuro, além de outros usos que foram comentados no capítulo anterior. Dessa forma, ao longo do século XVII, e pelos demais séculos, a tendência é seguida.

Especialmente nas ocorrências perifrásticas do século XVII parece realmente ter ocorrido um favorecimento dos fenômenos pelo tom mais informal das cartas familiares. Em relação ao século anterior, o número de ocorrências é muito mais elevado e o estilo muito destoante, visto que tende mais ao informal.

No entanto, não se pode falar em uma crescente produção da perífrase de futuro. Mais adequado seria ressaltar a manutenção do emprego da perífrase, sem aumento significativo pelos séculos subsequentes. Também é preciso pensar o uso da perífrase em termos de qualidade a partir do XVII. É possível, sem dúvidas, falar-se em manutenção da perífrase como mais um meio de expressão do futuro. O que não é possível determinar é se se está caminhando para um cenário de mudança linguística.

- PORT-H3: hipótese procedente.

Conforme se tentou mostrar na análise dos *corpora*, a perífrase *ir + infinitivo* é conhecida por ambas as línguas desde muitos séculos e se mantém viva em língua moderna. Se pensado apenas em termos quantitativos, poderia-se afirmar que a perífrase tem maior

incidência nos documentos de língua portuguesa, visto também que esta possui uma amostragem maior de *corpus*.

A perífrase *ir + infinitivo* apresenta-se antes na língua portuguesa que na língua catalã, segundo os dados apurados. E tem uso estável em português durante os séculos posteriores. Em catalão, porém, a perífrase foi encontrada tardiamente, mas com um considerável aumento de uso o século XIX.

Apesar de a perífrase ter uma amostragem maior em língua portuguesa, e mais bem distribuída pelos séculos abordados na pesquisa, não é possível medir se tem um uso mais estendido que em língua catalã.

O *corpus* do português apenas poderia apontar que esta língua tivesse adotado a perífrase *ir + infinitivo* antes que a língua catalã, o que tampouco corresponderia a toda a realidade linguística, pois, como foi intento da pesquisa mostrar, essa construção já era empregada em língua catalã em documentos escritos no período de esplendor literário, ou seja, no fim do século XIV e no século XV.

#### -PORT-H4: hipótese improcedente

Embora o emprego da perífrase *ir + infinitivo* tem, em língua portuguesa, nos documentos analisados, uma produção em maior escala se comparado à produção em língua catalã, não se verifica uma implicância em concorrência com a forma sintética de futuro.

O português acompanhou a onda de gramatização dos vernáculos que se deu na Europa ao longo do século XVI. Provavelmente por isso se cogitava a existência de um arcabouço teórico-gramatical mais extenso em que a questão do emprego de *ir + infinitivo* fosse amplamente abordado. No entanto, seja em língua moderna, seja em língua arcaica, não se encontra nenhum tipo de orientação prescritiva quanto ao emprego da mesma.

Na gramática histórica de Said Ali (1971), mencionam-se apenas outros empregos do presente do indicativo, o qual pode denotar futuro ou, como em catalão, pretérito, por meio do presente histórico. Sobre a perífrase ou sobre o uso do futuro flexional, nada se discute. A gramática de Oliveira (1975), a qual ilustra o pensamento normativo arcaico da língua, faz uma abordagem superficial de todos os itens gramaticais, não chegando, ao menos, a mencionar a existência da perífrase em estudo.

As gramáticas normativas modernas tampouco entram no mérito da questão de *ir + infinitivo*. Tanto na obra de Cunha; Cintra (1985), quanto na de Neves (2000), verifica-se uma descrição das formas verbais denominadas “locuções verbais”, entre as quais encontra-se *ir +*

*infinitivo*. Sobre esta, porém, ambas as gramáticas se limitam a revelar o seu valor de futuro próximo, sem inculcar-lhe nenhum juízo de valor. Já Bechara (2001), apesar de discorrer e exemplificar diversas ocorrências de locuções verbais, não trata, em específico, de *ir + infinitivo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

No presente estudo, possibilitou-se a observação de alguns traços morfológicos da língua catalã a partir de duas perspectivas. A primeira, enquanto trabalho comparativo, permitiu advertir quanto a existência e conservação<sup>265</sup> da perífrase *ir + infinitivo* como formadora de pretérito nesta língua. A segunda se refere à formação perifrástica *ir + infinitivo* da língua catalã, hoje concebida pela gramática normativa como tempo verbal – *Passat Perifràstic* -, cuja estrutura se desvia da analogia *haver + participio passado*, a qual é formadora dos demais tempos verbais compostos. Desse modo, concebe-se a perífrase como um fenômeno inovador tanto dentro do próprio sistema linguístico catalão quanto na comparação aos paradigmas encontrados nas línguas galo e iberorromânicas.

O fator que mais surpreende na comparação do catalão, concebido língua-ponte devido a um forte laço tanto com as línguas galorromânicas quanto com as iberorromânicas, não é o fato de possuir uma perífrase de pretérito que evoluiu a tempo verbal. O desenvolvimento verbal perifrástico é um fenômeno encontrado em todas as línguas que foram abordadas no estudo: além do catalão, o português, o castelhano e o francês. Todavia, as línguas apresentadas servem-se de *ir + infinitivo* para fazer referência a uma ação futura, em geral a futuro próximo. A exceção, em ambos os grupos linguísticos, é o catalão.

Tudo isso se torna ainda mais intrigante ao se relembrar que o catalão, com exceção de Andorra<sup>266</sup>, está inserido sempre em contextos de bilinguismo. Na Espanha, a construção analítica *ir + infinitivo* provoca estranheza com o castelhano e o galego, por exemplo. Na Sardenha, o italiano e também o sardo desconhecem *ir + infinitivo* como formador de pretérito. Na Catalunha francesa, o emprego da perífrase como pretérito choca com o uso de futuro imediato que se verifica em língua francesa.

Dessa forma, a manutenção/ conservação da perífrase em catalão pode justificar-se, principalmente, pelo seu caráter vulgar fortemente difundido pela tradição oral. A tendência ao desenvolvimento analítico, conforme visto, é uma herança do latim vulgar. Como latim vulgar, entende-se a língua falada pela plebe, distanciada dos cânones latinos. O latim vulgar

---

<sup>265</sup> Conforme visto, autores como Maurer Jr (1949: 34) e Anglade (1921: 273) afirmam a existência da remota da perífrase em algumas línguas galorromânicas, como o provençal arcaico; no entanto, a conservação do uso de pretérito de *ir + infinitivo* é atualmente exclusivo da língua catalã. Assim, a construção em estudo é um traço conservador do bloco galorromânico, desconhecido do iberorromânico.

<sup>266</sup> Em Andorra, o catalão é a única língua oficial, o que não significa que não sofre influência de línguas ao redor.



é fundamental para o conhecimento das línguas românicas, posto que estas não são uma evolução do latim clássico, do latim culto, mas sim da língua falada. A espontaneidade da língua falada, sem grandes pretensões estilísticas, contrasta com o rebuscamento pretendido pela língua escrita. A facilidade de paradigma oferecido pelo sistema perifrástico faz frente às inúmeras formas flexionais do tempo simples de pretérito. Isto também se verifica na língua portuguesa: apesar de o tempo flexional de futuro se apresentar de forma muito regular em sua conjugação, ao menos no registro oral – que foge ao escopo deste estudo-, verifica-se uma preferência pelo emprego de *ir + infinitivo*.

Ao se afirmar que a perífrase *ir + infinitivo* é de origem vulgar, ou de caráter vulgar, está-se pensando em dois fatores. Em primeiro lugar, a tendência analítica, concebida em latim vulgar, também pode ser observada na remodelação do sistema verbal e as formações perifrásticas constituem um bom exemplo disto. Em segundo lugar, o repúdio ao emprego de certos vocábulos ou construções coloca em evidência a oposição latim clássico e vulgar.

Os dados levantados por meio das análises dos documentos de língua portuguesa e catalã permitem apontar tratamento diferenciado – ao menos no gênero literário escolhido – da perífrase no que concerne à sua aceitação ou condenação. Em catalão, a perífrase aparece em documentos mais recentes, a partir do século XVIII, o que propõe pensar em duas situações explicativas: a) trata-se de uma criação relativamente recente da língua; b) trata-se de vulgarismo rechaçado e, portanto, empregado com baixa frequência principalmente no registro escrito.

Se a análise se restringisse aos dados coletados nos documentos, inevitavelmente a) estaria mais próximo de uma explicação plausível do emprego de *ir + infinitivo* em catalão. Não obstante, outras fontes de documentos registram a antiguidade da perífrase *ir + infinitivo* com sentido de pretérito. Dessa forma, está descartada a hipótese de constituir uma formação, ou um emprego, recente na língua. Aceitar a construção como um vulgarismo repudiado pela normativa antiga é o mais coerente. Para isto, corroboram as *Regles* (ver 4.4.4), a lista elaborada no século XV permeada de construções ou léxicos a serem evitados na língua catalã.

Em português, a questão mostra-se menos tensa que em catalão, já que a perífrase *ir + infinitivo*, que denota futuridade, aparece já nos primeiros séculos analisados. Também a análise das gramáticas, de quaisquer espécies, em nenhum momento chamou a atenção para o rechaço da construção. Apenas se coloca a construção analítica como expressão de futuro

imediatamente, como nas outras línguas românicas. Não há uma tradição crítica prescritiva no que concerne ao emprego da perífrase em estudo, tal como se verifica em catalão.

Não obstante, no trabalho de Radatz (2001) se encontra uma comparação entre o uso da perífrase de futuro catalão e o português. Recorde-se que em catalão, enquanto a perífrase *ir + infinitivo* denota pretérito, a perífrase *ir + a + infinitivo* denota futuro. Sobre esta, Radatz tece alguns comentários comparativos com algumas línguas aparentadas.

Primeiramente, o autor discorre sobre a legitimidade da perífrase de futuro, muito discutida entre os autores, já que é passível de causar ambiguidade. Concedida a legitimidade da mesma, Radatz compara as discussões dos estudiosos catalães com as discussões dos estudiosos brasileiros. Relata o autor:

En la sección de Múnich, la señora Pereira da Silva nos habló de la fuerte resistencia de los normativistas brasileños a la nueva etapa de la gramaticalización del futuro analítico portugués del Brasil. No son, pues, sólo los normativistas catalanes los que se resisten a este proceso natural, que en distintas fases de evolución existe en muchas lenguas romances. Hay, sin embargo, dos diferencias entre las situaciones del catalán y del brasileño. La primera consiste en que, en el Brasil, el conflicto concierne al último capítulo del proceso de gramaticalización, es decir, la definitiva y total suplantación de las formas del futuro sintético por las analíticas, mientras que en catalán se trata de la aceptabilidad o la no-aceptabilidad de una construcción analítica análoga (ya existente) en su interpretación de un simple futuro próximo<sup>267</sup>.

Antes de avaliar os documentos referentes à língua portuguesa, pretendia-se encontrar exatamente o que explica Radatz, relatando a visão de uma estudiosa de língua portuguesa. Ou seja, não somente era esperado encontrar a concorrência entre as formas sintéticas e analíticas de futuro simples do indicativo, mas também esperava-se que estas aparecessem em quantidade muito superior às aquelas. Os dados coletados – que refletem o uso efetivo da língua –, contudo, provaram que a forma simples ainda prevalece sobre a perifrástica no gênero textual eleito para análise.

Observem-se, ainda, outras considerações de Radatz (2001):

La segunda diferencia es la más trascendente. Mientras que los normativistas brasileños condenan una innovación que ven como un vulgarismo, pero al menos como un vulgarismo de factura propia, emanado de un proceso interior de la lengua portuguesa, sus homólogos catalanes le niegan rotundamente cualquier carta de ciudadanía al futuro próximo emergente y lo atribuyen exclusivamente a la

<sup>267</sup> No encontro de Munique, a senhora Pereira da Silva nos falou da forte resistência dos normativistas brasileiros à nova etapa de gramaticalização do futuro analítico do português do Brasil. Não são, pois, somente os normativistas catalães os que resistem a esse processo natural, que em distintas fases de evolução existe em muitas línguas românicas. Há, no entanto, duas diferenças entre as situações do catalão e do [português] brasileiro. A primeira consiste em que, no Brasil, o conflito concerne ao último capítulo do processo de gramaticalização, ou seja, a definitiva e total suplantação das formas do futuro pelas analíticas, enquanto que em catalão se trata da aceitabilidade ou não-aceitabilidade de uma construção analítica análoga (já existente) em sua interpretação de um simples futuro próximo. (tradução nossa)

influencia ejercida por el español. Es una consecuencia de la situación bilingüe el que se suela clasificar cualquier innovación según si coincide o no coincide con la lengua dominante de la que hay que distinguirse al máximo<sup>268</sup>.

Os dois excertos extraídos do artigo de Radatz contradizem não somente os dados apurados nos documentos como também as observações encontradas nas gramáticas de língua portuguesa, de acordo, ainda, ao que se postulou em PORT-H4. Sobre estas, recorde-se que em nenhuma gramática – norma linguística –, com direcionamento normativo ou histórico, foi encontrado repúdio ao emprego da forma *ir* + *infinitivo* para denotar futuro. De qualquer maneira, essas assertivas de Radatz mostram um pouco da situação da perífrase *ir* + *a* + *infinitivo* da língua catalã e algumas semelhanças ou diferenças relacionadas às línguas irmãs, como o português.

O estudo de Boleo (1934-1935: 33-34), no entanto, esclarece de forma mais satisfatória a situação de *ir* + *infinitivo* na língua portuguesa: “Não se julgue, no entanto, como Meillet dá a entender, que o futuro simples tenda a desaparecer e a ser substituído inteiramente pelo presente ou por formas perifrásticas. Mesmo em alemão [...] o que sucedeu foi restringir-se ou especializar-se o seu emprego”. Entende-se, assim, que a generalização feita por Radatz não é apropriada para explicar a situação da perífrase *ir* + *infinitivo*. Além disso, Boleo não vislumbra um quadro de mudança linguística, o que suporia o desaparecimento de uma das formas, corroborando com os resultados obtidos pela pesquisa.

A antiguidade da perífrase *ir* + *infinitivo* fica explícita nos documentos de língua portuguesa: os primeiros casos se encontram desde o século XVI. Se a construção aparece em registro escrito, significa que a sua produção oral é anterior à datação atestada. Já a antiguidade da perífrase *ir* + *infinitivo* da língua catalã somente é atestada por documentos que não fizeram parte da composição do *corpus*.

Apesar da grande diferença de datação da construção nas duas línguas em estudo, pode-se afirmar que, em catalão, a relação dicotômica quantidade/ qualidade se dá em 100% dos casos. A quantidade se refere ao número bruto de ocorrência das perífrases, ao passo que a qualidade se refere à correspondência semântica exata entre forma simples e perifrástica. Isto significa que, nesta língua, talvez, a perífrase se apresenta de forma mais estável, sem dar

---

<sup>268</sup> A segunda diferença é a mais transcendente. Enquanto os normativistas brasileiros condenam uma inovação que vêm como vulgarismo, mas ao menos como um vulgarismo de caráter próprio, emanado de um processo interior da língua portuguesa, seus homólogos catalães lhe negam legitimidade à construção anafórica de futuro e atribuem seu uso à influência exercida pelo espanhol. É uma consequência da situação bilingue o costume de se classificar qualquer inovação segundo coincida ou não com a língua dominante da qual se deve distinguir ao máximo.

margens a outras interpretações, exceto nos casos comentados em que uma construção parecida denota futuro.

Em língua portuguesa, porém, a quantidade de construções com *ir* + *infinitivo* foi muito superior à língua catalã. No entanto, muitas destas formas não denotavam futuridade, sendo usadas para outras expressões. Com isso, a relação dicotômica quantidade/ qualidade apresenta variações notáveis.

A respeito da veracidade das hipóteses formuladas previamente à análise dos dados, encontra-se uma grande diferença entre ambas as línguas. A grande maioria das hipóteses concernentes à língua catalã não são procedentes. Já as formuladas para a língua portuguesa, no entanto, são, procedentes, com exceção de PORT-H4, comentada mais acima. De qualquer maneira, todos os dados, constatados ou meramente hipotéticos, devem ser tomados de forma bastante relativizada, já que, como visto, a perífrase, provavelmente, tenha maior emprego em registro oral, enquanto os *corpora* de análise, ainda que mantenham traços deste registro, estão, sem nenhuma exceção, restritos ao registro escrito. É exatamente o que expressa Pérez Saldanya (1997: 61):

[...] la documentació escrita d'una forma o d'un ús determinat permet pressuposar l'existència d'aquesta forma o ús en la llengua parlada, real i espontània de l'època? La resposta a aquesta pregunta no pot ser taxativa, ja que la relació entre la llengua oral i la llengua escrita es [sic]trova mediatitzada per factors ben diversos, com ara: l'existència - o no - d'un model de llengua culte i unitari (factor sociopolític); la freqüència d'aparició d'una forma i de les variants amb què pugui alternar (factor d'àmbit d'ús), i el gènere i el tipus de text on es documenta la forma (factor textual).<sup>269</sup>

No que concerne ao primeiro fator, o autor explica o peso que a tradição normativa pode supor nas línguas, posto que, os traços oriundos do registro oral terão mínima presença no registro escrito se houver um modelo/ padrão bem estabelecido. A fixação de um modelo linguístico a ser copiado e prestigiado se dá, em língua portuguesa, muito antes que na catalã. Esse fator, no entanto, não impede que a perífrase em estudo seja encontrada em ambos, embora a forma sintética é, evidentemente, mais empregada, portanto, tradicional. Com efeito, o rechaço da tradição em língua catalã a respeito da forma analítica se dá de forma contundente, enquanto em língua portuguesa não se verifica uma preocupação com a mesma.

---

<sup>269</sup> [...] a documentação escrita de uma forma ou de um uso determinado permite pressupor a existência desta forma ou uso na língua falada, real e espontânea da época? A resposta a esta pergunta não pode ser taxativa, já que a relação entre a língua oral e a língua escrita se encontra mediatizada por fatores bem diversos, como: a existência – ou não – de um modelo de língua culto e unitário (fator sócio-político); a frequência de aparecimento de uma forma e de variantes com que possa alternar (fator do âmbito do uso); e o gênero e o tipo de texto onde se documenta a forma (fator textual). (tradução nossa)

O segundo fator que evidencia Pérez Saldanya na citação acima, a respeito da aparição na língua escrita de uma forma, também no estudo fora tratado. Nos documentos de língua portuguesa, a perífrase é atestada a partir do século XVI e apresenta, apesar da soberania do emprego da forma sintética de futuro, uma manutenção notável, podendo supor uma generalização na língua falada. Na língua catalã, os documentos mostram o emprego da perífrase somente a partir do século XVIII, com aumento no século XIX. Como a perífrase se mantém viva no catalão moderno, distinguindo-se apenas estilisticamente da forma sintética, também é possível aceitar a ideia de generalização na língua falada proposta pelo autor.

O terceiro fator colocado por Pérez Saldanya, sobre o tipo textual, também foi bastante discutido na pesquisa. A escolha do tipo discursivo não fora aleatória e sim pensada como favorecedora da ocorrência da construção em estudo. Conforme ficou demonstrado, o catalão deveria apresentar diversas ocorrências da perífrase *ir + infinitivo* nas cartas, em especial, nas cartas de batalha do século XV. As cartas, em especial as pessoais, podem ser instrumentos de recuperação do vernáculo de outras épocas, já que se acercam a um registro oral. Tanto nos documentos de língua portuguesa quanto nos de língua catalã, contudo, neste gênero ainda predomina a forma sintética, segundo os dados coletados.

Com efeito, o trabalho comparativo do presente estudo permitiu observar as variantes de mesma natureza em línguas diferentes, a saber, o português e o catalão. A observação dos documentos foram fundamentais para descrever como se alternam essas formas, permitindo uma análise e sistematização das mesmas. O cotejo dos resultados possibilitou averiguar que a construção *ir + infinitivo*, em ambas as línguas, não apresenta forte concorrência com a sua análoga sintética, como também não admite vislumbrar mudança no sistema linguístico. A análise dos fatores condicionantes de variação não permite tecer uma classificação categórica das variantes. No entanto, podem-se entrever algumas possibilidades. Às formas sintéticas corresponderiam as classificações de variantes padrão, variantes conservadoras e de prestígio, já que, são preponderantes no gênero analisado. Uma vez comprovado o caráter vulgar da construção analítica, depreende-se que a variante sintética é a que segue uma tradição linguística, apoiada em um modelo conservador e mais antigo. À perífrase, ao contrário, corresponde um modelo mais recente, inovador e, como visto na língua catalã arcaica, forma estigmatizada.

## BIBLIOGRAFIA

---

ALADERN, J. *Cartas andorranas*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/89142841093403817465679/p00000001.htm?marca=carta%20verdagner#16>>. Acesso em: 22 out. 2007.

ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis: ILHPA – HUCITEC, 1980.

ANGLADE, J. *Grammaire de l'ancien provençal ou ancienne langue d'Oc. Phonétique et Morphologie*. Paris: C. Klincksieck, 1921.

\_\_\_\_\_. *Grammaire Elementaire de L'Ancien Français*. Paris: Armand Colin, 1965

ALONSO, D. *Obras completas*. Madrid: Gredos, 1972.

ALONSO, A. *Estudios lingüísticos. Temas españoles*. Madrid: Gredos, 1951.

ALVAR, M.; POTTIER, B. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.

ALVAREZ, R.; XOVE, X. *Gramática da língua galega*. Vigo: Galaxia, 2002.

ANDRES-SUÁREZ, I. *El verbo español. Sistemas medievales y sistema clásico*. Madrid: Gredos, 1994.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BADIA I MARGARIT, A. M. *Gramática histórica catalana*. Barcelona: Noguer, 1951.

\_\_\_\_\_. *Gramática catalana*. Madrid: Editorial Gredos, 1962.

\_\_\_\_\_. *Llengua i cultura als països catalans*. Barcelona: Edicions 62, 1979.

- \_\_\_\_\_. “Katalanisch: Interne Sprachgeschichte I. Grammatik. Evolución lingüística interna I. Gramática” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian. (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.
- \_\_\_\_\_. *Les regles de esquivar vocables i “la qüestió de la llengua”*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 1999.
- BALDINGER, K. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos, 1962.
- BALLOT, J. P. *Gramàtica i apologia de la llengua catalana*. Barcelona: Alta Fulla, 1987(1813). Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/57949496989461496754491/index.htm>>. Acesso em 18 nov. 2007.
- BANFI, E. “Gemeinromanische Tendenzen I. Phonetik. Tendenze romanze comuni I. Fonetica” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian. (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996. v. II, 1.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BECHARA. E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BARROSO, H. *O aspecto verbal perifrástico no português contemporâneo. Visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLEO, M. P. Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. 3, p. 15-36, 1934-1935.
- BRUNOT, F; BRUNEAU, C. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson et C<sup>ie</sup>, 1949.
- CALDERS, P. *Històries poc corrents. Selecció de contes*. Barcelona: Eumo Editorial, [s.d.].

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CARBALLO-CALEIRO, R. *Gramática Elemental del gallego común*. Vigo: Galaxia, 1966.

CARDEIRA, E. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

CARLES VII; ALFONS V. *Lletres entre Carles VII, rei de França, i Alfons V el magnànim*. Disponível em: <http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/12715955338057189643624/index.htm>. Acesso em 19 set. 2007.

CARNEIRO, Z. O. N. *Cartas brasileiras (1809-1904)*. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>. Acesso em: 31 jan. 08.

CASANOVA, E. “Katalanisch: Sprache und Literatur. Lengua y literatura” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian. (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.

CASTILHO, A. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, 1968. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

CATALÁN, D. *Lingüística Íbero-Románica. Crítica Retrospectiva*. Madrid: Gredos, 1974.

CHEVALIER (et alii). *Grammaire Larousse du Français Contemporain*. Paris: Librairie Larousse, 1964.

CINGOLANI, S.M (org.). *Letra tramessa per lo solda de Babilònia a l'Excel·lent Senyo Don Johan Rey de Chipre [Fragmenta]*. Disponível em: <http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/46826286115794506322202/index.htm>. Acesso em 28 nov. 2004.



COLÓN, G. Le parfait périphrastique catalan «*va + infinitif*». *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. 18, p. 165-176, 1959.

COROMINES, Joan. *El que s'ha de saber de la llengua catalana*. Palma de Mallorca: Editorial Moll, 1977.

COSERIU, E. *Sincronía, diacronía e historia*. Madrid: Gredos, 1973.

\_\_\_\_\_. *Estudios de lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1977.

\_\_\_\_\_. *O homem e a sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia lingüística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSTA, A. *Cartas, Antonio da Costa*. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>. Acesso em: 31 jan. 08.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE LA SERRA, J. *Resposta d'En Galceran de la Serra a la primera lletra de Mossèn Vilarig*. Disponível em: <http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000002.htm?marca=johanot%20galceran#76>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta de Johanot Galceran de la Serra a la IIª letra de Mossèn Vilarig*. Disponível em: [http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm#I\\_6](http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm#I_6). Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta de Johanot de la Serra a la IIIª letra de Mossèn Vilarig*. Disponível em: [http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm#I\\_9](http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm#I_9). Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta 18 de Johanot de la Serra a la IIIª letra de Mossèn Vilarig*. Disponível em: <http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm?marca=resposta%2018#44>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta de Johanot de la Serra a la V<sup>a</sup> letra de Mossèn Vilarig*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm?marca=resposta%2018#44>>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta de Johanot de la Serra a la VI<sup>a</sup> lletra de Mossèn Vilarig*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p00000001.htm?marca=resposta%2018#44>>. Acesso em: 26 out. 2004.

DIETRICH, W. *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas*. Madrid: Gredos, 1983.

DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes. Troisième édition refondue et augmentée. Tome Premier. Traduit par Auguste Brachet et Gaston Paris*. Paris: Librairie A. Franck, 1874.

ELIA, S. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FABRA, P. *Gramàtica catalana*. Barcelona: Teide, 2002.

FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

FERNÁNDEZ, M. La policia investiga si Al-Qaida té també un nucli polític a Espanya. **Avui**, Barcelona, 06 abril 2004, p. 01.

FERRER, F. *Lletres de batalla [Letra feta per lo magnífic Francesc Ferrer tramessa AL spectacle Don Johan Roíz de Corella quant fonch ellet governadps Del present regne per absència de l'egregi compte de Cocentayna, pare seu]*. Disponível em : <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/02483818656926720976613/index.htm>>. Acesso em 10 out. 2007.

FERRETI, G. D. *Situação lingüística da Sardenha*. São Paulo: 1979. 111 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciencias Humanas, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Língua da Sardenha: um estudo histórico-descritivo*. São Paulo: 1997. 279 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e ciencias Humanas, Universidade de São Paulo.

GARCÍA DE DIEGO, V. El catalán habla pirenaica. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. 11, p. 55-60, 1950.

- GUARNERIO, P.E. Il dialetto catalano d'Alghero. *Archivio Glottologico Italiano*, v. IX, 261-364, 1886.
- GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Rev de la filología española, 1928.
- GRANYER, J. *Jaume el Conqueridor*. Barcelona: Edicions Proa, 1976. pp. 1-15.
- GROSSMANN, M. "Katalanisch: Soziolinguistik. Sociolinguistica" in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.
- GUARNERIO, P.E. *Il dialetto catalano d'Alghero*. *Archivio Glottologico Italiano*, IX, 1886, 261-364.
- HOCHGREB, N. *Éléments de Grammaire : Français Instrumental. Niveau 1*. Centro de Línguas USP. s.d.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- IMBS, P. *L'emploi des temps verbaux en français moderne. Essai de grammaire descriptive*. Paris: C. Klincksieck, 1960.
- IORDAN, I.; MANOLIU, M. – *Manual de lingüística românica*. Madrid: Editorial Gredos, 1972, 2 vol.
- J. ENTWISTLE, W. *Las lenguas de España: castellano, catalán, Vasco y Gallego-Portugués*. Madrid: Istimo, 1969.
- JANÉ, A. *Gramàtica catalana*. Barcelona: Salvat, 1968.
- JOÃO III. *Letters of John III – King of Portugal 1521-557*. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>. Acesso em: 12 jan. 08.
- JUST, C. M. Cal mirar cap endavant. **Avui**, Barcelona. 23 abril 1976. Diàleg, p. 3

LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.

KOCH, P; WULF, O. “Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache. Langage parlé et langage écrit” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMMITT, Christian (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001. V. I, 2.

LAUSBERG, H. *Lingüística Românica. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1974.

LOBATO, L. M. P. (et alii). “Os verbos auxiliares em Português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade.”, in *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LÓPEZ DEL CASTILLO, L. *Gramàtica del català actual*. Barcelona: Edicions 62, 1999. p. 118-119.

MARAGALL, J. *Carta de Joan Maragall a Antoni Roura [fragment]*. Disponível em: <<http://www.xtec.cat/~malons22/personal/modernisme1.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2004.

MARTÍ I CASTELL, J; MORAN, J. *Documents d'història de la llengua catalana. Dels orígens a Fabra*. Barcelona: Empúries, 1986.

MARTORELL, J.; D'HIJAR, G. *Lletres de batalla [Correspondència entre Joanot Martorell i Gonçalvo d'Hijar]*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/12471633233484839654657/index.htm>>. Acesso em: 22 set. 2007.

MARTORELL, G. *Correspondència de Galceran Martorell amb Manuel de Vilanova i Ausiàs March*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Segona letra de Mossèn Galceran Martorell a-N Manuel de Vilanova*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Terça letra de Mossèn Galceran martorell a-N Manuel de Vilanova*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Quarta letra de Mossèn Galceran Matorell a-N Manuel de Vilanova*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Vª letra de Mossèn Galceran Martorell a-N Manuel de Vilanova*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Albarà*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=albarà#31>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Deseximents tramesos per lo magnífich Mossèn Gualceran Martorell, cavaller, al molt magnífich Mossèn Hausiàs March, cavaller*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=albarà#31>>. Acesso em: 25 out. 2004.

MAURER JR., T. H. *O catalão, o ibero-romance e o provençal*. Separata de Filosofia, Ciências e Letras nº 12, 1949.

\_\_\_\_\_. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

\_\_\_\_\_. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: livraria Acadêmica, 1962.

MELO, F. M. *Cartas Familiares*. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>. Acesso em: 31 jan. 08.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Orígenes del español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. Tercera edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.

\_\_\_\_\_. *El idioma español en sus primeros tiempos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1957.

MEILLET, A. *La méthode comparative en linguistique historique*. Oslo: Cambridge, Mass.: H. Aschehoug & co.: Harvard university press, 1925.

MEYER-LÜBKE, W.- *Lingüística Románica*. Madrid: Publicaciones de la revista de filología española, 1926.

MOLL, F. B. *Gramática Histórica catalana*. Madrid: Editorial Gredos, 1952.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs). *Introdução à Sociolingüística. O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto: 2003.

MOREU-REY, E. “Katalanisch: Interne Sprachgeschichte III. Onomastik. Histoire interne de la langue III. Onomastique” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.

MUNTANER, R. *Crònica I*. Barcelona: Edicions 62, 1994.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, F. *A gramática da linguagem portuguesa. Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

OLLER, N. *Carta de Narcís Oller a Santiago Rusiñol*. Disponível em: <<http://www.xtec.net/~malons22/personal/llengua%20al%20xx.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2004.

PAYRATÓ, L. “Katalanisch: Interne Sprachgeschichte II. Lexik. Evolución lingüística interna II. Léxico” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.

PÉREZ-SALDANYA, M. Morfosintaxi històrica i tipologia textual: a propòsit de l'evolució funcional de les formes en *-ra*. *Actes de l'onzè col·loqui internacional de llengua i literatura catalanes*. Palma de Mallorca, p. 61-78, 1997.

PETIT I AGUILAR, J. *Gramática catalana. Edició i estudi a cura de Jordi Ginebra*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 1998.

PETRARCA, F. *Letra feta per Petrarcha [Fragmenta]*. Disponível em: <http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/01482185434583874112257/index.htm?marca=letra#>. Acesso em 07 out. 2007.

- PIEL, J. M. *Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- POTTIER, B. *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. Versión española de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1970.
- RADATZ, H. “La perífrasis vado + infinitivo en castellano, francés y catalán: por la misma senda – pero a paso distinto”, in: Pusch, Claus / Wesch, Andreas (Hg.): *Verbalperiphrasen im Katalanischen und anderen romanischen Sprachen im Licht e aktueller Grammatiktheorien*, Akten des 18. Deutschen Katalanistentags, München 7-10. Oktober 2001, Hamburg Buske (Beihefte zu Romanistik in Geschichte und Gegenwart; 9), 61- 75.
- ROCHA, A. C. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.
- RODOREDA, M. *Mirall Trencat*. Barcelona: Edicions 62, 1984.
- ROHLFS, G. *Estudios sobre el léxico románico. Reelaboración parcial y notas de Manuel Alvar. Edición conjunta, revisada y aumentada*. Madrid: Gredos, 1979.
- RUSSELL-GEGBETT, P. Catalán oriental y catalán occidental en el nordeste de la Provincia de Lérida. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. 19, n. 2, p. 305-315, 1960.
- SADURNÍ MARTÍ. *Les cartes autografes de Francesc Eiximenis. Revista de la Facultat de Lletres de la Universitat de Girona Miscel·lània d'Homenatge a Modest Prats*. Girona: [s.n.], vol. II, 2002. Disponível em: <<http://www.narpan.net/documents/autografseiximenis.pdf>>. Acesso em: 22 outubro 2008.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Librería Académica, 1971.
- SANCHIS GUARNER, M. *Gramàtica Valenciana*. Barcelona: Alta Fulla, 1993.
- SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SILVA NETO, S.- *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

SOLÀ, J. “Katalanisch: Grammatikographie und Lexikographie. Gramaticografía y lexicografía” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.

\_\_\_\_\_. (org.) *Gramàtica del català contemporani, volum I*. Barcelona: Ed. Empúries, 2002. pp. 640-641.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2004.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TORREGO, L. G. *Gramática didáctica del español*. Madrid: Santa María, 2002.

TAGLIAVINI, C. *Orígenes de las lenguas neolatinas*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português. A categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1985.

VENY, J. “Katalanisch: Areallinguistik. Áreas lingüísticas” in HOLTUS, Günter & METZELTIN, Michael & SCHIMITT, Christian (org.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991, v. V, 2.

\_\_\_\_\_. *Els parlars catalans (síntesi de dialectologia)*. Mallorca: Moll, 2002.

VERDAGUER, J. *Carta a Ferran Sellarés*. Disponível em: <<http://www.xtec.net/~malons22/personal/llengua%20al%20xx.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2004.

VICENT GARCIA, F. *Carta de Francesc Vicent Garcia a les autoritats de Cervera*. Disponível em: <1704- [http://vallfogona.usuaris.net/carta\\_rector.htm](http://vallfogona.usuaris.net/carta_rector.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2004.



VIDOS, B. E. *Manual de Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

VILANOVA, M. *Resposta d'En Manuel de Vilanova a la primera letra d'En Galceran Martorel*. Disponível em:  
 <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta d'En Manuel de Vilanova a la segona letra de Mossèn Martorel*. Disponível em:  
 <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Resposta d'En Manuel de Vilanova a la terça letra d'En Galceran Martorel*. Disponível em:  
 <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/02586286444615395454480/p0000001.htm?marca=galceran%20martorell#>>. Acesso em: 25 out. 2004.

VILARIG, B.; DE LA SERRA, J.; PARDO, J. *Correspondència de Bernat de Vilarig amb Joanot de la Serra i amb Jofre Pardo*. Disponível em:  
 <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/jlv/01361631955682407190802/index.htm>>. Acesso em: 26 out. 2004.

VILARIG, B. *Segona lletra de Mossèn Vilarig a-n Johanot Galceran de la Serra*. Disponível em:  
 <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/index.htm?marca=segona%20lletra#>>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *III<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra*. Disponível em:  
 <[http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm#I\\_8\\_](http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm#I_8_)>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *III<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot Galceran de la Serra*. Disponível em:  
 <[http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm#I\\_11\\_](http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm#I_11_)>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *V<sup>a</sup> de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra*. Disponível em:  
 <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm?marca=resposta%2018#44>>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *VIª de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm?marca=resposta%2018#44>>. Acesso em: 26 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *VIIª de Mossèn Vilarig a Johanot de la Serra*. Disponível em: <<http://www.lluisvives.com/servlet/SirveObras/90250623212369485654679/p0000001.htm?marca=resposta%2018#44>>. Acesso em: 26 out. 2004.

WAA: *Enciclopèdia de la llengua catalana*. Barcelona: Edicions 62, 2002. 2ª edició.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português. Fonologia e Morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

XURIGUERA, J. B. *Els verbs catalans conjugats*. Barcelona: Claret, [s.d.].

#### Sites consultados:

Gramàtica Institut d'Estudis Catalans. Disponível em: <<http://www2.iec.cat/institucio/seccions/Filologica/gramatica/default.asp>>. Acesso em 15 dez. 2007.

Gramàtica da *Academia Valenciana de la llengua*. Disponível em: <<http://www.avl.gva.es/PDF/GNV.pdf>>. Acesso em 16 jan. 2008

Quadro dialetológico do catalão  
<<http://ca.wikipedia.org/wiki/Catal%C3%A0>>. Acesso em 07 abr. 2006

Estatuto de Autonomia de Valência:  
<<http://www.gva.es/cidaj/pdf/5238.pdf>>. Acesso em 22 out. 2006

Tycho Brahe  
<<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>. Acesso em 31 jan. 2008

Instituto Lluís Vives  
<<http://www.lluisvives.com>>. Acesso em 26 out. 2004.

Instituto Miguel de Cervantes

<[www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)>. Acesso em 20 out. 2004

Xarxa Telemàtica Educativa de Catalunya

<[www.xtec.net](http://www.xtec.net)>. Acesso em 28 nov. 2004